
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01510367 4

HISTORIA DO Exercito Portuguez

POR CHRISTOVAM AYRES

VOLUME = I.



HISTORIA

DO

EXERCITO PORTUGUEZ

HISTORIA

ORGANICA E POLITICA

DO

EXERCITO PORTUGUEZ

POR

CHRISTOVAM AYRES DE MAGALHÃES SEPULVEDA

Capitão de cavallaria. Lente da escola do exercito.
Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra. Commendador
das ordens de S. Thiago, da Corôa Real da Prussia, de Merito Militar
e de numero de Carlos III de Hespanha. Cavalleiro de Aviz. Etc.

I

ORIGENS

I

ROMANOS

HISPANOS — CARTHAGINEZES

Vol. I



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1896


LIBRARY
25

AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} S$_{R}$.

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

CONSELHEIRO D'ESTADO E ANTIGO MINISTRO DA GUERRA

Tributo de muita amisade, gratidão e respeito

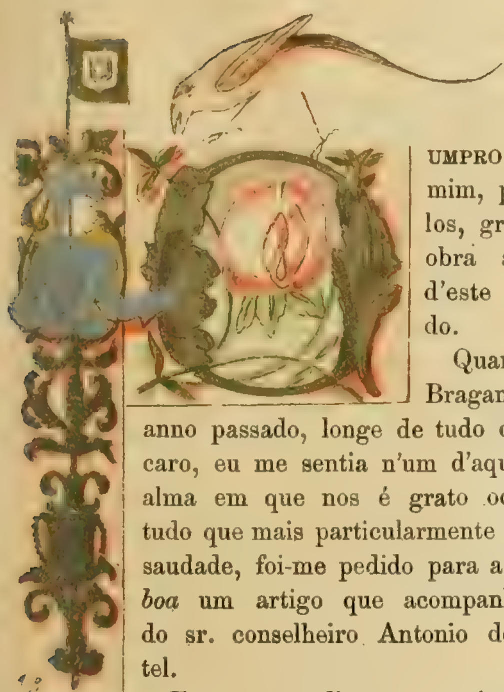
de

Christovam Ayres.



Conselheiro Antonio de Serpa Pimentel

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL



[1]

UMPRO um dever, para mim, por muitos titulos, grato, pondo esta obra á boa sombra d'este nome venerando.

Quando, éxule em Bragança, em maio do anno passado, longe de tudo que me era mais caro, eu me sentia n'um d'aquelles estados de alma em que nos é grato occuparmo-nos de tudo que mais particularmente interessa á nossa saudade, foi-me pedido para a *Semana de Lisboa* um artigo que acompanhasse o retrato do sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel.

E o coração dictou o seguinte:

[1] Letra illuminada da chronica de Affonso Henriques, por Duarte Galvão. *Manuscripto* da bibliotheca de Coimbra.

«Mal apeado da aspera montada, na qual acabo de percorrer 35 leguas, através montanhas, valles, e pradarias transmontanas; errante ainda o espirito pelas accidentadas e varias paisagens; moido o corpo, dos inhospitos caminhos, — ter de me sentar á banca com a responsabilidade de esboçar a biographia de uma das individualidades caracteristicas e accentuadas do nosso meio mais elevado e de um dos raros amigos, dos mais queridos do meu coração, é, realmente, uma temeridade, se não uma difficuldade insuperavel.

Mas não venho traçar aqui o perfil de Antonio de Serpa Pimentel, nem me anima a pretensão de o representar nas suas linhas perfeitas e completas; — a outrem reservo tão difficil empreza.

Na grande alluvião de homens publicos que têem passado pelos bancos do poder, desde a implantação do regimen constitucional, é Antonio de Serpa Pimentel dos poucos, dos raros, que nunca poderão ser esquecidos, e cujo nome representará no futuro alguma cousa de util, de superior e de respeitavel. No formigueiro humano que, através das fragoas do poder, tem carreado materiaes, quer para as edificações de publico interesse, quer para a satisfação dos interesses proprios, Antonio de Serpa Pimentel representa a personificação do homem simples, despretencioso, fundamentalmente honesto, e por natureza estudioso e progressivo, que não fez da politica uma escaleira de vanglorias, nem uma profissão meramente lucrativa, mas que da politica se serviu para valorisar e pôr em acção, em beneficio do paiz, as suas aptidões de estudo, os seus conhecimentos como historiador, a sua competencia como economista e financeiro, as suas notaveis qualidades de jornalista.

Sem paixões, sem odios, sem preconceitos; não havendo noticia de nenhum mal que propositadamente tivesse feito, mas prodigo de beneficios que muitas vezes espalha, seguindo o biblico preceito, sem mesmo indagar a quem; trazendo para a politica a orientação positiva e equilibrada dos seus estudos mathematicos; conservando sempre na sua vida publica e particular aquella linha singela, mas nobre e sympathica, que guarda no seu porte de fidalgo, na accepção completa d'esta palavra, a acção de Antonio de Serpa Pimentel na politica portugueza, onde milita ha quarenta annos, tem sido uma acção salutar e consoladora, um exemplo vivo de trabalho e de honra!

Não podia ser uma acção absorvente e importuna, por

que elle não é um ambicioso; nem esmagadora e mesquinha, porque é um espirito superior; nem uma acção irritante e nociva, porque é um homem justo e bom! De modo que, tendo a consagração de todos, pelos seus talentos e serviços, tem de todos o respeito e o acatamento, sendo tantos os amigos que conta dentro do seu partido, como os que conta fóra d'elle.

Quem o vê passar nas ruas de Lisboa, sempre a pé, na modestia quasi humilde do seu trajo, arrumado ao seu guarda-sol de dobras soltas ao vento, um pouco curvado para a frente, com o seu passinho miudo, regular, invariavel, e a sua physionomia serena, doce, quasi que ascetica, — de *Santo Christo velho,* como já a qualificaram, — não dirá de certo que vae ali um dos homens mais eminentes do seu paiz: um chefe de partido, um conselheiro d'estado, um ex-presidente de conselho de ministros, um financeiro distinctissimo, um jornalista de raça, um dos homens mais altamente considerados, não só no seu paiz, mas no estrangeiro, onde, como negociador de tratados e representante de Portugal, e em occasiões difficeis, deixou um nome respeitado!

A mediocridade faz muitas vezes carreira pela *mise-en-scene;* o verdadeiro merecimento, a verdadeira superioridade não necessita d'isso, porque se impõe ella propria.

A encosta ingreme e escalvada da fama não a galgou Antonio de Serpa Pimentel n'um vôo arrojado e nervoso, como os que temem perder o ensejo propicio, fornecido pelo acaso; subiu-a passo a passo, tranquillamente, como quem tem a certeza do terreno que pisa, e não deseja dever á fortuna de momento, mas á resultante das forças de que dispõe, a ascensão ás limpidas cumiadas, onde só se equilibram os que foram medindo, a pouco e pouco, a responsabilidade da altura que vão attingindo, e onde são tomados de vertigem os que se vêem de subito guindados pelo acaso ás alturas de onde o mesmo acaso, quasi sempre, os precipita.

Uma dupla qualidade distinguiu sempre Antonio de Serpa Pimentel; desde os bancos da escola, o rapaz, a creança, que nos seus estudos mathematicos apresentava dotes notaveis de reflexão e ponderação, revelava ao mesmo tempo uma imaginação viva e um imperioso pendor para as letras. — O alumno que merecia o bom conceito dos mestres no desenvolvimento dos complicados calculos algebricos, era nas horas vagas o enlevo dos seus condiscipulos e amigos mais intimos, a quem lia as suas producções poeti-

cas, e os seus terriveis dramas de capa e espada. Ás balladas, ás chacaras, aos romances, onde apparecia resurgido todo o scenario da idade media, com os seus pagens e guerreiros, succediam-se as lugubres tragedias, ao gosto postiço da epocha, onde, no dizer de um contemporaneo, a quem o ouvimos, «só não morriam os bancos das platéas».

Esta dupla faculdade de pensador e de artista, de mathematico e homem de letras, no qual o raciocinio educado equilibra a sensibilidade, produziu mais tarde, consolidando-se e completando-se, essa bella individualidade de professor, de escriptor, de jornalista, de orador, que allia, de uma maneira elevada, a firmeza do pensamento á clareza e elegancia da fórma.

Saído da universidade, com o grau de bacharel em mathematica, e já com o posto de alferes aos vinte e um annos de idade, conquistava aos vinte e seis uma cadeira na escola polytechnica e na academia real das sciencias; e aos trinta e tres, tendo o posto de capitão de infanteria, era pela primeira vez elevado a ministro, na pasta das obras publicas.

Era em seguida a uma rija campanha parlamentar, em que ao lado de Fontes Pereira de Mello, Casal Ribeiro, Mártens Ferrão, — que pleiade brilhante! — elle conquistava definitivamente as suas esporas de oiro! Fôra uma sessão brilhante, em que os jovens oradores haviam combatido denodadamente, com toda a eloquencia e prestigio da sua palavra.

E o conde da Taipa, aquelle sarcasmo vivo, vendo pela primeira vez enfileirados na bancada do poder os novos ministros, quando o silencio se fez, em seguida a uma prelenga qualquer de um membro da opposição, que recebia os novos conselheiros da corôa com as palavras do estylo, assestou sobre elles a luneta, que era o complemento sublinhativo da sua physionomia cheia de espirito, e exclamou alto:

«*Tutti animali parlanti!*»

Queria ser um epigramma, e era um elogio!

Desde então, a carreira publica de Antonio de Serpa Pimentel tem sido um ascender contínuo aos fastigios da estima e da consideração de todo o paiz.

Ao contrario do fio de retroz da sua luneta, que Anto-

nio de Serpa automaticamente enrola e desenrola, n'um movimento continuo, em volta do dedo pollegar da mão direita, como que indicando o symbolo de um trabalho que se faz, para em seguida se desfazer, — imagem simplificada da teia de Penelope! — o fio da sua já longa vida, n'um labor incessante e glorioso, tem sabido tecer, dia a dia, a teia de oiro impenetravel que lhe defende, como n'uma loriga sagrada, o seu nome sem sombras, e a sua honra sem máculas.

Passa por ser o homem mais distrahido do mundo. Dizem que, quando professor na escola polytechnica, muitas vezes ía dar aula ao domingo; que n'um jantar de ceremonia, uma vez, julgando achar-se n'um botequim, pozera tranquillamente um tostão no pires da chavena por onde bebia; que, finalmente, uma outra vez, enfiou por um carro dos talhos ambulantes da camara, tomando-o por um carro americano! — Tudo isso póde ser! mas a verdade é que até hoje, ainda nem uma só vez a sua proverbial distracção o distrahiu do caminho do dever!

Esse grande distrahido, alem de ter estado seis vezes no poder, em epochas difficeis, e em pastas importantes como são as das obras publicas, fazenda, estrangeiros, reino e guerra, e alem dos cargos de alta responsabilidade que tem exercido, foi negociador de tratados e convenções com a Hespanha, com a Italia, com a França, com a Inglaterra; foi nosso plenipotenciario na conferencia de Berlim, por causa do Congo; foi encarregado de ir assignar o contrato nupcial do Principe herdeiro, hoje nosso soberano; e ainda não ha muitos dias, com uma dedicação que o ennobrece, com uma isenção que o honra, com um sacrificio tão grande, pela sua posição e idade, que a todos commoveu, e que, a final, tão mal lhe foi pago, — foi o negociador, por parte do governo portuguez, com os nossos credores externos. E em todas estas difficeis conjuncturas, esse grande distrahido deixou um nome respeitado! Abençoada distracção!

As dimensões estreitas d'este artigo não me permittem ampliar o quadro que ha de conter uma tão distincta figura. — Com que prazer eu não traçaria aqui o perfil do jornalista com quem comecei a trabalhar no *Jornal do commercio,* prendendo-me desde logo pelo respeito ao seu caracter, e pela amisade ao seu coração, acompanhando-o sempre, desde então, na *Gazeta de Portugal* e na *Tarde!* Como eu gostaria de dar aqui a minha opinião sobre o escriptor tão lucido, tão positivo, tão equilibrado de *Alc-*

xandre Herculano e o seu tempo, e *Da nacionalidade e do governo representativo!*

Mas isso levar-me-ía longe, e eu não devo deixar-me arrastar pela delicia de fallar de um amigo e de um mestre querido.

Já o que ficou dito me ajudou a esquecer os tedios e as fadigas da jornada, cujo termo tinha de ser tão consolador.

Ficam já longe as fragosas encostas, quasi a prumo, por onde se sóbe a patas de cabrito, e se desce com o crédo na bôca; os frescos *lameiros,* viçosos da primavera, onde o gado pasta em bucolica promiscuidade, e que se estendem verdes, luminosos, ideaes, sob um fundo de azul sem manchas, como as poeticas paizagens dos romances de Walter Scott; — longe ficaram os carreiros difficeis, á beira dos muros, ou por sobre rochedos polidos como aço, abertos ora na amplidão monotona das *steppes* baldias, ora por entre alamedas de choupos e de freixos, onde o rouxinol canta ao desafio, onde a pêga, n'um vôo lento, põe uma nota branca, como um sorriso de noiva, e onde o melro solta, de longe, a sua risada escarninha. — Distante ficaram as incertas veredas que ora nos guindam ao alto das lombas aridas e seccas, que lembram de longe dorsos de sáurios phantasticos, arripiando ao sol a espinha rochea e negra, ora nos conduzem á garganta estreita das galerias naturaes, abertas no ventre das montanhas, para onde se entra de rastos, e escorregando, á laia de reptis, e onde nos espera, á luz de uma enfiada de vélas d'estearina, o deslumbramento de alguma cousa que a mão do homem nunca saberia reproduzir, e que tem, na sua magestade jaspea e marmorea, no rendilhado dos seus arabescos, nos motivos complexos da sua esculptura, no sumptuoso dos seus porticos, columnatas e abobadas, na ornamentação phantastica das suas stalactites, o quer que seja de templo, de catacumba, de alcacer, de mausoléu, de paraizo ou de inferno!

Tudo isso vae longe, e se esqueceu depressa pelo prazer de fallar de alguem que n'este momento acorda no meu espirito todos os sentimentos elevados da amisade, da admiração, da gratidão e do respeito!»

Pareceu-me ter ficado aqui esboçado, embora em traços muito fugitivos e imperfeitos, a figura querida que n'aquelle momento me preoccupava.

A proposito d'este artigo escrevia-me o sr. Antonio de Serpa dizendo o que mais podia lisonjear-me, isto é, que o tinha tocado no coração, por ver o affecto com que fôra escripto. Não era necessario mais nada nem para a minha amisade, nem para a minha vaidade! Fiquem, pois, aquellas minhas palavras archivadas n'esta obra, devida á iniciativa de s. ex.ª, dando-me a honra de ligar ao seu nome prestigioso o meu humilimo nome.

O meu affecto, a minha devoção por s. ex.ª basea-se n'alguma cousa de bem superior que só individualidades como as suas sabem inspirar; alguma cousa que é o resultado de um profundo respeito e de uma estima bem grande por um conjuncto de fundamentaes qualidades de espirito e de coração, hoje cada vez mais difficeis de encontrar na quadra de egoismos, desflorida e arida, que vamos atravessando.

D'ahi, esta affeição quasi filial que lhe consagro, e a consolação de invocar o seu nome, sempre que invoco as minhas mais intimas affinidades, quer nas relações pessoaes, quer nas de homem publico e de partidario.

Na minha instinctiva repugnancia pelas parcerias onde o capital social com que se costuma subscrever é a mediocridade audaz, ou a traficancia dourada, os laços que me prendem ao sr. Antonio de Serpa Pimentel, — nascidos de um culto sincero pelas suas qualidades de honra, de trabalho e de talento, levadas a um tão alto grau —, são para mim um titulo de honra; fique este, portanto, consignado no portal d'esta obra, edificio modesto, mas laborioso, no qual procurarei, tanto quanto em minhas forças couber, corresponder á iniciativa louvavel de s. ex.ª.

Na sua passagem pelo ministerio da guerra soube s. ex.ª imprimir aos trabalhos complexos d'aquella alta repartição do estado um impulso forte, que se converteu no melhoramento de muitos serviços da instrucção, educação, administração e organisação militares [1]. Entre esses importantes serviços, o de promover a elaboração de uma *Historia*

[1] Vide doc. *A*.

militar do nosso paiz, o unico, entre os paizes cultos, que a não possuia escripta, foi decerto dos mais importantes; e no programma do concurso s. ex.ª, definindo os traços geraes a que o trabalho devia obedecer, deu mais uma vez prova do quanto lucram sempre as nações em confiar o poder, não apenas a homens audazes, que rasgam caminho na politica, como um jogador de pau o rompe, ousado, na desordem de uma feira tumultuosa, — mas a homens de talento e de saber, que conhecem todo o valor da funcção educativa de um povo, por meio de estudos que lhe possam dar, principalmente, o conhecimento da sua propria historia, e do papel que tem tido na evolução progressiva da humanidade, através dos tempos.

Vão rareando de homens de pensamento e de estudo, representantes da alta intellectualidade do paiz, as fileiras dos seus dirigentes; por isso os processos da nossa politica se vão arrastando tristemente n'uma impotencia absoluta, afastando-se cada vez mais das regiões serenas e luminosas do pensamento e do trabalho, as unicas onde, — como os raios do sol, que só illuminam de alto, — se póde produzir alguma cousa que verdadeiramente alumie a consciencia dos povos, e lhes indique o verdadeiro trilho a seguir! D'essa brilhante pleiade do pensamento, que á causa publica consagrou, successivamente, o melhor labor do seu espirito e as crenças mais vivas do seu coração, d'essa pleiade que vae desapparecendo, é ainda o sr. Antonio de Serpa um nobre e glorioso representante: — raro ponto de luz, elevado e fúlgido, na aridez sombria do presente!

Quanto é consolador, por isso, para os que vivem do espirito, pousar os olhos da alma no grande exemplo que elle representa! Essa suprema consolação guarde-m'a Deus ainda por muitos annos, e m'a dê como norma e guia na minha vida, muito obscura, mas que deseja ser de alguma fórma util.

PRELIMINAR

O CONCURSO. — A MEMORIA

PRELIMINAR

—

O concurso. — A memoria



ANDO satisfação a um justo e antigo anhelo do exercito portuguez, o unico, porventura, de toda a Europa culta, que não possuia uma historia escripta dos seus feitos gloriosos, da sua organisação, da sua missão effectiva e brilhante no progresso material e moral do paiz, o venerando ministro da guerra em 1890, o ex.^{mo} sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, presidente do conselho de ministros, tomava a nobre iniciativa de pôr a concurso, entre todos os officiaes do nosso exercito, a elaboração de uma historia militar do nosso paiz, nos termos da seguinte portaria, publicada na ordem do exercito n.º 18, de 10 de maio de 1890:

Secretaria d'estado dos negocios da guerra — Repartição do gabinete

Considerando quanto conveniente se torna, sob o ponto de vista da instrucção militar, tornar conhecidas do exercito as differentes transformações por que tem passado o

nosso systema militar desde as suas origens, tanto no que diz respeito á organisação como ás instituições militares e ao seu desenvolvimento, a par dos progressos que successivamente se têem realisado na arte da guerra; e sendo necessario, para satisfazer uma commissão d'esta ordem, demorado e consciencioso estudo na investigação e narração das cousas que determinaram aquellas transformações, principios que a ellas presidiram, com uma successão chronologica bem definida de datas e factos devidamente historiados e commentados, o que constitue um trabalho historico de elevada importancia: manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'estado dos negocios da guerra, abrir concurso, na fórma das instrucções que n'esta data baixam, assignadas pelo director geral da mesma secretaria d'estado, o general de brigada, Caetano Pereira Sanches de Castro, para a escolha de um official do exercito que, pelas suas habilitações scientificas e litterarias, e pela sua capacidade devidamente comprovada, seja encarregado de escrever uma historia organica e politica do exercito portuguez, desde as suas origens.

Paço, em 9 de maio de 1890. = *Antonio de Serpa Pimentel.*

Instrucções a que se refere a portaria d'esta data

1.º Fica aberto concurso perante a secretaria d'estado dos negocios da guerra, durante trinta dias, a contar da data da publicação d'estas instrucções na ordem do exercito, para o desempenho da commissão de escrever a historia organica e politica do exercito portuguez desde as suas origens.

2.º São admittidos ao concurso todos os officiaes das differentes armas do exercito e do corpo do estado maior que hajam publicado escriptos, pelos quaes revelem a sua capacidade litteraria.

3.º Os candidatos deverão apresentar n'esta secretaria d'estado, dentro do praso do concurso, o requerimento com os documentos comprovativos das suas habilitações e titulos litterarios, e bem assim uma prova escripta, que consistirá em uma memoria, contendo a exposição ou plano geral da obra a escrever.

4.º Devem juntar tambem ao requerimento uma declaração do subsidio de que carecem, e das condições em que se obrigam a escrever a obra.

5.º Os documentos a que se referem os dois numeros

anteriores serão submettidos á apreciação da academia real das sciencias de Lisboa, para a respectiva secção, constituida em jury, examinar as circumstancias que concorrem em cada um dos candidatos e formular uma relação em que estejam classificados, em ordem ao seu merito relativo, a qual será enviada ao ministro da guerra, que resolverá como for de justiça.

6.º O subsidio será concedido por meio de contrato, no qual se estipulem as condições do ajuste entre o governo e o requerente, nas condições do que em identicas circumstancias se tem praticado n'este ministerio.

Secretaria d'estado dos negocios da guerra, em 9 de maio de 1890. = O director geral, *Caetano Pereira Sanches de Castro*, general de brigada.

Aberto, por esta fórma, o concurso, a elle concorreram, alem do auctor d'esta obra, alguns officiaes do nosso exercito, mais ou menos conhecidos pelos seus trabalhos litterarios, e alguns d'elles com uma justa reputação no mundo das letras militares.

A idéa de se escrever a historia do exercito portuguez tinha tido a melhor acceitação, e era prova d'isso a concorrencia de officiaes tão distinctos, cujos nomes, só por si eram um voto de louvor á iniciativa do ministro que vinha satisfazer a uma antiga aspiração da classe militar.

Hesitámos um momento; seduzia-nos a idéa de podermos aproveitar alguns estudos que haviamos realisado sobre assumpto da nossa historia militar, caso fossemos preferido no concurso; mas ao mesmo tempo a responsabilidade era grande e o trabalho colossal. Tinha-se, por assim dizer, de começar do principio, e levantar todo um edificio para o qual era necessario carrear desde a primeira pedra.

Escrever uma monographia sobre qualquer

ponto de historia é, relativamente, empreza facil; mas escrever a historia militar de um paiz, n'um trabalho concreto, harmonico, em condições de satisfazer ás multiplas exigencias de uma obra d'essa natureza; escrevel-a, sobretudo, quando ácerca de tantas fontes importantes ainda não está esclarecida toda a verdade, nem ha reunidos os materiaes necessarios, sendo poucas e incompletas na maior parte as monographias publicadas, e estando ainda por explorar ou destruidos em parte, os archivos, tanto officiaes como particulares, não era um emprehendimento superior ás forças de um homem, muito mais de quem, como nós, se apresentava na mais convicta humildade de recursos?

Animou-nos, porém, a idéa de que ás vezes uma vontade firme póde muito, e de que á boa sombra dos poderes publicos que se mostravam conhecedores da necessidade de dotar o paiz de uma historia do seu exercito, que a tem tão brilhante, muitas difficuldades se podiam vencer.

Nos nossos estudos, de mera curiosidade, ou para a elaboração da historia da nossa cavallaria, tinhamos tido ensejo de ver que havia dispersos pelo paiz cabedaes riquissimos, em monumentos e documentos, que era de toda a vantagem aproveitar, mesmo que o trabalho se limitasse a tornal-os apenas conhecidos. Tinhamos occasião de valorisar o nosso labor de muitos annos, sem o qual não estariamos habilitados a pôr hombros a tão pesada e importante tarefa.

As mesmas origens mais remotas da nossa historia se prestavam, n'essas dispersas fontes, a um estudo interessante e necessario, e, a não ser aqui e acolá, e sob um ponto de vista puramente archeologico, esses estudos não têem sido realisados entre nós, sendo mister, ás vezes, recorrer aos estrangei-

ros para sabermos alguma cousa de assumptos do nosso paiz.

Quando mais não fosse, o recompilar, o reunir n'um corpo de doutrina o resultado d'esses diversos trabalhos, representaria, só por si, um serviço apreciavel e util, sobretudo á nossa classe militar, que disseminada pelo paiz, sem bibliothecas, sem meios de conhecer e compulsar o que anda por tantos livros e publicações, se conserva, na sua maioria, estranha a muitos assumptos que directamente a interessam, por se ligarem com a historia da sua instituição.

Toda esta serie de considerações nos levou a tomar parte no concurso, no desejo de realisar o que muitas vezes tinha sido o nosso sonho dourado, que se evolava diante das mil difficuldades a vencer; — agora, com o auxilio dos poderes publicos, era talvez occasião de podermos dotar o paiz com uma obra, se não de talento e de saber, pelo menos de boa vontade e patriotismo; — sobre esse trabalho, e desbravado o caminho, outros poderiam erigir depois um edificio mais completo e primoroso. Se lograrmos terminar a nossa obra, dar-nos-hemos por satisfeitos com a só vantagem de havermos produzido, embora como ensaio, um trabalho que não desmereça da instituição a que se destina e da generosa idéa que a promoveu. Esta sincera confissão basta para nos ser perdoado o arrojo de tomarmos parte n'um concurso onde quizemos levar, pelo menos, a prova do nosso apreço e consideração pelo pensamento de converter n'um facto o que era uma velha aspiração da classe militar.

Entre os papeis legados á escola do exercito pelo venerando marquez de Sá encontrámos o rascunho de um contrato, que não sabemos se se realisou, em que ao illustre escriptor Joaquim da Costa Cascaes seria adjudicado o trabalho de escrever a nossa his-

toria militar desde 1800, mais ou menos nas condições em que teremos de realisar esta tarefa; — tem a data de 29 de novembro de 1860, e é mais uma prova do interesse que ao grande heroe das nossas liberdades merecia a historia do exercito portuguez; é o mesmo militar, por tantos titulos illustre, que ao sr. Claudio de Chaby forneceu tambem quantos auxilios pôde para a realisação dos seus trabalhos, que representam valiosos subsidios para a historia do nosso exercito. É bom deixarmos consignado aqui o nome de tão eminente vulto militar, em quem não foi apenas a coragem e valor que o tornaram um benemerito do exercito e da patria, mas o seu espirito altamente culto que sabia conhecer e promover, para lustre da corporação de que era um dos mais gloriosos membros, tudo que espiritualmente concorresse para a levantar e engrandecer.

Ignorâmos os motivos que impediram a resolução ou cabal cumprimento do contrato a que nos referimos; mas trazemos este facto unicamente para mostrar quanto está no espirito da classe militar, de ha muito, a necessidade de uma historia completa do nosso exercito.

Releve-se-nos, portanto, o termo-nos deixado ir tambem atrás d'esse sentimento e d'essa aspiração, e á nossa boa vontade e ao nosso desejo de ser util se perdoe a deficiencia dos nossos meritos.

Seguidas as rigorosas formalidades exigidas pelos estatutos academicos, a academia real das sciencias examinou as provas do concurso e enviou ao ministerio da guerra, com a data de 24 de novembro de 1890, o respectivo parecer, elaborado pelo

mallogrado e eminente escriptor Manuel Pinheiro Chagas, e assignado, com elle, pelos demais membros da respectiva secção, os srs. Ignacio de Vilhena Barbosa, Jayme Constantino de Freitas Moniz, Augusto Carlos Teixeira de Aragão e João Pedro da Costa Basto.

Esse parecer foi approvado pela 2.ª classe, em escrutinio secreto, e por unanimidade de votos, na sessão de 20 de novembro de 1890, estando presentes os socios Theophilo Braga, Jayme Moniz, Bulhão Pato, Vilhena Barbosa, João Basto, Silveira da Mota, Teixeira de Aragão e Pinheiro Chagas.

Em vista d'este parecer, a ordem do exercito n.º 48, de 31 de dezembro de 1890, publicou a seguinte portaria:

Secretaria d'estado dos negocios da guerra — Repartição do gabinete

Tendo a academia real das sciencias de Lisboa, pela respectiva secção, constituida em jury, examinado as circumstancias que concorrem em cada um dos candidatos admittidos ao concurso aberto por portaria de 9 de maio do corrente anno, para a redacção da historia organica e politica do exercito portuguez; e resultando do julgamento da mesma academia que deve ser preferido a todos os concorrentes o candidato, Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, capitão do regimento de cavallaria n.º 7: manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'estado dos negocios da guerra, que ao referido capitão, Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, seja incumbido o trabalho de escrever a historia organica e politica do exercito portuguez, nos termos da sua proposta, mediante contrato, no qual será representado o ministerio da guerra pelo tenente coronel do estado maior de artilheria, chefe interino da re-

partição do gabinete do respectivo ministro, Julio Carlos de Abreu e Sousa, a quem são conferidos os poderes bastantes para esse fim.

Paço, em 27 de dezembro de 1890.=*João Chrysostomo de Abreu e Sousa.*

Outro venerando ministro da guerra, de um altissimo nome no nosso exercito, completava pois a idéa do sr. conselheiro Serpa Pimentel.

Sobre as bases em que se abriu o concurso, — e tendo-se em consideração, para o praso da apresentação do volume I, a circumstancia de longos trabalhos preparatorios de investigação e pesquisas em archivos publicos, e a necessidade do auctor não interromper a publicação, que estava fazendo, sem a minima remuneração, da *Historia da cavallaria portugueza,* cujo volume IV e ultimo teve já felizmente a satisfação de concluir, conjunctamente com o do volume I da presente obra —, foi lavrado, com a assistencia do ex.^mo^ procurador geral da corôa, o respectivo contrato.

Na Memoria apresentada pelo auctor ficaram mencionados os traços geraes, o esboço da obra. É claro que no praso limitado do concurso não era possivel formular um plano completo, nem elle se podia dar como definitivo, porque na elaboração da obra, e á vista dos elementos fornecidos pela investigação e pelo estudo dos documentos, é que se vae dando maior ou menor amplitude ao trabalho, sendo mesmo necessario muitas vezes modificar os pontos de vista anteriores, e mudar de fórma, de ordem e de methodo. Em todo o caso, a Memoria, como mero esboço, representa a linha geral a

que o auctor subordinará a sua obra, com as alterações e amplificações que entender necessarias, em conformidade com o que n'ella declarou. Publicâmol-a, portanto, para prova de quanto o auctor procurará seguir o caminho que previamente traçára na indicação do seu plano, o qual, é claro, ficará sujeito á remodelação que o estudo e a mais amadurecida reflexão forem indicando.

Memoria apresentada no concurso para a historia organica e politica do exercito portuguez [1]

Esboço e plano geral — Fontes historicas

Se eu soubesse que me era levado á conta de vaidade este acto de me offerecer para escrever a *Historia do exercito portuguez,* e que o podiam considerar uma manifestação de exagerada confiança nas forças que realmente me fallecem, resistiria á tentação de tomar parte n'este concurso, que aliás representa a satisfação de uma necessidade absoluta, e o preenchimento de uma verdadeira lacuna nas letras portuguezas e na historia da nossa instituição militar.

Como soldado portuguez, porém, e como homem de letras, reputo-me na obrigação moral de offerecer os meus debeis recursos, para que possam ser utilisados, á falta porventura de quem, com mais competencia e saber, saiba corresponder ao pensamento do nobre ministro da guerra;

Outra rasão que, até certo ponto, me anima a offerecer os meus limitados serviços, é a circumstancia de uma natural propensão do meu espirito me ter levado á investigação de assumptos de historia militar, facilitando-me o satisfazer o honroso encargo, com que o ministerio da guerra me distinguiu, de escrever a historia dos regimentos de cavallaria, como preparação para a qual tenho já impresso o volume I da *Historia da cavallaria portugueza,* que trata da organisação da nossa cavallaria.

[1] Vae publicada esta *Memoria* com pequenas modificações, que em nada alteram a sua essencia.

Esse volume, que apresento como titulo á candidatura n'este concurso, servirá, juntamente com esta *Memoria*, para de alguma maneira fazer com que se me releve a minha ousadia.

Todos os principaes paizes da Europa possuem hoje desenvolvidas historias do seu exercito. Que eu conheça, existem, alem de muitos outros trabalhos, os seguintes:

Na Allemanha: *Historia do exercito allemão*, por Bartholl; *Historia da artilheria allemã*, por Hofbauer; *Historia da artilheria*, por Crewenitz.

Na Inglaterra: *O exercito inglez, suas origens, progressos e equipamento*, por Sibbal David Scott.

Na França: A *Historia do exercito e de todos os regimentos, desde os primitivos tempos da monarchia até ao presente*, por Adrien Pascal; *Historia da artilheria*, por Brunet; *A artilheria*, pelo coronel Hennebert[1].

Na Hespanha, onde tem havido uma elaboração de litteratura militar verdadeiramente assombrosa, conheço: *A historia organica das armas de infanteria e cavallaria*, pelo conde de Clonard, os *Apontamentos historicos sobre a artilheria nos seculos* XIV *e* XV, por D. José Arántegui y Sans, as obras de D. José Almirante, verdadeiras preciosidades[2], e muitas outras.

Em todos os paizes, alem d'isso, existem monographias, mais ou menos desenvolvidas, com a historia das diversas armas e dos regimentos. Na Allemanha não ha soldado que não conheça a historia do corpo a que pertence: é a maneira de ligar as tradições do passado com os estimulos do futuro.

Chega talvez o momento de Portugal possuir tambem uma historia do seu exercito.

Venho a este concurso, animado do mais profundo desejo de ser prestavel ao exercito e ao paiz; mesmo que n'este certame eu seja vencido, restar-me-ha a consolação de ver a *Historia do exercito portuguez* incumbida a quem melhor do que eu saberá satisfazer a um tão difficil encargo.

[1] Tambem se podiam citar, entre outras, *Les transformations de l'armée française*, pelo general Thoumas; *L'armée en France*, por L. Dussieux, professor na escola de Saint-Cyr; *L'armée française à travers les âges*, por L. Zablonski; *Notre armée, histoire populaire et anedoctique de l'infanterie française*, por Dick de Lonlay, as obras do general Suzanne, etc.

[2] Ha uma *Hist. da infant. hesp.*, por Estabanez Calderon, por publicar, e uma *Hist. milit.*, de Almirante, em via de publicação.

Quem se propozer escrever a historia especial de uma instituição, a primeira tarefa que tem de se impor é o conhecimento das fontes historicas e a apreciação de cada uma d'ellas.

Na historia geral póde ser util o trabalho de compilação, não só como meio de vulgarisar a sciencia, mas até de a fazer progredir, traçando-se de novo, pela synthese dos factos já averiguados, as linhas principaes da physionomia social e politica em cada epocha.

Mas uma historia especial é mais exigente nas particularidades, porque são ellas as que imprimem caracter; e como essas se não encontram, nem podem encontrar-se, nas historias geraes, é indispensavel procural-as nas origens, sob pena, ou de ficar a obra extremamente defeituosa, ou então profundamente falsa, se acaso se recorrer aos escriptores que se occuparam dos paizes estranhos, a fim de supprir a falta de investigação e exame minucioso das nossas fontes historicas.

Mesmo quando se tenha apenas de refazer a historia, e não de a escrever pela primeira vez, como no presente caso, ainda assim ha necessidade de examinar novamente as fontes historicas, para evitar a repetição das apreciações inexactas, resultantes das preoccupações do auctor, ou mesmo da epocha em que elle escreveu.

Será hoje absurdo, se não ridiculo, começar a *Historia do exercito portuguez* no celebre fossado do Campo de Ourique, reduzido ás suas justas proporções pela critica severa de Alexandre Herculano.

Cumpre remontar mais alem, e averiguar se o exercito, que deu tantas victorias ao fundador da monarchia, era uma força instituida de novo, ou apenas uma transformação das instituições anteriores, modificadas pela acção de elementos novos.

Cada organismo contém em si, se póde dizer virtualmente, a historia do seu passado.

O organismo militar, tal como o podemos estudar através do tempo e do espaço, é o producto da acção de muitos seculos.

Isto não quer porém dizer que para escrever a historia da instituição militar portugueza seja necessario remontar a eras mui remotas, pois que esse processo corresponderia a confundir a verdadeira historia com o que o arbitrio e

a phantasia podem entretecer na tela do desconhecido e do fabuloso.

Como cheias fecundas que, entrando por diversos pontos do litoral, invadissem o continente até ao dique insuperavel dos Pyrinéus, destruindo o que existia, mas fecundando ao mesmo tempo o solo com os detrictos de novas civilisações progressivas, a invasão consecutiva de tribus e povos exoticos fizeram por vezes tábua rasa nas edificações sociaes da peninsula occidental da Europa, — a Spania dos phenicios, e Hesperia dos gregos; mas sobrepondo, em camadas fecundas, o nateiro das alluviões civilisadoras, tornaram o abençoado solo iberico no mais rico e no mais caracteristico de quantos ainda auxiliaram as mais exuberantes florações humanas.

Fortaleza de centenas de leguas de circuito, guardada pela retaguarda por um parapeito inexpugnavel, e rodeado do fosso aquatico cavado pela conjunção de dois mares, — dentro d'ella se travaram os mais renhidos combates; e com o suor dos seus escravos e com o sangue dos seus heroes se fecundou o chão, de onde tinha de brotar mais tarde a civilisação que havia de alastrar-se pelas cinco partes do mundo, tendo por ponto de partida a séde principal das duas nações peninsulares, em cujo parallelismo historico, se está o indicio da sua commum origem, está tambem a prova real da sua individualidade distincta e da sua mutua independencia.

«Provincia separada da monarchia de Leão, diz Herculano, e constituida como individuo politico pelo esforço e tenacidade dos nossos primeiros principes e dos seus cavalleiros, o reino de Portugal formou-se pelos dois meios da revolução e da conquista.»

É, portanto, a *Historia do exercito portuguez*, a historia do paiz.

Até se constituir em provincia da monarchia das Asturias, que, por medida estrategica, passára para Leão o centro das suas operações, a historia d'este torrão que hoje habitâmos prende-se, commercial e socialmente, com a historia das diversas tribus que por aqui passaram, attrahidas pelas opulencias naturaes do solo: — com a dos phenicios, dos quaes ainda hoje temos os nomes de Lusitania, Tejo, Lisboa; com a dos gregos, que se estabeleceram em Portugal, como na Catalunha, em Valencia e na Galliza. Militarmente, porém, filia-se: — com os carthaginezes, que tiveram na Italia lusitanos por companheiros de armas na segunda guerra punica, sob o commando de Annibal; com

os romanos que se assenhorearam de todo o territorio hispanico, e cuja civilisação, lingua, leis, costumes, foram assimilados por estes povos, e cuja arte de guerra é hoje a mãe da arte moderna, sobretudo depois da renovação fecunda da renascença; com os godos que, principalmente nos habitos da cavallaria da Idade Média, e no recrutamento, tantos vestigios deixaram; — e finalmente, com os arabes «herdeiros da brilhante civilisação antiga, e depositarios da restauração scientifica», no dizer de Clonard, e dos quaes, como observa D. Francisco Manuel de Mello, recebemos «a maior parte dos institutos militares».

De todas estas civilisações ficaram vestigios, quer nos usos, quer na linguagem, quer nos processos da guerra, subsistindo muitos d'elles ainda hoje: — alguns como simples fórmas rudimentares, como as azas inuteis nos apteros, ou o «appendice vermicular» no homem —, outros como elemento organico.

Da fórma rudimentar temos ainda hoje, por exemplo, de origem celta as palavras *brida e bridão;* temos *brigada,* — de *briga,* que significava reunião, assembléa, povoação, e que apparece em Conimbriga, Juliobriga e outros nomes de terras celtas. Dos godos temos a palavra *bandeira,* — já adoptada pelos romanos, que substituiram *signum e signifero* por *bandum* e *bandoforo;* e temos tambem *conto,* que, designando ao principio uma especie de lança, hoje apenas designa uma parte d'ella.

Estas fórmas, porém, só podem ser estudadas sob o ponto de vista archeologico[1]; o que não succede com o elemento leonez ou romano gothico, e o sarraceno, elementos que não só constituiram toda a substancia de organisação militar mediaval, mas que ainda hoje subsistem, embora modificadas pela acção dos seculos.

Se podessemos estudar bem a batalha de Guadalete, em que expirou a monarchia gothica, já esvaída do espirito militar com que destroçára os exercitos de Atila, e chegára com Wanda ao apogeu, embora ephemero, do poderio mi-

[1] Que outros, competentes na materia, estudem sob o ponto de vista archeologico-militar tão interessante assumpto; o nosso ponto de vista é puramente historico, buscando na archeologia apenas o auxilio indispensavel para resolver problemas de verdadeira historia.

litar, lograriamos apreciar até que ponto a sciencia da guerra dos conquistadores do mundo, os romanos, tinha disciplinado a bravura das hordas germanicas.

Infelizmente, faltam as bases para esse estudo. Das duas fontes seguras: — o *Epitome imperatorum*, ou chronica attribuida a Izidoro de Beja, o Pacence, — que assistiu á transformação da Hespanha gothica em arabe; e a narração tirada da collecção arabe *Akbarmadjmona*, traduzida por Dosy, e pelo mallogrado arabista D. Emilio Lafuente, — d'esses dois trabalhos, o primeiro, com lacunas e enxertos improprios, alem da obscuridade resultante da profunda decadencia da epocha, e não pouco da negligencia dos copistas, é, sob o ponto de vista de que estou tratando, de uma concisão desesperadora; e o segundo, enflorando a narração com lendas, obscurece a verdade.

São tambem fontes importantes para o estudo da dominação visigothica, e n'ellas se devem obter informações valiosas, os escriptores coevos, como Paulo Orosio, amigo de Santo Agostinho e S. Jeronymo, e testemunha presencial da transformação da Hespanha romana em gothica; — os *chronicons* de Idacio, fonte excellente para a historia da invasão dos barbaros, e de João de Biclara; e naturalmente o manuscripto da bibliotheca de Madrid, *Historia española de los godos, desde su venida hasta Pelayo*, e o da bibliotheca do Escurial *Historia de los hunos, vandalos, alanos, suevos, godos, etc.*, codice anonymo do principio do seculo XVI, etc.

Á falta de elementos para conhecer circumstanciadamente as formações e as evoluções no campo de batalha, poderemos aproveitar-nos dos *Concilios de Toledo*, do *De officii gothorum*, de Pedro Pantino, e principalmente da mais completa das compilações dos barbaros, o *Forum Judicum* (*Fuero Jusgo* na traducção de Fernando III de Hespanha), especialmente no titulo II do livro 9, a fim de reconstituirmos as instituições militares que deram força á monarchia de Toledo para expulsar da peninsula os byzantinos, para combater os francos, e castigar rudemente os bascos de alem dos Pyrinéus.

Ao par do desenvolvimento de uma litteratura opulenta, onde abundam os livros de moral, de theologia, de direito, de philosophia e de historia, surgiu esse codigo, espelho espiritual d'aquella epocha, e que, no dizer de um historiador hespanhol[1], não morreu com a monarchia gothica,

[1] Sanchez y Cazado, *Elementos de historia de España.*

«mas durou e permaneceu vivo no paiz, sendo não só acatado como um monumento veneravel, mas por muitos seculos observado como regra de equidade e de justiça».

Como as *Sete partidas* de Affonso, o sabio, esse codigo não póde ser considerado um documento legal da epocha, porque muitas das suas prescripções só foram executadas mais tarde; mas a verdade é que, no tocante ao recrutamento e obrigações do serviço militar, muito ha que estudar n'aquelle repositorio tão rico, como origem dos costumes feudaes.

O dominio dos arabes, durante tres seculos, na peninsula, e as luctas que, — desde a batalha de Ourique, até á conquista do Algarve, que representa a unificação do nosso reino —, tivemos de sustentar contra os musulmanos, trouxeram evidentemente na constituição das forças militares do paiz, e em todos os ramos da milicia, alterações profundas. Principalmente na artilheria e na cavallaria militar o modo de combater dos africanos obrigou a arte da guerra a uma sensivel modificação: — o fossado e a correria são as duas maneiras de combater dos arabes, que tinham as suas batalhas em fórma e os seus *ghaswats;* o conhecimento da artilheria devemol-a aos arabes[1].

A nossa milicia não só guardava os nomes mouriscos, quer de cargos, quer de funcções de força armada, mas o proprio cargo e a propria funcção que a esses nomes correspondiam.

A palavra *çaga,* por exemplo, que na technologia medieval queria dizer o corpo que na disposição para a batalha ficava na retaguarda, é puramente arabe e representava a mesma cousa que na ordem de *al-chamiz,* ou em cinco corpos, entre os sarracenos.

Outra instituição a que se attribue filiação arabe é a das ordens religiosas christãs, que representavam o que entre os mouros a instituição dos *rahbits,* consagrados ás armas e a Deus, e incumbidos de guardar tambem as fronteiras das invasões dos almogávares christãos.

As armaduras inteiriças imitámol-as dos orientaes, que

[1] Parece que foi na batalha do Salado que conhecemos pela primeira vez a artilheria, passando em seguida a ser adoptada pelos hespanhoes e por nós. Antes de nenhum outro paiz da Europa, a peninsula ouviu o troar sinistro do canhão incipiente.

naturalmente já as possuiam por haverem conhecido antes de nós a polvora.

A cavallaria ligeira, com a sua tactica especial, é de origem arabe; proveiu entre nós da necessidade de combatermos com esses povos; d'ahi tambem a nossa cavallaria de ginete, ou *gineta*, que veiu a prevalecer sobre a *bardada*.

Entre outras, havia na Idade Media duas palavras para representar duas evoluções tacticas de cavallaria: — o *caracol* e a *escaramuça*, que não só indicavam uma maneira de combater dos musulmanos, mas eram até as proprias palavras arabes, nacionalisadas, e correspondendo a cousas identicas.

O caracter de excursão que tinha toda a acção das forças medievas contra o inimigo é commum á maneira de combater arabe; — todos os homens validos das povoações tomam parte na expedição; e regressados que sejam ás terras, e repartido o espolio de guerra, voltam aos seus trabalhos ruraes, aos labores da industria e do commercio. É verdadeiramente a «nação armada», como a querem hoje; mas organisada rudimentarmente em mesnadas e companhas de occasião, em vez de ser em corpos do exercito.

As alterações na estrategia e na tactica da epocha só podiamos estudal-as nas descripções das batalhas ou nos documentos coevos. Os necessarios elementos de apreciação temos de os ir buscar nas chronicas, relações, composições de vario genero de escriptores contemporaneos, peninsulares e arabes.

D'estes ultimos ha varias traducções notaveis, entre as quaes citarei: — Al Makkari, escriptor arabe do seculo XVII, cuja obra *Historia das dynastias mahometanas em Hespanha* foi resumidamente traduzida por Paschoal Gayangos, e, por completo, pelos arabistas Dozy, Dugat, Krehl e Wright, na obra intitulada *Analectos e fragmentos sobre a historia e litteratura dos arabes em Hespanha*; — El-Kartas, *Historia dos soberanos de Maghreb*, traducção de A. Beaumier; — o Xerif al-Edris[1], — *Descripção de Hespanha*, traducção de D. José Antonio Conde; — Abulcacim Tarif Abentarig, *Historia do rei D. Rodrigo*[2], traducção de Miguel de Lima;

[1] De Edrisi temos a traducção da *Descripção completa de Africa e Hespanha*, por Dozy e Goeje, e da *Geographia*, por Amedée Gaubert.

[2] Não esqueçamos tambem o nosso fr. José de Santo Antonio Moura, que nas *Memorias* da Academia real das sciencias de Lisboa, tom. X (1824), cita o *Nozhet-Elhâdi*, ou a *Historia da dynastia*

Rasis, *Historia de Hespanha* em castelhano, manuscripto da bibliotheca de Madrid, etc.

A par d'isto, porém, convem não esquecer os trabalhos originaes de Dozy, dos dois Gayangos, de Simonet, de Resséeux, de Sacy, do barão de Olane, de Modesto Lafuente, de Asbach, de Kremmor, de Bleda, de Guillen Robres, de Ramires Gonzalez, de Saavedra, do nosso padre Serra, *Documentos arabigos de historia portugueza,* e outros.

Propriamente sobre a milicia dos arabes, ha entre outros, em Hespanha, o livro do sr. Estebanez Calderon.

Só estudando o organismo militar dos sarracenos se poderá formar idéa, não só das heranças que deixou á milicia peninsular, mas dos motivos por que os exercitos africanos não souberam manter as suas brilhantes conquistas. É que lhes faltava na guerra, como em todas as manifestações do genio arabe, a unidade de systema e de *disciplina,* — tomada esta palavra no seu amplo sentido antigo, que comprehendia tudo que diz respeito a uma boa organisação estavel.

Até el-rei D. Fernando, em que o elemento estrangeiro traz de Inglaterra, com o conde de Cambridge, novas regras e novos habitos militares, a milicia portugueza é filha da sabedoria arabe, e, por tradição, da romana. Mas é necessario notar que na arte militar theorica, que successivamente se foi accommodando á pratica, houve na Idade Media um excellente mestre: foi Vegecio, inspirador das *Partidas* do rei sabio de Hespanha, modelo das nossas ordenações affonsinas, como foi tambem inspirador de Gil de Roma, popularisado por outro rei *sabio,* mas este de França, Carlos I. Attribue-se ao infante D. Pedro, filho de D. João I, uma traducção de Vegecio; mas antes d'isso devia ser entre nós muito conhecido este escriptor, visto que desde o seculo XI a Europa o apreciava, através do conde Foulques d'Anjou. Varias citações de escriptores da epocha confirmam esse facto.

A nação portugueza nasce n'aquelle momento caracteristico da Idade Media em que se prepara a transição para

Saadiana em Marrocos (1511-1670), por Mohammed Esseghir Ben Elhadj Ben Elufrâni, hoje conhecida na Europa pela excellente traducção do digno professor da Escola das linguas orientaes em París, o sr. O. Houdas. No seu trabalho fr. José Moura reproduz em parte a descripção da batalha de Alcacer Elkibir, por aquelle auctor, segundo um manuscripto que conhecêra.

a idade moderna; nasce no periodo notavel da civilisação em que se formam as nacionalidades, pela concentração das forças, até então dispersas, nas mãos da auctoridade real, e em que passámos, por uma serie de circumstancias, do regimen senhorial, com laivos de feudalismo, e do regimen municipal, para o regimen da realeza.

Evidentemente, esta transição modifica tambem a organisação militar, começando pela fórma do recrutamento, e influindo directamente na disciplina, na arte da guerra, na maneira de ser, emfim, dos exercitos, — se assim se podem chamar ainda com propriedade.

Para exemplo nas modificações no systema do recrutamento basta apontar as obrigações que os senhores de terras e os municipios contrahiam com o rei de se apresentarem, quando necessario, com um certo numero de cavalleiros e de bésteiros.

Onde podemos estudar este novo modo de ser, esta nova fórma militar, que é já agora propriamente do paiz?

Nas leis geraes? não; que eram n'essa epocha ainda de pequena importancia, alem de muito escassas. A lei geral adquire todo o seu valor quando finda o dominio senhorial, porque, até então, a lei local prevalecia no regimen geral. As leis geraes só adquirem importancia depois que o braço popular toma parte nas assembléas politicas, e á proporção que vae progredindo a unidade legislativa, — causa e effeito, a um tempo, da unidade politica.

Em toda a peninsula neo-gothica ainda o Fuero Juzgo era a lei commum, mas cada terra, cada municipio, ía modificando essa legislação com regalias ou direitos especiaes, que lhe eram concedidos em troca dos serviços prestados na lucta contra o inimigo commum; — d'ahi nasceram os foraes, que são a grande fonte de estudo para toda a sorte de instituições medievas, tanto no seu periodo organico, como nos seculos XI, XII e XIII, que mais particularmente nos interessam. Outras fontes já offerece o seculo XIV que, no dizer de Littré, foi o gonzo sobre o qual começou a rodar a porta que fecha a Meia Idade e abre a idade moderna.

São portanto a principal fonte de estudo na Idade Media os foraes, tomados na accepção dupla da palavra, isto é, de cartas organicas de concelhos e de aforamentos collectivos e, mais tarde, individuaes, as quaes foram, incontestavelmente, a base da legislação moderna, e a aurora do moderno direito, que raiava para a nossa peninsula um seculo mais cedo que para qualquer outro povo. D'ahi

nasceram as liberdades municipaes, d'ahi o reconhecimento da soberania popular, acatada pela força das circumstancias, pela propria soberania dos reis. Eram as cartas foraes que estabeleciam as obrigações militares dos povos; e n'ellas se prescreviam as obrigações do *fossado, anúduva, azaria* e outras, que mais tarde se converteram em fôro pecuniario.

Tambem pelos foraes se póde estudar o armamento da epocha, pois era n'elles que se indicavam as armas que cada individuo do povo tinha de ter sempre de prevenção, em harmonia com as indicações da sua pessoa.

Alem dos foraes ha outros documentos de indispensavel consulta, taes como as *doações* aos senhores e aos vassallos, estabelecendo obrigações marciaes; as *inquirições,* de que apenas estão publicadas as de Affonso III; as *representações* em côrtes, feitas pelos tres braços, clero, nobreza e povo, e nas quaes os concelhos se queixavam ou dos vexames soffridos por occasião do acontiamento, ou dos abusos dos fidalgos, e mesmo dos proprios reis.

Essas queixas eram tambem feitas pelos senhores contra a realeza. D'estas, porém, restam muito poucas actas; mas as das queixas dos povos são mais numerosas, e apresentam grande interesse.

De qualquer d'estes documentos comprehende-se que ficassem mais os que interessavam aos povos ou entidades collectivas, do que os que interessavam aos senhores. As doações a estes, por exemplo, ficavam nos seus cartorios particulares, e no decurso do tempo desappareciam; — o mesmo se não dava com respeito ás doações aos conventos, por exemplo, conservados nos respectivos cartolarios, como no de Lorvão, hoje transportado para a Torre do Tombo. A mesma cousa com respeito aos archivos das cathedraes.

Os povos interessados nas decisões das côrtes pediam certidões que ficavam nos archivos, e das quaes muitas estão tambem hoje na Torre do Tombo.

As cartas e inquirições têem, alem de mais, na especialidade militar, um interesse particular para a reconstituição da topographia dos logares em que se deram as batalhas, a fim de serem bem comprehendidas as evoluções dos exercitos que decidiram da sorte das armas. Esse estudo tem de ser feito por um processo igual ao que é empregado, por exemplo, por Delpech, no seu livro *Tactica do seculo XIII,* para a batalha de Bouvines, ou por Jimenez Sandoval, para a batalha de Aljubarrota.

Temos, finalmente, tambem como fontes indirectas, os aforamentos, os cartolarios, as bullas, as inscripções, e tambem as canções de gesta e os romances de cavallaria, que, no dizer de Boutaric, «dão uma fiel imagem dos principios usados na guerra n'esses tempos remotos, e contém pormenores sobre tudo que respeita á arte militar». — No *Cancioneiro da Vaticana* se encontram duas composições interessantes, sob o ponto de vista dos usos, armas e outras particularidades militares da epocha: — a «Canção das algaradas» e a «Gesta do Maldizer».

Dos documentos indicados ha abundancia nos archivos publicos e particulares; mas que esforço gigantesco para os destrinçar e arrancar áquelles cahos! N'outros paizes é facil adquirir esses elementos de trabalho, porque todos os governos facilitam a publicação de documentos formando collecções riquissimas; nós, porém, n'esse ponto estamos muito atrazados.

Na importante publicação *Portugaliæ Monumenta Historica* encontra-se grande quantidade de foraes até 1277; — n'esta publicação, as *Carta et Diplomata* estão ainda no anno de 1100, nas primeiras cartas de Affonso Henriques[1]. Por maior que seja a competencia e a boa vontade provada de quem superiormente dirige estas publicações, a verdade é que não póde realisar milagres, sem os necessarios elementos de auxilio.

Ha ainda os livros de chancellaria; mas alguns d'elles são deficientes, e não nos aproveitam muito, pela barbara reforma de Gomes de Azurara, que repetiu em extracto muitas das escripturas e diplomas, inutilisando os originaes.

Como fontes directas temos as chronicas e os escriptores coevos, que me dispenso de enumerar.

Ha um elemento importante a estudar n'este periodo da historia militar do paiz: é a influencia das cruzadas, a influencia oriental introduzida pelos hospitaleiros. Na tactica apparecem na Idade Media duas formaturas: — a *cunha* e o *corral,* que são de origem latina, mas vieram trazidas pelos cruzados, sendo empregadas pelas primeiras vezes na peninsula nas Navas de Tolosa e no Salado.

N'esta parte temos de recorrer, como leitura subsidiaria, á historia das cruzadas, sobretudo nas publicações da academia das bellas artes de Italia, e temos de conhecer a constituição das ordens aqui recebidas, o que se conse-

[1] As outras partes em que se divide esta publicação, as *leis* e as *inquirições* vão só até Affonso III (1258).

guirá pela leitura dos respectivos cartolarios. Sobre as cruzadas ha documentos contemporaneos dos acontecimentos que nos interessam n'essa epocha, nacionaes e estrangeiros. Alexandre Herculano, quando trata da tomada de Lisboa, vale-se sobretudo do documento de um cruzado inglez: — *Crucesignati Anglici Epistola*[1]. A nossa academia publicou uma relação de um cruzado, traducção de João Baptista da Silva Lopes.

Como trabalhos especiaes sobre as ordens religiosas temos os de D. Carlos de Noronha, do dr. Alexandre Ferreira, de fr. Francisco de S. Luiz, de Xavier Monteiro, de Figanière, no *Panorama*, etc.[2], não fallando nas regras e estatutos das differentes ordens.

Com el-rei D. Fernando abre-se um periodo novo na historia militar do paiz: — é o rosiclér de uma nova era que o ultimo rei de uma dynastia que se extingue, abre ao primeiro da dynastia triumphante de Aviz. Uma nova vida, uma nova missão vae agora incumbir ao soldado portuguez, e são os regulamentos novos, moldados, em parte, sobre o typo inglez, que vem dar uma certa unidade ás forças do paiz, as quaes, em seguida aos primeiros desastres, tinham de entrar, sob um regimen novo, em emprezas grandiosas, dentro e fóra do paiz.

Com o conde de Cambridge vieram institutos novos; crearam-se officialmente os cargos de condestavel, chefe supremo do exercito; de marechal ou mariscal, a quem competiam funcções superiores de administração e de justiça, cargos estes adoptados, quasi ao mesmo tempo, em Castella por D. João I em 1382; e o de aposentador mór, incumbido da superintendencia nos serviços das pousadas em campanha, — cargos estes que mostram as differenciações que se vão estabelecendo nas funcções do machinismo militar. O exercito estava então no estado organico de certas fórmas inferiores do reino animal, em que as funcções não se acham perfeitamente distinctas, mas que contém *em potencia* todos os elementos de differenciação.

D. João I consolida e completa essa organisação; depois

[1] Vide sobre as fontes historicas da tomada de Lisboa a nota XXII do tom. I da *Historia de Portugal* de Herculano.

[2] Vide *Bibliographia historica portugueza* de Figanière.

da batalha de Aljubarrota reorganisa-se o exercito, e é no seu reinado que se faz entre nós a applicação da polvora[1], que tão profunda revolução havia de trazer na arte militar. A infanteria que, aliás, nunca deixára de ter um papel importante na peninsula, embora secundario, em consequencia do genero de luctas em volta dos disseminados castellos, toma um logar preponderante na hoste; a cavallaria lucta debalde, com o reforçamento das couraças, contra o poder da bala; o desprezo do cavalleiro pelos que pelejam a pé, cede diante dos irrefutaveis argumentos da tactica; e a pouco e pouco, tambem a artilheria, embora como simples officio mechanico ao principio, se vae auxiliando dos progressos da sciencia, tornando-se a arma importantissima que hoje é. Faz-se assim uma verdadeira revolução na arte da guerra, e em toda a sociedade antiga. A descoberta da polvora era incontestavelmente um facto tanto ou mais revolucionario e progressivo que a descoberta da imprensa.

O cargo de vedor mór da artilheria apparece no reinado de Affonso V, que a 13 de abril de 1449 lhe dá o respectivo regimento: D. João II cria o cargo de anadel mór de espingardeiros; o arcabuz, «o avô da moderna espingarda de agulha», substituindo a culebrina e a espingarda primitiva, apparece no tempo de D. João III; e n'estes progressivos aperfeiçoamentos dos elementos de guerra, o soldado portuguez encontra meios de realisar prodigios de valor, conquistando o mundo para a civilisação, e traçando com a sua espada os caminhos que o progresso tinha de seguir para a refundição e transformação de toda a sociedade européa.

É um periodo brilhante da historia militar portugueza, que organicamente fecha com um progresso: os *Regimentos de Guerra;* mas politicamente com um grande desastre: a morte de D. Sebastião, cujo reinado fôra de uma marcial elaboração intensa, sob o influxo das guerras de Carlos V e de Filippe II.

Aqui as fontes historicas directas já abundam e são de mais facil investigação e consulta. Ha as narrativas da epocha, como as que se referem á batalha de Alcacer; o *Nobiliario* de D. Pedro, primeiro monumento da historia

[1] Referimo-nos á polvora explosiva, que, segundo o melhor juizo, já era conhecida na peninsula, nos seus mortiferos effeitos. É este um dos pontos interessantes que nos propomos averiguar no que respeita a Portugal, seguindo a lucida esteira do sr. Arantegui y Sanz.

nacional; as preciosas chronicas de Fernão Lopes, de Ruy de Pina, de Azurara, de Damião de Goes, de Bayão, de Garcia de Rezende, de fr. Bernardo da Cruz; os trabalhos de Barros, de Couto, de Castanheda, de Jeronymo Osorio, de Faria e Sousa, de Gaspor Correia, de Figueiredo Falcão, de Severim de Faria, e tantos outros; mas é indispensavel confrontal-as, sendo difficil em alguns pontos descobrir a absoluta verdade.

Fernão Lopes, por exemplo, tão copioso em informações, que a propria Hespanha, por iniciativa do distincto professor o dr. Sanches Moguel, vae imprimir na academia de historia a chronica de D. Pedro, reputada fonte historica superior em alguns pontos á obra de Lopo de Ayala, é um guia valioso para a epocha de D. Fernando e outros; mas não dispensa que se recorra aos documentos historicos de Inglaterra e França, n'aquelle tempo, e sobretudo ao de Castella e Aragão, onde se dava movimento igual ao nosso.

Como amostra de quanto é necessario confrontar e analysar todos esses documentos, citarei o seguinte ponto: — Fallando da batalha de Aljubarrota, Fernão Lopes deixou-nos a noticia de haver figurado n'ella pela primeira vez a artilheria de campanha, trazida pelos castelhanos. Os escriptores hespanhoes, porém, e entre elles o nosso illustre contemporaneo o sr. D. José Arantegui, na sua historia da artilheria nos seculos XIV e XV, nega o facto com argumentos dignos de ponderação. Aqui temos, portanto, um ponto a averiguar.

Agora outro ponto: Ruy de Pina, descrevendo a batalha do Salado, attribue ás formaturas de *cunha* e *corral* origem e funcções que lhes não pertencem; á vista, porém, de um precioso documento manuscripto, encontrado n'um livro de linhagens pelo sr. Delphim de Almeida, este erudito escriptor mostra, na palavra *az* do seu opulento *Glossario,* em publicação, as inexactidões em que o chronista incorre.

Estes e outros factos mostram a necessidade do maior cuidado na pesquiza e acceitação das informações dos escriptores.

Uma das fontes indirectas que adquirem um alto valor para o estudo do reinado de el-rei D. Fernando são as actas das representações ás côrtes.

Depois das pazes com Castella começaram as guerras de Africa, que influiram sensivelmente na arte militar. Não foi a futil causa de procurar ensejo de armar seus filhos

cavalleiros que levou, segundo pretendem alguns escriptores, el-rei D. João I a buscar em Africa um novo theatro á actividade da nação. Os lindes da patria tinham-se tornado estreitos para conter o espirito portuguez, aguerrido e impaciente; não podendo empregar a sua actividade aventurosa na conquista de Granada, á vista da recusa da Hespanha, ía á Africa buscar uma nova escola militar.

Azurara, que pessoalmente viu e observou os theatros de acção n'essa epocha, é um informador prestantissimo; mas não evita o recorrermos aos documentos coevos, que ainda existem, para completarmos n'uns pontos, e corrigirmos n'outros, as suas informações.

As conquistas de Africa abriram as portas da India, e durante esse periodo de expansão deram-se na arte da guerra transformações importantes, para cujo estudo se tem de recorrer á *Lei das armas* e ao *Regimento dos capitães móres* de el-rei D. Sebastião, e á sua *Provisão sobre as ordenanças;* á legislação manuelina e tambem affonsina; ao tratado dos povos; e, emfim, aos analystas e escriptores da epocha.

A legislação já offerece aqui abundancia de fontes historicas, vista a unidade legislativa se achar n'um alto grau de adiantamento. Apparecem tambem tratados como o de Martim Affonso de Mello, que vem nas *Provas da historia genealogica,* e deve ser de um escriptor do principio do seculo XVI; — o *De re militari,* manuscripto da bibliotheca de Lisboa, e outros nacionaes e estrangeiros. A Hespanha tem entre os principaes, o *Tratado de re militari,* de Diogo de Salazar, e o *Espejo y disciplina militar,* de Francisco de Valdez.

Para o estudo da influencia da arte militar classica n'este periodo de renascimento é indispensavel a leitura não só de Vegecio, mas de Valturio; do *Stratagematon,* de Sexto Julio Frontino; do *De regimine principum,* de Gil de Roma, que foi de muita leitura entre nós, como provam as respectivas citações de D. Duarte, de D. Pedro, no seu livro inedito da «Virtuosa Bemfeitoria», de Gomes Eannes de Azurara, e creio que tambem de Fernão Lopes.

Como fonte directa convem attender á *Arte da guerra,* de Machiavello; como fonte indirecta, aos romances de cavallaria, entre outros o Amadis de Gaula.

Com a usurpação de Portugal pelo poder de Castella abre-se um triste parenthese na historia militar do paiz. O que temos de relatar sobre esse escuro periodo de

sessenta annos, de tanto luto para a alma da patria, é, em pouco, a historia das acquisições feitas na arte militar, e de algumas innovações, como a formação das *tropas* ou terços volantes; mas é, em muito, a relação dos actos com que o dominador teve de estancar todas as fontes vitaes do paiz, e anesthesiar o espirito militar, já combalido, enviando os soldados portuguezes a expedições longinquas, destruindo as coudelarias, e deixando no esquecimento absoluto os sabios regimentos de el-rei D. Sebastião, — ao mesmo passo que se servia dos judeus para arrancar grossas sommas ao paiz e sobrecarregal-o de encargos, e lançava mão da traição de Miguel de Vasconcellos para affrontar o brio nacional, pondo um renegado, como ministro, ao lado da duqueza de Mantua. Foi esse o erro, aliás desculpavel nas condições da epocha, que os proprios escriptores nossos vizinhos hoje lamentam, por que prejudicou a todos.

Segue-se, porém, o periodo verdadeiramente militar do paiz, o que vae de 1640 a 1688, e que ficou assignalado na historia como a manifestação mais brilhante do brio, do valor, e do sentimento de independencia de um povo.

Um paiz, manietado e illaqueado nas suas nobres aspirações á liberdade; um paiz que, no dizer do padre Antonio Vieira, estava «sem armas, sem munições, sem artilheria, sem navios, sem alliados, sem conquistas, sem gente de guerra, mais que a dos presidios, que todos eram castelhanos, e acrescentavam mais a difficuldade da empreza», aproveitava-se habilmente do desastre das Dunas e da revolta da Catalunha, para surgir n'um esforço supremo e desesperado, como que tocado pela vara do prodigio; e, rotas as algemas, expulsava de sua casa o intruso, e preparava-se para mais tarde resistir intemerato ao poder reunido da Hespanha.

Referindo-se a esse periodo, diz um escriptor hespanhol: — «O animo contristado chega a duvidar se em Hespanha havia hespanhoes.» Havia, e bem valorosos! as circumstancias é que fizeram com que se apresentassem como degenerados descendentes dos soldados de Gonçalo de Cordova e Carlos V.

Identica exclamação podiamos nós fazer em varias outras epochas da nossa historia; mas n'este memoravel momento da nossa resurreição nacional, podemos felizmente dizer que em Portugal «havia portuguezes»!

A restauração politica tinha necessariamente de trazer a restauração militar.

Creou-se um conselho de guerra; resurgiram os regimentos sebasticos; estabeleceu-se um systema de recrutamento para as tropas de primeira linha, e um systema de auxiliares e ordenanças tão perfeito, que se poderia contar com todo o paiz em armas, se não fôra a reluctancia natural de muitos, a quem a paz captiva de tantos annos havia enervado a energia. Organisou-se a infanteria em *terços*, com dez companhias, e a cavallaria em *tropas*, que se reuniam em unidades mais fortes: — a artilheria, que se havia de levantar mais tarde com o conde de Lippe á categoria de arma scientifica, começa a instruir-se e a organisar-se por fórma a prestar excellentes serviços durante a guerra; — finalmente inaugurou-se, com o auxilio dos estrangeiros, mandados vir expressamente, a escola da engenheria militar em Portugal. Lançaram-se no tempo de D. João IV as bases da sciencia da construcção de fortalezas, das minas de guerra; creou-se em 1647 uma aula de fortificação em Lisboa. Só em 1701 é que nasceram depois outras aulas de fortificação nas provincias, e cabe a D. Pedro II o merito de haver ampliado os estudos scientificos militares entre nós.

Como indicio da actividade que começa n'esse caminho do progresso scientifico no seculo XII, temos em 1676 o *Breve tratado da arte de artilheria, geometria e artificios de fogo*, em 1680 o livro de Luiz Serrão Pimentel, considerado por Stockler, no seu estudo sobre as *Origens e progresso das mathematicas em Portugal*, como dos mais exactos do seu tempo.

Do mesmo auctor possue a escola do exercito, segundo vi algures citado, um manuscripto intitulado *Extracto de fortificação*, que se julga ser um resumo das lições de Serrão Pimentel na academia militar. Outro livro, *O engenheiro portuguez*, de M. de Azevedo Fortes, é o espelho do grau de adiantamento scientifico n'essa epocha.

A influencia do conde de Schonberg foi n'este sentido muito poderosa.

Ás excursões e escaramuças dos primeiros tempos da restauração, em que o exercito estava por se organisar, e em que se combatia mais com o instincto do que com a arte, a esse primeiro periodo que termina com a batalha do Montijo, segue-se um periodo de organisação e de repouso, — mas repouso vigilante, em que, renascidas as forças do exercito, se acabou por consolidar a independencia da patria com as acções de Valencia de Alcantara, Castello Rodrigo e Montes Claros, — tornando-se glorio-

sos na historia militar do paiz os nomes de Mathias de Albuquerque, do marquez de Marialva, do marquez de Castello Melhor, o «Atlante da monarchia».

Para este bello periodo da nossa historia, que merece uma moldura de oiro, e em que o genio militar se mostra em toda a sua pujança e grandeza, abundantes são as fontes, algumas d'ellas ainda por explorar: — a grande copia de livros, monographias, relações que existem, como tambem os documentos manuscriptos, são subsidio valioso para se fazer d'aquella epocha uma narração completa e fiel.

O archivo militar tem abundancia de documentos originaes[1], como se vê dos dois primeiros volumes das *Synopses*, do meu antigo chefe, e illustradissimo escriptor, o sr. general Claudio de Chaby; o archivo da Torre do Tombo possue documentos, volumes muito interessantes de memorias manuscriptas; na academia de historia, segundo informa o sr. José de Sousa Monteiro, n'um curioso artigo, existem na collecção inedita, — *Memorial historico* — do jesuita Raphael Pereira, sete documentos com o titulo *Loucuras de los portuguesiños*, cartas de muito sabor e interesse por serem de testemunha ocular. O sr. Brito Aranha n'um artigo — *Notas para uma bibliographia da restauração* cita, como sendo as mais notaveis, as collecções da bibliotheca nacional[2], da bibliotheca da Ajuda, da de Evora[3], da Torre do Tombo, e as dos srs. Figanière e Fernando Palha, em Lisboa, conde de Samodães, no Porto, e José do Canto, em S. Miguel. A do sr. Figanière desfez-se.

São innumeras as publicações nacionaes sobre aquella epocha, e só as relações, impropriamente attribuidas a D. João IV, montam a cincoenta. Em Hespanha abundam tambem documentos que é indispensavel confrontar com os nossos. Aos escriptos de João Pinto Ribeiro, de Bayão, de Torres de Lima, de Almeida, de Leandro Doria, de fr. Jeronymo da Cruz, de D. Francisco Manuel de Mello, de Manuel Marques, de D. Luiz de Menezes, de Julio de Mello e Castro, de Souto Maior, e outros, temos de contrapor os escriptores castelhanos.

Assim, para a historia da annexação, devemos oppor á

[1] Hoje, em grande parte, na Torre do Tombo.
[2] É realmente boa.
[3] Tivemos já ensejo de a examinar toda; é preciosissima, principalmente em *Relações* impressas.

Memoria de fr. Manuel Homem, que dá noticia da disposição das armas castelhanas, e ás relações de Torres de Lima, as informações dos documentos da collecção hespanhola de Valladares, e dos que a *Bibliographia* de Almirante informa existirem na bibliotheca nacional de Madrid, entre elles os manuscriptos de Muley Mohamed, e fr. Luiz Nieto.

A *Campaña de Portugal,* de D. Jeronymo de Mascarenhas, tem de ser confrontada com o conde da Ericeira, no *Portugal restaurado.*

Para a epocha do conde de Schonberg temos, alem do Ericeira, a *Historia panygerica,* de Mello e Castro, as relações de Souto Maior, de Garcia Soares, de Manuel Marques, de Paes Viegas e de Ayres Varella.

O estudo da sciencia e progresso militar tem de ter como fontes principaes a *Arte militar,* de Mendes de Vasconcellos, repositorio dos conhecimentos militares da renascença; — *Do sitio de Lisboa,* publicado em 1606, curioso pela disposição das fortalezas de Lisboa; o *Tratado de cavallaria,* de Francisco Pinto Pacheco, e o excellente livro de Galvão de Andrade.

Sob o ponto de vista organico e historico, o anterior periodo deve acabar com as guerras do principio do seculo XVIII, echos ainda das dissensões e ambições mutuas, entre Hespanha e Portugal, guerras funestas em que fomos o joguete de vaidades estranhas, e em que Portugal se prestou a ser, como observa Oliveira Martins, *uma hospedaria e um acampamento* de tropas estrangeiras.

É um periodo que fecha mal.

Para o estudo d'este periodo, sob o ponto de vista da tactica militar, convém recorrer ao *Manejo e governo de cavallaria,* do conde Galeaço Gualdo Priorato, traduzido e amplamente commentado pelo conde de Sabugal.

Em 1704 foram publicadas varias *noticias* e *relações,* e consta que Monterroyo Mascarenhas, capitão de cavallaria na guerra da successão, deixou escripta uma obra intitulada *Viagem militar em que se referem todos os successos da ultima guerra entre Portugal e Castella, de 1704 a 1710,* trabalho em cinco volumes, que seria de alta vantagem encontrar.

Com D. Pedro II entra-se n'um periodo novo, se não sob o ponto de vista organico, pelo menos de impulso ás sciencias e artes militares.

D. João V, apesar dos ocios moles de uma opulencia ephemera, produzida pela descoberta das minas do Brazil, e que o tratado de Utrecht permittia fruir descansadamente, nos desperdicios da côrte e nas sumptuosidades do culto, não seguiu muito o anterior impulso salutar.

Ainda assim, a imitação da França, os reflexos do Rei-Sol, favoreceram até certo ponto as reformas militares, o que não impediu que, n'um maior periodo de paz, a instituição militar chegasse á maior degradação.

D. Pedro II activára os estudos e augmentára as aulas de fortificação; fixára o quadro dos engenheiros, dotára a infanteria de espingarda de pederneira.

D. João V dava novas ordenanças á infanteria, cavallaria e dragões, convertia os terços e tropas em regimentos de doze companhias; reunia os regimentos em brigadas, tratava da justiça militar, publicando os artigos de guerra; da administração, no que respeita ao fornecimento de viveres, dando regimento ao provedor do exercito, e aos almoxarifes e escrivães de mantimento; dividia os regimentos em dois batalhões; alterava as formações de fundo na infanteria; dava á infanteria e cavallaria directores geraes; creava, por decreto de 24 de dezembro de 1732, novas academias militares nas praças de Elvas e de Almeida, e mandava traduzir obras estrangeiras de artilheria e fortificação. É no tempo de D. João V que apparece o livro do brigadeiro Manuel da Maya.

Por decreto de 24 de dezembro de 1732 ordenava-se que em cada regimento ou terço pago, houvesse uma companhia, cujos officiaes fossem engenheiros de profissão, e por decreto de 4 de abril de 1735 prohibia-se que se assentasse praça de tenente, alferes, sargento e furriel de cavallaria e infanteria, a quem não soubesse ler e escrever.

Eram os inicios de um regimen de educação que a virga ferrea do marquez de Pombal havia mais tarde de impor, como se vê, por exemplo, na *Ordenança* de 1776, que determina as obrigações dos inspectores de tropas.

O grande periodo organico, porém, do exercito portuguez é o do marquez de Pombal.

Em Portugal tinham uma elaboração latente os mesmos elementos que haviam de produzir em França a grande revolução social.

O absolutismo que principiava com D. Pedro II, era agora, nas mãos do marquez de Pombal, um instrumento para a conquista ideal de muitas liberdades: — a liberdade

politica, contra a altivez da Inglaterra; a liberdade do pensamento com a secularisação da universidade; a liberdade de consciencia, com a aniquilação dos jesuitas.

Ao passo que reconstituia a cidade sobre os escombros de um cataclismo; que levantava o commercio, a agricultura, a industria do paiz; que libertava o povo dos devastamentos da inquisição, bem mais profundos, bem mais terriveis que os do terremoto; e ao mesmo passo que erguia a nação á altura da sua dignidade, do seu pundonor, e do seu brio, o marquez de Pombal organisava a força publica.

Com o auxilio de um estrangeiro illustre, — cabo de guerra e organisador notavel —, creava o exercito moderno portuguez.

Mas não será ousadia minha esboçar aqui a physionomia do periodo militar desde essa epocha, — e indicar-lhe as fontes historicas, — quando um sabio escriptor, e um official distincto[1], tem já dois volumes publicados, e muito adiantada no prelo a publicação do terceiro, — no desempenho da missão que o ministerio da guerra lhe incumbiu de escrever a nossa historia politica e militar n'este bello periodo de tempo? É de certo!

Ponho por isso ponto aqui a esta memoria, guardando-me para quando um dia a publicar, completar o summario quadro que deixo exposto[2], como simples indicação, ao jury que me tiver de julgar, do interesse que nos meus estudos especiaes me tem merecido a investigação de assumptos de historia militar.

No plano geral da obra, porém, que vae em seguida, deixo indicados os topicos, sobre organisação e historia, do periodo que fica em claro. O volume da *Historia da cavallaria portugueza,* que junto igualmente, servirá tambem para encher o quadro que apenas deixo indicado.

E dito isto, só me resta pedir desculpa da maneira precipitada por que vae elaborada e escripta esta *Memoria,* — o que espero me será relevado.

Eis agora o plano da obra:

[1] José Maria Latino Coelho, cuja morte longe estavamos de suppor que teriamos de prantear tão cedo! Felizmente deixou impresso o 3.º volume da obra, de todos o que mais interessa á historia propriamente militar.

[2] Não nos parece azado este logar para completar este trabalho: será mais conveniente, já agora, esperar para o desenvolvimento do assumpto no logar competente.

Plano summario da obra
ou mera indicação dos topicos de cada uma das epochas
em que divido a «Historia do exercito portuguez»

Introducção

Vestigios da milicia dos antigos povos conquistadores da peninsula no organismo militar do paiz

1.º Fórmas tradicionaes provenientes da encorporação de elementos estranhos, e fórmas proprias.

2.º Os celtas, os iberos. Os lusitanos. Armas, caracter, usos de guerra.

3.º Os carthaginezes; organisação militar, armas; tactica. Os lusitanos na segunda guerra punica.

4.º Os romanos; recrutamento, soldo; armamento, tactica; estrategia; castramentação; — a cavallaria e a infanteria, — a turma, a cohorte, a legião.

5.º Os godos; trajes; armas; tactica; disciplina. O *Forum judicum.*

6.º Milicia dos arabes; seu caracter, e sua influencia na milicia portugueza. A cavallaria ligeira. As armaduras. Processos de guerra. A *ghaswat.*

7.º A tormentaria, ou artilheria antiga. A neuro-balistica.

8.º A polyorcética.

Primeira epocha

Forças organicas em equilibrio instavel. Consolidação da monarchia

1.º Milicia feudal. Os ricos-homens, e o direito de levantar hoste; pendão e caldeira. As mesnadas. A hoste.

2.º A lucta com os arabes como factor da modificação nos processos de combate. O fossado e as escaladas; a algára, a azaría, a anúduva, a fronteira. Algaradas e campanhas de maio.

3.º Formaturas: — az, cunha, mó, curral ou cerca, tropel.

4.º O fossado de Ourique e as conquistas de Santarem e de Lisboa.

5.º A cavallaria, militar e de honraria; cavalleiros acontiados, de espora dourada e villões; torneios, justas, passos de armas; as cavalgadas.

6.º A organisação religiosa funde-se com a organisação militar; — ordens religiosas.

7.º Cruzadas; sua influencia na arte e na instituição militar.

8.º A cavallaria instituição social: a galanteria, o ponto de honra.

9.º A conquista do Algarve. Encorporação do territorio portuguez no tempo de Affonso III.

10.º Caracter da guerra até aos fins do seculo XV.

11.º Organisação da marinha de guerra, preparando as conquistas da Africa, India e America.

12.º Novas escolas de guerra.

Segunda epocha

Periodo organico. Expansão nacional

1.º Organisação de D. Fernando. O duque de Cambridge. O condestavel, o marichal, o aposentador-mór: — unidade e differenciação organicas.

2.º As luctas com a Hespanha coadjuvam a dictadura monarchica de D. João I. Centralisação de forças.

3.º Batalha de Aljubarrota. O typo do condestavel moldado voluntariamente nos heroes das epopêas de cavallaria. O tactico.

4.º As ordenações affonsinas; unificação dos fóros juridicos n'um codigo militar.

5.º A polvora. Revolução na arte da guerra. As armas de fogo; a culebrina, o arcabuz, a espingarda. Reforçamento das armaduras.

6.º O despontar da verdadeira artilheria. Os bombardeiros.

7.º O infante D. Henrique. As guerras de Africa.

8.º As conquistas da India. A grande figura de Affonso de Albuquerque.

9.º D. Sebastião: influencia das guerras de Carlos V e Filippe II.

10.º Reorganisação militar. O regimento dos capitães móres; as ordenanças. As companhias de gente de pé e de cavallo. Os besteiros

11.º O desastre de Alcacer Kibir

Terceira epocha

Luctas da independencia nacional. Reconstituição organica

1.º Dominio hespanhol: os terços volantes; as expedições a Flandres. Decadencia militar portugueza.

2.º Restauração de 1640. Resurreição dos regimentos sebasticos.

3.º Organisação definitiva em *terços* e *tropas*. Os *troços* de cavallaria. Mestres de campo generaes e commissarios geraes para a cavallaria; tenentes generaes, mestres de campo e sargentos móres para a infanteria. Os terços auxiliares. Os dragões.

4.º Justiça militar: o conselho de guerra.

5.º Reorganisação das coudelarias.

6.º Administração militar: o contador geral, o vedor geral e o pagador geral do exercito. O provedor de viveres. O regimento das fronteiras.

7.º As campanhas do Alemtejo: Montijo, Telena, Villa Viçosa, linhas de Elvas, Ameixial, Montes Claros. — Mathias de Albuquerque, D. Sancho Manuel, o conde de Catanhede, o marquez de Marialva.

8.º O marquez de Castello Melhor. O conde de Schonberg.

9.º A artilheria e a engenheria, desde D. João IV; a sciencia forasteira. Os estudos mathematicos; as academias militares. A fortificação.

10.º D. Pedro II: — o estabelecimento do quadro de engenheiros; espingardas de pederneira; a pistola e a clavina para a cavallaria; o *troço* de artilheiros.

11.º D. João V: codificação dos artigos de guerra: alterações na formatura de fundo na infanteria; divisão do regimento em dois batalhões; directores de cavallaria e infanteria. Organisação em regimentos e brigadas.

12.º A guerra de successão de Hespanha. O marquez das Minas, e a sua marcha triumphal até Madrid. — As acções do Caya e Villa Viçosa. Defeza de Campo Maior.

13.º Guerra dos sete annos. O marquez de Pombal. O conde de Schonberg Lippe; o organisador e o cabo de guerra; escola de Frederico da Prussia. As praças do Alemtejo; a defeza de Ouguela.

14.º Organisação: — Marechaes do exercito, generaes de cavallaria e infanteria; tenentes generaes e marechaes

de campo. O serviço interno dos corpos. Os conselhos de guerra. — Organisação da artilheria moderna. Campos de manobra.

15.º Progressos da tactica; ordem obliqua.

16.º Os desastres de 1801.

Quarta epocha

A invasão franceza. As luctas caseiras. O exercito, causa e effeito das liberdades conquistadas

1.º A revolução franceza e a sua influencia em Portugal.

2.º A divisão portugueza em Roussillon.

3.º A organisação de 1806; estudos preparatorios. Duque de Lafões, Gomes Freire de Andrade e seu plano de organisação.

4.º Organisação do exercito em divisões. Os caçadores. Numeração dos regimentos.

5.º Invasão franceza: influencia da acção ingleza na força militar defensiva de Portugal. Wellington, Beresford, o disciplinador. O soldado portuguez.

6.º O general Sepulveda. Roliça e Vimieiro. As linhas de Torres Vedras. Desde Bussaco até Tolosa: — campanhas de 1810 a 1814.

7.º A organisação de 1809. A de 1814, em harmonia com as condições da população e industria do paiz: — effeitos da paz. O regulamento de 1816.

8.º A legião portugueza na Austria e na Russia.

9.º Guerras civis. A revolução de 1820. O cerco da Terceira e do Porto. D. Pedro IV, duque da Terceira, duque de Saldanha, Sá da Bandeira.

10.º Divisão auxiliar á Hespanha.

11.º As guerras da liberdade; seus echos consequentes.

12.º As organisações de 1833 e 1837: — remodelação de todos os serviços.

13.º A escola do exercito e a escola polytechnica, sua influencia nos progressos da instituição militar.

14.º Organisação da infanteria em 1842. As organisações do exercito de 1849, 1864 e 1868: — a teia de Penelope.

15.º As escolas praticas de engenheria e artilheria, progressos d'estas armas.

16.º Organisação de 1884. Influencia das grandes guerras europêas do seculo.

17.º Escolas praticas de cavallaria e de infanteria.

18.º Espingardas de precisão. Os progressos da artilheria.

19.º Acção das novas descobertas da physica (aço) e da chimica (explosivos) na arte da guerra.

20.º O futuro da guerra e da organisação militar.

Lisboa, 9 de junho de 1890. = *Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda,* tenente de cavallaria n.º 5.

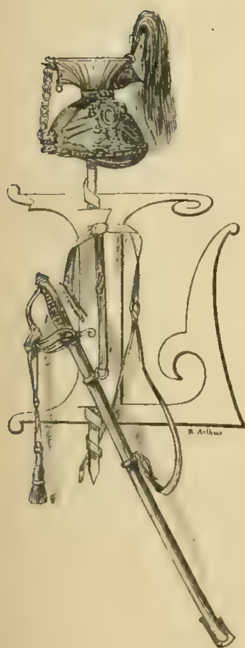


General João Chrysostomo de Abreu e Sousa

EXORDIO

EXORDIO

A guerra, factor do progresso



UCTA indefessa, tenaz, implacavel, lucta por todas as fórmas, lucta sem treguas, eis o que é, em todas as suas manifestações, a vida universal. Viver é luctar!

Á lucta armada, entre exercitos, chama-se guerra, na sua accepção mais ampla, quer essa lucta seja entre duas ou mais nações, ou povos, quer na mesma nação, entre dois ou mais partidos que se hostilisam, na controversia de uma idéa, de um principio, ou mesmo de um interesse. A historia militar não é mais do que a historia d'essas luctas, tendo-se em consideração não só os factos e episodios que n'ellas se deram, mas as suas condições, tendo n'esse estudo a primazia o exame das circumstancias em que se achava o proprio instrumento da guerra: a força armada.

Dadas as condições humanas, a guerra foi sempre, é hoje, e continuará sendo uma triste, mas irreductivel, necessidade social; persistirá, como até agora, mudando embora de armas, de fórma, de processos e de intuitos; e para ella se continuará a appellar, se não já como a *ultima rasão dos reis*, pelo menos como o ultimo argumento dos governos, qualquer que seja a fórma politica por que os povos se administrem.

É a lucta uma condição essencial da existencia; manifestou-se desde o primeiro momento em que, arrefecida a primitiva temperatura do globo, poude a vida nascer, dando começo á ingente batalha, ao drama tragico e phenomenal que se vae desenrolando, através a immensuravel distancia dos seculos, cheio de peripecias que á humana imaginação seria impossivel conceber sequer, dada a sua grandeza e a sua continuamente renovada variedade!

Com o primeiro ser organico se iniciou a lucta contra as potencias inorganicas, que até então, luctando entre si, eram as senhoras absolutas do mundo, e que passavam agora a gerar no seu seio o adversario terrivel que, a pouco e pouco, n'um progressivo *crescendo* de aptidões e de forças, através do tempo e do espaço, acabaria, se não por as avassallar de todo, pelo menos, por as sujeitar em muito á sua imperiosa vontade.

Esse primeiro ser, microscopico e debil, começou por luctar, na necessidade de se ir apoderando, molecula por molecula, das substancias indispensaveis á sua existencia, não só d'aquellas que eram necessarias á sua alimentação, mas tambem das que representavam os materiaes com que havia de

formar as armas defensivas e offensivas, para se manter na refrega em que, desde logo, se encontrára envolto.

Com esses materiaes começaram os polypos a formar os seus eixos de pedra fluctuantes, feitos do calcareo das aguas, e os crustaceos e os molluscos, a construir as conchas e crôstas que lhes haviam de servir, a um tempo, de armadura, de agasalho e de habitação.

A lucta travava-se toda no seio convulso das aguas, onde a vida se concentrava tumultuosa e fecunda!

No entretanto, ía-se solidificando a superficie do globo, e, n'esse novo terreno adquirido á vida, novos seres surgiam, iniciando uma nova especie de lucta.

Pelas raizes que embebia no solo e por meio das folhas que abria no espaço, a planta, ao principio tenue e enfezada, ía a pouco e pouco avolumando-se, fortalecendo-se, multiplicando-se, na variedade crescente da fórma, das tintas, da estructura, indo, na lucta de cada momento, apropriando-se do ferro, da silica, do carbone, e de tantas outras substancias necessarias á formação e consolidação das suas folhas, das suas hastes, dos seus complexos tecidos, emfim, e para a coloração e perfume das suas variegadas flores.

Ao mesmo tempo, ao par da existencia vegetal, íam-se tambem modificando as condições da existencia animal. A lucta já não era, como no primitivo momento cosmogenico, contra as forças inorganicas da natureza, mas entre os diversos seres que entre si passavam a disputar o ar, a luz, o alimento, o espaço, a liberdade de acção e de movimento.

Continuando assim a progredir e a crescer nas forças e aptidões primeiras, a animalidade superior foi dominando e avassallando cada vez mais

os elementos do mundo inorganico e do mundo organico. Desenvolvendo-se no espaço, o individuo crescia; desenvolvendo-se no espaço e no tempo, a especie multiplicava-se!

Dotado desde logo de faculdades que os embates da vida e a lucta pela satisfação das suas necessidades haviam de aperfeiçoar e augmentar, apparecia o homem, como o termo da creação; e a esse privilegiado ser reservado estava, como a nenhum outro da natureza, o vencer e humilhar as forças até então senhoras do universo.

Com os troncos das arvores, com o silex adquirido sem esforço á superficie do solo, fabricou as suas primeiras ferramentas e as suas primeiras armas; com ellas começou a luctar vantajosamente contra os animaes bravios, seus primeiros inimigos, e resolveu as primeiras difficuldades, na resistencia que lhe oppunham os materiaes que ía utilisando nas suas mais rudimentares necessidades. Quando descobriu os metaes, com elles fabricou as suas novas armas, os seus utensilios e ferramentas novas, em melhores condições de resistencia e de duração.

O innato instincto de sociabilidade, commum a outros animaes, o interesse de assegurar e proteger as acquisições já realisadas e a familia já constituida, levam-n'o a congregar-se em unidades de força collectiva, e assim se estabelece a segurança e a paz, pelo mutuo respeito e conveniencias mutuas. Dado este estado de segurança, nascem as relações commerciaes; vem a permuta dos productos entre as localidades que os apresentam diversos. O instincto artistico que, como os da conservação, da reproducção e o religioso, desde logo se reve-

lou, desde os mais remotos inicios da humanidade, vae-se desenvolvendo, e, de escala em escala, de degrau em degrau, produz verdadeiros deslumbramentos!

A arte, auxiliando a industria, vae juntando á utilidade a graça, a elegancia, o requinte da fórma. Cada necessidade satisfeita cria uma nova necessidade; e de lanço em lanço, de perfeição em perfeição, de apuro em apuro, o braço do homem, auxiliado pela sua intelligencia, sempre progressiva, e pela sua ambição, nunca saciada, transforma o mundo!

Invade-lhe o mar o espaço que lhe é necessario para as suas construcções e para o alargamento das suas cidades? Pois elle diz ao mar que recue, e recua o mar, diante dos soberbos aterros que lhe pejam o leito natural!

Dois continentes teimam em se conservar ligados pelos extremos, como que de mão dada, para impedir o livre transito nos mares, e embaraçar o homem na sua navegação, no seu commercio, nas suas relações de toda a ordem, que já não são de tribu para tribu, de burgo para burgo, de cidade para cidade, mas de mundo para mundo, através da amplidão dos mares? Pois bem! a mão do homem rompe esse incommodo obstaculo, corta os braços que teimam em permanecer unidos; e em seu proveito cede agora novo espaço ao mar, ao qual hontem, por igual interesse, os fôra arrebatar!

As longas distancias impacientam, irritam a sua actividade irriquieta? Pois elle doma o vapor, perscruta os segredos da electricidade, domina as correntes do ar e das aguas, e com essas novas forças prodigiosas que põe ao seu serviço, encurta essas distancias, approxima os povos, torna universaes os dons mais caros da civilisação, dá ao pensamento e á palavra meios de transmissão incomparavel-

mente mais rapidos que a aza do gavião, do falcão ou da andorinha; de modo que Roma se encontra hoje mais perto de Pekin, que Lisboa esteve outr'ora de Extremoz ou de Coimbra!

De todos estes progressos, de todas estas maravilhas, a guerra é, ao mesmo tempo, um dos meios efficazes de os realisar, e talvez a instituição que mais se auxilie dos resultados praticos por elles obtidos, no aperfeiçoamento constante das suas armas, instrumentos e processos.

Do machado de silex, ou antes, da simples lasca de pedra sem empunhadura, á fina lamina de Toledo; do rudimentar *madfaa*, ou simples tubo mourisco, fórma mais rudimentar da espingarda, ás modernas Kropatschek, Mauser ou Remington; do *búzano* do seculo XIII, a uma Krupp ou Armstrong de 100 toneladas, servindo-se da polvora sem fumo, da *fulgurite*[1], por exemplo, que prodigios de experiencia, trabalho e sabedoria accumulados!

Cada epocha tem a sua fórma e processos de guerra, como tem as fórmas e os processos das suas artes, da sua litteratura, da sua industria.

Agente e herdeira directa dos humanos progressos, a arte da guerra é a representante legitima do grau de civilisação de cada povo.

De todos os seres da creação foi o homem o que veiu ao mundo mais desarmado de nascença, a não

[1] Descoberta muito recente de Pictet, baseada nas theorias de Wurtz e de Berthelot sobre os phenomenos endotermicos e isotermicos. Segundo as experiencias feitas em Laveaux (Suissa) a *fulgurite* deu os melhores resultados, sendo considerado o melhor explosivo até hoje descoberto. Entre tantas polvoras d'este genero, satisfará realmente as condições exigidas, sobretudo o da conservação, sem perda das qualidades balisticas? É o que resta averiguar.

ser que consideremos como arma, — e essa seria então de todas a mais poderosa, — a intelligencia. Aperfeiçoando esta pela diuturna observação e pelo estudo, o homem conseguiu, porém, a pouco e pouco, uma grande superioridade sobre os seres naturalmente armados. Fez mais: foi, nos seus primordios, procurar e imitar n'elles algumas das suas armas e processos de ataque e de defeza, o que é facil de observar ainda hoje, sobretudo entre os selvagens.

Na ordem das suas maravilhosas acquisições, foi de certo a descoberta do fogo a primeira grande maravilha por elle realisada; esse thesouro precioso foi tambem a arma terrivel que desde logo lhe deu a supremacia em toda a creação. Prometheo roubava ao céu a scentelha com que havia de transformar o mundo! Com essa arma inventou, aperfeiçoou, multiplicou as suas armas. E a propria natureza lhe forneceu muitos e preciosos modelos.

A planta apparece-nos muitas vezes armada, e d'ella tirou de certo o homem, — como nos abrolhos, nos eriçados guarnecimentos primitivos de escarpas de fossos, muralhas, etc., — alguns modelos; se bem que, a não ser como excepção, como por exemplo nas plantas carnivoras, não parece que na natureza vegetal essas armas representem nenhuma funcção de defeza, e muito menos de ataque.

No mundo animal, porém, seria assombro o arsenal que porventura se podesse formar com os armamentos variadissimos que cada especie e cada individuo apresentam! Armas defensivas e offensivas: couraças, morriões, escudos, lanças, dardos, espadas, esporões, cutellos, serrotes, pinças; armas de ponta e armas de gume; armas de arremeço; armas de trituração; armas aceradas, de veneno mortal; tudo ali se encontraria, n'uma abundancia e profusão estonteadoras!

Mesmo fóra da observação vulgar do homem, e portanto longe do campo onde se podesse prestar á imitação, — no immensuravel mundo dos infinitamente pequenos, onde os modernissimos estudos têem descoberto prodigios de uma vida durante seculos ignorada pelo homem —, se encontra já a mesma providencial ou descaroavel desigualdade de armamento entre os diversos seres, sendo curiosissimo o estudo d'essas armas e processos de lucta.

O unico animal, alem do homem, ou, para melhor dizer, do *primata*, que se serve de armas de arremesso, é o infimo de todos elles: o infusorio! Claparède nos seus estudos sobre os infusorios conta que Lachmann viu um cyclidio[1] que passava proximo de um loxophylo[2] ficar instantaneamente insensivel, no momento em que o loxophilo descarregou contra elle os seus *trichocystas*, que se podem comparar a dardos microscopicos. Referindo-se a este facto, exclama Coutanges[3]: «Quantos Ajax e Achilles n'uma simples gotta de agua, que póde conter milhares de cyclidios!»

Outro infusorio, o *Didinium Nasutum*, escrupulosamente estudado por Balbiani[4], ataca tambem por meio d'esses dardos, ferindo e immobilisando a victima, antes de a engulir[5]; e a propria *Paramecium Aurelia*, animálculo mais especialmente escolhido pela voracidade d'aquelle *didinio*, parece ter

[1] *Cyclidium glaucoma.*

[2] *Loxophyllum armatus.*

[3] A. Coutanges. — *La lutte pour l'existence.* Cap. IV.

[4] L. E. Balbiani. *Observations sur le Didinium Nasutum*, nos *Archives de zoologie experimentale et génerale.*

[5] O *Didinium Nasutum* ataca o infusorio que quer devorar, arremessando uma parte dos corpusculos bacillares que formam a sua armadura pharyngica; immediatamente o atacado pára de nadar, e não agita mais, senão muito debilmente. a agua, com os seus cilios vibrateis; — em volta d'elle vêem-se então espalhados os trichocystas ou dardos que serviram para o ferir. — *Balbiani.* Ob. cit.

tambem na espessura do sarcocita corpusculos identicos aos referidos dardos, porém destinados, ao que se suppõe, á sua defeza, os quaes projecta de toda a superficie do corpo[1].

Passando do mundo, hoje apenas revelado, dos infinitamente pequenos, para aquelle onde a observação de cada momento levou o homem a imitar algumas das suas armas, encontra-se a continuação das mesmas leis e factos!

Ao par da phoca inerme, comquanto habil, dos batrachios de pelle nua, de tantos ruminantes, roedores, e outros animaes desprovidos de armamento, e mal defendidos, portanto, no implacavel combate da vida, que enorme quantidade de seres armados, por maneiras diversas, consoante o seu destino natural de: — ou nunca serem atacados, como o leão e o tigre; ou de terem de atacar e defender-se, como a maior parte dos crustaceos, revestidos de fortes couraças e armados de pinças, por isso comparados aos cavalleiros da Idade Media, bardados de ferro e de lança em punho; ou então, de apenas se terem de defender, como o elephante, o cavallo, e o mollusco intemerato, que se fecha na sua concha, como um guerreiro medievo, recolhida a ponte levadiça!

De alguns dos animaes, segundo se póde sobretudo deduzir do que se observa nos povos *incultos,* como lhes chamam os allemães, tirou o homem os moldes e os feitios para varias armas que teve de inventar, nas necessidades do ataque e da defeza, do mesmo modo que começou por vestir a pelle dos mais bravos d'esses animaes, e a ser designado pelos seus nomes, como ainda hoje, na America

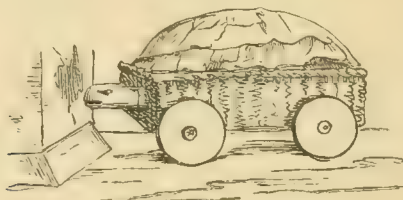
[1] J. L. de Lanessan. *Traité de zoologie.* Nas condições do *Paramecium Aurelia* parecem estar outros infusorios, como o *Paramecium Brusaria,* estudado por Claparède e Lachmann, e outro no genero *Litonotus* e *Loxophyllum,* estudado por Kent. Vão estas informações a titulo de curiosidade.

septentrional os de *Grande-serpente, Veado-agil,* etc., usados pelos guerreiros[1].

Antes de inventada a loriga, já o crocodilo e o tatú a havia recebido da natureza; antes da escamosa armadura do grego e do romano, já o pangolin o houvera da Providencia; de cotas e peitoraes de couro se fórma, se póde dizer, a natural defeza de muitos animaes; muito antes de se applicar a blindagem aos navios, já se apresentavam com ella os crustaceos e os peixes, esses «navios animados, nos quaes a natureza pareceria ter esgotado os recursos da sua arte, se elles não fossem infinitos!»

Não foi tudo imitação, é claro; alguns exemplos, porém, se podem apontar, bem positivos, onde ella é incontestavel.

A cobertura rija e impenetravel com que foi dotada a tartaruga deu fórma e nome a uma antiga machina de guerra destinada a cobrir, ora um ariete, ora uma simples trave, ás vezes armada de croque



TARTARUGA (segundo Valturio)

n'uma das extremidades, com o fim de com elle se arrancar pedras das muralhas, e por isso chamado *corvo demolidor*. Valturio deixou-nos a figura curiosa de uma d'essas machinas ou instrumentos.

Por analogia, passou-se a chamar, no seu sentido mais geral, *testudo* ou tartaruga á formatura tactica, densa ou cerrada, em que os soldados da phalange ou da legião, e mais tarde das mesnadas feudaes,

[1] M. Paul Lecesne. *Les armoiries dans les troupes romaines*, pag. 5.

armavam sobre as suas cabeças, com os escudos unidos, uma especie de tecto ou cobertura de ferro, abrigadora e impenetravel como a rija concha d'esse chelónio.

Nos animaes d'esta especie, nos peixes, nos reptis, que variedade enorme, e mesmo que belleza de fórma e que poder de resistencia nas armaduras!

Com que arte, portanto, e com que prodigalidade, não armou a natureza os privilegiados da força, no combate indefesso da vida! O homem, porém, tendo de inventar as suas armas, com acquisições e creações proprias, ou adquiridas dos povos com quem se punha em contacto, as foi levando a um grau de aperfeiçoamento cada vez maior, e, ao par d'ellas, os seus processos de guerra.

Não ha elementos seguros para se saber se os grosseiros silex encontrados na camada terciaria seriam as armas do homem n'aquella epocha. Na epocha quaternaria, em que elle não conhece ainda os metaes, — alem das suas armas naturaes, se é que podem ter esse nome: as mãos, os dentes, as unhas, *manus, ungues, dentesque,* como qualquer quadrumano —, as suas armas propriamente ditas eram fabricadas de madeira endurecida ao fogo, de pontas e ossos de rennas, e sobretudo de silex, o qual começou por talhar e afeiçoar muito rudimentarmente, e acabou por polir com certo esmero.

Já da epocha paleolithica á neolithica, já do silex *acheuleano,* sem empunhadura, ou de estructura tosca, como os que serviram aos rudes guerreiros de Cro-Magnon, até aos *celts* ou machados de pedra, perfurados, e aos punhaes e pontas de lança cuidadosamente polidas e com fórmas já regula-

res e variadas; desde os broncos trogloditas, habitantes das cavernas, até ao homem que se póde já chamar culto, que serra e perfura a pedra, que trabalha em substancias tão resistentes como a agatha, a diorite, o jaspe[1], dando ás suas armas uma fórma evidentemente artistica e se póde dizer elegante, que enorme e espantoso progresso não vae!

Claream já o horisonte os primeiros raios, limpidos e vivos, da arte e da industria incipientes; e já se ouvem tilintar no espaço as rijas armas de bronze, como n'outras regiões se começam tambem de ouvir, e porventura ainda mais cedo, o das armas de cobre puro.

E inventou-se então a espada, a arma por excellencia, insignia da nobreza e da coragem, que ficou sendo, através dos tempos, o symbolo da força, da bravura e da firmeza[2]. Com a acquisição da espada uma nova era se iniciou na historia das humanas luctas e dos humanos progressos; como outr'ora com a invenção do machado de pedra!

Pelas suas condições especiaes, o ferro veiu banir dos campos de batalha o bronze, o qual, pelo seu turno, foi vindicado pela religião, que convertia o ferro n'um reprobo dos sagrados rituaes[3].

Ao passo que ía augmentando a penetração e a perfeição das armas de punho, de haste e de arremesso, ía-se tambem creando e aperfeiçoando, parallelamente, as armas defensivas, que tendo começado por ser de simples couro ou madeira, ao proprio metal com que se fabricavam as laminas ou as pontas que os haviam de ferir íam pedir os escudos, as cotas, os torques, os cascos, as couraças que os haviam de proteger.

[1] Damour. *Mémoire sur la composition des haches en pierre anciennes et modernes*. Comptes rendus. Acad. sc. 1865, LXI, e 1866, LXIII.
[2] G. R. Maindron. *Les armes*, cap. II.
[3] Alexandre Bertrand. *La Gaule avant les gaulois*, 1884.

E ahi temos o homem, desde as epochas mais remotas, aperfeiçoando gradualmente os seus instrumentos de lucta, aproveitando-se de todos os materiaes e de todas as forças naturaes de que póde dispor, estudando os elementos infinitamente varios da natureza para d'ella tirar tudo que servir-lhe possa para se armar e se tornar o ser mais forte ou o mais apto. E é assim que o vamos ver, através dos seculos, pondo ao seu serviço todas as forças dispersas: a força dos musculos, a dos animaes, a da gravidade, a das correntes das aguas e do ar, as forças expansivas da polvora e do calor, as correntes electricas; todas as forças emfim! convertendo a sciencia da mechanica no admiravel auxiliar que hoje é da complexa sciencia da guerra.

Passando do homem primitivo para os povos de que já a historia nos dá informações seguras, encontrâmos o povo romano como sendo aquelle que maior grau de adiantamento apresenta na sua arte de guerra, cuja perfeição só por si basta para mostrar o grau de civilisação d'aquelle paiz. Diz algures Duruy: «Durante muito tempo a gloria de Roma não tem nome; podia dizer: chamo-me Legião!»

E foi realmente a Legião, nos aureos tempos romanos, o symbolo, a formula concreta de toda a civilisação d'aquelle povo, que não teve rival na historia!

A sua superioridade, quer na tactica, quer na estrategica, quer nos recursos polyorceticos, era incontestavel sobre qualquer dos outros povos, sendo raro aquelle que não experimentou o vigor das suas armas; e a sua ininterrupta escola pratica de guerra, posta em acção em todo o mundo, creou generaes eminentes, de que Cesar foi a

culminação mais brilhante. E no emtanto, os seus utensilios de guerra, comparados, não já com os instrumentos de hoje, mas por exemplo, com os do seculo XVII, chegam a parecer inoffensivos. Uma simples companhia de guerra hoje era sufficiente para destruir uma legião inteira!

O projectil, ferindo e desconcertando o inimigo á distancia, é o instrumento por excellencia da guerra moderna, vindo de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento desde a Idade Media, nobre herdeira dos bysantinos e dos orientaes. O legionario romano tinha apenas como projectil o pilum, de bem pequeno alcance, e os dardos do arco e da bésta, de insignificante penetração.

Antes dos romanos, outros povos tinham contribuido para os progressos da arte da guerra; Sparta foi um permanente quartel militar; os gregos e os persas, nas suas tremendas luctas, fizeram avançar a arte militar por uma fórma notavel; as vantagens da cavallaria persa nas guerras medicas fizeram com que já na guerra de Peloponeso essa arma se apresentasse perfeitamente organisada, de ambas as partes; entre os athenienses, tacticos como Iphicrates, Conon e Timotheo, introduziram melhoramentos importantes, aligeirando as tropas, creando a infanteria mixta dos *peltastes* munidos de um escudo mais pequeno, estabelecendo um bom serviço de postos avançados[1], e inaugurando outros serviços que caracterisam um exercito, na verdadeira accepção da palavra.

Na lucta entre Thebas e Sparta, Epaminondas, o iniciador da ordem de batalha *obliqua,* encontrava na força armada um excellente instrumento de que sabia tirar partido, instrumento que ao chegar a Alexandre, passando por Parmenion o nota-

[1] F. Lecomte. *Études d'histoire militaire.*

vel tactico e organisador thebano, do tempo de Filippe, seu pae, havia de apresentar um alto grau de perfeição; e esse grande general e rei ainda o levantava mais alto, creando tropas permanentes, constituindo a phalange na base de fortes unidades, em que se subdividia, protegida por todos os lados com um systema racional de tropas ligeiras, de cavallaria e infanteria, as quaes eram as verdadeiras combatentes, emquanto que o corpo da phalange era o nucleo resistente. Por isso este exercito, assim constituido, foi nas mãos de Alexandre, que era um tactico e um estrategico eminente, um instrumento de extraordinario valor.

Na epocha da decadencia os gregos guardavam as fórmas quasi mortas da antiga milicia grega e romana, conservando a infanteria uma fraca ordem mixta, entre a phalange e a legião, sem nenhuma das qualidades essenciaes d'estas duas formaturas por excellencia, sem energia e disciplina nos soldados, sem armamento efficaz, sem cavallaria apta para luctar com os persas, com os barbaros, com os sarracenos, tendo apenas como poderoso elemento o fogo *grecisco,* só por si insufficiente.

Quanto a Roma, foi a guerra a sua arte por excellencia.

Entre os barbaros, eram os godos os mais adiantados na arte da guerra; muito mais que os hunos, apesar da sua notavel maneira de combater a cavallo; mais que os vandalos, burguinhões e lombardos, que estavam n'um termo medio de instrucção, entre os godos e os francos, sendo estes os mais atrazados de todos, sob esse ponto de vista. Mais ou menos adiantados, porém, a verdade é que os barbaros, mal armados com a sua clava, o seu pesado escudo e a sua longa espada; sem uma ordem definida nas batalhas, embora mais propensos para as formaturas em massa; sem fortes machinas

e apparelhos de impugnação e expugnação de fortalezas, apresentaram uma grande inferioridade, que deu em resultado serem facilmente batidos pelos orientaes, que tão rapida e tão vastamente estenderam o seu imperio. Eram os barbaros, portanto, no que respeita á arte da guerra, os mesmos representantes da decadencia que com elles se manifestou em todas as sciencias, artes e instituições do mundo antigo. Os primeiros seculos medievos, se não foram uma solução de continuidade e um transvio no caminho da civilisação, foram de certo, como observa Littré, um longo lapso de tempo perdido. E se as bellas artes estavam em decadencia, se as lettras desfalleciam, se a administração romana estava mutilada, e as leis romanas cediam o logar aos costumes barbaros [1], claro é que a arte da guerra havia de seguir o mesmo destino.

A intervenção dos preparados chimicos, primeiramente como substancias incendiarias, desde o seculo VII ao seculo XIII, e depois como materia explosiva, começou, porém, por aperfeiçoar a bésta, e a estabelecer já no seculo XIV a guerra de tiro, continuando desde então até hoje, — n'um progredir maravilhoso que nos deu a espingarda de tiro rapido e o canhão de carregar pela culatra —, a marcha triumphal em que vão successivamente tomar parte, trazendo a sua peculiar contribuição, todas as artes, sciencias e industrias, com as suas uteis acquisições de cada momento.

Os arabes traziam, como poderoso auxilio da sua arte militar, os conhecimentos da velha Grecia, dos quaes se haviam tornado, até certo ponto, herdeiros e depositarios. Incapazes de assimilar as bellas artes e a litteratura helenicas, os arabes ensinaram á Europa, quer directamente, no seu dominio na pe-

[1] Littré. *Étude sur les barbares et le Moyen Age.* Int.

ninsula iberica, quer por intermedio dos cruzados, as sciencias gregas: mas embora d'essas sciencias elles se servissem como auxiliares na arte da guerra, n'essa arte, como em todas as outras manifestações, guardaram o seu caracter e a sua individualidade inconfundiveis. Eram a antithese dos gregos, n'este particular; fugiam ás formaturas compactas; cheios de ardor e de coragem, preferindo a aventura individual á acção das massas, enfermavam da falta de um regimen disciplinar e dos recursos de uma faculdade progressiva e creadora.

De todos estes povos a que nos temos referido, nenhum, pelo estado respectivo da sua civilisação, poude ir alem de um determinado grau de progresso.

Mas o espirito europeu, renovado e fortalecido no pousio dos primeiros seculos medievos, apropriou-se facilmente dos elementos de sabedoria trazidos pelo conducto arabe, e, em menos de um seculo, realisou com elles uma transformação completa. É que esses elementos estranhos e novos encontravam aqui uma tendencia renovadora e fortes elementos progressivos em ebolição. Para que uma semente germine é necessario que a favoreçam as condições do terreno em que é lançada.

De que valeria, por exemplo, unicamente o conhecimento da polvora explosiva, se não fossem os progressos das sciencias exactas e das sciencias naturaes, que levaram essa descoberta a produzir os resultados com que successivamente foi dotando a guerra? Os chinezes conheciam a polvora desde muito, e comtudo não chegaram com ella aos resultados, embora restrictos, a que os arabes a conduziram; e, entre as acquisições d'estes e os progressos realisados em seguida pelos europeus, que enorme differença!

Por outro lado, tambem os negros de Africa co-

nhecem hoje não só a polvora, mas os seus melhores effeitos nas armas de precisão, e, no emtanto, não é de certo no estado de civilisação em que se acham, que elles podem passar de uma noção geral ácerca d'esse agente de guerra, e de uma applicação puramente material e empirica, sem nenhuma outra consequencia progressiva.

Por isso a guerra, no seu conjuncto, como arte que foi outr'ora, ou sciencia que hoje é, e nos seus variados pormenores, tem sido sempre a representante legitima do grau e caracter de progresso de cada povo.

Do estado social nos tempos do feudalismo, do estado de relações entre as diversas classes n'essa epocha, provinha, por exemplo, o papel infimo e baixo conferido ao peão, serventuario e apoio quasi material do cavalleiro, seu senhor. Com a aurora dos direitos e regalias municipaes, surgem as mesnadas, e depois as ordenanças de gente dos municipios, a gente das communas em França, os *condottieri* em Italia; e são a cellula mãe dos exercitos permanentes. As vantagens d'este novo regimen social põe-se desde logo em evidencia, por exemplo, nos archeiros inglezes tão notaveis em Crecy e Poitiers, e que, na superioridade que mostraram com relação ás outras tropas dos diversos paizes onde pelejaram, não eram mais do que o espelho vivo da já então adiantada organisação das communidades de onde emanavam.

Houve um tempo, sobretudo o seculo XVIII, em que a Idade Media foi soberanamente calumniada como um longo periodo de absolutas trevas e de retrocesso; a sua rehabilitação, porém, está feita, entrando essa noção no dominio dos conhecimentos

geraes; e já não é licito hoje a ninguem ignorar que a Idade Media, do seculo XII em diante, não só não foi um periodo comatoso e de paralysia na evolução do mundo, mas foi, pelo contrario, para as instituições sociaes, um periodo fecundo de elaboração, no qual não só existiam virtualmente, mas se íam fecundando com vigor, todos os germens que, n'um dado momento, brotaram esplendidos, á luz do que veiu a chamar-se o Renascimento.

Houve, apesar d'isso, quem pensasse que uma excepção se dera com a arte da guerra, reputando-a paralysada durante esse longo periodo de estagnação, sendo na opinião d'elles a arte militar «a primeira a responder ao impulso da renascença no seculo XVI, em que deixou de ser um simples emprego da força, para ser uma sciencia[1]».

Grandissimo erro! Tres seculos, pelo menos, de elaboração, onde a arte incipiente se fortalecêra com a diuturna experiencia, tinham já dado á guerra, no seculo XVI, os fóros legitimos de sciencia. A rehabilitação da Idade Media, sob o ponto de vista militar, foi definitivamente feita por Henri Delpech, na sua importante obra sobre a tactica do seculo XIII.

O primeiro passo na arte da guerra moderna, — demonstrou-o esse escriptor —, partiu do seculo XIII, dando então a arte militar directamente a mão á nossa tactica actual. Inspirando-se na observação pessoal da arte mourisca, e nos principios classicos da arte romana; estudando, os mais cultos, Vegecio, inspirador das *Sete Partidas,* e portanto das nossas Ordenações Affonsinas, e conhecido na Europa desde o seculo XI, foram os guerreiros do seculo XIII, com os elementos adquiridos

[1] General Suzane. *Histoire de l'infanterie.* Tom. I.

nos dois seculos anteriores, e não os da renascença, os que verdadeiramente crearam a arte militar moderna, constituindo uma escola de guerra, rudimentar embora, mas estabelecida em principios fixos e racionaes, productos de uma inspiração fecunda, que mais tarde, com a multiplicidade de engenhos e utensilios de guerra, a começar sobretudo do seculo XVIII, haviam de produzir o organismo complexo e superiormente apto que é o exercito moderno. O emprego da polvora não fez mais do que multiplicar as condições tacticas e estrategicas, multiplicando os instrumentos de guerra, e aperfeiçoar por conseguinte os processos, pelo aperfeiçoamento d'esses instrumentos. O principio da solidariedade entre as diversas armas, base da tactica moderna, veiu da Idade Media; existe então, nas condições em que podia existir, entre as duas armas unicas, a cavallaria e a infanteria, servindo esta áquella de indispensavel apoio[1]. Tudo que hoje se encontra, desenvolvido e feito, nos modernos exercitos, lá estava em embrião!

Ao contacto da civilisação arabe e bysantina, na Idade Media se deu o que se póde chamar a *primeira renascença*[2]; deveu-se este facto ao dominio dos arabes na Europa, e ao movimento activo das cruzadas, que se estendeu do Adriatico ao Euphrates, e do Isthmo de Suez ao golpho de Tunis; que creou na Palestina o reino de Jerusalem, o principado de Antiochia e os condados de Edessa e Tripoli; na ilha de Chipre um reino sob a dymnastia dos Lusignan; e sobre as ruinas do imperio grego, um imperio em Constantinopla, um reino na Macedonia, um principado na Moreia, e um ducado

[1] Henri Delpech. *La tactique au 13e siècle.* Tom. II. (Conclusions generales.)

[2] Alfred Rambeaud. *Histoire de la civilisation française.* Tom. I.

em Athenas. Sob a bandeira da fé christã, e com o pretexto de reivindicações religiosas, os paizes da Europa que não tinham, como por exemplo a Hespanha e Portugal, de pensar nas suas luctas internas, contra o inimigo que lhe estava dentro de casa, não necessitando por isso de o ir buscar ao Oriente, quando se poz cobro nas luctas intestinas do feudalismo, fizeram derivar a expansão guerreira e as sobras da população para novos campos de actividade; — foram por essas longinquas terras onde a heresia dominava, dar applicação ao seu espirito de aventura, concorrendo para isso, ao mesmo tempo, rasões de ordem economica, de ordem politica e de ordem social, alem do forte incentivo religioso. Punham-se á testa d'este movimento o padre e o guerreiro medievos. Á idéa da reconquista do tumulo do Salvador, caído em mãos de infieis, juntava-se a necessidade politica de pôr dique á expansão do islamismo que ameaçava a Europa inteira; foram por isso atacal-o á sua propria séde. Essa era a rasão d'estado; alem d'isso, porém, convinha restabelecer o trafico do Oriente, suspenso pelas extorsões e brutezas dos turcos na Asia, e ao mesmo tempo dar vasão ao excesso das populações européas, que no seculo XI sentiam a mesma necessidade de novos centros de actividade guerreira, de novos espaços, de novos scenarios que mais tarde as haviam de levar, no seculo XV e XVI, a buscar na Africa, na Asia, na America amplas espheras de acção. Foi relativamente ephemero este periodo de heroica aventura, que juncou de cadaveres christãos o solo do Oriente, e trouxe até á Europa, no encalço dos cruzados em retirada, o crescente victorioso.

N'este conhecimento directo dos orientaes, n'este contacto sobretudo com os arabes, fecundos foram para a Europa os resultados obtidos; foi como se no campo cerrado onde o desconhecimento da anti-

guidade classica a havia fechado, se abrisse uma larga porta para as civilisações antigas do Oriente e do Occidente. E os resultados foram importantes.

A alienação pelos senhores feudaes das terras que possuiam, quando se aventuraram nas cruzadas, enfraqueceu-lhe o poder, que se concentrou na realeza, e cerceou-lhes a riqueza que, passando para as classes ruraes, facilitou a emancipação d'estas e a libertação das communas. No Oriente, embora cessasse o dominio militar christão, ficou estabelecido o prestigio e a influencia europêa, por meio de mercadores e commerciantes que professavam a religião de Roma.

Alargava-se o horisonte intellectual; e o espirito de aventura creava na litteratura as fórmas epicas, iniciava a historia, fazia reanimar o sentimento da patria, ao mesmo tempo que fecundava a poesia com as tradições orientaes; e, como conductos da civilisação nascente, a linguagem e a litteratura do norte da França tornavam-se universalmente cultivadas nas côrtes da Europa, do mesmo modo que em Athenas, em Constantinopla, em Chipre, na Antiochia, em Jerusalem; entre nós foi grande a sua influencia por meio dos trovadores.

Á imitação dos arabes, fazem-se então traducções dos livros classicos da Grecia; renasce a philosophia. As linguas arabe, armenia e tartara passam a ser ensinadas na Europa. Criam-se bibliothecas; renascem as sciencias e as artes, sobretudo as decorativas, como o mosaico e as pinturas muraes; a musica e a architectura têem largas inspirações gregas e arabes. O commercio obtem novos mercados, de onde vem os vinhos, o algodão, as sedas, os tapetes, as especiarias, as drogas, os perfumes, o incenso para as igrejas, os vasos sagrados! Na industria europêa entram processos de fabrico do assucar como os de S. João de Acre ou de Jaffa;

de tecidos de algodão como os de Beyruth ou Alep; de tecidos de seda, como os da Antiochia, de Tyro, da Tiberiade, e tantos outros. Estimulam-se as sciencias geographicas; tomam forte incremento as sciencias mathematicas; são os arabes os nossos mestres na algebra, na astronomia e na medicina. A agricultura enriquece com a introducção de novas especies de animaes domesticos, de sementes e culturas novas! Que mais é necessario para determinar um verdadeiro *renascimento?* E tudo isto, que era resultado de emprehendimentos guerreiros, podia deixar de ter influencia directa sobre a arte militar? Não de certo.

Na arte da guerra, como na arte da navegação, sensiveis foram os progressos introduzidos pela influencia oriental; não determinou uma revolução immediata, mas lançou as bases de uma renovação fecunda. Nas cruzadas aprendeu a Europa novos processos de guerra; conheceu novos engenhos de expugnação de fortalezas; as formaturas de *caracol* e *corral* introduzidas na peninsula, e pela primeira vez empregadas nas batalhas das Navas e do Salado, haviam sido aprendidas dos cruzados[1]. Nos preparativos para a defeza de Lisboa, em 1383, contra Castella, fr. João, o emparedado da Barroca[2] que viera de Jerusalem no tempo de el-rei D. Fernando, deu ao mestre de Aviz o plano de uma *gata,* engenho polyorcetico para espugnação de fortalezas[3]; os nomes de «engenhos turcos», «pedreiros turcos» então usados denunciam a sua origem. Do Oriente, e da mesma origem nas fabricas da peninsula, nos vieram as bellas

[1] Delphim de Almeida. *Glossario* voc. *Az.*

[2] Em frente das portas de Santa Catharina, a pequena distancia do antigo convento de S. Francisco em Lisboa (hoje bibliotheca publica), barroca que deu a denominação á rua da Barroca.

[3] Fernão Lopes. *Chron. de D. João I.* P. I.

laminas de aço, *damasquinas*, como se lhes chama ainda, da sua primitiva origem de Damasco, na Syria, cidade celebre pelo seu fabrico de armas. Na maneira de combater, sobretudo na cavallaria; no emprego de substancias incendiarias, como a naphta, o petroleo, o betume; na acquisição do fogo *grecisco;* arte das minas de guerra, que importantes ensinamentos provindos do contacto com o Oriente!

Convem, portanto, ceder á Idade Media, como tendo-se dado dentro d'ella o primeiro renascimento da Europa, e como creadora inicial que foi da moderna arte de guerra, o logar que lhe compete, — a essa mesma Idade Media que, na ordem scientifica, apresenta a grande creação da alchimia e, por conseguinte, de todas as consequencias d'ella; na ordem escholastica, a longa controversia entre o realismo e o nominalismo; na ordem das letras e das artes, uma nova poesia, uma nova architectura, uma nova musica; na ordem das invenções, a applicação ou descoberta de cousas importantes, como a bussola, o papel de trapo, a numeração decimal, a aguardente, acidos poderosos, a polvora de canhão, a imprensa; na ordem politica a emancipação dos servos, os rudimentos do governo representativo, os estados geraes e a separação crescente do elemento secular do elemento ecclesiastico; na ordem revolucionaria, os scismas, as heresias, a reforma[1]. É a esse periodo fecundo que a humanidade deve a formação inicial dos exercitos, a expulsão dos mouros da peninsula, o predominio da escola sobre o convento, a emancipação moral da mulher, a formação das nacionalidades, a conciliação da liberdade individual com o principio da auctoridade, os primordios do systema representativo e da instituição dos jurados, no julgamento pelos

[1] E. Littré. *Études sur les barbares et le moyen âge.* Int.

pares; os progressos das artes, das sciencias, da industria, do commercio, da navegação. E militarmente, nada mais interessante para a historia, não só do nosso paiz, mas de toda a peninsula, do que o estudo d'essa «guerra de oito seculos, que agitou a peninsula n'uma perpetua fronteria, n'um contínuo hostilisar em algára, rebate ou cavalgada[1]», periodo essencialmente militar, emprehendedor e varonil.

O guerreiro da Idade Media, quer como aristocracia militar, quer como seu auxiliar indispensavel, é o natural defensor do povo, representa parcialmente o que a realeza viria a representar depois da concentração dos poderes, em nome da unidade nacional; basta ler o codigo da Cavallaria medieva para se ver quão alto subiu o seu ideal de generosidade, baseada na força.

O que eram os guerreiros n'esse tempo antigo, dil-o Taine:

«Graças a esses bravos, o camponez acha-se em abrigo, atreve-se a lavrar, a semear, a ter esperança na sua colheita. A pouco e pouco, entre o chefe militar da torre feudal e os antigos colonos do campo aberto, a necessidade estabelece um contrato tacito, que se converte n'um habito respeitado. Trabalham para elle, cultivam as suas terras, pagam-lhe rendas, visto ser necessario que elle sustente as suas tropas; mas, satisfeitos esses direitos, mal lhe iria se, por orgulho ou avidez, se apoderasse de alguma cousa a mais. Por fim, senhores, servos, villões, burguezes, ligados por um interesse commum, formam juntos uma sociedade, um verdadeiro corpo. Têem orgulho do seu senhor, relatam as suas grandes cutiladas, acclamam-n'o quando passa na rua, gosam, por sympathia, da sua magnificencia[2].»

[1] D. José Almirante. *Bibliografia Militar de España*. Prologo.
[2] H. Taine. *Origines de la France contemporaine*. Tom. I.

N'esta organisação caracteristica era pois o guerreiro medievo o alicerce de ferro, d'esse ferreo periodo da humana historia.

Para a historia militar da peninsula iberica nada mais bello do que o quadro grandioso que occupa o espaço que vae de 711 a 1492, isto é, desde os primeiros inuteis esforços contra a invasão mourisca, até á conquista de Granada, o que representa o soberbo poema da reconquista, cinzelado a ferro e fogo em as mais brilhantes estrophes! Como reino independente na peninsula, Portugal, a antiga *terra portucalensis,* passa a figurar como individualidade distincta, a partir do seculo XII, e a emprehender, ou antes, continuar por sua conta a grande obra da civilisação christã, em que ora figura sósinho na lucta, ora ao lado dos que na peninsula representavam a mesma crença, os mesmos altos interesses, os mesmos intuitos civilisadores, como na batalha do Salado, onde estavam:

> Rricos omnes de grand guisa,
> de Castiella la rreal,
> infançones de Gallisia
> e cavalleros de Portugal.
>
> ....
> Lioneses, asturianos
> gallegos, portugaleses,
> biscaynos, guipuscoanos,
> e de la montanna e alaveses[1].

Para a nossa aguerrida raça peninsular, de fervente e indomito sangue godo, representam titulos de gloria immorredora algumas datas historicas, que são verdadeiros marcos de luz nos fastos das liberdades e progressos humanos n'essa obra com-

[1] Do poema de Rodrigo Yañez, que batalhou no Salado. Apud. D. José Gomez de Arteche. *Un soldado español de veinte siglos*,

mum; — taes são a conquista de Toledo (1085), a tomada de Lisboa (1147), a victoria das Navas de Tolosa (1212), a conquista de Sevilha (1248), a dos Algarves (1250), a victoria do Salado (1340) e a conquista de Granada (1492).

«Principalmente na Hespanha, diz o erudito escriptor militar hespanhol D. José de Almirante, a tenebrosa Idade Media (para nós tão clara e amena como o seculo XVIII) imprimiu este caracter peculiar, que mesmo hoje a distingue, como nação, das outras nações da Europa, embora derivadas do mesmo tronco [1].»

Realmente a peninsula iberica, sobretudo n'aquelles dos seus reinos independentes onde a elaboração social era mais intensa, apresentava um aspecto vivo, original, inconfundivel, principalmente nos ultimos seculos da Idade Media. Militarmente é uma permanente escola de guerra, na qual, se são insignificantes os progressos alcançados pela arte de fortificar, cuja transformação só se deu com a adopção das armas de fogo, grandes progressos vão realisando a tactica e a estrategica, no conflicto das duas raças em lucta, cada uma das quaes procurava encontrar os melhores meios de vencer. Foi d'essa escola que saíu a infanteria peninsular, passando a ser a primeira do mundo; foi assim que se crearam caudilhos de guerra da estatura de Nuno Alvares Pereira, acabando por apresentar uma culminação admiravel na arte militar, como foi Gonçalo de Cordova, o grande restaurador da moderna arte da guerra, na aurora do renascimento! Um livro, entre outros, representa a tendencia da arte da guerra na Idade Media para se converter n'um systema de doutrinas, de leis, de principios, conglobando tudo que a tradição legára e a experiencia fôra ensi-

[1] D. José Almirante. *Loc. cit.*

nando: são as *Sete partidas* de Affonso o sabio (1256-1263), precursor dos progressos militares que só no seculo seguinte se haviam de realisar, mas interprete das aspirações legitimas da epocha. É um marco miliario esse livro, que teve uma grande influencia em Portugal no seculo XIV [1]; alem de um compendio, de um codigo, de uma ordenança militares, tambem é a manifestação completa de uma lingua que apparece já formada, com toda a sua forte envergadura; precioso documento, portanto, a um tempo marcial, juridico e litterario!

Para modelos do que era já a arte da guerra, com os seus recursos tacticos e estrategicos, temos batalhas como as de Bouvines e de Aljubarrota, preparando e reunindo os recursos da experiencia que mais tarde havia de dar as batalhas estrategicas do seculo XV.

Como typo caracteristico d'essa epocha de progresso na Idade Media, temos nós na nossa historia o grande Nuno Alvares Pereira:

> Que fue Portugués prodigio
> De vitorias y proezas,
> En Portugal y en Castilla
> Y en las Alarbes fronteras[2],

como reconheceram os proprios castelhanos.

Verdadeiro exemplar, brilhante e completo, do cavalleiro medieval, é ao mesmo tempo o capitão illustre que em Atoleiros e em Aljubarrota combate segundo as regras mais modernas que íam dando á infanteria o papel que ella havia de vir a ter nas batalhas. Digno emulo de Carlos Magno, de Filippe Augusto, de S. Luiz, no culto fervoroso pela

[1] Henrique de Gama Barros. *Historia da administração publica.* Tom. I.
[2] *Romance* de Luis Vélez de Guevara.

honra, pela gloria, pela religião, pelos exercicios corporaes que geram a força e inspiram a confiança individual, qualidades estas essencialmente cavalheirescas da Idade Media, segundo os preceitos da Cavallaria, é ao mesmo tempo o cabo de guerra que procura nos preceitos da arte a maneira melhor de vencer. Em Atoleiros, ao esperar o choque do inimigo, ao mesmo tempo que se põe de joelhos a orar diante da bandeira onde traz bordada a imagem da Virgem, não se esquece de dar aos seus soldados a formatura que a arte da guerra, nas suas recentes innovações, havia ensinado como sendo a mais adequada n'aquella conjunctura. Em Aljubarrota todo o seu provado animo cavalheiresco e arrojado não o fez esquecer de que a principal condição para se collocar em circumstancia de resistir ao poder imponente de Castella era escolher uma posição estrategica, e dispor as suas reservas por fórma a poder supprir a sua fraqueza numerica; porquanto, como prescreve Diogo de Salazar, que repete Vegecio ou Machiavallo, «la disciplina en la guerra puede mas que el furor; y mas aprovecha algunas veces el sitio que la virtud del esfuerzo [1]». Vegecio accentuou que «da arte e da experiencia, mais que do numero ou valor pessoal, dependia a arte da guerra [2]».

O spartano Leonidas na sua famosa posição das Thermipolas immortalisou-se pelo seu valor; mas a arte esteve ao lado dos persas, que lhe tornearam a posição: — o Leonidas portuguez soube juntar á intrepidez os recursos de uma arte em manifesto adiantamento; com elle se accentua o renascimento da arte militar.

[1] Diogo Salazar. *De Ré Militari.*

[2] «In omni autem proelio, non tam multitudo et virtus indocta, quàm ars et exercitium, solent prestare victoriam.»

Essa arte ía-se tornando solidaria nos seus progressos, n'uma harmonica união do passado com o presente, aperfeiçoando e consolidando as vantagens successivamente adquiridas. De modo que em todas as manifestações humanas se reconhece a verdade do preceito de Pascal, que já o tomára de santo Agostinho:

— « Toute la suite des hommes doit être considerée comme un même homme qui subsiste toujours et qui apprend continuellement. » —

Transitorio, ephemero, infeliz, miseravel mesmo, ás vezes, como individuo, o homem torna-se eterno, poderoso, admiravel como membro da activa e progressiva humanidade!

No seculo XV e principio do seculo XVI dá-se a transição do antigo mundo feudal ou medievo para o mundo moderno. Tudo se apresenta então n'um estado de incerteza e hesitação, coexistindo mesclados os velhos elementos com os elementos novos, todos instaveis e em transição.

Nada estava definido e assente, nem no mundo das idéas, nem no mundo dos sentimentos; e portanto a arte da guerra apresentava o mesmo caracter geral de indecisão, na fórma mixta, a um tempo angular e redonda, das fortalezas; no cumulativo emprego das armas de fogo e das armas antigas, e, consequentemente nos processos tacticos e estrategicos, em via de transformação. E, no meio d'isso, que epocha brilhante aquella, sobretudo para a peninsula iberica!

Vae-se tornando permanente a força armada; inicia-se o cosmopolitismo da arte e da sciencia, indo-se buscar a cada paiz, em proveito da guerra, como de outras necessidades, o que elle apresenta de mais progressivo; mas apesar dos mercenarios figurarem em grande numero nos exercitos, a força armada tem um caracter nacional; é já o povo a combater por uma comprehensão mais ou menos clara dos seus direitos.

O centro da elaboração militar é a Hespanha!

A Italia, que no estudo das sciencias exactas, base da architectura civil e da hydrographia, ía na vanguarda dos povos, applicava, primeiro que nenhum outro paiz, esses conhecimentos á arte de fortificar, e punha os seus engenheiros militares, que o eram tambem civis n'essa epocha, ao serviço das outras nações, quer elles fossem solicitados pelo turco Solimão, quer pelo catholico Carlos V. Foi assim que vimos figurar constructores e architectos italianos nos cercos de Rhodes, de Malta, de Alger, de Granada [1].

Foi no mesmo paiz que, mais tarde, com a applicação da polvora, feita pela primeira vez por Pedro Navarro, ou de Navarra, no cerco do castello do Ovo, em 1503 [2], começou a florescer a sciencia das minas explosivas, destinada a resultados maravilhosos, com os crescentes progressos da mechanica e da chimica. Principiava-se a tirar as verdadeiras vantagens da polvora, cujo triumpho, porém, só vinha a ser definitivo mais de um seculo, para não dizermos dois seculos, depois.

A descoberta do fogo, proveniente do acaso da fricção do ferro contra a pedra, ou entre duas pe-

[1] Luigi Blanch. *De la science militaire considerée dans ses rapports avec les autres sciences et avec le système social.* Trad. do capitão Haca. Disc. II.

[2] 11 de junho de 1503.

derneiras, abriu á humanidade uma era nova. Bem longe de se comparar áquella, mas tambem transformadora dos destinos humanos e dos processos e armas de guerra, foi a descoberta ou a applicação da polvora explosiva, resultado de uma serie de acquisições da experiencia, e em menos de um seculo transformada pelos europeus n'um agente terrivel da guerra. É um marco miliario na historia da lucta progressiva da humanidade, como o fôra a descoberta da espada, na idade dos metaes, e no periodo neolithico a descoberta do machado de silex, «pelo qual o homem alcançou a maior victoria sobre a natureza[1]».

Buckle, o grande historiador inglez, apresenta a descoberta da polvora como uma das causas do enfraquecimento do espirito guerreiro da antiguidade.

Assim é de certo, se considerarmos, por exemplo, a restricção no imposto de sangue que era outr'ora exigido a todos os homens validos do paiz, obrigando-os, sobretudo em certos paizes, como na França dos seculos X e XI, pelas contínuas turbulencias da epocha entre senhores feudaes, a abandonar as outras profissões pacificas e não lhes poder consagrar todo o tempo necessario para o seu desenvolvimento, generalisando assim o prurido e encarniçamento da lucta; no direito da guerra privada, as mais importantes obrigações feudaes resumiam-se n'uma só: — o serviço militar[2]. Mas esse phenomeno deu-se muito tarde, passando a guerra a estar cada vez mais circumscripta a uma determinada classe, na qual, aliás, os diversos processos de recrutamento, desde os fins do seculo XV, e durante

[1] Alfred Fouillée. *Le caractère des races humaines et l'avenir de la race blanche. Revue de Deux Mondes*, de 1 de julho de 1894.
[2] Alfred Rambaud. *Histoire de la civilisation française.*

o seculo XVI, trataram de encorporar, quanto possivel, o pessoal valido das nações.

A invenção da polvora, nos seus resultados mais tardios, foi realmente um elemento atenuador das guerras, e portanto influidor dos progressos de outras profissões, tirando a primasia á profissão militar, a qual, como a profissão religiosa, tinha absorvido até então as attenções e as faculdades do homem. Mas a verdade é que a guerra, embora mudasse de processos, embora se generalisasse menos, não se tornou desde logo nem menos cruel, nem menos frequente, nem menos mortifera.

Dependia do estado organico da sociedade na Idade Media o não se poderem constituir e fortalecer essas outras profissões, essencialmente conservadoras e interessadas na paz, e que só mais tarde passaram a preponderar, fomentando pacificamente o progresso. Muito anteriormente á descoberta da polvora, altas civilisações, como as de Grecia e Roma, — tão requintadas e tão distinctas na sua essencia e na sua fórma —, encontram, de sobejo, lazer para edificar o seu progresso. Em complexos factores de cultura temos portanto de ir buscar as rasões da pacificação do bellico espirito de outros tempos. A elles se deveu o ter-se saído d'esse mal estar contínuo em que, ainda muito depois da descoberta da polvora, se agitou o mundo, em aventuras e guerras de toda a casta. Só por si, a applicação da polvora á guerra foi mais um elemento perturbador das sociedades do que factor da paz.

A acção da disciplina que, com a creação dos exercitos permanentes deu, incomparavelmente, maior cohesão e força aos instrumentos da guerra, passando estes a ser mais temiveis, inspirou maior ousadia aos que d'elles dispunham, sob o seu prompto e immediato mando; e assim cresceu

desde logo o amor da guerra e a paixão da conquista.

O que a polvora fez, porém, foi modificar a funcção dos exercitos.

Começou por tirar á cavallaria feudal, nervo da guerra e sua altiva prosapia, o predominio que exercia; fez nascer a artilheria, e, mesmo antes d'isso, consolidou os creditos da infanteria, que tão importante papel tivera entre gregos e romanos, e que, desde uns seculos antes, devêra á inspiração dos velhos preceitos de Vegecio os primeiros albores do seu renascimento. A tactica, a estrategia, a fortificação, soffrem uma transformação completa na evolução que de ha muito se iniciára. Os peões de Crecy, de Poitiers, dos Atoleiros, de Aljubarrota, são os antecessores brilhantes da infanteria suissa em Granson e Morat, da de Carlos VIII na conquista de Napoles, e dos terços hespanhoes e portuguezes em Flandres e Italia. Quer seja portuguez, ou suisso, ou hespanhol, ou inglez o peão medievo, o arcabuz e o mosquete nas suas mãos, — que já com o pique, considerado a arma por excellencia[1], tanto haviam dado que fazer —, foram determinando, a pouco e pouco, a supremacia tactica da infanteria, a despeito da aversão e do desprezo com que esta fôra por muito tempo recebida. Bayard reputava uma vergonha que um homem de coragem *(un homme de cœur)* estivesse exposto a ser morto por uma miseravel engenhoca de caçar pardaes *(friquenette)*; havia quem proscrevesse já no seculo XVI as armas de fogo; Montaigne não reconhecia no arcabuz outro effeito senão atordoar os ouvidos, e esperava que *em breve fosse abandonado*[2], o que não

[1] Bartolomé Scarion de Pavia. *Doctrina militar*, 1598.

[2] «Sauf l'étonnement des aureilles, à quoy desormais chascun est apprivoisé, je crois que c'est une arme de fort peu d'effet, et espère que nous en quitterons un jour l'usage.»

admira, porque ainda em pleno seculo XVIII Folard achava que eram «infinitamente mais certeiras, mais seguras e mais continuas» que as armas de fogo, as flechas, as balistas e as catapultas!...

E, todavia, a polvora, pelas consequencias que ía trazendo, ía determinando uma verdadeira revolução nos dominios da guerra, e era ao mesmo tempo um factor da democracia. Tornando a intelligencia, em vez da força bruta, o principal agente da guerra, e substituindo pelo emprego das massas a acção individual, abria caminho á faculdade da creação, da direcção, da organisação, e fazia com que de todas as classes podessem levantar-se no conceito publico, pela sua acção superior, aquelles a quem até então era incumbido um papel secundario. Entrava em funcção a intelligencia, creando a balistica e aperfeiçoando, no sentido da guerra, as sciencias mathematicas e as sciencias naturaes, sobretudo a chimica e a mechanica.

Couvier resume assim as vantagens civilisadoras d'essa composição, das mais simples, da chimica: transforma a arte da guerra; subtrahe a coragem á superioridade da força physica; restabelece no occidente a auctoridade dos reis; impede que jamais os paizes civilisados possam de novo ser presa das nações barbaras; torna-se, finalmente, uma das grandes causas da propagação das luzes, forçando a se instruirem os povos conquistadores que, até então, tinham sido, quasi sempre, os flagellos da instrucção [1].

No seculo XV, ainda a applicação da polvora, ou o uso das armas de fogo não é effectivo e preponderante. O mosquete, tornando-se cada vez mais

[1] Couvier. *Reflexions sur la marche actuelle des sciences et sur leurs rapports avec la societé,* lidas na sessão annual das quatro academias, no dia 24 de abril de 1816.

portatil e manejavel, vae substituindo vantajosamente o pique; esta arma, porém, continúa sendo terrivel nas mãos dos suissos e dos hespanhoes.

Entre nós o cargo de Anadel Mór de espingardeiros apparece no tempo de D. João II, sendo-lhes dado *regimento* só depois no tempo de D. Manuel[1].

Começava a franca transição para o moderno estado social; o velho mundo feudal começava a desmoronar-se nos paizes onde campeára altivo; em Portugal D. João II abria violentamente as portas ás modernas regalias populares contra os privilegios dos senhores.

Uma das tres fortes bases, no dizer de Taine, em que assentava o regimen antigo, a realeza, tomava resolutamente aos hombros a sua missão revolucionaria, e o rei, como representante dos poderes da nação, começava a ser de facto «o defensor dos opprimidos, o guarda do direito, o grande esmoler, o universal refugio»[2]; e n'esta base todo o estado social se transformava.

Não era ainda o mundo novo, mas já era o seu alvorecer. Valorisavam-se e generalisavam-se as grandes acquisições anteriores, como a bussola, o papel, a pintura a oleo, a polvora.

A infanteria ía accentuando a sua preponderancia: Azencourt (1415) com os inglezes, Saint Jacques (1444) e Granson e Morat (1476), com os suissos, são as suas glorias.

Começára no seculo XIV com a guerra dos cem annos a manifestar-se as vantagens de uma boa infanteria, e os archeiros inglezes e os piqueiros suissos, davam, uns os grandes triumphos da Inglaterra sobre a França, e outros a liberdade helvetica pelos triumphos do elemento popular sobre o

[1] Regimento de 28 de junho de 1518.
[2] H. Taine. *Origines de la France Contemporaine*. Tomo I.

senhoril ou cavalleiro. A arte, alliada ao valor, realisava prodigios. Essa arte consistia na escolha de posições defensivas, dominando os caminhos e os desfiladeiros, servindo-se contra o inimigo dos rochedos, troncos de arvores, e toda a casta de projecteis naturaes para o repellir, e, apenas elle recuasse, caír-lhe em cima das pesadas formações, n'uma offensiva habil e energica, com unidades de força pequenas, flexiveis, accommodaveis ao terreno, atacando pelos flancos e pela retaguarda, e tendo o cuidado de manter entre si a cohesão e a unidade de acção.

N'estas condições todo o massiço poder da cavallaria e das grossas formações da Idade Media era quasi inutil.

Ao mesmo tempo, comtudo, a cavallaria, com os seus progressivos reforçamentos de armaduras, chegava ao apogeu da sua força; continuava luctando por não perder o seu predominio. O canhão, a espingarda, o mosquete, o arcabuz íam determinando a evolução da tactica e da fortificação. Em Portugal, onde a artilheria apparece no tempo de D. João I, o cargo de *Vedor mór de artilheria* tem regimento no tempo de D. Affonso V, em 1449 [1]. Em França Carlos VII e Luiz XI têem a artilheria organisada como em nenhum outro paiz; no reinado de Luiz XII ha já até um «maitre général de artillerie». A artilheria do exercito com que Carlos VIII entra triumphante em Roma (1494), em caminho de Napoles, é um assombro para a epocha; tem 140 peças de grosso calibre, segundo Mézerai, e uma infinidade de outras mais pequenas, como colebrinas, falconetes, etc., tudo tirado a cavallos, sobre excellentes reparos; as mais grossas das peças, diz Paulo Jove, tem 8 pés de longo e lançam

[1] Regimento de 13 de abril de 1449.

balas do tamanho de cabeças de homem[1]! Vão-se aperfeiçoando e multiplicando as machinas e instrumentos de ataque e defeza das praças; e a Italia tem n'estes progressos a primazia, como resultado do seu adiantamento nas sciencias exactas, embora nos progressos geraes do exercito, sobretudo da artilheria, esteja mais atrazada que a França e que a Hespanha.

Começa a tornar-se de facto permanente a força armada, á mercê dos soberanos, que têem de manter contra as represalias do mundo antigo os seus novos direitos; d'ahi a necessidade de substituir, em parte, por mercenarios as antigas tropas feudaes, coexistindo, comtudo, durante muito tempo ainda, esses elementos mercenarios com os feudaes e os communaes ou do municipio.

Em tudo se denota esse caracter mixto, a que acima nos referimos, contradictorio na apparencia, mas determinando, na conjuncção das suas forças, a resultante da arte, da sciencia, da politica, de toda a humana sabedoria, emfim, nas suas diversas manifestações. Affirma-se o poder real e com elle o sentimento patriotico; o terceiro estado surge como um symptoma, não local, mas nacional; começam a emancipar-se as classes baixas, e a enriquecer as classes burguezas; a *heresia* nascente é o primeiro albor da alforria da consciencia; as letras, as artes, as sciencias começam a sacudir o jugo estreito do dogmatismo religioso; as navegações buscam os vastos oceanos e os continentes longiquos! Moral, intellectual e physicamente é o espaço, o amplo espaço infinito, a aspiração da humanidade!

Está-se na ante-scena da sociedade moderna, na

[1] Guizot. *Histoire général de la civilisation en Europe*. Onzième leçon.

expressão de Guizot[1]. E as nacionalidades vão firmando as suas bases nas mãos de principes afortunados, a quem o talento ou a sorte davam os meios de dispor a seu talante do destino dos povos: — D. João II consolidava em Portugal a auctoridade real e preparava o imperio ultramarino; — os reis catholicos em Hespanha expulsavam os arabes da peninsula e unificavam, sob o dominio do seu sceptro, os reinos de Castella e de Aragão; — a França varria os inglezes do seu territorio, n'uma brilhante reacção do sentimento popular, e definia os fundamentos de uma grande nacionalidade; — a Inglaterra era restituida, finalmente, á paz e á unidade nas mãos do primeiro dos Tudor; na Italia íam desapparecendo as republicas mais ou menos liliputianas, e começava a definir-se a centralisação monarchica; na Allemanha Maximiliano I concentrava na sua familia o poder real; — em toda a Europa, emfim, ía-se dando una integração de forças organicas, em volta de fortes nucleos de nacionalidade; o caracter local, individual, exclusivo da Idade Media começava a desapparecer, para determinar a corrente dos principios, dos interesses, das idéas geraes: — e ao mesmo tempo, na peninsula iberica, iniciava-se um movimento de expansão, que levava o genio semita da nossa raça a buscar, através dos mares, novos theatros para a sua aventureira actividade, e chegava o momento de Portugal, com o seu papel preponderante nos destinos do mundo, crear uma individualidade inconfundivel, que para sempre lhe dava o direito de viver independente!

É cheia de cantos marciaes, formosissimos, a nossa epopeia militar ultramarina!

Parecia que Deus encontrára no abençoado solo

[1] Jovius. *Historiarum sui temporis.* Lugduni 1561, vol. I.

da peninsula esse ponto de apoio de que Archimedes dizia necessitar para deslocar o mundo!

O astro que representava a civilisação antiga estava á beira do horisonte, prestes a atufar-se nas sombras, e já no extremo opposto se erguia um novo astro, o da nova civilisação radiosa! E todo o vasto quadro da historia era agora illuminado por uma doce claridade similhante á que doura o espaço, n'umas certas madrugadas caracteristicas, em que ainda a lua, amortecida e pallida, se deixa ver no occaso, e já defronte vem despontando risonho o diluculo suavissimo da aurora!

Passando para o que caracterisa propriamente o revolucionario seculo XVI, em que tudo se vae definindo, tomando fórma e caracter; em que a lucta das idéas, dos principios, das crenças, dos interesses, se trava incruenta e renhida entre os elementos que entre si disputam o terreno, vemos a arte da guerra evolucionar no mesmo sentido. Quanto mais intenso é o trabalho em qualquer dos campos da actividade humana, mais se aperfeiçoam as armas e os processos de guerra. Esta é já quasi uma sciencia, pelo menos n'ella se encontra já um systema assente, ou um problema a resolver, segundo os dados da sciencia, em aberto progresso. O proprio fraccionamento dos exercitos, nas luctas e conflictos intestinos, tornam mais frequente e cuidada a instrucção militar, e mais efficaz a acção da disciplina; ao mesmo tempo, como nas guerras de Flandres e de Italia, estabelecem-se verdadeiras escolas praticas de guerra; a de Gonçalo de Cordova dá ao soldado hespanhol a reputação do primeiro soldado do mundo; a das

conquistas longinquas e difficeis dá ao soldado portuguez uma fama universal. Ha acções e campanhas que se podem apresentar como modelos: tal, por exemplo, estrategicamente fallando, a tomada de Lisboa pela acção combinada de forças de terra e mar, do duque de Alba e de Sancho Davila, marquez de Santa Cruz, aproveitando-se a nossa desorganisação interna, e as emprezas de Carlos V em Africa, com as combinações maritimas de André Doria. Esta conjugação dos exercitos de terra e mar, n'um systema estrategico, é um dos caracteristicos d'essa epocha que estabelece definitivamente as regras de arte da guerra moderna.

Admiravel seculo de heroismos e de glorias, de ambições e de triumphos; mas tambem de lutos e de desastres! A Portugal, depois dos seus brilhantes exitos de alem mar, que só por si representam um capitulo brilhante da nossa historia militar, cabia a amargura da perda da sua independencia, pelo desprezo louco dos preceitos da arte bellica, n'uma aventura, cujo fim poderia ter justificação, mas onde os meios foram totalmente descurados.

Seculo singular e caracteristico, em que as luctas das religiões se confundem com as luctas dos estados tomando as mesmas proporções; em que ao par do duello titanico entre a Hespanha e a França, fervilham as pequenas luctas civis e religiosas; em que ao lado das pretensões desmedidas dos reis, se ergue, indomito, o encarniçamento bellico dos papas; e em que, finalmente, é o turco infiel o *tertius gaudet* nas implacaveis contendas christãs!

As bombas explosivas que o seculo XV carregára com tão poderosas materias inflammaveis, todas rebentavam agora com fragor! e ao mesmo tempo novas minas se carregavam, para em breve fazer saltar pelos alicerces o mundo antigo. João Huss, no seculo XV, fôra a victima de uma tentativa de

liberdade de consciencia. Luthero accendia no seculo XVI a grande fornalha onde se havia de forjar o raio que havia de deitar por terra o throno absoluto de Roma.

Parallelamente a uma tão grande actividade guerreira, que esplendido renascimento artistico e scientifico, reflectindo-se directamente na arte militar! Em nenhum outro periodo se encontra mais cabal demonstração do triumpho das sciencias exactas na sua applicação á arte e sciencia da guerra. A lucta armada não era já uma aventura, mas uma previsão, mais ou menos fundamentada em dados positivos. Resurgia, como as outras artes, a arte militar antiga, porém, modificada em harmonia com os progressos da epocha! — Eram traduzidas em italiano, francez, hespanhol, portuguez, as obras militares latinas e gregas, taes como a *Arte Militar* de Vegecio, os *Stratagemas* de Frontino, o *Vocabulario militar* de Modestus (traduzido pela primeira vez em Veneza em 1471), a *Milicia romana* e a *Castramentação* de Polybio; a *Tactica* de Eliano, a *Educação de um general* de Onosandro, os *Stratagemas* de Polyceno, a *Arte militar* do imperador bysantino Leão, a obra sobre a cavallaria de Xenophonte; e é numerosa a relação de obras originaes, nos diversos paizes, algumas de alto valor, que surgem principalmente na segunda metade do seculo XVI, — entre elles Machiavello, *Livro da arte da guerra* (1521), em Italia; Diogo Salazar *Tratado da arte militar* (1536), — traducção do primeiro[1], como este fôra imitação de Vegecio —, e Francisco de Valdez, *Espelho e disciplina militar* (1586), em Hespanha; Guillaume du Bellay, *Discipline militaire ou instruction sur le fait de guerre* (1548), La Treille, *Discours sur l'artillerie* (1567), em

[1] Canovas del Castillo. *Estudios del reinado de Felipe IV.* Tom. II.

França; o tratado de Martim Affonso de Mello, do principio do seculo XVI, em Portugal, etc.

Eram a Reforma, a Renascença e o Humanismo os tres poderosos factores da revolução no mundo das crenças, das idéas, das aspirações humanas, produzida pelo apparecimento dos livros e trabalhos artisticos da antiguidade, pelas descobertas maritimas, que punham o occidente em contacto directo com as civilisações orientaes, e, finalmente, pela descoberta da imprensa, auxiliar poderoso para a diffusão das obras antigas e das modernas descobertas. — A Reforma, apesar de certas incompatibilidades, era uma nova fórma da Renascença, visto que fazia regressar o espirito religioso, e com ella o espirito humano, á pureza singela dos primitivos tempos do Christianismo; e o Humanismo ou o Alexandrinismo, como lhe chama Emilio Faguet, no seu interessante estudo sobre o seculo XVI, levava definitivamente a curiosidade humana ao estudo da arte antiga nos seus diversos aspectos, como a Renascença o levava ao das antigas idéas; era uma especie de «atavismo artificial» buscando a perfeição da fórma[1].

Tudo se transformava!

Politicamente, a centralisação de idéas, de interesses, de relações sociaes, que havia de constituir o que hoje se chama o povo e o governo, e a grande unidade que na desaggregação de todos os elementos sociaes se não podia dar no regimen da Media Idade, tinha-se iniciado no seculo XV, e em uma activa elaboração durante o seculo XVI, caminhava para a coroação do grande ideal humano e sua realisação completa no seculo XVII. Com a consolidação das nacionalidades, creava-se uma opinião

[1] Emile Faguet. *Seizième siècle.* Avant propos.

publica onde os desejos, os interesses, as aspirações do povo se unificavam e se fortaleciam, e a acção do governo, concentrando em si as forças até então dispersas pelos poderes feudaes, tornava-se a verdadeira funcção administrativa da nação; e cada Estado passava a ter, como no corpo humano, centros destinados ás diversas funcções da sua economia, quer sob o ponto de vista material quer sob o ponto de vista moral; dava-se na escala social o que se deu na escala zoologica, quando chegou o momento cosmogenico de se poderem produzir seres com differenciações organicas perfeitamente definidas.

É assim que os organismos sociaes passavam a contar com a propria força, estabelecendo a ordem no presente e creando as condições do progresso no futuro; e ao mesmo tempo que essa integração de forças nacionaes se ía robustecendo no interior, a diplomacia nascente começava a regular as relações de estado para estado, n'um concerto de interesses, que passariam a ser tambem, dentro em breve, um accordo de principios e de idéas. Unidade na variedade, solidariedade universal, sob a base da mutua independencia e individualisação nacionaes, eis os caracteristicos d'esse periodo, a que devemos os verdadeiros fundamentos da nova era.

E tudo isso se encontra representado na organisação militar.

O exercito tornou-se uma instituição, e ao mesmo tempo os seus multiplos serviços converteram-n'o n'um machinismo complexo que requeria um vigilante cuidado e uma direcção superior, não só intelligente mas *sabia*. Procedeu-se então a uma organisação methodica, com as suas variadas funcções discriminadas; creou-se a administração militar; o recrutamento e a cobrança de impostos de guerra ficaram sujeitos a principios regulamentares; orga-

nisaram-se os grandes depositos de material de guerra, os arsenaes e as tercenas; e a tudo começou a presidir a ordem, o methodo, e a divisão do trabalho, que havia de imperar no periodo immediato. D'ahi o apparecimento de homens de guerra notaveis, que não eram já simples caudilhos ousados, mas tacticos e estrategicos distinctos, dignos precursores dos modernos generaes.

Do mesmo modo que as nações se apresentam já sob a fórma de um adiantado *organismo* social, assim o exercito passa tambem a apresentar os caracteristicos de um *organismo* militar. A tactica, que se compraz em resuscitar os moldes classicos, transformava-se em presença da acção, cada vez mais efficaz, do arcabuz e do canhão, já largamente usado em campanha.

O seculo XV fôra ainda um brilhante periodo para a cavallaria; o seculo XVI é já, abertamente, o seculo da arma de fogo: o cavalleiro apparece geralmente munido d'ella[1]; entra em scena o arcabuz, primitivamente de forquilha ou gancho, e cedo transformada em arcabuz de roda e de pederneira; e, ao par d'essa verdadeira fórma primitiva da moderna espingarda, surgem os pistoletes e o mosquete, de cujo uso, como o da artilheria, os huguenotes se serviram para supprir a sua inferioridade numerica; das tropas aguerridas do duque de Alba foi o mosquete imitado em França por Carlos IX.

Depois de Carlos VIII, que já levára para a Ita-

[1] Foi innovação dos fins do seculo XV. O escriptor hespanhol Affonso Maldonado refere que no recontro que teve com os portuguezes, entre Alegrete e Olivença, o mestre de Alcantara D. Alonzo de Monroy, em 1476, este levava, entre 300 ginetes e 200 peões, *80 escopeteiros a cavallo*, que estabeleceram grande panico, por ser *obra nueva;* o que deu origem ao seguinte anexim: «*Guarte del ciego que trae hombres de hierro y truenos a cavallo*». Prologo á traducção de Appiano Alexandrino. *Mem. hist. hesp.* Tom. IV.

lia um importante trem de artilheria, mas puxado a braços, fabricado nas fundições francezas creadas por seu pae Luiz XI, o material d'essa arma aligeira-se, passa a fazer parte de exercitos de operações; multiplicam-se os calibres das bôcas de fogo; escrevem-se sobre artilheria apreciaveis tratados; a Allemanha é a constructora e a fornecedora por excellencia do material artilheiro; e ha batalhas, como as de Carlos V e Francisco I, em que figuram parques formidaveis. No enthusiasmo de se aproveitar de uma innovação de tamanha utilidade, quasi que se chegava ás vezes ao exagero, Luiz XIII de França tinha no seu exercito canhões que pesavam 5:300 arrateis, e eram puxados por vinte e um cavallos. No tempo do czar Feodor Iwanowich e da czarina, a gran-duqueza Irene, fundiu-se na Russia um canhão monstro, de posição, que pesa 48:000 kilos, e lança balas de 2:400 kilos; está hoje no arsenal de Moscow[1].

Desde Marignan (1515), primeiro ensaio de artilheria ligeira, que só com Gustavo Adolpho, Frederico II, e Gribeauval havia de entrar em pleno progresso, a destruição das ordens profundas da infanteria suissa pela artilheria franceza, fez com que toda a *arte de esquadronar*, como d'antes se chamava á tactica, todos os processos de guerra tivessem de soffrer alteração radical; a infanteria, adquirindo os fóros de verdadeiro «nervo e força dos exercitos» como já queria Machiavello, encontrava na artilheria um auxiliar poderoso, com um futuro cheio das mais risonhas promessas.

[1] Já nos seculos anteriores ha noticia de fundições monstruosas, taes como a bombarda de *«cinquante trois pouces de bec»*, de que falla Foissard, como tendo sido empregada pelos de Gand no cerco de Oudenarde (1382) e a grande peça que se diz ter sido mandada fundir por Mahomet II, em 1452, que levava duas horas a carregar, e atirava uma bala de pedra a 1 milha de distancia, fazendo uma grande cova na terra.

A fortificação teve de abandonar as suas primitivas fórmas e regras, sendo as antigas torres substituidas definitivamente por baluartes; e a velha controversia do mundo classico entre a phalange e a legião resurgiu com o renascimento dos seculares principios de Polybio e de Vegecio.

Varios escriptores, que segundo os preconceitos a que já tivemos occasião de nos referir, tudo attribuiam na arte moderna aos milagres da renascença, dão no seculo XV a estrategia mais como um resultado do instincto, do que effeito da experiencia e dos conhecimentos da epocha, não lhe attribuindo regras fixas nem previsões baseadas sobre acquisições do saber e da pratica; mas quando tratámos da Idade Media vimos já como era injusto e anti-racional recusar ao seculo XIII e XIV, quanto mais ao seculo XV, o seu caracter progressivo e scientifico, em harmonia, é claro, com as circumstancias da epocha, não se podendo de fórma alguma, sobretudo, negar qualidades de estrategicos e tacticos perfeitamente conhecedores dos recursos de que dispunham, a cabos de guerra da estatura de um Gonçalo de Cordova ou de um Bayard. A estrategia, muito primeiro que a tactica, adquiríra fóros de um conhecimento positivo, embora mais geral e menos restricto que a tactica, e é erro suppor uma solução de continuidade no conhecimento humano, quando podemos seguir a cadeia que o liga através dos tempos, encontrando-a perfeitamente solidaria em todos os seus élos.

O adiantamento, portanto, em que vamos achar todos os ramos do saber militar, como de todo o saber humano, é o resultado da experiencia e sabedoria accumuladas durante os anteriores seculos; por isso tudo toma n'elle um desenvolvimento, uma pujança, um brilho extraordinarios! Nos tempos immediatamente anteriores, o aspecto evolu-

tivo da humanidade tinha, por assim dizermos, como que o aspecto transitorio da nympha, entre larva e insecto; no seculo XVI é como se a luminosa borboleta que representasse a civilisação humana, começasse já a abrir ao sol as suas azas douradas!

Como ha no reino vegetal um determinado periodo em que na planta é mais bella e mais pujante a floração, assim nunca a floração mental da humanidade attingiu, como n'este periodo, tamanho vigor e brilho, seguindo o movimento que vinha já do periodo anterior. — Foi o seculo de Izabel a Catholica, de Carlos VII, de Carlos V, de Francisco I, de Henrique VIII, de Solimão II; foi o seculo de Luthero; foi o seculo de Shakspeare, de Camões, de Bacon, de Miguel Angelo, de Leonardo de Vinci, de Alonzo Cano, de Ticiano, de Paulo Veronèse, de Raphael, de Holbein, de Alberto Durer, de Herrera; foi o seculo de Bartholomeu Dias, de Magalhães, de Fernando Cortez!

Difficilmente, diz Gustavo Le Bon, se citará um povo que tenha progredido sem que tenha igualmente progredido o seu poder militar[1]. O que se dava n'este seculo não interessava apenas um determinado povo, mas a Europa inteira! O poder militar dos povos provém essencialmente da organisação dos seus exercitos, e essa organisação é a expressão perfeita do seu estado social.

Maravilhoso seculo! que não foi apenas o «capitulo mais decorativo da historia», mas o periodo porventura o mais revolucionario da humanidade! periodo de verdadeira crise, que na ordem moral, na ordem religiosa, na ordem scientifica, na ordem artistica e litteraria, assentou definitivamente as bases da moderna civilisação, crise que se prolon-

[1] Gustave Le Bon. *L'Homme et les societés.* Tom. II, cap. V.

gou até meado do seculo XVII, e que se póde bem dizer que, no desenvolvimento das sociedades, foi como que a *growing-fever,* a febre para crescer, que definitivamente as levou á idade adulta!

Assente o novo estado social, definido o seu caracter, é no seculo XVII que largam vôo, se desenvolvem, e se completam as acquisições feitas no anterior periodo.

O pensamento humano navega em pleno espaço!

> Per correr miglior acqua alza le vele
> La navicella omai di tanto ingegno.

Desloquem-se embora os centros de actividade e se tornem parcialmente diversos os destinos de determinados povos; o que se vae assentando, o que resulta de todo o movimento d'este seculo é a consolidação do mundo moderno, findas que foram as luctas que trouxeram a Europa dividida, quer em nome da ambição dos principes, quer a pretexto das dissensões religiosas, habilmente exploradas pelos caudilhos politicos, em proveito proprio.

Já os scismas religiosos não dividem ou inimizam os estados, que passam a manter entre si as melhores relações, fazendo respeitar mutuamente o credo que cada qual professa. Foi esse o resultado benefico do tratado de Westphalia, no fim de trinta annos de lucta armada. Roma, reconhecida por todos os catholicos como o seu centro espiritual, renuncia ao predominio do mundo. Na Inglaterra a sangrenta lucta civil, dando a victoria aos que defendiam as regalias populares, cimenta com sangue o bello regimen parlamentar e politico que tem sido

a felicidade d'aquelle povo. Em França Richelieu dá á sua patria grandeza e poderio, com o sceptro da hegemonia da Europa tirado á Hespanha, que nem por sombras se parece já com a Hespanha de Carlos V e de Filippe II, pois que, vencida na sua lucta contra a Inglaterra e a França, vê esphacelado e retalhado o seu vasto, mas heterogeneo imperio. Mais uma vez se provava que o soldado hespanhol, do mesmo modo que o soldado portuguez, é realmente o que d'elle fazem os seus chefes, adherindo-se a elles «como a hera ao olmeiro[1]».

Portugal aproveita o ensejo azado para romper os grilhões da servidão, e recupera, n'um esforço heroico, a sua antiga e querida independencia. Vinte e seis annos de lucta renhida acabam de convencer a Hespanha, combalida por mil causas morbidas, de que tem de renunciar definitivamente á posse d'este pequeno, mas altivo reino. A historia d'esta guerra é dos capitulos mais bellos da nossa historia militar.

Até á paz de Westphalia o seculo XVII é na marcha geral da civilisação o continuador do seculo XVI; é aquelle o termo da grande lucta produzida pelo facto capital iniciado no periodo anterior: — a Reforma de Luthero, que deu ao espirito humano ensejo de satisfazer á latente aspiração de se libertar das peias do mais restricto dogmatismo, determinando por mais essa fórma a resurreição da intelligencia.

Indo, nos seus resultados, muito alem do que se propunha, a Reforma, produzindo a revolução no mundo das idéas e dos sentimentos, communicou o seu movimento ás outras espheras da actividade humana; e as tremendas luctas entre Carlos V e Francisco I, e Izabel de Inglaterra e Filippe II, reves-

[1] D. José Gomez de Arteche. *Un soldado español de veinte siglos.*

tiram, sob o aspecto militar, todas as fórmas d'essa actividade, acabando por facilitar amplas manifestações do progresso sobre as bases da liberdade.

Em Portugal esse movimento não determinou desde logo reacção sensivel; os jesuitas, sobretudo pelo ensino das mathematicas, e emprego nas fortificações do paiz, tinham ainda um papel militar importante; e elles, que haviam sido uma das causas do nosso desastre de Alcacer Kibir, eram agora um dos estimulos da Restauração; e nas cousas da guerra, se a intransigencia do vulgo pretendia oppor-se ao auxilio do elemento estrangeiro protestante ou *hereje,* como então se dizia, havia espiritos superiores e livres, como o conselheiro de guerra D. João da Costa[1], que, pondo acima de tudo o interesse do paiz, taxava de pueril e contrario á necessidade da salvação da patria tão mesquinhas exclusões, e opinava que não era caso de consciencia para o rei de Portugal ter herejes ao seu serviço, visto que «o papa os admittia em seus exercitos, sendo cabeça da Igreja; e el-rei de Castella, e el-rei de França, e o imperador, sendo dos maiores e tão catholicos principes, todos se serviam de herejes».

Destruiam-se de facto as fronteiras que o preconceito religioso rasgára entre os povos, e ía-se buscar auxilio e beber a sabedoria onde ella jorrava, sem curar das crenças de cada um. Aos mestres da sciencia da guerra, ou mesmo ao simples auxiliar d'ella, já se não perguntava a religião que professavam: chamavam-se Spinola, Montecuculi, Wallenstein, Gustavo Adolpho, Tilly, Turenne, Banner, Torstenson; e se do campo da acção passarmos ao da doutrina chamavam-se Machiavello, Salazar, Luiz Mendes de Vasconcellos, Fronspen-

[1] *Historia da cavallaria portugueza.* Tom. II. Doc. *C.*

ger, Walhausen, Feuquieres, Puysegur, Vauban,— cingindo assim n'uma grinalda de nomes illustres o brilhante e bello periodo que vae do seculo XVI ao seculo XVII.

A Europa é um vasto campo de batalha, mesclado e *sui generis,* onde a guerra é para uns uma necessidade, para outros uma ambição e para muitos um mister. O allemão Schonberg, marechal de França, bate-se por Portugal contra a Hespanha; já depois de restaurado Portugal, um portuguez, Francisco Manuel de Mello, bate-se pela Hespanha em Honnecourt e Rocroi; o catholico e monarchico Mazarini, italiano de origem, liga-se, em favor da França, com o republicano e protestante Cromwell! E é positivamente d'essa mescla apparente, d'esse amalgama, que está apenas na superficie, no que é propriamente o instrumento e não na essencia das cousas, que sáe clara e nitida a differenciação, cada vez mais pronunciada.

No seculo XVII o coração, o centro vital da actividade guerreira, deixa de estar em Hespanha, para passar para a França e para a Allemanha. O astro da gloria e poderio hespanhoes some-se no occaso. Rocroi, que se convencionou dar como ponto de referencia, mas propriamente as sublevações de Catalunha e Portugal, representam o estoirar d'esse balão monstruoso, flammejante, mas vasio, chamado o imperio hespanhol, que na sua extensão e falta de cohesão tinha o quer que fosse dos antigos imperios orientaes. Exhausto das suas verdadeiras forças, sem outros recursos alem dos que lhe proporcionava occasionalmente a guerra; sem pão certo, porque o não podia produzir a terra, viuva dos braços que as expedições longinquas distrahiam; minado pelo clericalismo e pela intriga politica, o magnifico imperio de Carlos V e Filippe II reconhecia, finalmente, que era insolita vaidade querer

dominar o mundo quem nem já forças tinha para conter a rebellião de duas das suas provincias mais queridas.

É n'esta occasião que Portugal se arranca das garras do leão ferido, que nas suas horas de gloria e de triumpho não soubera, ou não podéra, tratar com carinho a sua victima. Filippe II, que pela publicação das suas cartas ás filhas, feita ha poucos annos em París, se vê que tinha sympathia pelos portuguezes, desejando mesmo que os seus filhos soubessem a nossa lingua[1], tinha de ser o instrumento da politica de exhaução que lhe creára a absorção de Portugal, e essa politica, seguida e aggravada depois, originaram os germens da reacção: Filippe III tratou os portuguezes com «sobrado despego[2]», e Filippe IV, ou antes o providencial quanto funesto Olivares, com as contribuições de guerra, com a perda das nossas colonias, e com a idéa da extincção das côrtes portuguezas, absorvendo-as nas de Hespanha, acabou de «llenar la medida de los sofrimientos de los portugueses[3]». Não se faz, porém, a reivindicação sem custar muito sangue, muita dor, muito sacrificio heroico! Foi bem aproveitado o momento, porque as instituições militares estavam desorganisadas em Hespanha; já não eram os mesmos os seus soldados[4], nem os seus caudilhos «brilhavam pela sua intelligencia e demais dotes de bons generaes[5].» O periodo que durou essa memoravel lucta foi fecundo

[1] *Lettres de Philippe II à ses filles les infantes Isabelle et Catherine, ècrites pendant son voyage en Portugal.* París 1884. Cartas em extremo curiosas para o conhecimento do *Demonio do Meio Dia* como homem de familia, e que foram encontradas no real archivo de Turim.

[2] Sanchez y Casado. *Elementos de historia de España.*

[3] Idem.

[4] Canovas del Castillo, *Estudios del reinado de Filipe IV.*

[5] C. Ximenes de Molina. *Batalha de Aljubarrota.*

para a nossa organisação militar; mas infelizmente, terminado o conflicto, deixámo-nos caír na mesma incuria proverbial.

A feição commum, de organisação e systematisação social, é apresentada tambem pela arte da guerra, e interessa-nos particularmente pelo reflexo que teve nas nossas instituições militares. como nas dos demais paizes.

Ao passo que o commercio, a industria, a agricultura progrediam, levantando-se na communhão social os que se dedicavam a esses ramos da actividade, até então considerados menos nobres, e se ía creando e fortalecendo a burguezia, que tão grande papel havia de vir a ter na historia das sociedades modernas, preparando-se ao mesmo tempo o advento das classes inferiores na gerencia dos negocios publicos; ao passo que a administração se organisava, e se ía definindo a morphologia do estado moderno, o exercito definia-se tambem nas suas fórmas actuaes, embora menos perfeitas, aproveitando-se dos grandes progressos das sciencias áquella data.

Foi a epocha da applicação das sciencias mathematicas á physica, produzindo descobertas utilissimas; foi a grande epocha de Newton! foi a epocha em que nasceu a analyse geometrica e o calculo infinitesimal; em que se inventaram o barometro, o thermometro, o manometro, a machina pneumatica, os primordios da machina electrica, da machina a vapor; a epocha da renovação da medicina e de outras sciencias positivas.

A architectura, as artes mechanicas, a hydraulica, em notavel progresso, augmentavam os recursos bellicos; nas diversas espheras do saber e do labor humanos destacam-se em toda a Europa nomes como os de Galileu, Kepler, Linneu, Volta, Pascal, Cuvier, Grotius, Wolf, Pufendorf, Malle-

branche, Bossuet, Fénelon, Bayle, Spinosa, Hobbes, Locke, Campanella, Leibnitz, Torricelli, Mariotte e tantos outros.

É sob o ponto de vista scientifico, um periodo de forte preparação dos materiaes que se haviam de reunir no seculo XVIII para a grande edificação do presente seculo!

O exercito de Luiz XIV servia de modelo aos demais estados, e os seus progressos reflectiam-se no nosso; na sua organisação continha elementos bons e progressivos, embora afogados na adiposa manta de quanto havia de luxuoso, exagerado e superfluo.

Versailles era o foco de attração irresistivel, onde convergiam todas as attenções e todas as forças da nação; e nós tivemos tambem o nosso pequeno Versailles.

Como a magistratura, a administração, a igreja, e a escola, não podia o exercito deixar de ser uma instituição absolutamente adstricta á realeza e directamente dependente d'ella. Partilhando do seu fausto e da sua grandeza, enfermava tambem dos seus defeitos. Mas quantos progressos apesar d'isso!

As luctas d'este periodo que fecha o seculo XVII não têem o mesmo caracter que as do periodo anterior, durante a guerra dos trinta annos, feita com exercitos pequenos, aguerridos, de uma mobilidade admiravel; por isso aquelle seculo, sob o ponto de vista militar, como sob o ponto de vista geral, tem de ser dividido em dois periodos distinctos: um até á paz de Westphalia, outro durante o periodo aureo de Luiz XIV. O primeiro tem de ser estudado sobretudo na Allemanha e na Suecia, embora o theatro da guerra se estenda por toda a Europa; o segundo tem um campo de acção mais limitado, mas uma vida não menos intensa. E a imprimir cunho a cada uma d'essas epochas temos: para a

primeira o nome de Gustavo Adolpho, para a segunda o de Turenne.

É talvez muito individual e de um caracter muito disciplinar e moral, a feição que, na sua existencia agitada e rude, apresentam os exercitos commandados por Gustavo Adolpho, feição que é propriamente o cunho de quem os amestra, disciplina e dirige; mas é fóra de duvida que elles se apresentam como um modelo mais apto e mais perfeito. A creação da unidade regimento, a modificação do mosquete, liberto da forquilha de apoio, a adopção do cartucho inventado em Hespanha e da patrona inventada na Suecia, a fórma de acampar em ordem de combate, introduzida entre nós pelo conde de Shonberg; a reducção de fundo nas formaturas da infanteria, a creação da columna de dois regimentos, especie de brigada incipiente; e uma attenção constante, solícita a todos os pormenores da instrucção e do serviço, fizeram de Gustavo Adolpho um activo reformador da instituição militar. A tactica e a estrategica, sobretudo, ganharam fóros de indiscutivel superioridade na acção dos exercitos, imprimindo-se grande mobilidade á artilheria, o que entre nós foi, por exemplo, admirado, como reflexo d'aquella escola, na celebre acção do Dejébe em 1663. Gustavo Adolpho foi, se póde dizer, o verdadeiro creador da moderna artilheria de campanha, aligeirando-a, mobilisando-a, accommodando-a em dimensões e material aos seus diversos destinos, e começando, portanto, a dar áquella arma um caracter verdadeiramente tactico, que se accentuou e se definiu depois no seculo XVIII; ha mesmo quem queira que elle seja o creador da arte militar moderna[1], desenvolvendo,

[1] F. Lecomte, coronel federal suisso. *Études d'histoire militaire. Temps modernes.*

fixando, imprimindo o seu cunho genial a quanto haviam deixado consignado como scientifico os methodos de organisação e de guerra de capitães como Colygni, Montluc, Lanoue, Biron, Henri IV, Rohan.

N'este periodo o soldado portuguez compartilhava a sorte da Hespanha nas suas guerras em Flandres e Italia, e ali mantinha a sua fama; mas os progressos n'elle realisados vieram imprimir cunho á reorganisação das nossas forças militares apoz a restauração de 1640, com o auxilio de officiaes portuguezes que haviam pelejado lá fóra, e com o dos estrangeiros, que vieram ao nosso serviço, entre elles o conde de Schonberg, disciplo e logartenente de Gustavo Adolpho e de Turenne.

O periodo immediato, foi o dos pomposos e plethoricos exercitos de Luiz XIV, foi a epocha dos grandes assedios imponentes, das solemnes guerras de posição, dos bellos planos de campanha; dos quarteis de inverno apparatosos, das mano bras brilhantes; mas de todo este apparato resultaram factos que representam sensiveis progressos nos diversos dominios da sciencia e arte militares, progressos que desde logo foram por nós adoptados.

Bastam a substituição quasi definitiva das armas antigas, que ainda subsistiam, pela arma de fogo; a devida proporção estabelecida na formação dos exercitos entre as tres armas que o compõe; a subdivisão d'elles em unidades fortes e harmonicas, e os grandes progressos da fortificação e sciencias militares correlativas, para marcar um progresso muito notavel.

Da longa controversia entre as duas escolas: uma, representada por Montecuculli, e que luctava por manter os principios da arte militar antiga e defender as suas vantagens, e a outra que, tendo

por decuriões Puysegur e Fouquières, pugnava pela completa rejeição das armas antigas e adopção definitivamente das armas de fogo, Turenne, homem pratico e habil, partiu da combinação entre esses dois systemas, até chegar ao triumpho das modernas idéas, com que havia de alvorecer o seculo XVIII.

Estabelecendo as bases da tactica actual, a infanteria modificou as suas ordens de formatura, as suas unidades, o seu recrutamento, as suas armas; organisaram-se então as companhias de granadeiros.

A cavallaria aligeirou-se em grande parte, sendo armada de mosquetes, carabinas, escopetas, ao passo que a cavallaria pesada conservava as couraças, a lança, a espada, e as pistolas; crearam-se alem d'isso os dragões que entre nós apparecem já organisados em companhias em 1646, no Alemtejo[1]. Do mesmo modo que a infanteria, a cavallaria modifica as suas formaturas e unidades.

A artilheria progrediu extraordinariamente, melhorando em quantidade e qualidade, não só com respeito ao material, mas sobretudo ao pessoal. Estes progressos relacionavam-se com os da fortificação e com a complexa sciencia da impugnação e expugnação de praças, occupação principal das tropas n'esse periodo tão assignalado pelas guerras de sitio. As nossas praças da fronteira foram reconstruidas pelo engenheiro Cosmander, padre e guerreiro, consoante era ainda feição do tempo, mas que, tendo-se vendido aos hespanhoes, breve pagava a traição com a vida, arrancada por uma bala de mosquete portuguez diante de Olivença.

A applicação da bayoneta ao cano da espingarda, convertendo esta n'uma arma de pulso para

[1] *Historia da cavallaria portugueza*. Tom. II.

os ataques de perto, e de fogo para ferir de longe, embora simultaneamente, por emquanto, vae pondo de parte o pique, e determinando a transformação completa da tactica e de todas as maneiras de combater; por outro lado a organisação da brigada no molde em que ainda hoje se conserva, com as modificações exigidas pelos progressos dos tempos, creou um nucleo organico de uma unidade tactica por excellencia, que toda a Europa não tardou em adoptar, sendo entre nós introduzida na guerra da Successão.

O que Turenne creava, por assim dizer, para o futuro, Vauban realisava para as necessidades de momento: — a fortificação permanente e de campanha tomaram um incremento admiravel; e os exercitos vistosos da epocha tiveram novidades a ensaiar no ataque e defeza das praças de guerra. Os ensinamentos de Vauban, estabelecendo as regras do ataque por meio de parallelas, de cavalleiros de trincheira, de fogos enfiados, e de artilheria de recochete, e as regras da defeza com os elementos combinados das forças em acção, das condições do terreno e as das fortalezas, ficaram constituindo escola classica. Todos os progressos que as tradicionaes e excellentes escolas de engenheria na Italia haviam realisado, Vauban os aproveitava no seu genial corpo de doutrina; e, facto curioso, continuavam sendo os italianos os que conservaram a essa sciencia o seu caracter cosmopolita, com a applicação dos novos principios e processos, sendo os jesuitas d'aquella nacionalidade os que, por exemplo, em toda a peninsula iberica ensinavam durante o seculo XVII a arte de fortificar e as mathematicas, e dirigiam pessoalmente as construcções. O collegio jesuita de Santo Antão o Novo, em Lisboa, onde é hoje o hospital de S. José, e em Hespanha, entre outros, o imperial collegio, tambem jesuita, de

S. Izidro, no tempo de Filippe IV, eram duas verdadeiras escolas militares.

A estrategia, como sciencia theorica, crescia nos seus fóros de previsora dos resultados da guerra, de antemão delineada e combinada sobre os mappas; e como illustrações n'esse ramo do saber, resoam n'essa epocha, — alem do glorioso nome de Turenne, — os de Villars, de Berwick, de Marlborough, de Montecuculi, de Condé, do principe Eugenio, de Sobieski, de Slahremberg, de Crequi; e praticamente temos batalhas «verdadeiramente estheticas», que sendo lições de excellente estrategia, são ao mesmo tempo admiraveis cursos de grande tactica, dignos de serem ainda hoje meditados: — taes as memoraveis batalhas ganhas por Marlborourgh, digno emulo de Turenne[1].

Não é só na França e na Allemanha que soam n'esta epocha nomes illustres na guerra; os de Pedro o grande da Russia, e Carlos XII da Suecia são de primeira grandeza.

A tendencia para a ordem e para o systema na administração em geral accentuou-se cada vez mais em todos os exercitos; e a divisão do trabalho e a creação de instituições novas foram tambem adoptadas n'elles, organisando-se definitivamente os serviços de administração militar, creando-se escolas, collegios especialmente destinados a preparar officiaes, confeccionando codigos e ordenações especiaes, regularisando os uniformes, estabelecendo assim a ordem e a harmonia progressiva no funccionamento da grande machina, que se ía tornando cada vez mais complexa.

Por isso, analysando estes factos, no seu conjuncto, um escriptor militar italiano muito distincto, escreve o seguinte:

[1] F. Lecomte. Loc. cit.

«Relanceando-se o olhar pelos regulamentos de Luiz XIV, ver-se-ha ali uma força armada de 400:000 homens n'uma população de 20.000:000 de habitantes; ver-se-ha ordens militares para recompensar, codigos especiaes para castigar, uniformes especiaes para distinguir, uma hierarchia para commandar, regulamentos de administração e de caserna, hospitaes para enfermos, medicos e capellães adstrictos aos exercitos, instituições para a mocidade, asylos para os veteranos, bibliothecas, machinas, mappas, arsenaes, operarios, cidades proprias para uso exclusivo das tropas, como são as fortalezas, historia e tradições dos feitos de antepassados, trophéus conservados, etc. Todo este espectaculo não faz senão denotar a existencia, dentro de um Estado, de uma sociedade especial, que é como que o resumo d'esse Estado, porque todas as classificações sociaes ali estão representadas. E visto que essa sociedade tem no seu seio leis, artes, religião, sciencias, recompensas, tradições, historia, o Estado que a comprehende as deve tambem possuir, e n'um alto grau; já que no exercito ha theologos, medicos, sabios, deve tambem havel-os em grande numero no Estado; se essa massa organisada obedece a uma vontade, a mesma obediencia se deve encontrar no Estado, com uma hierarchia de que o exercito reproduz a imagem. Isso faz suppor um Estado civilisado, classificado, tranquillo no interior, dominado por um poder unico que cria, com o nome de *leis*, regras que elle respeita por seu interesse proprio e pelo interesse geral; que deve ser rico para manter um corpo tão poderoso e forte para o dominar, em vez de por elle ser dominado; isso suppõe, finalmente, que deve ali haver outras corporações com a mesma organisação, unica maneira de comprehender o uso e o fim de um tal corpo[1].»

Nos seus pontos principaes, e na sua feição geral, eis a organisação que foi desde logo adoptada nos diversos paizes. Essa complexa engrenagem, porém, esses progressos assim individualisados, pelo genio de um Louvois, não os veiu a possuir desde

[1] Luigi Blanch. *De la science militaire considerée dans ses rapports avec les autres sciences et avec le systeme sociel.* — Traducção do italiano pelo capitão Haca.

logo o exercito portuguez, senão tambem em parte, apesar do reflexo das idéas francezas no nosso meio se ter accentuado mais n'essa epocha; mas foram ainda assim importantes os melhoramentos introduzidos, durante o seculo, com a creação do conselho de guerra, a organisação dos terços, o regresso aos regulamentos de D. Sebastião para o recrutamento, o incremento dado á artilheria e á fortificação, e a introducção de muitos melhoramentos adquiridos na experiencia da guerra dos trinta annos, das nossas guerras com a Hespanha, e nas de Luiz XIV.

Entra pelo seculo XVIII a dentro o periodo que acabámos de analysar; nem se podem medir chronologicamente os periodos historicos, cujos marcos milliarios se não encontram de fórma alguma em coincidencia com as divisões convencionaes do zodiaco.

Para a peninsula iberica o seculo XVIII abre com uma guerra incaracteristica, que não tendo passado de uma aventura, na ambiciosa competencia entre duas dynastias, não logrou deixar raizes na sympathia publica. A Hespanha divide-se em dois partidos, representando duas ordens de interesses dynasticos; e Portugal serve de caes de embarque a um d'esses partidos, n'uma orientação que os verdadeiros interesses da nação não justificam nem perdoam. Perdemos muito e não lucrámos nada, embora militarmente o soldado partuguez tivesse tido ensejo de manifestar mais uma vez as suas proverbiaes qualidades.

O poder real, levando a sua força até ao exagero, e as suas prerogativas até ao excesso, acabam

por determinar uma reacção que ao fechar o seculo produziu um tremendo abalo e agitou o mundo inteiro! Era mais do que uma revolução politica; era uma profunda conflagração moral.

A obra do seculo XVIII foi vasta e complexa; restituiu ás nacionalidades o seu centro natural de actividade organica, estabelecendo o equilibrio das potencias; tornou possivel a creação de potencias novas, como a forte e exemplar Allemanha, feita pelo saber e pelas armas; destruiu, a favor de um forte organismo politico como era a Russia, a excrescencia oriental, representante da barbarie e do retrocesso, chamado imperio othomano. Scientificamente unificou o espirito humano; e assim como as sciencias e lettras, accentuando o seu caracter cosmopolita, se póde dizer que se não professam só nas academias e universidades d'este ou d'aquelle paiz, mas n'uma grande universidade ou academia europeia, com succursaes em cada centro activo, assim, parcialmente, cada summidade do saber, dentro de cada paiz, não representa já, como até então, — com a rara excepção de um Pascal, de um Fontenelle, ou de um Descartes —, exclusivismos ou restricções scientificas, mas a culminancia das letras e das sciencias, n'uma afinidade harmonica das faculdades mentaes, nas diversas provincias da sabedoria. Na ordem social a mesma fusão de elementos se vae accentuando, fazendo desapparecer a pouco e pouco o exclusivismo das classes, tão accentuado n'outras epochas. E tudo isto, que representa um caracter de unidade que abraça todo o mundo culto, reflecte-se no exercito, modificando-o, transformando-o, fecundando-o com elementos novos de illustração e de progresso.

Os seculos XVI e XVII fizeram-nos conhecer definitivamente o Céu no seu conjuncto, dando-nos a idéa da sua vastidão infinita, e libertando-nos com-

pletamente da pressão esmagadora d'esse céu da Idade Media, estreito, baixo, mesquinho, suspenso sobre as nossas cabeças como uma abobada massiça, onde um Deus, ora irado ora bondoso, ascendia as suas douradas lampadas ou forjava os seus tremendos coriscos! O seculo XIII, com a applicação dos progressos mathematicos á astronomia, nol-o deu a conhecer nos seus pormenores, explorando-o com a minuciosidade com que os navegadores do seculo XV haviam explorado a vastidão dos mares! Herschell approxima-nos extraordinariamente dos astros, e descobre manchas no sol; Lambert dá-nos um mappa da lua e Eucke a distancia approximada do sol á terra; entre outros, Bucker dá-nos a medida do meridiano; descobre-se o planeta Urano; Mayer revela as estrellas duplas, e Chaldin explica as estrellas cadentes; o estudo das nebulosas abre um infinito cheio de encantos e de mysterios diante do humano olhar embevecido! Amplia-se Deus, na bella expressão de Diderot! Laplace corôa a luminosa obra do seculo com a sua admiravel *Mechanica celeste* (1796).

Na physica temos a theoria da emissão da luz, a descoberta das suas propriedades chimicas, que havia de dar origem á photographia, tão vantajosamente aproveitada na guerra; o *microscopio solar* de Lieberkwhn; o estudo das propriedades do calor produzindo a graduação dos thermometros; a descoberta dos aerostatos, desde Mongolfier até Blanchard, que atravessa a Mancha em balão; a descoberta da verdadeira machina a vapor, applicada á navegação desde William Watt, até o conde Jouffroy d'Abbans que lança á agua o primeiro barco; a do magnetismo dando a *balança de torsão* de Conlomb; a da electricidade, desde as rudimentares experiencias de Hawksbee, em 1709, até a *garrafa de Leyde* de Musschenbrock, o para-raio de Franklin e os ensaios

do telegrapho electrico, pelo Reiser na Allemanha, por Salvá em Hespanha, e Béthancour em França, todas estas descobertas de tamanha importancia na sua applicação ao exercito, marcam o grande papel progressivo do seculo XVIII!

Do mesmo modo a chimica, convertendo-se n'uma verdadeira sciencia, e buscando applicações uteis, illustra esse seculo com os nomes immortaes de Priestley, de Sheele, e de Lavoisier, — o maior de todos.

Comprehende-se que n'esta tendencia para a applicação do methodo experimental a todo o saber, as sciencias naturaes não deixassem de receber o mesmo impulso no sentido pratico, e que, portanto, todos os ramos da actividade dependentes d'ellas se resentissem do seu benefico influxo. É este realmente o caracter do seculo XVIII.

A instituição militar que, como temos vindo conhecendo, acompanha sempre os progressos geraes de um povo e representa o seu grau de adiantamento social, avançou sensivelmente n'este periodo. Portugal acompanhou tardiamente o grande movimento, devido á pressão do clericalismo que trazia, por assim dizer, enfeudado o paiz; as sciencias avançavam a passos lentos; a arcadia de Diniz, de Garção, de Candido Lusitano, que pretendera reanimar os bons estudos litterarios morria de inanição; mas o tribunal do santo officio continuava triumphante! A obra do marquez de Pombal foi em breve destruida. A guerra com que abriu o seculo, e, depois, principalmente a que nos obrigou a prevenirmo-nos contra o vizinho reino, no tempo do Pombal, levaram-nos, todavia, a introduzir largos melhoramentos no exercito. Esta ultima guerra, sobretudo, marca um periodo em que se tem de estudar o desenvolvimento d'esta instituição, pois representa uma phase de renascimento no nosso exercito, infe-

lizmente afogado pela reacção do antigo espirito retrogrado, que aproveitou o momento asado para se impor. Tardios e amortecidos chegavam até nós os echos dos progressos europeus; maior que a barreira dos Pyrineus separava a peninsula do resto do mundo a cordilheira alterosa do fanatismo e da ignorancia! O rebento da renascença, que surgira risonho no tempo de D. Manuel e de D. João III, afogava-o nas suas dobras sinistras a sotaina do jesuita.

Tratando n'este logar da evolução geral das instituições militares, para indicar os progressos que ellas tem obtido no decurso dos tempos, em harmonia com o progresso geral, não especialisaremos, como não temos feito até agora, os acontecimentos das guerras que n'este seculo tivemos de sustentar; o nosso thema é apenas traçar o esboço geral da evolução por que tem passado até hoje a instituição militar.

Para esta o seculo XVIII foi fecundo em innovações e progressos; se na ordem philosophica foi um demolidor, na ordem militar, como nas demais sciencias, foi um reformador, um tanto revolucionario; — a revolução social não podia deixar de ter influencia na organisação dos exercitos, sob o ponto de vista da disciplina e da escolha do pessoal.

Propriamente no que respeita a acquisições novas, este periodo foi talvez mais de pormenores e de aperfeiçoamento das acquisições anteriores, do que um periodo creador; mas a organisação das tropas, propriamente, e a arte de as manobrar, essas lucraram de um modo sensivel. Um vulto se destaca entre todos como um organisador genial: Frederico II; e um discipulo da sua escola, o conde de Shaumburg Lippe, marca entre nós um periodo de reconstituição militar.

Uma grande innovação do periodo anterior, a da

bayoneta applicada ao cano da espingarda, foi aperfeiçoada pela invenção do alvado que evitou o ter de se tirar a bayoneta na occasião do fogo; e munindo-se assim o soldado de uma arma que permanentemente tinha as duas funcções de arma de fogo e de ataque corpo a corpo, estabeleceu-se a base de toda a tactica moderna; — depois d'esse facto capital, tudo o mais se reduziu ao melhoramento das vantagens por elle adquiridas.

Estabeleceu-se a unidade da acção, sendo a arma principal dos exercitos transformada na sua propria essencia, fazendo-se d'ella o que continua ainda hoje a ser, embora muito mais aperfeiçoada. Foi então que definitivamente se poz de parte o pique, e desappareceu a diversidade de funcções dentro da mesma unidade de tropas, produzida pela diversidade do armamento, que acarretava comsigo toda a morosidade, toda a impotencia ou inacção momentanea, todos os inconvenientes, emfim, de um estado hybrido e desconnexo.

A transformação do armamento trouxe consequentemente a transformação nas ordens e formações. A promiscuidade das armas deu em resultado a diversidade das ordens de combate, consoante se tinha de combater contra a arma de fogo ou contra a arma de pulso. Desde o momento que estas duas se unificavam, dando em resultado tantas vantagens incontestaveis, claro é que o problema das ordens de combate tinha de ser resolvido do mesmo modo, adoptando-se uma fórma de se passar rapidamente de uma ordem para outra, em harmonia com a condição da lucta. Foi tal a revolução produzida por estes factos, resultantes da invenção da bayoneta de punho cavado, applicada ao cano da arma, que ha quem attribua a essa invenção maior importancia que á da polvora.

«A polvora de guerra só por si, — diz o major do

exercito italiano Cianciulli, na sua contestação ao major barão Ferrari de Parma, que negava os progressos da arte da guerra —, não teria podido produzir nas ordens uma mudança total: quero n'isto dizer que, vindo ella substituir as antigas armas de arremesso, conseguiu, sem nenhuma duvida, mudar as ordens apropriadas aos combates de longe, mas não transformal-as em ordens proprias para a lucta á arma branca. Quero ainda dizer que uma arma que só fornecesse fogos, não poderia, só por si, bastar para toda a especie de combate, e que, por consequencia todas as vezes que fosse necessario fazer que um combate de perto se seguisse a um combate de longe, e vice-versa, necessario seria tambem mudar ora de armas, ora de guerreiros, e sempre de ordens, dupla condição a que seria mister satisfazer, precisamente nos momentos mais accesos da acção, tornando-se por isso mesmo impossivel a solução d'esse grande problema».

Este trecho mostra a importancia, verdadeiramente notavel, de um facto tão capital na evolução da arte da guerra.

É propriamente do seculo XVII a invenção da bayoneta com o alvado, mas os resultados completos d'essa invenção só se obtiveram no seculo XVIII; largo tempo duraram ainda as controversias entre os defensores da ordem profunda e a da ordem singella.

A bayoneta do seculo XVII, como dissemos, introduzia-se dentro do cano do fusil; e apesar de todos os inconvenientes, deu aos francezes as victorias de Neerwinden e de Marsaille (1693); mas quanto ella ainda assim era insufficiente provou-o o combate de Killicrankie (1688), em que os soldados inglezes, depois de fazerem fogo, quizeram metter a bayoneta; os montanhezes da Escocia, cahindo

sobre elles, os derrotaram, sem lhes dar tempo de concluir a operação.

A velha bayoneta d'onde provém a moderna, é attribuida, por alguns, a Vauban; mas a primeira vez que foi officialmente auctorisada foi quando Puysegur, em 1642, estando em Flandres, distribuiu aos destacamentos que enviava para alem dos canaes, segundo elle proprio conta nas suas *Memorias,* em vez de espadas, laminas de um pé de comprimento, com um cabo de madeira de igual dimensão, que se mettia dentro do cano. A moderna, a do punho adaptada ao cano, é invenção de Martinet, marechal de campo francez, em 1681, sendo pelo mesmo aperfeiçoado em 1692; o seu triumpho, porém, só se deu no seculo XVIII, mais tarde n'uns paizes que n'outros.

Foi nos meiados d'esse seculo, tambem, que se produziram outras duas innovações igualmente importantes: a da vareta de ferro na espingarda, que tornou mais rapido o carregamento, e a do passo cadenciado, ambas introduzidas na Prussia por Leopoldo de Dessau, dando a segunda uma grande superioridade ás manobras prussianas.

A innovação de Martinet, adaptando a bayoneta ao cano da espingarda, não foi mais do que um aperfeiçoamento do que já existia, isto é, da bayoneta encavada dos habitantes de Bayona ou dos soldados de Puysegur; mas a verdade é, como já dissemos, que esse facto, na apparencia tão simples que lembra o ovo de Colombo, e que admira como não tivesse suggerido mais cedo, transformou completamente, nas suas bases, a tactica moderna. Póde-se dizer que depois d'isso nenhum facto contribuiu para uma tão radical revolução na arte da guerra. Assim se completava a obra que viera esboçando-se desde o findar do seculo XVII, no abandono, cada vez mais mais accentuado, das armas

antigas, substituindo-as pela arma de fogo; restava encontrar uma arma que, conservando as vantagens do fogo, adquirisse as do pique para os ataques corpo a corpo em que rematavam todas as envestidas a tiro, nunca decisivas, como agora, dos destinos do combate; e foi o que se conseguiu, e foi de onde proveiu a grande revolução na arte da guerra.

Na guerra de successão de Hespanha esse melhoramento não teve ensejo de mostrar toda a sua efficacia; mas nem por isso esse periodo de lucta deixou de ser fertil em aperfeiçoamentos. Assignala-se entre nós por muitas maneiras: — vem a organisação em brigadas, dando-se ao exercito nova fórma, pelo modelo dos regulamentos francezes; cria-se a unidade *regimento* nas diversas armas, subdividido em quatro esquadrões na cavallaria, e dois batalhões na infanteria[1]; institue-se um corpo de guias, outro de preboste; dá-se fórma aos regimentos de artilheria; unifica-se o modelo das espingardas; regula-se a promoção e diversos serviços de campanha[2]; nas formações aligeira-se a profundidade, conservando-se ainda assim um fundo de quatro[3]; é de todo abolido o pique e as armas de mecha e morrão, vendo-se entre nós, desde o abrir do seculo, prescrever-se a necessidade dos piqueiros se exercitarem no mosquete e no fuzil[4], arma esta cuja distribuição era ordenada até para auxiliares e ordenanças desde 1698[5], mas só em 1708 se consegue abolir o pique; regula-se as penalidades dos militares e estabelecem-se as bases

[1] Regimento de 15 de novembro de 1707.
[2] Regimento para o exercito, quando estiver em campanha, de 20 de fevereiro de 1708.
[3] Idem. Appendice. *Exercicios uteis.*
[4] Decreto de 4 de agosto de 1703.
[5] Decretos de 1 de dezembro de 1696 e 20 de julho de 1697.

de um codigo de justiça militar com quarenta e dois artigos de guerra[1]; attende-se, finalmente, a mil outros serviços no aquartelamento e em campanha[2], o que tudo seria excellente se a natural incuria, auxiliada pelos ocios da paz, não tivesse em breve votado tudo ao esquecimento.

Foi necessario um novo perigo imminente para nos tornarmos a recordar que no exercito está a verdadeira salvaguarda da independencia da patria!

A influencia de Frederico II e dos seus generaes na arte da guerra foi notabilissima, e em Portugal, finda a guerra conhecida pela do *pacto de familia*, essa influencia elevou o exercito, que chegára ao extremo do abandono e miseria, ao ponto de ser considerado á altura dos melhores da Europa[3].

O prussiano Decker, na sua *Tactica das tres armas*, entende que Frederico II, superior a Gustavo Adolpho, «creou de novo a arte da guerra». É um exagero; e, todavia, póde-se dizer que ainda hoje subsiste, na essencia da arte da guerra, aquillo que o grande caudilho deixou consignado como um melhoramento.

«Quando Frederico appareceu em scena, diz Decker, encontrou já generalisada a espingarda; não se podia pensar em a substituir, por isso tratou de a aperfeiçoar, e a pouco trecho a tactica dos fogos chegou na Prussia a um grau de perfeição tal que foi a admiração da Europa.

«O rei fixou como principio invariavel a formação da infanteria a tres de fundo, e assim se viram desdobrar essas linhas extensas e delgadas, d'onde

[1] Alvará de 7 de maio de 1710.
[2] O citado regimento de 20 de fevereiro de 1708.
[3] Opinião do conde Choiseul e de Saint Priest. *Quadro elementar*. Tom. VII.

mais tarde a arte de as mover tirou o nome de *Tactica das linhas*.

«Leopoldo de Dessau tinha já inventado, em 1730, a vareta de ferro. No reinado de Frederico, (mas depois da guerra dos Sete Annos), a vareta tomou a fórma cilindrica, o que accelerou o carregamento; ainda mais se augmentou essa ligeireza no carregar, com a invenção do ouvido da espingarda em fórma de funil, que conduzia a polvora naturalmente em rastilho; assim foi que nenhuma infanteria poude igualar a prussiana na habilidade do manejo da espingarda, habilidade que se aperfeiçoou cada dia mais por meio de constantes exercicios e de contínua pratica.»

O plano genial de Frederico II, ía, porém, alem do simples desejo de aperfeiçoar as armas e processos de guerra; isso era um meio; o seu fim principal foi elevar, pelo esforço das armas, e pelo exemplo da disciplina, a, até então, modesta Prussia, á categoria de uma potencia de primeira ordem. E conseguiu.

Nos progressos da tactica ficaram memoraveis os nomes de Saldern para a infanteria e de Seydlitz para a cavallaria. Esta arma voltou a ter a sua principal vantagem como arma de choque; e a espada, não a arma de fogo, voltou a ser a sua arma por excellencia.

Luigi Blanch resume assim os aperfeiçoamentos tacticos realisados na Prussia:

1.º Exactidão no ensino do detalhe no manejo das armas, no fogo, na marcha, nos alinhamentos.

2.º A maneira de formar rapidamente em columna, e de passar de novo á ordem de batalha por meio de marchas de flanco, percorrendo a diagonal. D'aqui resultava a dupla vantagem de operar pela linha mais curta e conservar a ordem cerrada para qualquer eventualidade. Assim se re-

solvia o eterno problema de todas as evoluções, que é occupar pouco espaço e ganhar muito tempo. N'estes dois resultados reside o verdadeiro segredo da tactica.

3.º A applicação dos mesmos methodos a divisões inteiras, realisando marchas de flanco, em columna, por fórma a voltar á ordem de batalha por uma simples conversão. O emprego dos escalões para obter esforços successivos sobre os pontos de ataque, sem se expor á confusão em caso de revez; fim este a que concorria a distancia entre os escalões, visto que os que não eram empregados se conservavam intactos para renovar os ataques ou para operar ou cobrir a retirada. As mudanças de frente, as passagens de linha, as retiradas em xadrez, os quadrados, derivavam dos mesmos principios; eram executados pelos mesmos methodos e resumiam-se sempre na passagem da ordem em batalha para a ordem em columna, e vice-versa. Havia n'isso, portanto, sciencia, porque havia principios constantes, unidade de fins, simplicidade de methodos.

4.º A ordem de batalha, que não tinha por base o systema de collocar as differentes armas n'uma ordem constante, visto que em vez de as intercalar se tinha chegado a separal-as completamente, foi substituida pelo principio fecundo do seu reciproco apoio e da sua apropriação á natureza do terreno. Isso fez, com grave escandalo dos tacticos de vista curta, com que se visse a cavallaria occupar o centro da ordem de batalha, emquanto que a infanteria ficava nas alas; a artilheria, tornada movel, mudar de posição e seguir as tropas em todos os seus movimentos; a ordem de batalha ser tomada em frente do inimigo desdobrado, cousa inaudita nas epochas anteriores; fez que se visse, finalmente, pela combinação das differentes columnas ou por uma marcha de flanco coberta pelo terreno ou

por tropas desenvolvidas, adoptar essa ordem obliqua, tão usada entre os antigos, para ir alem do inimigo, n'um dado ponto, e poupar uma ala aos seus ataques[1].

Foi tal a admiração que produziram os resultados obtidos pelas innovações de Frederico II, os quaes, aliás, não eram talvez devidos tanto a essas mesmas innovações como ao talento pratico do innovador na applicação d'ellas, foi tal essa admiração, que todas as nações se pozeram a copiar as ordenanças prussianas, sem curarem se quer de saber se ellas convinham ao caracter nacional[2]. Assim lhe imitaram as formaturas, os regulamentos, os vestuarios, a rigidez hirta da gravata, as pancadas com espada de prancha, tudo isso mais na parte puramente exterior, do que na essencia das cousas e em harmania com a indole de cada paiz.

Esta foi a obra da guerra dos Sete Annos, com respeito ás duas armas então principaes no exercito: — a infanteria e cavallaria[3].

A artilheria toma n'este periodo definitivamente o seu logar no exercito, como parte integrante e um dos seus orgãos principaes; passou a ter uma funcção permanente e um pessoal proprio, sem necessidade de os ir buscar ás outras armas como no seculo anterior, em que homens de infanteria serviam, por exemplo entre nós, de auxiliares aos *bom-*

[1] Luigi Blanch. *Della scienza militare considerata ne' suoi raporti colle altre scienze e col sistema sociale.* Discorse nove, estratti del giornale *Il Progresso delle scienze, delle lettre e delle arti.* Seconda edizione corretta ed accresciuta di una prefazione. Napoli, 1842.

Obra que tive ensejo de ver no original, no decurso da impressão d'este trabalho, na bibliotheca nacional de Madrid.

[2] Rustow. *L'art militaire au* XIX *siècle.* Traduit de l'allemand.

[3] Entre nós o *Regulamento para o exercicio e disciplina dos regimentos de infanteria,* de 18 de fevereiro de 1763, e o *Regulamento para o exercicio e disciplina dos regimentos de cavallaria,* de 25 de agosto de 1764, são reflexo das mesmas idéas e progressos.

bardeiros, que constituiam o inicio de um pessoal artilheiro technico; e o que Luvois fez em França, fel-o aqui Pombal dando á nossa artilheria o caracter, não só de uma arma do exercito, mas de uma arma scientifica, coroando assim os esforços que no tempo de D. João IV, Affonso VI e D. Pedro II se tinham começado a empregar, com a reorganisação do corpo de *bombardeiros de nomina*[1], com a creação da escola no forte de S. Filippe em Setubal[2] e outras nas quatro maiores praças de cada provincia[3]; com as recompensas estabelecidas aos mais destros e aptos, etc.

Esta obra de ha muito começada, completava-a o habil general allemão, o conde de Lippe, notavel artilheiro, ao nosso serviço. Por isso nada se poderia encontrar mais adequado para uma dadiva nacional a tão illustre caudilho do que a bateria de oiro massiço com que o brindámos ao deixar o nosso paiz. A elle se deveram melhoramentos importantes, como a instituição de aulas de mathematica e suas applicações á profissão de artilheria em cada um dos regimentos em que esta arma foi organisada; a promoção por merito e competencia; os programmas de exercicios praticos; a traducção e adopção nas escolas das melhores obras estrangeiras sobre artilheria, etc. A reforma de artilheria de 1766 (alvará de 4 de junho), melhorando a de 1763 ou remediando as suas deficiencias, é ainda feita sob o influxo d'esse espirito reformador e devotado ás cousas portuguezas. Tudo isto mostra como foi n'esse periodo que a arma de artilheria começou a ter entre nós o logar que lhe era devido.

[1] Decreto de 13 de maio de 1641. Os *bombardeiros de nomina*, sob o commando de um capitão, eram obrigados ao tiro ao alvo e a lições de artilheria e esquadria.

[2] Decreto de 21 de março de 1658.

[3] Decreto de 18 de julho de 1669.

Nos seus effeitos a artilheria, adquirindo maior rapidez e precisão no tiro, maior mobilidade, maior expediente no abrir os fogos, no pôr em bateria as peças e transportal-as, obteve grandes progressos com os aperfeiçoamentos introduzidos no seu material, na distribuição de munições, etc.

Entre os paizes que apresentaram melhor artilheria, nas condições de realisar a sua progressiva missão, contava-se a Austria e a Inglaterra; e do quanto esta ultima nação pensára no assumpto ficou memoria perduravel no exemplo da artilheria com que rompeu a campanha na Peninsula, ao abrir este seculo, levando n'esse particular aos francezes uma vantagem incontestavel.

A Prussia creou a artilheria a cavallo, para acompanhar a cavallaria; a artilheria de campanha ficou separada da artilheria de posição, cada uma com a sua fórma de reparos; organisaram-se parques e arsenaes moveis. Entre nós o decreto de 26 de julho de 1757, que organisa o regimento de Extremoz em dois batalhões, de oito companhias de artilheria, um de *bombeiros* e outro de *mineiros* no 1.º batalhão ou de *pontoneiros* no 2.º; o alvará de 4 de junho de 1766, que ampliou o plano junto do alvará de 15 de julho de 1763, e que em cada regimento de artilheria, composto de doze companhias, mandou que houvesse, ao par de nove companhias de artilheiros, uma de *bombardeiros*, outra de *artifices* e outra de *mineiros*: a creação do regimento de artilheria da côrte, com a extincção dos pés de castello, presidios e troços de artilheria (alvará de 9 de abril de 1762), a selecção dos soldados d'esta arma (decreto de 30 de julho de 1762), etc., mostram o desenvolvimento que vão tendo os serviços da artilheria, já considerada como «arte interessante de que se tem feito dependente a maior parte da força dos exercitos»,

(alvará de 15 de julho de 1763), e já complexa, se a compararmos com o que foi nos seus primeiros incunabulos de organisação, que se podem assignalar com o *Regulamento do vedor mór das artilherias de guerra*, a meio caminho do seculo XV[1].

N'aquellas companhias de *artifices* e de *mineiros* estava a cellula organica do que havia de ser, pouco depois, a engenheria militar como corporação, com o seu pessoal proprio, devidamente educado para um papel cada vez mais exigente e largo, em harmonia com os progressos das sciencias exactas. A engenheria militar é creação do seculo XVIII. Entre nós, o decreto de 29 de dezembro de 1721 determinava que fossem engenheiros todos os officiaes de uma das companhias de cada regimento de infanteria, e por decreto de 24 de dezembro de 1732 se creavam mais academias militares nas praças de Elvas e Almeida, alem das que existiam em Lisboa e Vianna, e nas quaes se ensinava fortificação, estrategia, tactica, topographia, levantamento de cartas, etc., e se procurava, embora com fraco resultado, dar impulso á sciencia das construcções militares, até então confiadas a estrangeiros; o que tudo mostra que ainda se não pensava em organisar em corpo independente os serviços de engenheria, mas que se sentia já a necessidade de concretisar esses serviços. Só com a organisação de Lippe, moldada na do exercito prussiano, se chegou a definir bem a estructura do exercito moderno, nos seus diversos orgãos, sendo a vinda d'este general ao nosso paiz considerada como o principio da nossa reformação e melhoria militar[2].

As nações passaram todas a pensar na organisação e educação de uma corporação de engenhei-

[1] Tem a data de 13 de abril de 1449.

[2] Latino Coelho. *Historia militar e politica de Portugal* desde os fins do seculo XVIII até 1814.

ros militares, ao contrario do que succedeu durante o seculo XVII, em que em Portugal, por exemplo, os engenheiros encarregados de construir fortalezas, e de lhes dirigir os traçados, eram o já mencionado jesuita hollandez Cosmander, o jesuita italiano Turriano, o francez Lasart; se bem que, com a creação da aula confiada a Luiz Serrão Pimentel, auctor do *Methodo Lusitano de desenhar praças,* se revelava já então o desejo de se ir formando um nucleo de engenheiros militares nacionaes; e mais tarde, a individualidade do notavel auctor do *Engenheiro portuguez,* Manuel de Azevedo Fortes, que tanto se distinguiu na guerra da successão, mostram o caminhar para um grau scientifico mais elevado, com um pessoal nacional.

A fortificação realisou grandes progressos; Vauban, ao mesmo tempo que fortificava a França, como se fosse um grande campo entrincheirado, onde cada fortaleza era um baluarte, estabelecia, principalmente, regras poderosas para o ataque das praças; ulteriores progressos, porém, davam grandes vantagens á defeza, estabelecendo melhores methodos de desenfiamento, flanqueamento e relevo das obras, augmentando o numero das obras exteriores, e estabelecendo um systema de contramina e de guerra subterranea. N'este particular é á França que cabe a primazia, como á Prussia ella cabe nos progressos da tactica e da arte de manobrar. Aos nomes de Vauban e do seu rival Cormontaigne, vem juntar-se o de Carnot, o *organisador da defeza* patria, que levou até ao extremo os recursos da defensa, por meio de combates corpo a corpo, de fogos approximados e de fogos verticaes, convertendo a defeza n'um processo mixto de defeza e de ataque que lhe duplicava as forças e a acção.

Na fortificação de campanha foram tambem importantes os melhoramentos, no sentido de tornar

mais expeditos, mais rapidos, mais promptos os movimentos dos exercitos, que os antigos systemas muitas vezes paralysavam e entorpeciam.

Com os progressos das diversas armas não podiam deixar de melhorar os varios serviços auxiliares, entre outros a administração militar e o serviço de saude; para isso concorreu principalmente o principio divisionario, que, creando as divisões mixtas, estabeleceu a solidariedade entre as diversas partes da unidade organica, e n'esta uma perfeita harmonia de commando e de administração.

Um facto ainda, e muito notavel, se assignala na organisação militar do seculo XVIII: é a creação do Estado Maior na Prussia, em seguida adoptado pelos demais paizes. Começou ali, em embrião, o que mais tarde, em 1870, havia de ser o prodigioso organismo, superiormente dirigente, do grande exercito allemão, que do remanso das suas tendas, a dezenas de leguas de distancia, havia de delinear e fazer executar, nos seus pormenores mais minuciosos, o plano de campanha de antemão traçado, com todos os elementos de estudo, de experiencia, de informação, — plano que, pela sua justeza, chegou a assombrar os mesmos adversarios, batidos em sua casa com os seus proprios recursos de que não tinham sabido tirar partido!

O estado maior do exercito veiu estabelecer definitivamente a unidade de pensamento, de direcção e de acção em todo o machinismo complexo dos exercitos, que passavam a obedecer a um centro psychico, superiormente dotado, como ás operações do cerebro obedecem, n'uma harmonia perfeita, todos os diversos membros do corpo humano.

Como negar que com a maturação do saber, da rasão e da experiencia, a organisação do exercito representa já na Europa o desenvolvimento e o pro-

gresso apresentados pela sociedade de que elle fez parte, n'uma unidade perfeita!

Do mesmo modo que nas sciencias, nas industrias, na politica, que tinham em toda a parte uma feição geral, cosmopolita, assim os caracteristicos geraes dos exercitos se confundiam tambem n'um typo commum, mostrando que na sciencia da guerra, como nos outros conhecimentos humanos, não havia já exclusivismos; — o que era de um passava logo a ser dom de todos! No edificio social as portas e as janellas abriam-se largas, francas, para todos os lados, e já não era por frestas que a luz entrava, mais ou menos escassa e parcialmente, mas farta e igual para todos, como o sol que a todos alumia e a todos aquece, por igual maneira, na sua luminosa e magnificente prodigalidade.

Esse sol brilhante, que tudo envolvia n'um nimbo de luz, apparentemente tranquillo, como que ía, porém, concentrando no sub-solo o calor, o fogo que um dia havia de irromper, abalando as sociedades nos seus fundamentos. A grande conquista da liberdade de consciencia, realisada pela Reforma, produzia os seus naturaes fructos, e a consciencia humana que encontrava liberdade para discernir e resolver em materia religiosa, não se conformava com a não ter ampla em todas as outras espheras do pensamento e do sentimento.

Nas camadas espessas e incultas da sociedade essa aspiração mal se definia, mas em Inglaterra, os livros de Locke[1] fusilavam os primeiros relam-

[1] «*Essay on the human understanding.*» e «*Treatise on civil governement*».

pagos da tempestade que começava a formar-se nas regiões superiores, para lançar depois cá abaixo os seus fulminantes raios sobre os velhos edificios religiosos e politicos. Esse movimento accentuou-se no seculo XVIII, e veiu até á França, a grande propagadora das idéas, por intermedio de Voltaire. A obra d'este temivel demolidor pelo sarcasmo, accrescida, por fórmas bem diversas, pela acção de Montesquieu e de Rousseau, teve um movimento rapido, porque encontrou as consciencias predispostas, preparando assim o grande periodo das revoluções e das irrupções, — *die Sturm und Drang*, como lhe chamaram os allemães.

A revolução franceza foi a destruição de toda a maneira de ser antiga, da qual subsistiram apenas, na sua essencia, embora modificada na fórma, o regimen da propriedade e o da familia; tudo o mais: direitos do homem sobre o homem, do dono sobre o escravo, do senhor sobre o servo; restricções ou pressões sobre a liberdade de testar, de dispor da sua pessoa, de pensar, de crer, de escolher o seu domicilio, o seu commercio, a sua industria, de exprimir o seu pensamento; emfim todas as prisões de liberdade desappareceram! Do mesmo modo desappareceram as desigualdades absolutas entre homens e classes, até então fechadas umas ás outras; e os privilegios deixaram de existir como lei ou como principio.

Espalhando-se por toda a Europa a influencia de tão salutares quanto consoladoras idéas, fez-se uma especie de unificação de povos sob a bandeira luminosa da liberdade. Os «direitos do homem» foram em toda a parte reconhecidos e proclamados; foi em nome d'elles que se deu a invasão dos exercitos francezes nos paizes onde se apresentaram como libertadores dos opprimidos, contra a tyrannia dos privilegios.

E apesar d'esse facto notabilissimo se ter dado ainda no seculo XVIII, pelos caracteristicos que elle definiu no sentido de uma nova maneira de ser da humanidade, em todas as suas manifestações, se póde bem dizer que o seculo XIX começou então! Foi n'este seculo que se completou a obra iniciada. Os dons da civilisação que o seculo XVIII tornára, em principio, communs de todos, era o nosso seculo quem praticamente os integrava na posse de todos, sem distincções nem privilegios que não fossem os adquiridos pela intelligencia e pelo trabalho.

N'estas condições, facil é de ver que a organisação dos exercitos, sobretudo quanto ao seu pessoal, e, portanto, ao seu alcance social e prestigio moral, não podia deixar de soffrer sensiveis transformações.

Contam o general Dumurier[1] e o tenente irlandez Costigan[2], nas suas conhecidas obras ácerca de Portugal, aliás muito parciaes, que o conde de Lippe veiu encontrar entre nós officiaes do exercito, como serviçaes dos seus generaes, fidalgos e senhores; cita mesmo Dumurier o facto de em casa do general Conde Barão ter tido o marechal de la Lippe a servil-o á mesa um capitão do regimento do dono da casa. Isto, que hoje nos repugna, estava em perfeita harmonia com os costumes da epocha, e com os privilegios que rasgavam abysmos entre o nobre e o plebeu, qualquer que fosse o valor intellectual ou moral d'este ultimo, adstricto á gleba servil da sua inferioridade social. Correspondia ao soldado assaltar a gente nas ruas, por lhe deverem oito mezes e mais, de soldo, e mendigar a caridade, até estando de sentinella[3], sendo necessario me-

[1] *État present du Portugal.* Obra publicada anonyma.
[2] *Sketches.* Tom. I.
[3] Costigan. *Sketches.* Tom. I. — Baretti. *Travels in Portugal.* — Officio do encarregado de negocios de França, Saint Julien, ao duque de Coiseul, de 17 de novembro de 1761.

didas especiaes para a repressão de tão grandes abusos[1].

Para não passarmos dos exemplos de casa, basta dizer, que durante quasi todo o seculo passado a qualidade para se ser official era unicamente ser-se nobre; para o posto de coronel exigia-se que o candidato fosse rico e de auctoridade[2]; — o saber ler só passou a ser condição necessaria desde 1735[3]; para os postos mais altos e de maior responsabilidade não era a capacidade a recommendação, mas sim a nobreza, sendo elles muitas vezes dados, não para premiar serviços, mas para acudir ás necessidades de familia; — para se ser capitão de engenheiros bastava ter prestado serviços nas obras de um palacio real[4]; a categoria militar não era de modo algum funcção do saber, da pratica no serviço ou da honestidade, embora alguma cousa se tivesse prescripto, sobretudo com respeito á arma ainda então mais considerada, a cavallaria[5]; e mais tarde com respeito á artilheria, onde se desejou estabelecer uma selecção mais proficua aos encargos da profissão[6].

Isso, porém, desappareceu, subvertido pela onda revolucionaria, que invadiu todas as espheras; e ficou aberto o caminho a todas as aptidões e a todas as intelligencias, qualquer que fosse o ponto da escala social de onde ellas partissem. O que isso representava de transformador na instituição militar, facil é de deduzir.

Conjunctamente com esta alteração radical no recrutamento dos officiaes, deu-se a grande inno-

[1] Regulamento para o exercito quando estiver em campanha, de 20 de fevereiro de 1768.

[2] Antonio do Couto Castello Branco. *Memorias militares*. Tom. I.

[3] Decreto de 4 de abril de 1735.

[4] Decreto de 11 de setembro de 1733.

[5] Decreto de 25 de agosto de 1707.

[6] Alvará de 9 de abril de 1762.

vação na acquisição do pessoal menor dos exercitos. Já estes não eram constituidos por mercenarios, e estrangeiros; eram braços nacionaes os que constituiam o nucleo prestigioso da força armada.

Se muitas causas não afastassem do serviço dcs exercitos o pessoal valido das nações, occupado em tantos misteres uteis, seria o voluntariado a melhor fórma de dotar a força armada de elementos que representassem incontestavelmente a vontade nacional; é, porém, esse um systema que, sendo viavel na Inglaterra, pela sua organisação especial, o não é em todos os outros paizes militares. D'ahi a idéa de tornar obrigatorio o serviço militar, como tributo que todos devem á patria, para sua segurança e garantia.

O estabelecimento do serviço obrigatorio deu origem a exercitos absolutamente nacionaes, representando as forças vivas do paiz, e revestidos de um prestigio moral que elles nunca d'antes poderiam apresentar na sua collectividade. D'ahi a «nação armada», expressão que significa que, no momento de perigo, a nação tem de se armar, como um só homem, para defender os seus direitos, a sua liberdade, a sua independencia, ou para realisar qualquer empreza militar que demande o esforço e o sacrificio de todos; para isso teve-se de instituir como obrigação o serviço nas fileiras, temporario e successivo, organisando-se ao mesmo tempo, e com os mesmos elementos, o serviço das reservas.

Este systema inaugurado pela França, n'um momento critico, serviu mais tarde para, de libertadora dos direitos dos povos, a França se converter em usurpadora da sua independencia e liberdade; e isso levou as nações a adoptar, embora por outras fórmas, e com diverso nome, o serviço obrigatorio. Napoleão, que arrastava atrás de si, em successivos arrancos, as forças vivas do paiz, encontrou na

sua frente, quer na Peninsula, quer na Austria ou na Russia, massas compactas de nacionaes que se batiam como um só homem pela sua patria e pelos seus direitos! Esta organisação trouxe comsigo como resultado um novo systema de promoções, de recompensas, de relações hyerarchicas, de subtituições, de isenções, etc. O modelo n'este ramo de serviço militar passou, porém, a ser a Prussia, firmada na base primordial de um serviço universal e obrigatorio, que já contra Napoleão I lhe dera um exercito numeroso e forte, e que na guerra de 1870 lhe forneceu moles compactas de gente, admiravelmente congregada, não como congeries desconnexas, mas como legiões de homens adestrados, obedecendo á voz de um chefe que representava o centro psychico onde residia o pensamento e a vontade de um tão maravilhoso organismo!

N'esta passagem de todas as classes, de todas as aptidões, pelas fileiras do exercito, conseguiu-se a fecundação das artes e sciencias militares pelo talento de homens de todas as proveniencias que, sem se lhes inquirir da descendencia ou da origem, são recebidos na grande communhão militar, no culto e sacrificio pela patria, e que, portanto, em prol das instituições militares cedem as luzes do seu espirito, convertendo-as n'uma verdadeira escola do progresso.

Outro beneficio que se deve ao caminhar da civilisação n'este seculo encontra-se na modificação humanitaria dos principios que hoje regem o direito das gentes, e que tem por fim a confraternisação das nações para proteger os povos mais fracos contra a tyrannia dos mais fortes, para prevenir as guerras ou pelo menos abreviar-lhes a duração, ou minorar-lhes os resultados funestos, prohibindo certos engenhos mortiferos, protegendo e soccorrendo os feridos e os doentes, etc. Tal tem sido o

resultado de muitos congressos reunidos e animados por esses principios de humanidade e de justiça.

De modo que as guerras, não tendo deixado de existir, porque estão na natureza humana, tornaram-se comtudo menos frequentes e mais rapidas; assim os seus fins e processos modificaram-se no sentido de hoje serem cada vez mais raras as inspiradas pelo egoismo, pelo odio, pelo amor da presa, ou pelo simples prurido da lucta, tendo-se por todos estes factos a profissão militar convertido n'um dever civico, em vez de ser uma diversão ou o resultado de um capricho on da satisfação de um instincto.

Quanto aos instrumentos da guerra, é notavel o aperfeiçoamento que elles têem conseguido, sobretudo n'esta ultima metade do seculo. A tactica não teve de certo uma transformação tão fundamental, como quando se applicou definitivamente á espingarda a bayoneta cavada, acabando por completo com a arma antiga; em todo o caso soffreu modificações profundas, á proporção que na espingarda se foi substituindo, a pouco e pouco, as cargas morosas pelo cartucho, a pederneira pela espoleta, a espoleta pela agulha, o cano liso pelo raiado, o carregamento pela bôca pelo carregamento pela culatra, com crescente aperfeiçomento no cartucho, nos calibres, etc., acabando por a converter n'uma espingarda de tiro cada vez mais rapido.

O que Napoleão reputava já «a arma mais perfeita que o homem ainda inventára», tornou-se n'um instrumento de guerra maravilhoso, que embora augmentasse extraordinariamente uma das suas qualidades essenciaes, a de ser uma arma de fogo por excellencia, conserva e conservará sempre a sua outra qualidade, de arma de pulso. Pelo facto do predominio do fogo na guerra moderna,

tem-se chegado a suppor possivel o prescindir-se da bayoneta; mas o effeito d'esta arma, nos defensores das posições que se querem tomar, a frequencia ainda hoje das luctas corpo a corpo, o facto de ser a bayoneta, como diz Lewal, «essencialmente a arma das surprezas de noite», e, em muitos casos, como na batalha de Dresde, o ultimo recurso da infanteria contra a cavallaria, fazem com que a bayoneta, o sabre-bayoneta, ou o punhal-bayoneta em que alguns a querem converter, continue tendo uma alta funcção, que não desapparecerá, por maior que seja o poder do tiro.

Mesmo á cavallaria, onde a arma de fogo não póde ter a dupla funcção que tem na infanteria, a perfeição e rapidez do tiro tendem cada vez mais a dar-lhe uma importancia crescente, aproveitando a grande vantagem da sua velocidade para, em certas circumstancias, antecipar, preparando-lhe o terreno, os serviços da infanteria e da engenheria. N'este sentido caminham todos os esforços dos que desejam dar á cavallaria toda a applicação que ella póde ter.

O mesmo com respeito ao armamento e material de artilheria. Aqui o canhão, o obuz, o morteiro, a metralhadora com os seus calibres diversos, a sua ligeireza, precisão, efficacia de tiro, cada vez maiores, com o poder crescente dos explosivos, os quaes depois de melhorias successivas, acompanhando os progressos da chimica, até chegam hoje a não ter o inconveniente do fumo, que denunciava a posição da bateria e ao mesmo tempo impedia a vista do atirador; com o seu material cada vez mais leve e perfeito, converteram-se em machinas de um infernal effeito destruidor, para as quaes não ha obstaculos!

Desde Gribauval, para não fallarmos senão d'este seculo, que admiravel transformação! Passando

por melhoramentos iguaes, ou superiores ás da espingarda, a bôca de fogo e o seu projectil, passaram do canhão de alma lisa e de carregamento pela bôca atirando balas de ferro ou metralha, com um alcance de pouco mais de 3:000 metros, a ser o admiravel instrumento que se chama hoje uma peça Krupp ou Bange de maior alcance. Para isso melhorou successivamente os seus estriamentos, a qualidade dos metaes de que é construida, suas condições balisticas, o seu carregamento pela culatra que resuscita, para o converter n'uma maravilha, o systema do carregamento das bombardas do seculo XIV, e fez passar por igual aperfeiçoamento o seu projectil, sobretudo a partir da insipiente *shrapnel* da guerra da Criméa, na qual residia, na expressão do general Thoumas «o futuro da artilheria[1]».

Principalmente depois da batalha de Sadowa, onde se attribuiu a victoria ao poder da artilheria, estabeleceu-se entre as nações uma verdadeira febre na acquisição e aperfeiçoamento da sua artilheria; desde então é extraordinaria a proporção estabelecida entre essa arma e as demais do exercito.

Um dos graves erros da França na guerra de 1870 foi precisamente o provocar o tremendo duello, quando não tinha ainda resolvido definitivamente a questão do seu armamento de artilheria com peças de carregar pela culatra, facto que deu em resultado ter principiado a guerra com canhões de carregar pela bôca!

Claro é que não foi essa a causa principal do seu desastre, o qual teve uma causa complexa, na enfermidade de toda a sua organisação, e na falta de uma direcção idonea. Tudo lhe faltou, tendo aliás tudo á mão! Começou pelo erro, se não crime, de

[1] Le général Thoumas—*Les transformations de l'armée française*, tom. II.

não ter montados devidamente os serviços da mobilisação do exercito, caminhando ás cegas para uma aventura para que não estava preparada.

A falta de artilheria que podesse igualar a do inimigo podia ter sido compensada pela superioridade do seu armamento de infanteria, e pela posse da metralhadora, invento que era seu exclusivo segredo. Mas nem na instrucção previa do tiro soube tirar toda a vantagem da sua excellente espingarda Chassepot, nem a metralhadora, apesar dos serviços que prestou em muitas circumstancias difficeis, — como na batalha de Loigny, na de Chevilly, no combate de Poupry em dezembro de 1870, e no de Saint-Jean-sur-Erve, em 15 de janeiro de 1871, para não citarmos outros —,[1] podia supprir os effeitos da artilheria, visto o seu alcance não ser superior a 1:800 metros, e não poder ser empregada, alem d'isso, senão em muito especiaes circumstancias.

De 1870 para cá os progressos da artilheria não têem consistido apenas no aperfeiçoamento das suas armas, projecteis, explosivos, e respectivo material, mas na propria sua funcção e applicação.

Parece que será ainda a Allemanha quem apresentará mais essa novidade se, pelo que já transparece, não forem as suas intenções conhecidas e seguidas n'outros paizes, sobretudo na França. Essa novidade consistirá no emprego de artilheria pesada, principalmente de tiro curvo, como artilheria de campanha, sendo transportada, por meio de parelhas de cavallos, ao ponto onde se deseja a sua mais efficaz acção. Essa artilheria pesada parece que constará, pelo que se póde por emquanto deduzir, de obuzes de 15 centimetros, morteiros de 21 e canhões de 12 e de 15.

Tendo os modernos melhoramentos e progres-

[1] Vide Général Thoumas, *Loc. cit.*

sos, taes como o da espingarda de repetição, da polvora sem fumo, dos meios de fortificação, ampliado consideravelmente os recursos da defeza, que póde hoje ser organisada por fórma a receber-se o choque do inimigo nas condições mais favoraveis, foi necessario pensar no augmento dos meios de ataque, sobretudo ás obras de fortificação permanente, a que está reservado um papel importante nas futuras guerras.

O numero de julho ultimo da *Revue militaire de l'étranger*, publica um interessante artigo sobre este assumpto, mostrando os corollarios que se podem tirar das medidas adoptadas —, sem declarar aliás positivamente o seu intuito —, pelo governo allemão, mandando reforçar, por exemplo, os effectivos dos batalhões de artilheria com cavallos de grande porte, destinados ás manobras de artilheria a pé, ou de posição, medidas que parecem corresponder ao que tem sido sustentado de ha muito pelos escriptores militares como os generaes Sauer e Wiebe, e ultimamente pelo general Speck, que, por assim dizer, tornou mais precisas as idéas dos seus antecessores, mostrando-as no terreno pratico.

As baterias pesadas moveis, segundo os principios que vão assentando, vão sendo exercitadas no conhecimento a fundo dos pormenores do serviço de campanha. Eram essas as idéas do general Wiebe[1], que parece encontraram echo no projecto de 20 de outubro de 1892, em que o chanceller dizia que «a artilheria a pé deve no futuro ser empregada ao lado das outras tropas de campanha», querendo justificar assim a necessidade da acquisição de uns dezesete tiros de cavallos, a tres parelhas, destinadas aos exercicios d'aquella especie de artilheria.

[1] Wiebe — *Participação da artilheria a pé nas grandes manobras, em tiros de guerra*. 1892.

O destino das baterias assim formadas como a designação de *baterias do exercito*, e que tem de peso total da equipagem de cada bôca de fogo: 2:800 kilogrammas para canhão de 12 centimetros (bronze com tubo central em aço-nickel), 2:300 kilogrammas para obuz de 15, de aço; e 4:500 kilogrammas para o morteiro de 21 (bronze com alma de aço), é fazer entrar na acção dos campos de batalha, ao lado das bôcas de fogo communs, as de tiro curvo e directo, de grande poder e alcance.

Por estas simples indicações se vê a importancia e desenvolvimento que tem tido n'este seculo a artilheria, no seu progredir a passos agigantados, sobretudo como arma offensiva, justificando a opinião do tenente coronel Canonge, de que «ella tende a ser cada vez mais o regulador do combate».

Para tudo isto, a industria da guerra, se assim podemos chamar ao que muitas vezes não têem o estimulo do interesse material a animal-a, (como succede, por exemplo, em Hespanha, onde todo o fabrico da artilheria incumbe á propria corporação artilheira, por uma fórma que a torna um admiravel exemplo a outras nações), a industria da guerra, diziamos nós, lança mão de quantos progressos se vão dia a dia realisando, em tantos e tão complexos ramos do saber e da actividade humana.

Examinemos, por exemplo, um canhão de 100 do melhor systema ou um morteiro 21 Krupp, Bange ou Mata, fabricado segundo os processos mais modernos, em officinas e fabricas montadas na perfeição e apresentando productos que satisfazem ás mais altas exigencias do fabrico, das necessidades da guerra moderna, e vejâmos se nada ha que possa, só por si, dar uma idéa completa do grau de adiantamento a que chegaram os recursos

scientificos de um paiz, na sua applicação á arte bellica!

Que de forças naturaes, que hoje melhor se conhecem e se dominam, — como o vapor, a electricidade, as correntes atmosphericas —, não são postas ao serviço da arte da guerra por uma fórma que seria tida como miraculosa ainda no seculo passado ou no principio d'este seculo!

O vapor applicado como motor nos transportes de guerra teve sua primeira applicação na guerra da Criméa, em 1854, em que se inicia o uso dos caminhos de ferro para a concentração das tropas francezas em Marselha e Toulon; de então para cá, o emprego dos caminhos de ferro para os effeitos da mobilisação, concentração de tropas, invasão de territorios tem sido admiravel.

Na guerra de Italia, no anno de 1859, não só os caminhos de ferro serviram para concentração e mobilisação de centenas de mil homens, e cavallos das diversas armas, com todo o armamento e material, mas para movimentos envolventes e estrategicos. Na guerra de Austria, em 1866, os prussianos, para se concentrarem na fronteira da Bohemia, começaram o movimento no dia 16 de maio, servindo-se de quatro vias ferreas, empregando nove a doze dias para cada corpo de exercito com todo o seu material de campanha, e vinte e um dias para reunir sobre o Torgau, Goerlitz, e Schoweidnitz 200:000 homens, 50:000 cavallos e 5:000 carros; e os austriacos depois da batalha de Custoza, e no intuito de conter os prussianos que avançavam sobre Vienna, fizeram seguir tres corpos do exercito, das margens do Pó, com 16:000 cavallos e 259 peças de artilheria[1], os quaes em dez dias foram

[1] D. Modesto Navarro e Garcia, *Estudios militares.* — Valencia, 1882.

transportados pelas linhas de Trento e Trieste ás margens do Danubio, percorrendo 166 leguas. Na guerra franco-prussiana, se os francezes, nem sempre fizeram um uso judicioso dos caminhos de ferro[1], os allemães tiraram d'elles um partido admiravel, não só para transporte de tropas, mas para provisões ao exercito e movimentos envolventes. Basta dizer-se que em menos de cinco dias (de 29 de julho a 2 de agosto de 1870) a concentração de forças sobre Coblentz, Maguncia e Landau reunia sobre a base de operações nas margens do Rheno, na extensão de 60 leguas, nada menos de 300:000 homens de infanteria, 45:000 cavallos, 1:000 bôcas de fogo, e todo o material respectivo. Para isso se serviram de linhas ferreas que empregavam 96 trens para cada corpo, com uma velocidade de 22 kilometros por hora.

De então para cá o serviço dos caminhos de ferro, com destino á guerra, tem ido melhorando cada dia mais, havendo hoje, por exemplo, na Allemanha, contratos especiaes com constructores e companhias de caminhos de ferro para os obrigar a ter promptos, á primeira voz, o material necessario para a mobilisação do poderoso exercito.

E que a importancia das vias ferreas na estrategia é tal, que não será aventuroso assegurar que de futuro a sua posse será um dos objectivos especiaes das operações, dando logar a combates encarniçados; que ellas constituirão as vias principaes das linhas de marcha, provisões e retiradas; estabelecerão a ligação e communicação entre as partes afastadas da frente de operações ou linhas de defeza; chegarão por ellas os reforços quando necessarios; e servirão por ultimo, de um modo muito per-

[1] Général Thoumas. — *Les transformations de l'armée française*, tom. II.

feito, para desembaraçar as massas combatentes dos feridos, enfermos, prisioneiros, e tudo o mais que sirva de embaraço aos seus movimentos[1].

Junte-se a isto o emprego da electricidade, não só como meio de communicação prompta de ordens, avisos, signaes, mas para a explosão das minas, esclarecimento das posições do inimigo, e outros serviços, e os progressos em que se encontra tambem, embora incipiente, a navegação aerea, e calcule-se o que é já hoje, e poderá a vir ainda a ser a guerra, com tão poderosos elementos á sua disposição!

Calcule-se, por exemplo, o effeito do emprego do aereostato como machina de guerra, descortinando todas as posições do inimigo, lançando do alto sobre elle machinas destruidoras; imagine-se a possibilidade de wagons do caminho de ferro convertidos, como se tem ideado por vezes, em machinas de guerra, reductos ambulantes, penetrando, independentes de rails, no campo inimigo! Quem póde suppor o que será a guerra d'aqui a meio seculo, n'este caminhar vertiginoso do progresso dos seus instrumentos destruidores, que nem por isso, aliás, é mais mortifera nas suas finaes consequencias, em comparação com as guerras antigas, sendo antes um elemento progressivo e humanitario pelo termo rapido que põe ás luctas armadas?

N'este progredir dos recursos bellicos, a estrategica, desde as guerras napoleonicas principalmente, tomou taes fóros de uma verdadeira sciencia positiva, que as luctas hoje se dicidem muitas vezes, menos pelo choque das massas, do que pela execução de um plano bem combinado sobre as cartas militares de um paiz onde se opera. Este é

[1] D. Modesto Navarro y Garcia, *Estudios militares*. — Valencia. 1882.

um dos grandes triumphos da moderna sciencia militar.

Sendo a estrategia, por assim dizer, a arte das artes da guerra, a suprema arte de aproveitar com precisão e opportunidade todas as condições e elementos de que a guerra póde dispor, n'um dado momento, para com elles obter a victoria, claro é que funcção do seu progresso é o adiantamento de todos os demais recursos da arte militar.

O general russo H. Leer, chefe da academia imperial do estado maior em S. Petersburgo, n'uma notavel conferencia realisada n'aquella academia em presença das mais altas summidades d'aquella capital, fez, no dia 15 de dezembro do anno passado, por occasião de completar o 35.º anno do seu professorado n'aquelle estabelecimento de ensino, a analyse da tranformação profunda por que passou, pelo influxo genial de Napoleão I, a estrategia n'este seculo, e prova como concorreu para isso o ter-se melhorado no exercito o seu principal instrumento, o seu utensilio capital, aquelle que representa a sua *vis* moral, *o homem*.

Estuda para isso tres epochas distinctas, das quaes a intermedia se póde considerar de transição preparatoria: o seculo XVIII, sobretudo com Frederico II, a epocha da revolulução franceza, e a epocha napoleonica.

A dupla necessidade da guerra, synthetisada pela phrase de Moltke: «Marchar separados, combater reunidos», phrase que por sua vez reproduz o pensamento de Napoleão: — «Se diviser pour vivre, et se réunir pour combattre», não podia ter uma realisação completa no seculo XVIII; só a teve com Napoleão, que deixou, na sua essencia, estabelecidas as bases da estrategia moderna.

No seculo XVIII as condições do recrutamento fazia com que se não contasse com os homens tra-

zidos ás fileiras, sendo necessario exercer sobre elles constante vigilancia, por causa das deserções, e ter por unico meio para o evitar e conserval-os unidos, a formação e as evoluções compactas. D'esta necessidade se ressentia portanto a tactica e a estrategia, cujo vôo e liberdade de acção estavam presas e limitadas. Por outro lado, e como consequencia do mesmo facto, o abastecimento das tropas em campanha era feito por meio de armazens estabelecidos em determinadas condições pelo governo, e que, portanto, subordinavam á sua segurança e proximidade das tropas toda a acção de guerra. De modo que a aguia da guerra, presa ao solo por um baraço de determinadas dimensões, não podia alargar os seus vôos, nem seguir os impetos do seu genio.

Frederico II, encontrando esse mal, que só uma transformação social poderia remediar, modificando, como modificou depois, o systema de recrutamento, nada pôde com respeito á parte *moral*, o homem; mas alargou o campo da acção da estrategia; a tactica das evoluções, que teve em vista, em todo o caso, subordinar e trazer absolutamente sujeito o soldado, ampliou o campo de acção. Conseguiu isso por meio de bons e instruidos quadros de officiaes; de sargentos numerosos dispostos em cada companhia, de vara na mão, como guardas aos soldados, e de uma forte educação d'estes ultimos, como base moral do organismo militar.

D'esta fórma conseguiu maior cohesão intima, maior unidade, maior mobilidade e aptidão para manobrar em ordem e em massa. D'ahi a grande superiorioridade do exercito prussiano, que serviu de modelo aos demais da Europa; essa superioridade e confiança em si fez com que o exercito de Frederico II alargasse, não só os meios, mas o campo, o espaço da sua acção, tendo-se iniciado no seu tempo, tanto quanto as circumstancias o per-

mitiam, — principalmente por causa do systema dos armazens, e por a cavallaria ter por campo de acção, não o theatro das operações, mas o campo de batalha, — a formal perseguição do inimigo.

Segue-se a epocha da revolução franceza, na qual realmente o elemento principal, o *homem*, apparece n'outras condições, com outras garantias moraes para o exercito; era o resultado do systema da conscripção. Alem d'isso o general tem á sua disposição meios incomparavelmente superiores, determinando, portanto, uma revolução completa na estrategia para a qual se abre uma nova era cujas normas, cujo ideal foi realisado por Napoleão. Comtudo era uma epocha de transição, com os defeitos da liberdade que não se conseguira ainda disciplinar; sem unidade no combate; um pouco anarchica pelo attricto dos elementos vivos, no ensaio da libertação.

O general Leer traça pela seguinte fórma o parallelo entre as duas epochas:

	Estrategia e tactica	
	No seculo XVIII	Na epocha da revolução
Condições politicas	Pobreza de meios..........	Riqueza de meios.
Systema de recrutamento.	Arrolamento. Medo da deserção, *falta de confiança* no soldado que é necessario trazer sempre debaixo de vista.	*Conscripção: confiança* plena no soldado.
Exercito.............	*Mechanismo*...............	Organismo.
Abastecimento de viveres.	Exclusivamente pelo *systema dos armazens*, embaraçando o mais possivel o movimento e as operações dos exercitos.	*Requisições*, procurando uma liberdade de acção completa para operar.
Estacionamento e marchas.	*Conjuncto*................	*Separação.*
Preparação da batalha.	Por *manobras tacticas*.......	Por *manobras estrategicas.*
Combates e batalhas ...	Em terreno descoberto.....	Sobre todos os terrenos.
Ordem de combate	*Compacta*, mechanica, sem flexibilidade nem mobilidade.	*Articulada*, flexivel e agil.
Unidade no combate....	Obtida por meios *mechanicos*, pelo laço *externo;* comtudo resultado vantajoso. Combatia-se *reunidos.*	Não obtida; enorme desvantagem. Combatia-se *divididos*; abandono completo; iniciativa particular sem nenhum freio. O exercito combate as vezes n'uma frente de 40 kilometros (1794 em Fleurus, 80:000 homens ás ordens de Jourdan). As *batalhas* transformam-se n'uma *serie de combates parciaes.*

Como se vê, é um luminoso schema, que nos dá uma nitida idéa das differenças fundamentaes entre as duas epochas, e do qual Leer deduz o seguinte, com respeito á estrategia:

Estrategia do seculo XVIII: — marchar, estacionar e combater reunidos.

Estrategia na epocha da revolução: — marchar, estacionar e combater divididos.

Napoleão aperfeiçoou a tactica e a estrategia com a *organisação das grandes unidades*, e com a *estrategia das marchas*. D'ali a creação da divisão, como organismo *autonomo*, e orgão ao mesmo tempo *subordinado* ao organismo maior e mais complexo, o corpo do exercito, empregando a cavallaria como divisionaria, e tambem como independente, levan-

do, portanto, longe os serviços de reconhecimentos, exploração e segurança incumbidos a esta arma, que, ao contrario de ter diminuido de importancia, se tornou desde então cada vez mais necessaria e indispensavel.

Quanto ao abastecimento do exercito, Carnot introduzíra o systema das *requisições* para substituir o grave inconveniente dos armazens; Napoleão completa esse systema por meio de armazens e reservas de provisões moveis, acompanhando o exercito. E assim se ampliavam as felizes acquisições da epocha da revolução, libertando a acção do exercito dos estreitos lindes do campo de batalha, para lhe dar um campo incomparavelmente mais vasto; e assim a guerra, nas mãos desse *rei dos meios estrategicos* toma o caracter de uma decisão absoluta.

Outro ponto para que o general Leer chama a attenção, como representando um dos caracteristicos dos exercitos modernos, a que nos temos referido, é a divisão da responsabilidade e da iniciativa nas unidades secundarias do commando. O caracter da acção de um commando, que tinha sido até Frederico II, por assim dizer, *unipessoal*, dependente exclusivamente da iniciativa do commando supremo, obedecendo tudo o mais como que automaticamente, hoje, com o augmento extraordinario do pessoal dos exercitos, representa o trabalho *collectivo*, a collaboração do commando em chefe com os commandos das diversas unidades de que se compõe o exercito, que é um organismo vivo, formado por organismos dispersos, mas espiritualmente ligados n'uma unidade. É ainda o lado *moral*, o elemento homem, — mas aqui o homem do commando, e portanto de um grau superior —, que determina o aperfeiçoamento e o progresso. A esses homens, que se não limitam a cumprir cegamente as ordens recebidas,

mas que por sua vez têem de proceder espontaneamente, segundo as circumstancias do momento, com perfeito conhecimento da idéa fundamental da operação e da situação, em todo o theatro da guerra, e orientando-se elles proprios a todo o momento, sem abandonar a orientação inicial superior, chama Leer *generaes-estrategicos*. Essas entidades, o genio absorvente e auctoritario de Napoleão não os conseguiu crear, sendo essa uma das rasões da sua quéda; porque os seus generaes, essencialmente *tacticos*, e que ás suas ordens trabalhavam bem, não tinham condições para chefes independentes. Na opinião do general russo, que nos guia n'este momento com o seu interessante estudo[1], alguns d'esses logares tenentes de Napoleão, (e cita como exemplo Ney, denominado o *bravo dos bravos*, pela sua coragem physica), eram destituidos da *coragem moral*, a coragem de uma resolução prompta e certa em harmonia com as circumstancias do momento, o rapido *golpe de vista* do espirito, que abraça a situação, e encontra a solução adequada.

Por tudo isto se vê quanto este seculo fica marcado na historia militar como um dos mais fecundos e progressivos na arte da guerra.

Por tudo isto se vê como a constituição de enormes exercitos pelos modernos systemas de recrutamento, e o aperfeiçoamento dos instrumentos de guerra, levaram naturalmente a modificar as antigas bases da organisação. Já não era admissivel o principio de Turenne de que um homem mal podia dirigir e commandar um exercito de 50:000 homens. Este numero representa hoje uma fracção pequena do que póde realmente constituir um grande exercito. Já o genio de Napoleão compre-

[1] *Journal des sciences militaires*, tom. 55-juillet 1894. *Quelques evolutions de la strategie*, par le general Leer, de l'armée russe.

hendendo essa necessidade creava os corpos do exercito.

De divisões, como grandes unidades de força, temos noticia em França já dos annos de 1766 a 1770, mas a verdade é que só no tempo da republica, pela necessidade de ordenar as grandes massas de gente posta em acção, é que se organisou definitivamente a divisão composta de forças proporcionaes das diversas armas, a qual muitas vezes chegou a constar de 9:000 a 10:000 homens.

Uma unidade d'esta força que, ao par das suas qualidades organicas, tinha muitos defeitos, necessitava já de um commando dotado de grandes qualidades que já denotam, só por si, um alto grau de progresso na arte da guerra. E, comtudo, para o genio poderoso de Napoleão, que ía alem da sua epocha nas suas intuições maravilhosas, a divisão foi considerada uma unidade pequena. Os instrumentos da guerra, e com elles a area e poder de acção do homem de commando, alargou-se consideravelmente, e o que se afigurou impossivel a Turenne, pareceu cousa minima a Napoleão I, o qual quiz mostrar que uma mesma vontade, um mesmo commando supremo podia abranger, n'uma area de centenas de leguas, um grande exercito de 500:000 homens. D'esses, 240:000 trabalhavam directamente sob as suas ordens immediatas, no theatro principal da guerra, emquanto que mais distante d'esse theatro, e com outros objectivos, operavam outros diversos exercitos, na força de 60:000 a 100:000 homens cada um, sob commandos independentes, mas que não deixavam de receber ordens do imperador, no sentido da execução commum do plano geral.

Para isso creou Napoleão os corpos do exercito, grandes e poderosas unidades com uma auto-

nomia superior á das divisões, e que se reuniam e combinavam muitas vezes os seus movimentos no mesmo objectivo. Isso, que a genial intuição de um homem, que já tinha tantos recursos nos progressos materiaes do seu tempo, se apresentou como que por effeito de uma visão, veiu a sciencia realisal-o n'uma extensão ainda maior, applicando-se á arte da guerra as vantagens de rapidez e celeridade provindas dos progressos realisados na applicação da electricidade, do vapor, da navegação aerea, etc. De modo que, com os elementos de execução que faltaram a Bonaparte, por maior que fosse a sua aptidão de dirigir e manejar os homens, tem-se modernamente conseguido mover exercitos de 900:000 e mais homens, sempre que se tem attendido aos preceitos da sciencia, provando-se assim quanto o caracter da guerra moderna é positivo, mathematico, scientifico por excellencia. Assim os meios rapidos de que hoje se dispõe para a concentração de forças, seu abastecimento e transporte, para a transmissão das ordens, para a ligação dos exercitos de operação com as suas reservas, ampliando, portanto, extraordinariamente os theatros de guerra, ligando com segurança e firmeza, nas mãos do chefe supremo, os fios do commando, tudo isso faz com que se torne perfeitamente realisavel o que ainda ha um seculo se reputava impossivel. Para este resultado, porém, necessario se torna e indispensavel uma instrucção grande no pessoal do exercito, onde a iniciativa hoje pertence ao chefe das mais pequenas unidades, pelo facto da preponderancia do fogo, como meio de acção, ter tornado necessaria a ordem dispersa. Essa iniciativa, porém, das pequenas unidades, subordinadas ao plano geral traçado pelo general em chefe, tem de se exercer por fórma a representar pontos de força no sentido da grande unidade geral.

Foi por desconhecer a complexidade d'esses serviços, ou por desprezar a sua organisação methodica, e esquecer que a sciencia militar, cada vez mais exigente, requeria uma attenção cada vez maior no instrumento complicado da guerra, foi por se guiar mais pela cega confiança no valor do que pelos preceitos rigorosos da arte militar, que a Austria e a França soffreram tão tremendas derrotas. Ainda a Austria se poderá dizer que foi surprehendida, mas a França não! Tinha ao seu dispor recursos admiraveis, foi ella propria que provocou a guerra, e, comtudo, apresentou-se disseminada, enfraquecida, — parcellas desagregadas de um grande corpo, que, aliás, poderia ser poderoso e invensivel, mas que eram dadas em holocausto a um inimigo que se lhe apresentava unido, compacto na rigidez que lhe dava a disciplina dos seus chefes, e na força que resultava da applicação á guerra de todos os progressos scientificos da epocha. Se já o exercito de Luiz XIV era o que vimos, ao constituir-se em organismo superior, póde-se calcular o que é o exercito hoje, tendo ao seu serviço as industrias, as artes, as sciencias em um tão grande adiantamento!

O seguinte quadro synoptico de Ricci[1] dá-nos perfeita idéa da verdadeira encyclopia de conhecimentos, em todos os ramos do saber humano, que a complexa sciencia da guerra hoje exige como indispensaveis subsidios:

[1] A. Ricci. *Introduzzione allo studio dell'arte militare*. Turino, 1863, apud Carlo Corticelli, *Manuale de organica militare*. Turino, 1892.

Quadro synoptico da sciencia militar

Preparação da guerra

Preparação politica.

Preparação militar (organisação dos exercitos)	Pessoal	Recrutamento	*Sciencias moraes e sociaes*	*Estudos estatistico-comparativos sobre os exercitos antigos e modernos*
		Disposição		
		Governo: instrucção intellectual, technica e moral; educação e disciplina		
	Material	*Artilheria e balistica*	*Sciencias mathematicas e experimentaes*	
		Fortificação (parte technica)		
		Architectura e engenheria militar		
		Meios sanitarios		
		Abastecimento e equipamento		
		Hippologia		
		Transportes e communicações		
	Terreno	*Geographia militar*		
		Geodesia e topographia		
		Organisação territorial		
		Fortificação (parte estrategica)		
	Ramos communs ao pessoal, ao material e ao terreno	Administração	*Sciencias juridicas e economicas*	
		Legislação militar		
		Estatistica		
		Mobilisação (parte dispositiva)		

Conducta da guerra

Emprego dos exercitos	Preliminares	Mobilisação (parte executiva)	*Estudos historico-criticos sobre as guerras antigas e modernas.*
	Acção	*Estrategica*	
		Logistica	
		Tactica	
Conclusão		*Diplomacia militar*	
		Politica final da guerra	

Analysem-se os instrumentos complicados e perfeitos com que tudo isto joga, as operações difficeis e o grau de adiantamento que representa, e poder-se-ha então fazer idéa da elevação e amplitude alcançadas pela sciencia da guerra, e como, portanto, a profissão militar se converteu, na, porventura, mais difficil de quantas se conhecem.

O notavel escriptor hespanhol, dos mais lucidos e talentosos tratadistas militares do vizinho reino, Villamartin define a guerra como «o choque material dos elementos de damno e de defesa de que

dispõem os poderes sociaes, que se acham em opposição de interesses». Dado o poder extraordinario d'esses elementos e o grau de perfeição que attingiram, a guerra é hoje, menos do que nunca, esse «jogo sangrento entre a força e o azar», como a definia Guizot, e passou a ser, cada vez mais, uma applicação mathematica e scientifica dos principios estabelecidos pela sabedoria humana, e comprovados pela experiencia, através do tempo e do espaço.

Quanto a Portugal diremos que se as idéas que dominam em todas as nações verdadeiramente militares tivessem fructificado entre nós, podiamos ter hoje um exercito que satisfizesse plenamente á exigencia principal do seu destino: — a defeza do territorio da patria. Infelizmente, porém, tardio e lento tem sido n'este seculo o seu progresso, principalmente depois que uma paz de cerca de meio seculo tem feito esquecer os serviços que se deveram á instituição militar, e a absoluta necessidade d'ella. Nem a opinião publica anima as grandes iniciativas no sentido de organisar devidamente os serviços militares, nem por outro lado tem havido uma vontade bastante energica para reagir contra a inercia ou reluctancia da opinião.

A organisação das reservas, por exemplo, em que todos os povos militares fazem consistir a força, apta para se pôr em acção n'um dado momento, ainda está entre nós embrionaria, ou, por assim dizer, no papel. Urge pensar n'isto seriamente, que não é serviço que se possa montar na hora extrema do perigo!

A extincção das milicias e ordenanças em 1832 desorganisou, ou antes destruiu todo um machinis-

mo de seculos, que tinha constituido a verdadeira força da nação. Em 1812 o nosso exercito compunha-se de 110:279 homens, dos quaes 57:442 de milicias e outras forças irregulares; em 1814 era de 102:412 homens, e em 1816 de 118:763 homens, com approximadamente um numero de milicianos igual ao anteriormente indicado, pois de 1812 a 1822 elle regulou por 52:848 homens; em 1811 chegaram as ordenanças, divididas em brigadas, com 441 capitanias móres, a apresentar a força de 82:843 homens armados de espingarda, e 133:588 armados de piques[1]! Era o verdadeiro systema de um exercito popular.

As ordenanças, com os seus exercicios semanaes, e alardos geraes duas vezes no anno, representavam realmente, segundo o dizer official «o viveiro d'onde saíam e para onde se recolhiam os individuos que haviam de ir servir em corpos regulares e auxiliares[2]». Desde el-rei D. Sebastião era essa a organisação do verdadeiro exercito nacional, uma organisação fundamentalmente militar.

Em 1832 destruiu-se um bello organismo tradicional, sem que as leis e revoluções posteriores conseguissem substituil-o. De tantas leis e decretos que d'essa data se tem destinado á resolução do problema, nenhum conseguiu ainda satisfazer á grande e urgente necessidade[3]. Mas o excellente principio do chamamento ás fileiras de todo o pessoal válido, inaugurado na França, e que principalmente na Prussia encontrou depois a sua execução mais completa, está consignado na nossa legislação. A nossa lei de 12 de setembro de 1887 estabelece

[1] Gouveia Pinto, *Memoria estatistico-militar*. 1832.
[2] Resolução de 22 de setembro de 1785.
[3] Decretos de 27 de julho de 1855; 4 de julho de 1859; 9 de setembro de 1868; 19 de maio de 1884; 12 do setembro de 1887; 23 de julho de 1881; 29 de outubro de 1891; 31 de dezembro de 1892.

o mesmo principio que a lei de 27 de julho de 1872 em França, em seguida á grande catastrophe que acordou na consciencia publica o sentimento da dignidade nacional, lembrando que a melhor maneira de a manter illeza é preparar previamente os elementos da defeza e de segurança.

Das instituições militares a fundamental, a lei mãe, na expressão do general Thoumas, é a lei do recrutamento, porque mesmo sem chegar a garantir a segurança dos estados, póde destruir pelo seu proprio defeituoso organismo toda a vida material e moral de um povo.

Com o sacrificio do aperfeiçoamento na instrucção do soldado, a idéa predominante hoje é a acquisição do maior numero possivel de combatentes que possam oppor-se ás grandes molles compactas com que se entra desde logo em acção.

Com exercitos relativamente pequenos, bem instruidos, genios como o de Gonçalo de Cordova e de Mauricio de Nassau no seculo XVI, de Gustavo Adolpho no seculo XVII, de Frederico II no seculo XVIII e de Napoleão no seculo XIX, conseguiram memoraveis victorias sobre exercitos incomparavelmente superiores; mas então o factor principal das victorias foi a inspiração ou a grande arte do general, factor que é excepcionalmente raro. Nas condições normaes tem de se fazer a guerra segundo as necessidades da epocha, por isso a constituição das grandes reservas, e uma organisação dos exercitos nos respectivos pé de paz e pé de guerra, em harmonia com as condições e necessidades do paiz, impõe-se como inadiavel. O nucleo constituido pelo exercito em pé de paz tem de ser instruido e educado por fórma a representar uma verdadeira escola militar permanente. Em harmonia com essa necessidade, o recrutamento, a organisação dos quadros, o armamento, o systema de defeza, a ad-

ministração, todos os principaes elementos de força, tanto no pessoal como no material, tem de seguir, a par e passo, os progressos ininterruptos da sciencia e arte militares, que subsidiadas por todos os outros ramos da actividade humana, na sua vertiginosa transformação dos modernos tempos, é imcompativel, sob pena da inanição e da morte de um paiz, com a incuria dos outros tempos, em que, relativamente, era mais facil prover á ultima hora, ás necessidades da guerra.

Dado o predominio das massas nas guerras modernas, o alicerce de todo o edificio militar está, como dissemos, nos serviços do recrutamento e das reservas, não por uma fórma theorica, mas essencialmente pratica.

O caracter de *povo armado* dado aos exercitos das nações convem sobretudo aos paizes como o nosso que, na hypothese de uma invasão poderosa, necessitaria de congregar todas as suas forças vivas. A natureza dotou-nos de um territorio admiravelmente apparelhado para a defeza, e que desde Viriato até á invasão franceza nos deu sobre o estrangeiro uma decisiva superioridade; com esse precioso elemento organico mais facil se torna uma organisação perfeita.

Para a instrucção e direcção d'essas grandes congeries de homens é indispensavel uma boa contituição de quadros de officiaes, preparados por uma instrucção e educação apurada e pratica, e seleccionados em harmonia com as aptidões de que forem dando prova. Para este resultado as escolas especiaes e as escolas praticas têem de acompanhar o movimento das sciencias militares, e as provas na diuturnidade do serviço têem de estabelecer a natural selecção. O orgão do pensamento, e ao mesmo tempo de impulsão, é o corpo dos officiaes do exercito; n'elle reside hoje, mais do que nunca,

a garantia da sua acção efficaz: — *mens agitat molem.* Basta considerar a importancia dos conhecimentos que d'elles se requerem hoje, para avaliar o alcance da sua missão.

A questão do armamento, na instabilidade do seu aperfeiçoamento vertiginoso, é o que mais sacrificios requer de uma nação; como porém, quanto mais perfeito elle é, menos facil se torna a sua acquisição á ultima hora, o sacrificio tem de ser permanente para se tornar mais suave. Dadas, porém, as naturaes condições de defeza do nosso terreno, esse sacrificio seria relativamente pequeno, se se attendesse apenas ao essencialmente indispensavel.

Com respeito a Portugal, muito especialmente, poderiamos dizer o que o general Gomes Arteche diz com respeito á Peninsula, isto é, que o podemos considerar inexpugnavel, «com pouco que se procurasse augmentar, com a arte, as suas condições defensivas». E quanto á materia prima, o soldado, não póde havel-a melhor; é ainda da mesma tempera dos que obrigaram os romanos a dois seculos de lucta para os subjugar, dos que matavam os paes quando os viam captivos ou os filhos para os não verem sob o jugo do inimigo, e dos que deixaram consagrado na lei o seu caracter, — pois a lei é o espelho da indole de um povo —, n'aquella passagem da lei das *Partidas,* que foi tambem o nosso codigo, onde se prescreve que a um pae, compellido pela fome a entregar ao inimigo o castello que fôra confiado á sua guarda, era permittido devorar o filho para se manter na defeza, de preferencia a entregar o castello ao sitiador[1].

A defeza do paiz, por meio do estudo da fortificação, sobretudo de campanha e provisoria, subor-

[1] Lei 8.ª, tit. 17.º, part. 4.ª

dinado aos planos de operações, devidamente estudados, em harmonia com as condições geographicas do paiz, é outro ponto capital em que devem recair os cuidados na preparação de todos os elementos de guerra; e a disposição natural do solo, admiravel theatro para uma vantajosa defensiva, tornaria facil a empreza de dispormos, nas mais proficuas condições, de todos os necessarios elementos de resistencia.

Não é este um assumpto que se adie, e muito menos que se despreze; sirvam-nos de exemplo os sacrificios que se tem imposto a Belgica para garantir a sua independencia e neutralidade, pondo-se ao abrigo do insulto de um inimigo poderoso.

A civilisação caminha rapida, e com ella a sciencia progressiva da guerra; ficar-se atraz n'esse caminho por ella seguido, é prova de uma inacção que póde ás vezes ser o prenuncio da morte!

Não depende da vontade de ninguem restituir no conceito e na consideração do publico o prestigio da classe militar; quando um dia a nação tornar a precisar d'ella, n'uma hora angustiosa, e ella voltar a prestar-lhe os relevantes serviços que tão esquecidos parece começarem a estar, então, e sem o auxilio de nenhuma causa estranha, reconquistará no conceito geral o logar que hoje lhe negam. Mas alguma cousa ha que fazer, mesmo hoje, e que já devia ter sido feito: — é fornecer á classe numerosa dos officiaes os meios necessarios para aperfeiçoarem a sua instrucção, e manterem o seu brio e o seu prestigio.

Nas condições actuaes do serviço, o soldado, pela sua pouca ou quasi nenhuma permanencia

nas fileiras do exercito, não representa já o elemento estavel de ordem e de educação no exercito; o amor pela carreira que escolhêra, o gosto e mesmo a gloria que o antigo soldado sentia de exercer a nobre profissão das armas, desappareceu com o caracter de interinidade adquirido pelo serviço militar, de que o recrutado trata de se libertar por todas as fórmas, antes e depois de alistado. A intervenção das influencias politicas, fazendo recaír o pesado sacrificio n'aquelles que conseguem fazer valer os seus padrinhos ou os seus votos, e estabelecendo injustiças flagrantes no apuramento dos recrutas, e, depois ainda, o poder das mesmas influencias e a penuria do erario publico, que obriga a licenciamentos contínuos, dão em resultado que o soldado mal chega a conhecer o serviço que presta, por assim dizer, como uma *corvée* de que anceia por se ver liberto, e não chegando, portanto, a tomar gosto pela profissão e a fazer d'ella o seu enlevo e o seu orgulho.

De modo que é no official que hoje está e no official assenta a base permanente da educação, da moralidade, da organisação de todo o exercito.

O que imprime caracter a um exercito é o grau de competencia, de illustração, de disciplina dos seus officiaes. Na constante desaggregação de elementos que vem para as fileiras, para passarem perfunctoriamente a vista pelos serviços mais corriqueiros da caserna e pelos exercicios mais rudimentares do regimento; com essa massa, que, por assim dizermos, nunca está solidificada, e muito menos póde ter consistencia e fórma, torna-se indispensavel que o elemento permanente, o dos officiaes, seja o mais competente, o mais apto, o mais educado, o mais exemplar possivel. Com um casco são e forte de bons officiaes, é facil, nas condições actuaes do recrutamento e da instrucção do

exercito, não só conseguir na occasião competente organisar forças que, bem dirigidas, saberiam cumprir o seu dever e preencher a sua missão, mas remediar, até certo ponto, o inconveniente da falta de permanencia do soldado nas fileiras.

Em todos os modernos exercitos da Europa, a necessidade da mobilisação de grandes massas tem tornado indispensavel fazer com que seja cada vez mais fugaz essa permanencia; e cada vez maior deve, portanto, ser o aperfeiçoamento, a selecção, o levantamento dos brios e da dignidade do official.

N'estas circumstancias, já n'outro logar instei e insisto de novo agora, pela absoluta conveniencia de assentar toda a educação das escolas militares n'uma base pratica, melhorarando as condições actuaes do official, por fórma a elle poder maner a sua dignidade, cumprir gostosamente o seu dever, e adquirir amor e enlevo pela sua situação nas fileiras. Esse é o grande problema a resolver, e no qual é necessario a coadjuvação de todos, no proposito de melhorar uma instituição cujos serviços poderão qualquer dia ser reclamados, mas que, para serem efficazes, têem de dispor de instrumentos previamente preparados e afinados.

Theorias e orientações identicas ás que hoje predominam entre nós, e mesmo em alguns outros paizes, com respeito á utilidade do exercito, orientações e theorias que provém das illusões da paz, que levam a esquecer os perigos da guerra, fizeram com que nas campanhas de 1801 nos apresentassemos tão mal prevenidos e preparados, que os resultados da incuria foram representados por desastres e vergonhas. Já o abrir do seculo XVIII nos fôra lição cruel, que não soubemos aproveitar, e o predominio absorvente do clericalismo, como hoje o predominio dissolvente da burocracia, fazia crer que era desperdicio inutil tudo que se destinasse a

attender seriamente á defeza do paiz; e pouco era o dinheiro para manter fartos e bem providos os conventos e as conesias de então, que eram para o seculo o que são hoje as repartições publicas, igualmente bem providas de conegos e frades. O que então se fazia para salvar as almas do purgatorio, faz-se hoje para salvar a urna da. . . liberdade do voto; e d'ahi sáem dois resultados parallelos: — roubam-se ás fileiras os recrutas mais válidos e enchem-se as repartições dos empregados mais invalidos. E como o dinheiro não chega para tudo, e como mesmo se não póde dar essa summaria instrucção que se torna indispensavel, para não passar de uma *blague* esse principio moderno de habilitar para a defeza do paiz o maior numero de homens aptos, resolve-se o problema licenciando os soldados, não preenchendo as baixas dos cavallos, não comprando material de guerra, não se curando das fortificações, não se pensando na defeza dos portos, nem na defeza das colonias, absolutamente entregues ao mais summario insulto.

E na hora do perigo dá-se largas á indignação impotente; esbraceja o paiz n'uma convulsão epileptica e irrisoria, enchem-se de crepes as estatuas das ruas e põem-se bandeiras a meio pau; abrem-se subscripções publicas que dão a medida da nossa previsão; e o resultado é serem-nos arrancados aos pedaços, em nome da civilisação e do progresso, mas realmente em virtude da força a que não tivemos meio de oppor uma acção efficaz, os melhores e mais appetecidos bocados do nosso territorio ultramarino.

E o que succede hoje nas colonias, já succedeu ha perto de um seculo no continente, com a perda de Olivença; e como então, e como hontem, não ha de ser o mutilamento do territorio o que mais nos ha de sangrar o coração, ha de ser a fórma

por que se ha de assignalar a perda, como consequencia da nossa imprevidencia, que tira ao paiz os meios de, na occasião necessaria, não poder pôr a salvo, pelo menos, o seu brio e a sua dignidade.

A Suissa, — e mais é um paiz por metade do nosso! —, por vezes tem dado ao mundo o exemplo de não serem necessarios grandes exercitos nem grandes recursos para manter bem alta a dignidade nacional. Em 1806, para defender, dentro das suas fronteiras, o sagrado direito de asylo, que por indole e por lei está no programma fundamental do estado, a Suissa respondia, armando-se até aos dentes, ás exigencias da França, que punha em caminho um forte exercito, commandado pelo general Aymard, para compellir a pequena republica a expulsar do paiz Luiz Bonaparte; a espontanea retirada d'este, que não quiz tomar sobre si a responsabilidade da conflagração, e não a cedencia da Suissa, que aguardou na fronteira o inimigo para o receber condignamente, poz termo ao conflicto, e os sentimentos de nobreza do povo helvetico, e os brios do pequeno, mas altivo povo, ficaram illezos!

Meio seculo depois, em 1856, conseguia a Prussia fructificar a semente da sizania e da intriga lançada de proposito na população de Neuchatel, onde uma insurreição arvorava a bandeira do restabelecimento do antigo principado. O movimento foi rapidamente suffocado; mas a Prussia, para salvar os que mettêra na aventurosa empreza, impoz a impunidade dos discolos presos como cabeças de motim: — era a interferencia de um estranho n'um acto da soberania nacional, e a Suissa negou-se formalmente a acceitar a imposição, e respondeu á Prussia, como cincoenta annos antes respondêra á França: — reuniu as suas forças, convocou as suas reservas, armou o seu exercito, levantou rapida-

mente fortificações e esperou o aggressor de espingarda aperrada e canhões assestados.

Do mesmo modo respondia em 1889, quando, a pretexto da prisão de um commissario allemão, Bismarck pretendeu declarar caducado o principio, estabelecido pelos tratados, da neutralidade do territorio helvetico em caso de guerra; — a Allemanha visava á França, procurando em caso de necessidade uma passagem facil pela Suissa; esta altiva republica, porém, mirava mais alto, mirava á sua dignidade como nação, e aos seus principios de isenção; e a altivez do pygmeu, que se firmava nos seus direitos, valia mais que a arrogancia do gigante, que se aparapeitava na sebe hiante dos seus canhões! [1]

E porque? Porque a Suissa não se limitava ao apparato rhetorico da exhibição dos seus direitos; conhecedora do espirito positivo e pratico que domina a acção humana, no conflicto perpetuo dos interesses e das paixões, abroquelava esses direitos em alguma cousa, sem a qual é sempre difficil manter illezos esses direitos, — isto é, a força da nação! força pequena ou grande, mas força em todo o caso, destinada a salvar o quer que seja que está acima de todos os direitos e de todos os interesses: — a dignidade nacional!

Se de uma republica quizessemos passar para o exemplo de uma monarchia, — porque n'esta ordem de principios e de sentimentos não é a fórma do governo, mas o instincto da dignidade o que determina o procedimento das nações, — citariamos a Belgica, nação, como a Suissa, essencialmente progressiva, onde as instituições militares acompanham a par e passo o desenvolvimento crescente dos outros ramos da actividade nacional, e se conver-

[1] *A Suissa*, por Arnaldo de Oliveira.

tem n'um instrumento activo de progresso, ao mesmo tempo que se acredita e se faz respeitar como elemento essencial da defeza e segurança do paiz.

Pela sua posição especial, — pois se acham encravadas entre as potencias militares que hoje determinam o movimento nos conflictos internacionaes que se tenham a resolver á mão armada —, tanto a Belgica como a Suissa comprehenderam quanto era, acima de tudo, indispensavel curar seriamente da defeza do seu territorio. E note-se que não era propriamente pelo seu interesse ou por qualquer ameaça directa á sua independencia que nenhuma d'ellas tinha nada a receiar; mas acontece que as suas fronteiras são tambem as fronteiras das nações ameaçadas, e como que lhes incumbe defender o seu e o alheio direito. D'ahi a perfeição que vae attingindo dia a dia a organisação militar na Suissa; d'ahi o aperfeiçoamento das instituições militares belgas, o cuidado e o desvelo que ali inspira tudo que diz respeito á milicia; d'ahi o serem consideradas como um modelo as fortificações da patria de Brialmont.

A posição especialissima de Portugal, que em tantos conflictos europeus tem sido o caes de desembarque das tropas de diversas nações; a posição especialissima de Portugal com a sua vasta fronteira aberta, com a grande extensão das suas costas, com a importancia do seu porto em Lisboa, demandava da parte dos poderes publicos a maxima attenção na organisação militar do paiz e na defeza do seu territorio. Não era trabalho para um governo, nem mesmo para uma geração; mas temos fruido tantos annos de paz, que muito se poderia já ter feito, embora a pouco e pouco, se as questões militares merecessem o cuidado que merecem aos outros paizes, menos burocraticos e mais providen-

tes. Assim, se chegasse, por desgraça, qualquer dia, o momento da lucta, a impossibilidade de se realisar tudo n'um prompto, por maior e melhor que fosse a vontade, levaria o paiz (e quando digo o paiz, digo a opinião publica) a arrepender-se da indifferença, e direi mesmo, da má vontade com que tem encarado as questões, tão vitaes para o paiz, da nossa organisação militar e da nossa defeza.

Tem-se consumido caudaes de oiro em ostentações vaidosas, em ensaios pueris, em emprezas ephemeras, em trabalhos mal concebidos e peior dirigidos, que parece que se encetam só para ter o gosto de os desfazer; tem-se consumido a seiva mais rica do paiz na manutenção de um exercito de parasitas que enxameiam as repartições publicas, ou que accumulam vencimentos e empregos, para não exercerem nenhum d'estes; deixam-se á revelia serviços que seriam incomparavelmente mais productivos se toda a casta de influencias ou de vicios de origem não amortecessem ou annullassem a acção dos executores; as colonias, em vez de fontes de riqueza são viveiros de empregados sem merecimento ou de inuteis nos serviços da metropole; gasta-se em tudo e por todas as fórmas! mas o que sobretudo preoccupa o indigena, o que principalmente o assombra, é o orçamento da guerra!

Já tivemos um dia ensejo de provar no parlamento [1] que a cargo do ministerio da guerra figuram verbas importantes que de modo algum podem ser consideradas como consumidas no serviço militar e no interesse da classe; bastava ver que esta-

[1] Discursos proferidos na camara dos deputados, nas sessões de 12 e 13 de fevereiro de 1892. Estão publicados em folheto com o titulo *Equidade nos novos impostos. Os serviços e as despezas do exercito.* Imprensa Nacional, 1892.

vam, por exemplo, a cargo do ministerio da guerra a despeza total com o serviço dos torpedeiros, e toda a despeza de transportes, gratificações, etc., com as tropas incumbidas de diligencias ás ordens das auctoridades civis. E estas verbas não eram insignificantes. Por outro lado os fornecimentos feitos pelo ministerio da guerra em material, polvora, mobilia, aos outros ministerios; os rendimentos de varios estabelecimentos, o producto da remissão de recrutas; todas essas verbas, e tantas outras que deviam representar receitas para o ministerio da guerra, vão para a receita eventual; e a cargo do exercito fica toda a despeza que faz em serviço proprio e alheio!

No discurso a que nos referimos, e só com a indicação de algumas verbas, por alto, apurâmos a quantia de 884:294$079 réis, que se deviam descontar do orçamento do ministerio da guerra no anno economico de 1890–1891.

Eis a relação que então apresentámos e que se poderia elevar, sem esforço, á importante cifra de 1.000:000$000 réis:

Importancia de material de guerra fornecido aos diversos ministerios (menos o da guerra) e a diversos	426:671$578
Rendimento do collegio militar	11:456$810
Rendimento do hospital dos invalidos de Runa	5:690$480
Cobrança do producto da receita dos estabelecimentos fabris e deposito geral do material de guerra do commando geral de artilheria, com relação aos artigos fornecidos aos particulares:	
Venda de polvora e mais artigos a particulares (sendo 20:768$908 réis de polvora)	61:315$576
Polvora e mais artigos fornecidos aos ministerios (menos o da guerra)	170:151$000
	675:285$444

Transporte		675:285$444
Remissão de recrutas		72:660$000
Venda de artigos de mobilia e utensilios incapazes para o uso do exercito, receita (media annual)		3:000$000
Rendas de propriedades pertencentes ao ministerio da guerra [1]		6:942$495
Escola e serviço de torpedos:		
Artigo 6.º da tabella do orçamento	29:728$280	
Artigo 12.º	13:084$000	
Despeza extraordinaria	10:000$000	
	52:812$280	
Metade d'esta quantia [2]		26:406$140
Serviços de diligencias e destacamentos:		
Subsidios de marcha e residencia eventual, artigo 36.º, secção 1.ª	45:000$000	
Gratificação de marcha (transportes) a officiaes e transportes de praças de pret, etc., artigo 36.º, secção 2.ª	100:000$000	
Lenha e luzes para os corpos de guarda e destamentos, etc	12:000$000	
	157:000$000	
Menos 57:000$000		100:000$000
Somma		884:294$079

E isto não foi adduzido para negar a necessidade da remodelação dos serviços militares, que se po-

[1] Rendeu no anno economico de 1888–1889 .... 5:685$348
Idem no anno economico de 1889–1890 .... 7:865$441
Idem no anno economico de 1890–1891 .... 6:942$495
Media annual .... 6:831$094

[2] A outra metade deve pertencer ao ministerio da marinha.

dem fazer, não só com economia para o thesouro, mas sobretudo com grande vantagem e melhoria para o exercito, e para a defeza do paiz; foi apresentado simplesmente para mostrar que o *tole* que ás vezes se levanta contra as despezas do exercito tem por fundamento um exagero e uma injustiça!

Ha doutrinarios que pregam a abolição dos exercitos permanentes, como outros, se não os mesmos ainda, apregoam a necessidade de acabar com o systema monarchico! Mas n'essa esphera de theorias ha materia vasta para discussões; e em todos os campos e igrejas politicas se encontram apostolos de idéas as mais controversas! Republicanos militaristas, em nome da ordem e da segurança publicas; e monarchicos partidarios do desarmamento geral, em nome da humanidade e do progresso! Mas todas essas idéas, todas essas controversias do campo das theorias, são contradictadas na pratica pela necessidade de modelar as instituições consoante as condições geraes das nações, e as circumstancias peculiares de cada paiz!

Admitta e discuta quem tiver vagar a possibilidade de acabar com o exercito em Portugal, no estado actual da Europa, e do mundo todo, e nas nossas especialissimas condições; mas quem não se alimentar de phantasias, tem de admittir, como necessidade absoluta, não só a existencia do exercito, mas o seu aperfeiçoamento e a sua elevação á altura em que é indispensavel que esteja.

E posto isso, a condição indispensavel é pensar seriamente em possuir um corpo de officiaes, selectos e aptos, aos quaes se forneçam os meios precisos para estudar, para progredir, para se dedicarem com interesse e com proveito á sua profissão, fazendo gosto n'ella, e tendo por ella um verdadeiro culto.

Ao par da questão do official, está a questão da

educação disciplinar e profissional do sargento; são os dois polos sobre que gira hoje o problema de ter no exercito um elemento permanente de educação, de tradição e de progresso, a cujo contacto os elementos de curta permanencia levam já uma educação summaria, cujo aperfeiçoamento se poderá depois obter, nos momentos graves, sem grande reluctancia ou esforço.

Nunca nos cansaremos de chamar para estes assumptos a attenção dos competentes. A officialidade é o cerebro do exercito; e o exercito é o legitimo defensor do paiz.

Mas a questão dos quadros de officiaes, comquanto seja um principal assumpto, sob o ponto de vista da duração e preparação technica do exercito, não é a unica: a questão do recrutamento, depurado do virus politico, e a do serviço das reservas, que não esteja só no papel, são de uma importancia capital, e demandam uma séria e permanente attenção dos poderes publicos.

Organise-se a valer o exercito, e ao mesmo tempo a marinha de guerra portugueza, que é uma vergonha continuar no estado em que se encontra, dada a nossa missão colonial, e será essa a unica maneira de mostrar que sabemos, como nação, viver com a dignidade propria de um povo que comprehende a sua funcção no concurso das nações progressivas, e porventura morrer um dia com honra, caso tenhamos de morrer, victima de tantos erros e incurias accumuladas.

E aqui vem a talante reproduzir as palavras, embora applicadas a outro assumpto, que em 14 de abril de 1664 a el-rei enviava o conde de Avintes, então governador do Algarve, em carta escripta de Lagos, e n'aquella linguagem franca em que então se fallava aos reis:

«Eu confesso, Senhor, que o mais justo e o mais precizo, he arriscar o brasso por se conservar a cabessa, mas com isso está que se deve atender tambem a que se conserve o Brasso, porque se não perca o Brasso e a Cabessa.»

Isto quanto ao presente, na absoluta necessidade de prepararmos o futuro. A salvação de Portugal, por uma fórma digna e honrosa, depende de uma organisação séria das suas forças de terra e mar, e do constante cuidado nos assumptos que respeitam á nossa instituição militar; a lição que fica do que deixamos dito com respeito ao papel do exercito, através dos tempos, é d'isso prova cabal; nem outra é a vantagem da historia.

Não é desdoiro ser-se pobre e não se poder competir, nas despezas de soberania, com as grandes potencias; o que é desdoiro é abandonar os mais rudimentares serviços de defeza nacional, e não aproveitar as lições da experiencia para pensar nos meios de garantir a independencia e a integridade da nação dos perigos que a rodeiam permanentemente, e dos que, de um momento para o outro, o podem assaltar. O que vale a confiança nas allianças, e qual o preço que ellas nos têem custado, em vexames e sacrificios, provam-n'o bem recentes acontecimentos, para nos não referirmos senão a esses.

Quando foi da grande ambição de Bonaparte, que procurou avassallar o mundo, muitos paizes elle encontrou desprevenidos, como o nosso.

O exercito prussiano, por exemplo, hoje o modelo por todos admirado, formava então, segundo a opinião de um escriptor prussiano da epocha, «uma massa desordenada, sem occupação, sem plano, sem objectivo; os generaes não recebiam

ordens de ninguem; aos soldados faltava pão e munições; e o general em chefe era o primeiro a não saber se estava acordado ou dormindo».

Um outro escriptor da mesma nacionalidade, confirmando este negro quadro, ainda lhe acrescenta mais sombrias tintas, pois diz que «a officialidade, entregue, havia muitos annos, á indolencia e ao vicio, estava afeminada e desmoralisada; a tropa não tinha pratica nos exercicios, e a disciplina estava totalmente relaxada; a espionagem e os serviços de exploração, tão indispensaveis na guerra, não estavam organisados; as reservas e as milicias provinciaes só existiam no papel; as provisões estavam confiadas a pessoas sem consciencia, e finalmente estava á frente do exercito o duque de Brunswig, auctor do famoso manifesto contra a republica franceza em 1792, homem enfermiço, de caracter duro, apegado á rotina e pouco respeitado pelos demais generaes»[1].

Ora, o nosso exercito em 1808, embora abandonado dos chefes, e descurado nas suas mais urgentes necessidades, não estava ainda assim peior do que isto. Se ao entrarem os francezes parecia que não existia, é porque assim o haviam determinado os poderes do estado nos seus altos designios! E estes, pelo seu lado, estavam tambem nas condições de Frederico Guilherme da Prussia, que, se não fugia, nem por isso deixava de ser «um joguete nas mãos do imperador francez, que o fazia mover a seu capricho e o punha de lado quando d'elle não precisava»[2].

Ponhamos os olhos n'essa miseria, mas ao mesmo tempo aprendamos com a Prussia a fazer o que ella

[1] Otto von Leixner, *O nosso seculo,* cap. II, trad. hespanhola de Menendez Pelayo.

[2] Otto von Leixner, loc. cit.

fez, depois de rudemente escarmentada; porque foi a sua organisação militar, foi a sua rija disciplina, que permittiu ao principe Guilherme, depois imperador, o formar o grande imperio allemão, sob a hegemonia da Prussia.

Já o exemplo da antiguidade nos diz o mesmo com respeito ás lições da experiencia na vida militar dos povos. Montesquieu deixa, n'um succinto quadro, a memoria dos progressos inspirados e realisados em Roma pela lição do infortunio, que levou sempre aquelle povo, emquanto soube viver e progredir, a fortalecer a sua disciplina. «Tiveram de fazer guerra aos latinos, povos tão aguerridos como elles? Manlio tratou logo de augmentar a força do commando, e levou á morte seu filho, que vencêra sem sua ordem. São batidos em Numancia? Scipião Emiliano priva-os desde logo de tudo que até então os tinha amollecido. As legiões romanas são subjugadas na Numidia? Metello repara essa vergonha, fazendo readoptar as instituições antigas. Mario, para bater os cimbros e os teutões, começa por desviar os rios; e Sylla faz trabalhar por tal modo os soldados do seu exercito, aterrado com a lucta contra Mithridates, que elles pedem a guerra como termo aos seus soffrimentos» [1].

Curemos, pois, no nosso futuro nacional, não aguardemos a rude lição da desgraça!

Quanto ao passado, a nossa modesta obra, em que pomos todo o nosso amor e cuidado, e onde este estudo vae como prefacio, servirá para relembrar e vulgarisar no espirito dos militares, e de todo o paiz, não só os perigos que temos corrido, mas tudo que devemos ao exercito, — esteio da independencia nacional, conquistador e guarda das

[1] Montesquieu, *Considerations sur les causes de la grandeur des romains et de leur décadence*, cap. II.

publicas liberdades, — e isso servirá porventura para fazer reviver o amor pelas instituições militares.

Foram as armas que expulsaram os mouros do territorio onde o crescente, expatriando temporariamente a cruz, parecia ter dado a primasia á raça semitica contra a raça arica, factor principal das civilisações; foram as armas que em Aljubarrota integraram definitivamente a nacionalidade portugueza, e mais tarde, no Ameixial, no Montijo, nas linhas de Elvas, no Bussaco, por duas vezes a salvaram do dominio estrangeiro; foram as armas que na ilha Terceira, no cerco do Porto, em Almoster, na Asseiceira, conquistaram para o povo portuguez o regimen da liberdade; foram as armas que crearam na Asia, na Africa, na America, o grande imperio portuguez, que com tanta valentia dilatámos pelo orbe, através de mares e mundos desconhecidos, mas que infelizmente, e pela incuria no progresso d'essas mesmas armas, tão desastradamente temos ido perdendo, arrancado aos pedaços; foram as armas, finalmente, que no Salado, em Flandres, no Roussillon, na Austria, na Russia, em Montevideu, nos mostraram ao mundo tão fortes e corajosos na defeza da causa alheia como o haviamos sido na causa propria!

Tendo a inspiral-as os sentimentos mais altos da liberdade do povo e do engrandecimento da nação, todo o esforço das armas portuguezas tem consistido em conquistar e garantir essas liberdades, e em ampliar e consolidar essa grandeza!

Com o conde D. Henrique os restos da familia goda, oppressa pelo dominio oriental, vindicaram por meio das armas a religião e a patria, e essa invasão do territorio usurpado pelos mouros não foi para opprimir o povo e aniquilar os seus direitos, mas para auxiliar os elementos antigos de raça, re-

adquirindo o que representava a sua aspiração maior e mais ardente! Os *foraes* são os eloquentes documentos d'essas reivindicações gloriosas, feitas — caso unico na historia das nacionalidades fundadas pela força —, sem a mescla dolorosa e negra das oppressões do feudalismo, que não podia lançar raiz no solo abençoado pela aspiração perenne da liberdade.

Como na brilhante epopéa da reconquista, é tambem a flor do paiz a que, em volta de Nuno Alvares Pereira, toma sobre os hombros a missão de levantar a dynastia de Aviz como broquel da independencia da patria, como a dynastia affonsina fôra a espada que realisára as aspirações de uma raça; e o soldado de Aljubarrota mostrava-se digno herdeiro do guerreiro de Ourique e de tantos outros fossados e fronterias, através o territorio reduzido ao dominio arabe.

Da mesma dynastia de Aviz sae o homem em volta do qual se congrega, mais uma vez, a *élite* da nação, a flor do pensamento e da coragem nacional, e que tem os nomes de Vasco da Gama, Zarco da Camara, Cabral, Affonso Albuquerque, Pacheco, Francisco de Almeida, D. João de Castro, — é com essa brilhante vanguarda do progresso que as armas portuguezas conquistam o mundo para a sua patria e para a sua fé; — e a figura do infante D. Henrique apparece por esse facto na galeria dos verdadeiros fundadores da nacionalidade portugueza, porque foi tambem no solo variegado das conquistas, por elle inspiradas e promovidas, que essa nacionalidade se firmou e se cimentou com o sangue dos seus soldados e dos seus apostolos; e d'essas regiões adquiridas pelo esforço guerreiro é que vieram ao paiz as suas verdadeiras fontes de prosperidade e riqueza, infelizmente tão mal aproveitadas.

D'ahi em diante, como até então, foi sempre ao seu soldado que a patria foi pedir, nas horas criticas, o esforço que havia de salvar ou manter aquillo que tanto sangue e tanta lucta custaram aos antepassados para o adquirir e consolidar, por meio da guerra e das longinquas expedições!

É bom que isto nunca esqueça, e esteja bem evidente na memoria e na consciencia de todos.

Por tudo isto se vê, pois, quanto é difficil a tarefa que nos propozemos; porque escrever a historia militar do paiz o mesmo é, se póde dizer, que fazer resurgir toda a epopéa de glorias e de desastres da heroica nacionalidade portugueza!

HISTORIA DO EXERCITO PORTUGUEZ

ORIGENS

I

ROMANOS

HISPANOS. — CARTHAGINEZES.



I

Dois seculos de lucta



SFORÇO de mais de dois seculos consumiu o povo romano no completo avassallamento ou encorporação da peninsula hispanica; o rincão de terra que tem hoje o nome de Portugal, e era habitado por povos diversos, foi, em parte, aquelle onde o poder de Roma encontrou maior resistencia á absorpção dos elementos nativos, que lembram a herva dos campos, brotando mais viva e mais forte, quanto mais se tenta arrancal-a, e repontando com mais pujança apenas a deixam livre na sua expansão.

Favorecia-os a natureza ad-

A peninsula. miravel do solo. Lembra a peninsula uma vasta fortaleza, com a sua alcaçova inexpugnavel na mezeta central, á altura de 300 a 500 metros sobre o nivel do mar, e directamente guardada, como n'um cinto de praças fortes, pelas cordilheiras Cantabrias ao norte, pelos Pyrenéus leoneses e serras da Peña, Culebra, Mogadouro, Ciudad Rodrigo, Neiza, Portalegre, Ossa, Portel, Zafra, Bienvenida e Llerena ao oeste, pela cordilheira Marianica ao sul, e pela Iberica ao leste. — Do alto da sua torre de menagem domina os longos declives até ao mar, suaves e continuos na vertente sul, mais ou menos tortuosos, escarpados, recortados de rios e serras nas outras vertentes que vão dar aos dois oceanos conjugados, amplos fossos naturaes sobre que se erguem, parallelamente, as muralhas cyclopicas das cordilheiras penibetica e cantabrica. Os Pyrenéus isthmicos, na sua imponente altura, prestam-lhe uma admiravel defeza do unico lado onde o mar a não guarda. Ao mesmo tempo, porém, que lembra um vasto campo entrincheirado, que seria uno e solidario se aos povos que a habitavam os pudesse ligar uma unidade de acção, de interesse e de sentimento, o facto é que a peninsula se divide, pela sua propria construcção orographica e hydrographica, pela diversidade do seu clima e pelos obstaculos naturaes que separavam umas regiões das outras, em uma infinidade de pequenos recintos murados, onde, na dispersão produzida pelo conflicto de raças, de religiões, de interesses, os diversos nucleos de população tem ido buscar refugio, mantendo comtudo communicação com os povos vizinhos, e até com estranhos, principalmente pelo mar que, sendo um obstaculo natural poderoso, é ao mesmo tempo um natural elemento de união, de communicação, de permuta entre as nações. Parece que a Providencia, diz o

general Arteche[1], se propoz assignalar aos nossos antepassados um logar privilegiado no globo; e, realmente, nenhuma outra região do mundo se prestaria mais do que a peninsula iberica á constituição de um grande e forte imperio, se a propria construcção do solo, se as fortes e irreductiveis rasões ethnicas e historicas não alimentassem, através dos seculos, o espirito regionalista, que nenhum poder centralisador logrará nunca destruir. Está no coração e no sangue; tem raizes fundas no passado, que ninguem poderá jamais arrancar de todo.

Entre os povos que se tinham estabelecido na peninsula, e que representavam a mescla, mais ou menos complexa, das raças e povos que anteriormente haviam assentado n'ella os seus arraiaes, apparecem-nos no alvorecer dos tempos historicos, já munidos do metal para o fabrico das suas armas, e tendo já adquirido a espada que representa um marco precioso no caminho da civilisação universal, habitando a região que hoje constitue o reino de Portugal e alastrando-se para muito alem das nossas fronteiras actuaes, povos illustres pelos seus feitos e pelas suas virtudes civicas, e entre elles os lusitanos e os callaicos que mais tenazmente sustentaram, a ferro e fogo, a independencia do torrão natal. Esses lusitanos, diz Strabão[2], foram os que por mais tempo detiveram as armas romanas, o que a Floro não produzia espanto, pois eram, diz elle, como os numantinos, os unicos, de entre os numerosos povos da peninsula, que tinham generaes[3]. Eram bravos e rudes como o solo onde haviam nascido, agreste e fragoso, — terra mãe de cujo peito se levantam montanhas tão grandes que

Lusitanos, callaicos e numantinos.

[1] D. José Gomes de Arteche. *Geograph. hist. mil. de España y Portugal.* Tom. I, cap. I.
[2] Strab. *Geograph.* Lib. III, cap. III.
[3] Floro. Lib. II., cap. XVII.

lembram têtas gigantescas, symbolos da exuberancia e da força!

Lusitania. Já ao sul a Betica, que comprehendia parte do actual territorio portuguez, se accommodára pacificamente ao jugo romano, assimilando os elementos da sua civilisação, e ainda a Lusitania arvorava na crista das suas serras o pendão inquieto e movediço da revolta. Por isso, mais do que a conquista, custou ao povo romano a manutenção do solo conquistado, e foram mais de dois seculos de sobresalto e de lucta o preço por que elle comprou a completa submissão da peninsula, onde Numancia por um lado e a Lusitania por outro, — para não fallarmos das invias regiões pyrinaicas onde a primitiva raça dos iberos se mantivera illesa —, representaram por mais tempo dois nucleos poderosos de reacção.

Como ainda hoje, era então o montanhez o depositario mais legitimo da alma livre da patria!

Filiações. Não ha identidade possivel entre o povo lusitano, nem mesmo entre a provincia mais vasta que teve o nome de Lusitania e o actual povo ou região portugueza; a erudita lenda lusitana, que nasceu nos fins do seculo XV, desappareceu perante a critica scientifica, como se evolou mais tarde a lenda celtica com que se lisonjeou o berço de certas nacionalidades; ha, porém, evidentemente, alem do laço tradicional, uma filiação de solo, pois está comprehendida no nosso territorio grande parte d'esse terreno em que se mantiveram por mais tempo os ultimos reductos da resistencia local contra o dominio estrangeiro.

Os romanos. De quantos povos e raças haviam vindo a estas regiões, tradicionalmente conhecidas pela riqueza do seu solo, nenhum estava em condições de exercer o completo predominio que só a uma nação como Roma era dado levar a effeito.

O artifice d'essa obra immortal foi o legionario; por isso era crença entre os romanos que a legião nascêra de uma inspiração divina. A obra do legionario.

Depois da grande unidade pelasgica que se estabelecêra na Europa, e que successivas invasões de povos e raças foi a pouco e pouco quebrando, o legionario, a um tempo soldado e operario, luctador e apostolo, realisou com assombro de todo o mundo, a grande e ainda hoje indestructivel unidade romana.

Quando lhe faltava sujeitar e vencer esta occidental região da Europa, que especiaes condições de defeza natural pareciam guardar incolumes, desembarcou na costa oriental, levou diante de si, como uma tempestade que se desencadeia, tudo que encontrou na sua passagem, e só parou quando viu na sua frente, não terras para continuar conquistando, mas o mar profundo e calmo, onde se atufava o sol, extinguindo nas ceruleas aguas os seus ardentes fogos [1].

E os fructos colhidos após tantos esforços compensaram de sobra as luctas e os trabalhos, porque os territorios que se íam conquistando eram dos mais ferteis e dos mais ricos, tendo constituido desde muito, principalmente para os povos cujas transacções se faziam por mar, uma verdadeira tentação e um perenne attractivo. É assim que os asiaticos iberos, os indo-germanicos celtas, fundadores, pelo sangue, do caracter peninsular, os irriquietos phenicios, e os gregos de Rhodes e da Phocea, nossos primeiros educadores nas artes, na litteratura, no commercio, na industria, nos costumes, os rudes carthaginezes, nossos mestres, depois dos gregos, na arte da guerra, haviam de ha muito assentado os seus arraiaes em diversos pontos d'essa larga Riqueza e fertilidade da peninsula.

[1] L. Floro. Lib. II, cap. XVII.

faixa marginal do oceano, onde a amenidade do clima, os rios piscosos e auriferos, as planicies ferteis e viçosas, os ricos jazigos de marmore e alabastro, os bellos terrenos metalliferos[1], as encostas abundantes de caça e de arvoredo, os frescos lameiros e charnecas creadoras de excellentes gados, todas as riquezas naturaes, emfim, que tornam um paiz opulento, representavam garantias seguras de prosperidade e de bem estar.

A prata e o oiro. A prata, por exemplo, era em tão grande quantidade, que com a da Andaluzia (Tartesida) os phenicios fabricavam os mais vulgares utensilios[2]; a dos Pyrenéus servia aos carthaginezes até para ancoras dos seus navios, e eram 40:000 os operarios que no tempo de Polybio trabalhavam na exploração da montanha de prata *(mons argentarius)* na foz do Guadalquevir (Betis)[3]; laminas de prata serviam de moeda entre os peninsulares[4]. O oiro, que nos apparece como o primeiro metal utilisado pelos peninsulares, na epocha neolithica[5], era tambem abundantissimo; d'esse metal se fabricavam os torques, as armilhas e as axarcas dos guerreiros protohistoricos; largamente os phenicios mercadejavam com elle na Tartesida; rios, como o nosso Tejo junto de Almada, eram afamados pelas areias e pepitas de oiro que nas suas margens se colhiam; a exploração do oiro pelos romanos foi extraordinaria.

Diversidade de raças e povos. Pela dissimilhança e multiplicidade de povos e raças, com os seus peculiares costumes, industrias, generos de commercio, indoles, tradições, estado de civilisação e progresso, parecia a peninsula uma

[1] Aristot. *De Mirabili.*
[2] Deodoro. Vol. IV.
[3] Strabão. Lib. III.
[4] Idem.
[5] Vide cap. III d'esta obra.

grande feira estacionaria, do mais variado matiz ethnico!

D'esta diffusão lhes provinha uma desvantagem: — a falta de união e de solidariedade que produzia a fraqueza, uma certa incapacidade mesmo de organisarem uma resistencia commum. Foi por isso que apesar de todas as defezas naturaes de que dispunham, nunca n'um esforço commum se juntaram para resistir ao commum inimigo. Era uma especie do que tem succedido na grande peninsula industanica com a dominação ingleza, da qual um Floro moderno poderia tambem dizer que nunca tinha succedido erguerem-se aquelles povos como um só homem, nem para disputar ao conquistador o seu imperio, nem para defender publicamente a sua liberdade, tendo conhecido a sua força só depois de vencidos[1]. Falta de união.

O que valiam, quando unidos sob uma direcção corajosa e n'uma disciplina activa, mostraram-n'o sob o commando do carthaginez Annibal ou do romano Sertorio; e mesmo dispersos, basta ver que Roma necessitou de duzentos annos de lucta, desde Cneu e Publio Scipião, «os primeiros a hastear as signas romanas nas cristas dos Pyrenéus[2]», até Cesar Augusto, para se avaliar da tenacidade e vigor de resistencia de tão aguerridos povos, alguns dos quaes pareciam creados exclusivamente para a guerra, tendo como instincto mais vivo e indomavel o da liberdade, ao ponto das mães preferirem matar pelas suas mãos os filhinhos a vel-os prisioneiros[3]. Deviam ser as mesmas mães que ao verem os filhos seguir para a guerra, lhes recordavam, para lhes acendrar a coragem, os feitos

[1] L. Floro. Lib. II, cap. XVII.
[2] L. Floro. Lib. II, cap. XVII.
[3] Strabh. *Geograp.* Lib. III, parte II, cap. IV.

guerreiros dos paes[1]. Obscuras Filippas de Vilhena de ha dezoito seculos, sem a consagração pomposa da historia!

Povos aguerridos.

De entre esses povos os callaicos eram muito aguerridos, e os lusitanos, — que começaram por occupar uma parte do territorio da peninsula hoje portuguez, e que deram depois o nome a uma provincia vasta, cujos limites íam muito alem da nossa fronteira do sul —, eram dos mais temiveis e temidos. Ligados aos vettões, oppozeram-se, com as armas na mão, á alliança ou ao jugo dos carthagineses; e mais tarde, quando já mesclados de sangue punico, prolongaram contra Roma a lucta que esta julgára terminada com a distruição de Carthago, eram ainda elles os mais tenazes na resistencia, sob as ordens de um caudilho temivel, Viriato, digno antepassado dos memoraveis chefes de guerrilhas que em todos os tempos tornaram difficil a empreza do invasor estrangeiro e impossivel o seu tranquillo dominio por essas bravias serras, como que ouriçadas de fortalezas naturaes.

Viriato.

Caracter do peninsular.

Nenhum povo, — de tantos que habitaram a peninsula, e que só do promontorio Nerio ao Tejo eram trinta, segundo Strabão[2] —, manifestou com mais relevo essas qualidades que desde os fundamentos do caracter peninsular se reconhecem como sendo os seus traços moraes mais notaveis: — o valor, a agilidade, o desprezo pela vida, a repugnancia pela unidade, a tendencia ao individualismo, a demasiada confiança nas suas proprias forças[3]; — e se esse povo não é precisamente o antepassado directo e legitimo do povo portuguez, como o pretendiam as reivindicações eruditas antes

[1] C. C. Salustio. *Historiarum fragmenta*. Lib. v. Discurso do consul C. Cotta ao povo sobre a guerra de Sertorio. (cit. de Servio).
[2] Strabão, *Geograph*. Lib. III.
[3] D. Felix Sanchez y Casado, *Element. de hist. de España*.

de Alexandre Herculano, prende-o comtudo a nós o laço indistructivel da tradição, do logar, e mesmo de raça, embora n'uma dynamisação muito reduzida.

De todos os estrangeiros que tinham feito da peninsula o seu theatro de luctas devastadoras, abeberando de sangue nativo o solo, e lançando n'elle as raizes da civilisação que representavam e os germens do seu caracter peculiar, nenhum, nem mesmo o carthaginez, conseguiu estabelecer a fusão absoluta do elemento conquistado com o elemento conquistador; — o povo romano, porém, foi como um grande rio fecundo que trasborda, e que ao retirar-se ao seu leito natural deixa o terreno mais fresco, mais rico e mais fertil. Esse trabalho foi realisado pela legião imperial.

Nas mãos dos romanos e sob o seu influxo creador tudo se transformava: — a arte, a sciencia, a industria, a philosophia tudo passava a ter o cunho d'esse grande povo. Mesmo quando se apropriava do que já pelos outros povos tinha sido realisado e adquirido, obedecia, não a um espirito imitador, mas a um instincto pratico; e, sob a sua poderosa influição, mesmo o que era conquista alheia se convertia n'um producto proprio. Individualidade romana.

Póde dizer-se de Roma o que Victor Hugo dizia de París, essa Roma moderna:

Dans sa fournaise, pêle-mêle,
Il fond, transforme et renouvelle,
Cette science universelle
Qu'il emprunte à tous les humains;
Puis il rejette aux peuples blêmes
Leurs sceptres et leurs diadèmes,
Leurs préjugés et leurs systèmes,
Tous tordus par ses fortes mains!

O que se dava, por exemplo, na arte militar, com respeito á idéa fundamental em que assentava a

transformação da phalange grega em legião romana, dava-se tambem, para não citarmos outro exemplo, com a architectura romana, filha legitima da architectura etrusca, aperfeiçoada mais tarde pela inspiração hellenica, depois das guerras punicas.

Das construcções de Romulo no monte Palatino até ao Pantheon de Agrippa vae toda uma elaboração fecunda, marcando uma phase notavel da arte romana! Aqui, a graça, a elegancia, a idealidade grega, transformadas n'um sentido pratico e positivo; ali a influencia oriental manifestada não só nas fórmas da architectura, mas nas imagens dos deuses, nos costumes religiosos, na sciencia augural, no traje dos magistrados, nos jogos, nos combates dos gladiadores, na louça, na mobilia, nas joias[1]. E através de tudo isto, e na apropriação de todos estes elementos estranhos, a affirmação de uma grande individualidade, de um genial caracter, inconfundivel no decurso de tantos seculos!

Grecia e Roma.

Com um fundo igual, com uma expressão elementar e commum nas bases fundamentaes da sua existencia primitiva, o povo grego e o povo romano, mal começam a seguir por caminhos diversos, transmudam profundamente a sua maneira de ser, a sua fórma, o seu destino, principalmente na ordem moral, — familia, estado, religião, artes; e isto ao ponto, no dizer de Mommsen, de ser necessario a um historiador uma penetração, ás vezes muito grande, para encontrar o germen commum debaixo de tão poderosa vegetação[2].

Como nas outras artes, a arte da guerra vae filiar-se na tradição etrusca e grega, embora sejam d'esta os germens que mais tarde fecundaram.

[1] Jules Martha. *Manuel d'archéol. étrusq. et rom.*
[2] Mommsen. *Hist. rom.* Liv. II, cap. II.

Entre a phalange grega, porém, e a legião romana notam-se desde logo differenças profundas que constituem a diversidade de caracter, de missão, de destino entre os dois povos: — a pesada phalange é essencialmente defensiva, como foi o papel militar da Grecia; a legião, agil, flexivel, destinada a combater sempre e em toda a parte, representa o genio aventureiro, movediço, cosmopolita, aggressivo de Roma. Era a phalange como o rochedo onde as vagas espumantes das invasões orientaes vinham desfazer-se inertes; a legião era como o espadarte no mar, cortante, dotado de mobilidade extrema, apta para combater em toda a parte, contra todo o inimigo, embora mais forte ou mais numeroso. A phalange e a legião.

As luctas na peninsula hispanica tinham ensinado os romanos a aperfeiçoar a sua arte de guerra, o seu armamento, a sua tactica; a peninsula teve sempre a grande qualidade de ser, em todos os tempos, uma grande escola de guerra, repetindo-se os factos e os processos nos seus grandes lineamentos geraes, como succedeu com Napoleão I, que foi, se póde dizer, com respeito á peninsula, o Annibal do seculo XIX.

II

Os nossos antepassados

Origens



Celtibero

Os monumentos legados pela mais remota antiguidade, as grutas, os kiokkenmoddings, as antas, as mamôas, os castros, as citanias, os tumulos, as inscripções, as armas, ferramentas, utensilios e joias encontradas nos jazigos funerarios, e dispersos pela terra, as informações dos viajantes, geographos, historiadores e escriptores, fontes por onde se podem conhecer os processos e habitos de guerra dos nossos antepassados da peninsula, são, apesar de numerosos, muito escassos em relação aos tempos anteriores á invasão romana, e mesmo no que

respeita ao periodo das luctas com Roma não são ellas tantas e tão conformes que nos possam dar uma idéa completa sobre o assumpto.

Falta de elementos de estudo.

Tarefa grande e difficil, diz E. Hübner, é a que póde proporcionar um fundamento solido para a solução das graves questões ethnologicas, ácerca dos antigos habitantes da peninsula, tão emaranhadas pelas noticias confusas e phantasticas que ácerca d'elles nos transmittem os auctores antigos; e por emquanto não se publicou um livro que encha cabalmente o assumpto, a não ser, até certo ponto, a obra do sr. Cartailhac [1] «*Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*».

Não é mesmo da indole d'esta obra remontar ás origens mais afastadas, mas simplesmente áquellas que mais intimamente se relacionam com a educação e preparação militar do soldado hispano, na afinidade e solidariedade da pratica ou do habito, através dos seculos.

N'estas circumstancias, superfluo e ocioso seria levar o nosso estudo até a essas afastadas epochas em que as investigações linguisticas e ethnologicas nos apresentam dominando e imprimindo caracter na peninsula duas raças distinctas, de origem e feição diversas: os *iberos*, oriundos da Asia, os euskaldunac, os do paiz do sol, cuja cultura querem alguns que não diffira muito da dos liguros e siculos [2], cuja lingua, em parte, era usada nos documentos e moedas no tempo dos romanos, até

Os iberos.

[1] E. Hübner. *La arqueol. de España*, § 142.º
O sabio auctor teria escolhido melhor titulo á sua excellente obra, que tanto nos interessa, se a tivesse intitulado: *A archeologia de Hespanha e de Portugal.*

[2] F. Martins Sarmento. *Os lusitanos*, 1880. *Os argonautas*, 1887; e E. Hübner. Loc. cit., § 142.º. Ha até quem queira rolacionar com os berberes, os habitantes das cavernas de Portugal, Extremadura e Andaluzia, no periodo megalithico. Vid. as obras e trabalhos de D. Francisco Maria Tubino.

muito perto da dominação de Augusto[1], não tendo mesmo desapparecido ainda hoje nas Vascongadas[2], raça que constituia essencialmente povos navegadores e commerciantes em relações estreitas com os gregos e phenicios, habitando as regiões costeiras do Mediterraneo, mas cujas origens e relações ethnicas com os povos da peninsula é ainda cedo para estabelecer[3]; e os *celtas* ou *celticos*, vindos do norte da Europa pelos Pyrenéus, constituindo os grupos ethnicos dos cantabros, dos vasconsos e dos astures ao norte, gallaicos e lusitanos ao occidente[4], tão intimamente relacionados com os portuguezes, segundo a opinião mais seguida[5], e mantendo Os celtas.

[1] As moedas bilingues (iberica e latina) do municipio romano de Salacia (Alcacer do Sal), e as moedas autonomas latinas da mesma Salacia, *urbs imperatoria*, e as de Ebora assim o provam, como tambem as inscripções bilingues, taes como, por exemplo, as que se encontram na Lusitania perto de Vizeu, e em Arroyo del Puerco.— E. Hübner. *Arqueol. de Esp.*, § 55.

[2] Hübner. *La arqueol. de Esp.*, § 55.

[3] H. Martin. Nona sessão do congresso internacional de anthropologia, em Lisboa, 1880.

[4] A. Herculano. *Hist. de Port.*— Introducção.

[5] Não é d'essa opinião o sr. Francisco Martins Sarmento. É muito interessante o trabalho, com o titulo *Os Lusitanos*, apresentado pelo illustre archeologo ao congresso internacional de anthropologia reunido em 1880, em Lisboa. Foi o thema ampliado depois nos seus *Argonautas*, 1885. O auctor pretende que os lusitanos, e portanto os callaicos, astures e cantabros, cuja identidade nos costumes Strabão deixou assignalada, descendem, como os povos do oeste e sudoeste da peninsula, da velha emigração aryana com intimas afinidades de costumes e linguagem com os ligures, os selloï e os graïci. Na opinião do sr. Sarmento, apesar dos nomes ethnicos e locaes, nomes de individuos e dos deuses, terem uma pronunciada physionomia celtica, tudo que no estudo attento se póde encontrar em relação aos celtas e á invasão celtica em Hespanha mostra essa parte da peninsula completamente estranha á occupação e influencia celticas. Os usos e costumes dos lusitanos não têem relação com os usos e costumes celtas, relacionando se comtudo com os de outros povos bem differentes, tendo Deodoro até deixado dito não só que os lusitanos eram iberos, mas tinham um caracter completamente opposto ao dos celtiberos, prova de que se não tinham misturado com os celtas.

Respondendo a esta memoria na sessão em que ella foi apresentada, o sr. Henri Martin objectou que, se os lusitanos não eram celtas, mas sim um ramo da antiga invasão arica, não ficavam por

a sua rudeza primitiva no recolhimento sagrado dos bosques e no convivio com a selvagem grandeza do Atlantico, em lucta permanente com as asperezas da sua longa e abrupta costa; o que os vislumbres d'essa epocha nos mostram são innumeras raças habitando na peninsula, com usos, costumes, religiões, alphabetos, nomes, e linguas differentes, lançando por terra as velhas hypotheses da unidade da raça peninsular.

Fusão de raças.

Do que foi a peninsula antes que a fusão das raças produzisse o que se convencionou chamar raça celtibera, mas que era propriamente um amalgama incaracteristico de raças, com cambiantes, aqui e acolá distinctos; do que ella foi antes da mescla de tantos povos aqui estacionados, em periodos mais ou menos longos, approximando e confundindo os caracteres, os usos e os costumes geraes, — o que aliás só veiu a realisar-se completamente depois da rasoura ferrea da dominação romana —, impossivel é dar, embora n'um rapido esboço, uma idéa que se possa approximar da verdade. Dispersos em hordas mais ou menos numerosas[1], habitando ao principio em cavernas, e mais tarde agglomerados em recintos abertos ou singelamente murados, no cume dos montes, tinham por cobertura das suas habitações o colmo, e por abrigo do seu corpo as pelles ou os tecidos rusticos, e faziam a guerra pelos processos mais rudimentares, n'uns primordios do que verdadeiramente nem se podia ainda chamar arte militar.

esse facto sendo iberos; — que é fóra de duvida que havia em Portugal um consideravel elemento berbere, mas que em todo o caso é tambem fóra de duvida que os celtas dominaram na Lusitania, e n'ella deixaram vestigios profundos. Vid. *Compte rendue*, da referida sessão do congresso, pag. 436.

[1] Só entre o Tejo e a fronteira dos artabros contou Strabão cincoenta povos ou *nações*. *Geograph.*, liv. III. Plinio, quarenta e cinco na Lusitania, e quinze na Gallecia. *Histor. natur.*, liv. III.

Nos humbraes da historia

Não nos é dado por emquanto, por falta de documentos, acompanhar os nossos tão remotos antepassados no seu viver primitivo, quando meros trogloditas, ou mesmo n'uma epocha em que nos seus usos, nos seus costumes, na sua consciencia, mal se manifestavam os albores de uma civilisação que desponta. Um e outro dado apenas nos fornece uma ligeira idéa do que elles podiam ser, n'esta tão grande distancia que nos separa, ao ponto de quasi nos não conhecermos.

Os achados da epocha neolithica em Hespanha e Portugal dão informações de um numeroso povo, ou povos que occupavam a peninsula, que desconheciam os metaes, que tinham já chegado á perfeição de polir a pedra e de dar alguma graça aos rudimentares productos do seu uso e do seu culto.

Já não sepultavam os seus mortos na propria gruta onde habitavam[1], ou pelo menos, ao contrario do que succede com relação ao homem quaternario, sabe-se o culto que elles prestavam aos seus defuntos; escolhiam subterraneos, logares escusos, grutas artificiaes ou talhadas pela natureza e ampliadas e aperfeiçoadas pela mão do homem, formando cryptas silenciosas, e ali depositavam os cadaveres, ás vezes sentados, munidos de suas vestimentas e armas, ao abrigo das feras e dos inimigos, em religioso recolhimento e n'um ritual funerario de que sobram por toda a parte numerosos vestigios; faziam ensaios incipientes de gravura,

Culto dos mortos.

[1] Baron J. de Bay. *Les traits caracteristiques de l'époque neolithique en France.* Compte rendue da secção do congresso anthropologico em Lisboa

Artes. de esculpura[1], de pintura[2], de tinturaria[3], represen-
tando homens, animaes, as cores da natureza; as
Adornos. suas joias eram variadas e constavam de dentes de
javali, de placas de schisto lavrado, de busios, de
Armas. pedras de cores, de crystal de rocha; as suas ar-
mas eram de osso, de silex ás vezes branco, outras
vezes translucido e rosado, — como alguns da nossa
Furninha —, de diorite, de agatha, de jade, de por-
phyro, de serpentina, e consistiam em machados,
pontas de lança, flechas, punhaes, martellos, serro-
Ceramica. tes, arpões, collares com diversas fórmas; a sua ce-
ramica tinha os feitos e as ornamentações mais
variadas e curiosas[4]; alguns conheciam a escripta
hyeroglifica[5]. Em seus usos domesticos fabricavam
moinhos de duas pedras para moer cereaes; mani-
festava-se n'elles, finalmente, a disposição para
Architectura. uma das mais nobres das artes, a architectura, re-
velada no dolmen, no tumulo, no menhir, no crom-
lek, «monumentos megalithicos que foram para
esse tempo o mesmo que as basilicas, os mauso-
leos ou os obeliscos para os tempos historicos»[6].

Seriam estes, nos seus traços geraes, os habitan-
tes da peninsula na occasião em que os iberos aqui

[1] O barão de Baye e H. Martin — *A epocha neolithica em França* — memoria apresentada no congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas, nona sessão em Lisboa, 1880. Nas paredes dos subterraneos da Marne notam-se esculpturas em relevo. Cartailhac. *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 118.

[2] N. Delgado. *A gruta da Furninha em Peniche*.

[3] D. Manuel de Gongora y Martinez. *Antequedades prehistoricas de Andalusia*, pag. 54.

[4] Vide a ceramica das nossas grutas de Palmella, que é preciosa.

[5] D. Manuel Gongora dá interessantes informações de symbolos ou hyeroglyphos traçados a cores nas paredes das grutas de Fuencaliente, Velez-Blanco, Carchena, e que representam o sol, a lua, quadrupedes, arcos e flechas, arvores, etc. — D. Manuel Gongora. *Obr. cit.*, pag. 62 em diante.

[6] Augusto Filippe Simões. *Introducção á archeologia da peninsula iberica*, cap. III.

entraram vindo da Asia, e através da Europa central, e que depois se fundiram com os invasores, fundindo-se portanto os seus usos e costumes?

É o que parece mais provavel; mas não é nosso intento embrenharmo-nos no complicado labyrintho das raças primitivas de Hespanha, a respeito das quaes os mais competentes nem conseguiram ainda entender-se. O que se póde, por emquanto, asseverar é que são esses os caracteristicos da população hispanica durante o periodo neolithico. Seriam identicos a estes, com deferenciações que importam pouco ao fundo do nosso estudo, circumscripto aos usos e armas de guerra, os caracteristicos do povo conhecido na historia pelo povo ibero?

Entre os objectos d'este periodo prehistorico os mais preciosos são os da *Cueva de los Murcielagos*, ao oriente de Albuñol, em Hespanha[1], na costa da provincia de Granada, e portanto na região habitada muitos seculos antes de Christo pelos *mastienos* ou *bastetanos* de origem iberica[2]. Esses excellentes achados levam alguns a deduzir que entre os dois povos principaes, o ibero e o celta, aquelle, - a quem attribuem essa necropole - -, se apresenta com todos os caracteres de uma cultura mais adiantada. Este simples criterio não basta, porém, para tal corollario. É cedo ainda para assentar uma conclusão sobre as raças que são representadas nas sepultu-

A necropole de Albuñol.

[1] Foi grande a porção de cadaveres ali encontrados, uma parte dos quaes trazia comsigo as suas armas, enfeites, utensilios, etc. N'um dos pontos da cova encontraram-se doze esqueletos, collocados em semicirculo, em volta de um esqueleto de mulher; n'outro ponto mais de cincoenta, todos com calçado e saios do esparto.

[2] O antigo periplo de Hecateo Milesio, que viveu cinco seculos antes de Christo, e varios auctores, indicam os *mastienos* como habitantes d'aquella região, isto é, na costa meridional de Hespanha, desde Gibraltar até Carthagena, região que é porventura a antiga Mastia. E. Hübner. *Obr. cit.*, § 73, e D. Manuel de Gongora. *Obr. cit.*, pag. 21 e 118.

ras neolithicas, que se apresentam em toda a parte com os mesmos caracteristicos geraes. Em todas ellas vê-se o homem n'essa epocha armado de lanças e flechas com pontas de pedra, e pondo n'estas mesmas armas e nos tecidos do seu vestuario os cuidados de uma arte incepiente.

Armas offensivas e defensivas.

As armas de Albuñol, pontas de lança e machados, eram tambem de osso e de silex polido a primor, nenhuma encavada, porém atada ao cabo ou conto por meio de tiras de couro ou raizes fortes e flexiveis, ou tendo entalado, encrustado, o silex em paus toscos e ali consolidada por meio de um rijo betume formado pelo succo de uma planta que se ignora qual fosse[1]. N'outros tumulos como nos da Gallia e Castella Velha, em Hespanha[2], tem-se encontrado cabos de haste de veado ou de rhena.

As armas defensivas, a calcular pelas de Albuñol, deviam ser: uma rodela de cordas de esparto, fortemente entrançado, em vez da *cetra* ou *pelta* que viria mais tarde; tunicas curtas de tecidos de esparto curado[3] ou de pelle cortida, de sufficiente resistencia contra o golpe da arma de silex, e fazendo o papel do que mais tarde seria a *loriga* ou *gálea;* na cabeça um gorro semi-



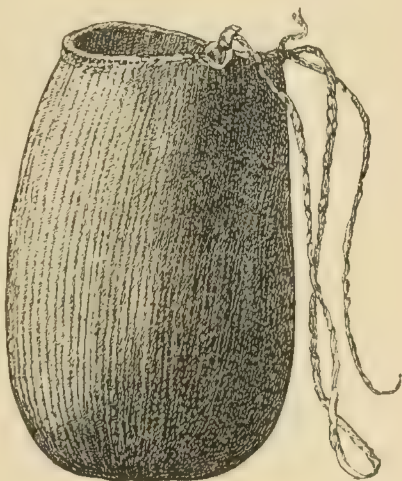
(Fig. 1)

[1] As de Albuñol tinham esse betume tão rijo que se partia o pau antes d'elle se partir. D. Manuel de Gongora e Martinez. *Anteguedades prehistoricas de Andalucia*, pag. 32.

[2] Villanova. *Lo prepistorico en España.*

[3] Fragmentos iguaes aos dos tecidos da necropole de Albuñol se encontram nas estações lacustres da idade da pedra em Wangen e em Robenhausen — Lubbock *L'homme prehistorique.*

espherico ou com o cone voltado, tambem de esparto, parecido com os de lã encontrados por Worsæ e Herbet n'um tumulo da Juthlandia em 1861; para os pés espartenhas ou abarcas de esparto, (fig. 1) especie das alpargatas similhantes ás dos modernos habitantes das cercanias de Albuñol; e, como bornal, uma larga bolsa de 6 a 15 pollegadas, (fig. 2) da mesma resistente substancia vegetal, tingida de vermelho ou verde, fechada com um cordãosito que passava por pequenas azelhas guarnecidas de pedaços de pelle muito fina, bolsa que ía suspensa do hombro, servindo para a conducção de armas (pontas de flechas e machados), de viveres e outros objectos de primeira necessidade [1].



(Fig. 2)

Como distinctivo de dignidade ou realeza, porventura de um regulo ou chefe de tribu, figura um tosco diadema de oiro massiço, como se deduz da que foi encontrada n'um dos esqueletos da *cueva de los murcielagos* e que pesava 25 adarmes, com o valor intrinseco de 60 escudos [2] (est. I). Diadema.

Parece que o unico metal conhecido e trabalhado pelos peninsulares d'aquella epocha foi o oiro, antes mesmo do bronze, facto que com relação a outros povos foi já consignado por Evans. Não se encon-

[1] D. Manuel Gongora. *Obr. cit.*, pag. 31
[2] *Ibid.*

tra porém, que nos conste, a confirmação d'esse facto nas estações neolithicas de Portugal.

Grau de civilisação.

Se compararmos os objectos propriamente guerreiros, notaveis na perfeição dos tecidos das cotas, no esmero do polimento e lavores das armas, nas substancias mais duras, com o grau de adiantamento na fórma da indumentaria, nos processos da tinturaria, no trabalho do oiro, nos tecidos fortes e finos, com o que se póde deduzir das offerendas mortuarias, que manifestam uma fórma adiantada da religião, com os paramentos da mulher na sepultura, que provam o culto da familia, podemos chegar á conclusão de que tambem os processos de guerra d'esse povo teriam attingido uma fórma mais adiantada em relação, não só aos tempos anteriores, mas aos outros povos peninsulares n'aquella epocha.

D. Manuel Gongora, no seu interessante trabalho a que nos referimos e que Hübner qualifica de esmerado e Cartailhac como um dos melhores que se tem publicado, sobre os monumentos primitivos de Hespanha, chega a respeito dos habitantes de Albuñol ás seguintes conclusões[1]: — que era um povo troglodita ou habitante de cavernas, como os caracitanos da epocha romana e ainda hoje os da Guardia, na provincia de Toledo; que o esmero no conservarem os cadaveres representa a sua crença na immortalidade da alma e uma religião simples e natural; que as suas armas eram de pedra; que tinham varios typos de vasos de barro, adornados muito toscamente; que não conheceram nem o cobre, nem o ferro, nem pedras preciosas, aproveitando-se do oiro pela sua abundancia e pela sua ductibilidade; que sabiam cortir pelles, fabricar

[1] Menos importantes que as de Albuñol, porém de um grande valor para o estudo da epocha, são as nossas cavernas de Cesareda, cuidadosamente estudadas pelo sr. N. Delgado

excellentes corda s de esparto, e tingir; que no culto dos mortos revelam costumes singelos, patriarchaes, eloquentes e poeticos, visto que entre as offerendas aos mortos se encontram flores, plantas, conchas, pedras vistosas, madeixas de cabello, naturalmente das pessoas mais queridas, e dormideiras *(papaver ibericum* dos romanos), symbolo do somno e da morte. São, como se vê, os distinctivos que deixámos indicados para a epocha da pedra polida.

Eram estes os caracteres geraes do povo ou povos que habitavam a peninsula, quando os *celtas,* gente fera e guerreira, n'ella entraram pelos Pyrenéus, no seculo XV antes de Christo, seguindo o curso do Douro, e estabelecendo-se nas costas do Atlantico. Divisamol-os em seus primeiros tempos com o feitio rude de um povo indomavel e bellicoso, sem os caracteristicos de uma civilisação assente que podesse dominar e imprimir cunho, altos e esforçados, cambatendo semi-nus, e predominando entre elles a peonagem. Traziam solto ou entrançado e adornado de pennas o longo, louro ou ruivo cabello, côr que ainda reponta, n'um constante phenomeno atavico, na mescla punica, arabe, berbere da população peninsular, como o typo celta reponta igualmente na degeneração geral do typo primitivo[1]. Um manto de couro de boi, encabellado ou de lã grosseira pendia-lhes do hombro direito; roupagens listradas, como ainda hoje as usam os escocezes, seus descendentes, cobria-lhes em parte o corpo; guarneciam e resguardavam o pescoço com collares, torques ou gollilhas de oiro e de ambar, ou de bronze ou aço apenas, se eram simples guerreiros sem categoria, e as pernas com axorcas das mesmas substancias; por suas armas

Invasão celtica

Caracter dos celtas.

Typo.

Trajos.

[1] Belloguet. *Types gaulois et celto-bretons.* F. Martins Sarmento. *Os argonautas,* cap. XI.

offensivas tinham machados de pedra e mais tarde de bronze, espadas do mesmo metal e, em certas regiões, de cobre, capacetes redondos de bronze, e escudos do mesmo metal, ou de madeira coberta de couro[1]. Exercitavam-se como os gregos em jogos publicos, de caracter guerreiro; prestavam culto particular a deuses e deusas da guerra. Vivendo em tribus, sob a auctoridade de um chefe eleito pela vontade do povo, habitavam as proximidades dos bosques, construiam nas alturas e pontos estrategicos, em relação aos povoados e aos caminhos, as suas fortificações; tinham a mulher por sua conselheira, lavradora da terra, e legitima educadora dos filhos, e por tudo isto a presença d'ella na familia representava uma semente boa de civilisação e de progresso. Foram-lhes attribuidos erradamente os monumentos megalithicos, d'esses que vemos «espalhados de um a outro extremo de Portugal, sobretudo no Alemtejo e na Beira»[2]. D'este povo querem alguns que tragam a origem ethnica os cantabros, os callairos e os lusitanos[3]; é este, porém, um problema ainda não resolvido.

Em plena historia

Quando os romanos entraram pela primeira vez na peninsula, encontravam as duas grandes raças mescladas, e com ellas, evidentemente, a raça pu-

[1] D. Francisco Danvilla y Collado. — *Trajes de los antiguos españoles.* —

[2] Cartailhac. *Les âges préhist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 152.

[3] Alexandre Herculano. *Historia de Portugal.* Introducção. — «Con gran sentido distinguia Strabon á los celtas astures y lusitanos de los celtiberos é iberos; no tardará mucho la ciencia historica en probar con mayores datos esta separacion y diferenciacion de los costumbres y de las lenguas ibereas de las galaico-lusitanas. Estas son celticas por intero. — D. Manuel Murguia. *Galicia*, cap II.

Est. I



CELTIBERO



LUSITANO



BETICO



CALLAICO

nica, conservando-se, embora, aqui e ali, como nos euskaros, nucleos de antiga isenção e exclusivismo de raça. Os carthaginezes, tendo expulso os phenicios e os gregos do seu florescente dominio commercial desde Malaga até Cadiz, estavam senhores de toda a costa mediterranea, e internavam-se na Italia; fundas afinidades de raça por um lado, o receio do inimigo commum por outro, tornava o peninsular um valioso instrumento da ambição e da ousadia da raça punica. Foi essa uma causa permanente da fusão das raças em contacto, como o foi tambem o fundo commum das crenças religiosas em toda a raça arica[1].

Como seriam n'esse tempo, já relativamente moderno, as armas, os trajos, os processos de guerra dos peninsulares?

Deixaram os escriptores gregos e romanos sobre esse assumpto, dispersos nos seus livros, indicações que em parte podem ser verificadas por alguns monumentos que escaparam á devastação dos tempos; mas nada se póde estabelecer de positivo sobre todo o complexo assumpto. Difficuldade de investigação.

Na estampa que acompanha este trabalho (est. II), e onde são representados quatro guerreiros peninsulares, foram seguidos os modelos da excellente obra do conde de Clonard, sobre os trajes dos hespanhoes; mas evidentemente em alguns pontos elles não correspondem ao que as informações de alguns escriptores nos legaram como mais seguro; e mesmo escrevendo cada um d'elles em epochas diversas, e entre si distantes, é difficil harmonisar essas informações.

Succede tambem que o mesmo que ainda hoje se nota, apesar da maior unidade estabelecida pela civilisação, isto é, que os trajes, os habitos, os cos-

[1] F. Martins Sarmento. *Os argonautas*, cap. XII.

tumes variavam de povo para povo, ás vezes a distancias bem pequenas, havia de tornar-se n'esse tempo muito mais sensivel; se na milicia do seculo passado se via a mais completa falta de uniformidade nos trajes e mesmo no armamento militar, quanto mais não avultaria o facto n'esses remotos tempos.

É assim que, emquanto Strabão[1] nos apresenta os lusitanos usando de escudos pequenos de 2 pés de diametro *(cetra)*, Tito Livio[2] nol-os mostra trazendo escudos altos, como os dos gaulezes; e emquanto os celtiberos que acompanharam Annibal á Italia figuram vestidos côr de purpura na batalha das Cannas, em Africa, na batalha de Zama nos apparecem vestidos de escuro.

Vejamos, porém, o que se póde, ainda assim, apurar de mais seguro.

Qualidades do peninsular.

Como qualidades geraes dos ibericos, — terror e espanto dos romanos, no dizer de Cicero —, os escriptores antigos indicam a bravura, a ousadia louca e selvagem[3], o desprezo da vida, preferindo a morte a abandonar as armas da mão[4], o habito da guerra, a negação para o commercio, a paixão pela liberdade e independencia e odio a sujeição[5], a habilidade no armar ciladas, a sobriedade que Strabo e Justino encarecem, o habito da caça nos homens confiando ás mulheres os trabalhos da agricultura, como ainda hoje se nota nas nossas Beiras e no Minho, a tenacidade nas emprezas, o animo soffredor e constante de que falla Polybio, a altivez e o orgulho indomaveis, a intractabilidade com os estranhos, com os quaes não se lhes dava usar da

[1] Strab *Geograph.* Lib. III, cap. III.
[2] T. Livio. — *Hist.* 28. 15.
[3] Plut. *Quinto Sertorio.* 14.
[4] Floro. *Historiar lib. quinque*, lib. II.
[5] *Fero gens, nullam vitam sine armis esse.*

falsidade e da perfidia[1], a repugnancia á união e á disciplina, rasão principal das continuas invasões soffridas[2], e ao mesmo tempo uma absoluta dedicação pelos amigos e superiores[3], como o provaram a Sertorio salvando-lhe a vida, expondo-se n'um momento de perigo[4].

Fallando dos lusitanos e outros povos que habitavam desde a fronteira dos artabos até ao Tejo, diz Strabo: Usos e costumes.

«Todos estes montanhezes são sobrios, bebem só agua, deitam-se no chão; têem os cabellos compridos e fluctuantes *á maneira das mulheres,* mas, para combater, cingem a fronte com uma ligadura. O seu principal alimento é a carne de cabra. Nos seus sacrificios ao Deus Marte immolam tambem bodes e os prisioneiros de guerra e cavallos. Conforme ao uso dos gregos, fazem hecatombes de cada especie de victimas. Celebram jogos gymnicos, hopliticos e hippicos, nos quaes se exercem no pugilato e na carreira, e simulam escaramuças e batalhas campaes. Nas tres quartas partes do anno o unico alimento na montanha são as glandes de carvalho, que seccas, quebradas e pisadas servem a fazer pão: este pão póde guardar-se por muito tempo. Uma especie de cerveja feita com cevada é a bebida vulgar; emquanto ao vinho é raro, e o pouco que se fabrica é em breve consumido nos grandes banquetes de familia, tão frequentes entre estes povos. Em vez de azeite servem-se de manteiga; comem assentados, ha para isto bancos de pedra dispostos em roda das paredes, onde os convivas tomam logar segundo a idade e a posição. A comida circula de mão em mão. Mesmo bebendo, os homens põem-se a dançar, ora formando coros ao som da flauta e da trombeta, ora saltando cada um de per si a ver quem mais alto salta e mais graciosamente cáe de joelho.

Na Bastetania as mulheres dançam tambem misturadas com os homens, cada uma tendo o seu par de frente, a

[1] Strab. *Geograph.* Lib. III.
[2] *Ibid.* Lib. III, cap. IV. Floro, L.v. II, cap. XVII.
[3] *Ibid.*
[4] Plutar. *Quinto Sertorio.* 14.

quem de vez em quando dá as mãos. Todos os homens vestem de preto e a dizer a verdade não deixam os seus *sagos*, servindo-se d'elles como de cobertores, nos seus leitos de palha secca; estes mantos, como os dos celtas, são feitos de lã grosseira, ou de pello de cabra. As mulheres só usam mantos e vestidos de côr, feitos de fio cruzado. Nas terras interiores só se conhece, pela carencia de moedas, o commercio de troca, ou então cortam-se laminas de prata em bocadinhos que se dão em pagamento do que se compra. Os criminosos condemnados á morte são precipitados; mas os parricidas são lapidados fóra do territorio, alem da fronteira mais afastada. As cerimonias do casamento são as mesmas que na Grecia. Os doentes, como antigamente se usava entre os assyrios, são expostos nas ruas, para provocar assim os conselhos dos que padeceram as mesmas molestias. Anteriormente á expedição de Bruto, estes povos não se serviam senão de barcos de couro para atravessar os estuarios e lagos do seu paiz; hoje começam tambem a ter embarcações cavadas n'um só tronco de arvore; mas o uso ainda está pouco divulgado. O sal que recolhem é vermelho purpura, e só se torna branco sendo pisado, tal é o genero de vida d'estes montanhezes, e, como já o disse, comprehende sob esta denominação os diversos povos que marginam o lado occidental da Iberia, até o paiz dos vascões e aos montes pyrenéus, a saber, os calaicos, asturos e cantabros, que todos têem na verdade um modo de viver uniforme[1].»

N'outra passagem o geographo grego apresenta-nos os lusitanos lendo horoscopos nas entranhas e nas veias do peito dos prisioneiros de guerra, e observando, como signal de bom ou mau agouro a maneira por que as victimas caíam ao golpe do aruspice; cortando a mão direita aos captivos para a offerecer aos deuses; prestando um culto espiritualista, como os celtiberos e povos seus limitrophes, a uma divindade sem nome, que festejavam com danças em côro, em noites de luar.

Estes simples quadros, tão despretenciosos e sin-

[1] Strab. *Geograph.*, lib. III, cap. III, vers. de Gabriel Pereira.

gelos, nos deixam conhecer, nas suas linhas geraes e multiplos aspectos, o viver dos nossos rudes antepassados ha dezenove seculos de distancia, quando a influencia de Roma já os tinha modificado de algum modo; e por ahi se póde imaginar como seriam no tempo das primeiras luctas com os carthagineses e com os romanos.

Vemos as origens complexas d'esses povos: barbaros ainda em muitas praticas, orientaes em alguns dos seus usos, gregos e romanos na educação, nas crenças, nas tradições, tendo o culto da familia e o respeito pela hierarchia e pela idade; tendo noções positivas da justiça; vivendo uma vida rude, primitiva, frugal, n'um convivio alegre em que as danças se entremeiam de exercicios physicos, votando á lua um culto fetichista[1]; tendo na sua religião os sacrificios humanos, como todos os aryas; entretendo a robustez do corpo e a saude do espirito, exercitando-se constantemente na paz para as lides da guerra; creando desde os primeiros annos aptidões para a lucta armada, tendo o combater como o habito mais nobre, e Marte ou o deus da guerra, como a divindade de maior veneração[2].

[1] O culto da lua não era o unico culto fetichista da peninsula; havia tambem, entre outros, o das pedras, como o provam as *pedras fitas* e *pedras balouçantes*, que se ligavam com o culto dos mortos; o culto das aguas, que dá origem ao Deus Bormanico, das thermas de Visella, do Deus *Tameobrigo* que se suppõe ser a divindade do rio. Os animaes, como o porco, o touro, a ovelha, a truta, eram tambem objectos de adoração. — Adolpho Coelho. *Sobre os cultos peninsulares anteriores ao dominio romano.* No *Compte rendu* da secção IX do *Congresso internacional de anthropologia e de archeologia* em Lisboa. — Sobre os cultos fetichistas da Galisa, vid. D. Manuel Murguia, *Galicia*, cap. II.

[2] Marte é o nome empregado por Strabão, o que póde significar que os ibericos o haviam adoptado do culto romano; o mais provavel, porém, é que por Marte seja indicado o Deus da guerra entre os arias do Occidente, o qual tinha uma grande afinidade, se não identidade, com o Ares dos gregos e o Marte dos romanos. Mas não era de admirar que se désse com o Deus da guerra, adoptado dos romanos, o mesmo que se dava com outros deuses de Olympo estrangeiro, que

Instinctos guerreiros.

Pelas indicações dispersas em diversos escriptores vemol-os, mesmo quando velhos, exercitando-se em fazer rolar grandes penhascos pelas abruptas encostas abaixo, como na Cantabria[1], jogando a pedra com aquella dextreza e pontaria admiravel que ainda hoje se nota, por exemplo entre os nossos montanhezes transmontanos; vemol-os eximios em armar emboscadas e no estratagema de guerra; vemos as mães, n'esse culto fervoroso da lucta e da independencia, peculiar aos povos barbaros, lembrar aos filhos que partiam para a guerra os feitos heroicos dos paes, como refere Salustio, ou como succedia na guerra da Cantabria, assassinarem os filhos para os não ver prisioneiros. Strabo que nos refere este ultimo facto conta tambem o caso de um moço que tendo encontrado prisioneiros e amarrados seus paes e irmãos, os matára, por ordem do pae, com um ferro que tinha ao lado, do mesmo modo que uma mulher matára tambem todos os seus companheiros do captiveiro[2].

Usavam a barba toda (menos os lavradores), como se vê no escudo de Scipião, e Martial o affirma *de visu*.

Os seus povoados, nos altos das montanhas, eram geralmente junto da conjuncção de dois rios

viviam em fraterno convivio com os deuses indigenas, como provam as aras reveladoras d'esse culto promiscuo. F. Martins Sarmento. *Os argonautas*, cap. XII. — E é esse um phenomeno commum entre os povos dominados, de que temos ainda hoje varios exemplos na India portugueza, onde os gentios veneram e dedicam offerendas a S. Sebastião e S. Francisco Xavier, ao passo que os christãos conservam ainda ou adoptaram da gentilidade varias praticas e superstições. Era divindade da guerra entre os callaicos *Neton*, a que correspondia as deusas da guerra Neith e Bandra, que Hennessy, *(The ancien Irish goddess of war)* compara ás valkyrias, porque eram mandadas, fortemente armadas, ao campo de batalha apartar os guerreiros que deviam perecer d'aquelles que tinham de alcançar a gloria.— D. Manuel Murguia. *Galicia*, cap. II.

[1] Silius. *Dum sera incanuit ætas imbelles jam dudum annos praevertere saxo.*

[2] Strabão. *Geograph.*, lib. III, cap. IV.

ou ribeiros, cingidas de muralhas, com postos de vigilancia e atalaya em volta, contra o inimigo e os salteadores[1].

Tinham como nervo das suas tropas a infanteria, que fazia admiravelmente a guerra de guerrilhas; mas a abundancia de cavallos na peninsula, confirmada por muitos escriptores[2], levou-os a adoptar esse animal nas lides bellicas. Usavam bandeiras e insignias, e ha probabilidades de que a insignia de cavallaria, á moda dos gaulezes, fosse um javali[3] na ponta de uma haste, animal que era do culto dos hispanos. Tito Livio refere-se frequentes vezes ás signas e bandeiras dos hespanhoes[4].

Infanteria.

Bandeiras e insignias.

Pelejavam tanto a cavallo como a pé, sendo igualmente dextros nas duas maneiras de combater; o cavallo não só era a arma do cavalleiro, mas tambem o transporte do peão levado á garupa[5], sendo trenado a galgar asperas encostas e a dobrar o joelho a um signal[6], lembrando na rapidez e agilidade o cavallo dos Parthos, tão celebre pelas suas promptas cargas e retiradas[7]. Passavam os rios a cavallo, e a infanteria a nado, cobertas as costas com os escudos, montada em odres[8], onde mettiam as roupas, como o fizeram, por exemplo, na passagem do Rhodano, no exercito expedicionario de Annibal[9];

Cavallaria.

Passagem de rios.

1 *Multas, et locis altis positas turres Hispania habet, quibus et speculis, et propugnaculis adversus latrones utuntur.* T. Livio, lib. XXII, cap. XIX.

2 Pomponio Mella. *De Situ Orbis*, lib. II, cap. IV. Strabão, loc. cit.

3 Era um dos animaes de culto vulgar entre os peninsulares de origem celtica.—Adolpho Coelho. *Sobre os cultos peninsulares anteriores á dominação romana.*

4 T. Livio, lib. XXV, cap. XXXIII, *Signis repente sublatis, Celtiberi abeunt.*, lib. XXXIV, cap. XV. *Signa armaque adjiciunt.*

5 Strab., lib. III, cap. IV.

6 Strab. Ibid.

7 Ibid.

8 Cesar. *De bell. civil,* lib. I, cap. X.

9 T. Livio, lib. XXI, cap. XXVII. *In utres vestimenti conjectis, ipsi cœtris suppositis incubantes...*

parecendo-se n'esse uso com os soldados de Sennacherib, montados nos *kellek* para atravessar o rio, como se vê nos baixos relevos de Ninive.

Inicio do combate.

Entravam no combate soltando cantos guerreiros, fazendo algazarra (*tripudiantes*)[1], e era vel-os então, gritando, animando-se mutuamente[2], agitando os longos e soltos cabellos para infundir terror, á maneira dos gaulezes, como os soldados de Viriato no seu encontro com Fabio Maximo Emiliano[3], e batendo com os pés no chão e com as espadas nos escudos, n'um bellico arruido cheio de ardor e enthusiasmo[4]. Outro costume commum com

As mulheres na guerra.

os barbaros era combaterem as mulheres; por isso tambem a desolação era grande quando vencidos, saíndo então todos, com ramos e corôas de oliveira nas mãos, a pedir paz e misericordia, como succedeu a Sempronio Graco em Complega, a Luculo em Coca, a Cayo Vitelio na guerra com os turdulos.

Teriam começado por pelejar sem nenhuma arte, sem systema, n'um hostilisar sem nenhuma regra tactica, alem das que ensina a experiencia e o instincto, como aos guerrilhas. D'essa maneira desordenada de combater deram exemplos varios na lucta com os romanos, até no tempo de Cesar, quando combatiam ás ordens de Petreyo e Afranio, junto de Lerida. Apesar d'isso, porém, encontrâmos povos, como os celtiberos e os lusitanos, obedecendo

Chefes militares.

a generaes experimentados e habeis, e fazendo a

[1] *Tripudiantes more suo.* T. Livio, lib. XXIII, cap. XXVI.

[2] *In bello ad numerum incendunt... Pœanes canunt quando hostes aggrediuntur.* Diod. Sicul., lib. V.

[3] Appian. *Iberic.*

[4] «... misit dives Callæcia pubem
Barbara nunc patriis ululantem carmina linguis,
Nunc, patriis alterno percussa verbere terra,
Ad numerum resonas gaudentem plaudere cœtras.»

Silio Italico. — *Punica*, lib. III.

guerra com pericia e sabedoria, embora á sua particular maneira; dão d'isso prova Indibil e Mandonio, que derrotam os Pompeos, Corbis e Orsúa que na lucta de gladiadores, celebrados por Scipião em Carthagena, disputaram entre si em duello a chefatura do seu povo[1], e Viriato, que vence tantos illustres capitães romanos. Vemol-os ordenados em corpos de 6:000 homens, combatendo em linhas symetricas, dispostas por fórma a servirem tanto para o ataque como para a defeza, protegendo-se mutuamente, applicando a formatura em cunha[2], em que eram fortes, e que teriam aprendido dos carthaginezes; vemol-os finalmente eximios nos ardis, como o dos bois em que pereceu Asdrubal[3], e por Annibal imitado mais tarde. Tactica.

A cavallaria formava na retaguarda, entrando em combate na occasião opportuna, por entre os intervallos das columnas de infanteria[4]; outras vezes os cavalleiros apeavam-se, deixando as montadas seguras a uma estaca, que levavam presa na extremidade das redeas, e batiam-se corpo a corpo, como fizeram na batalha de Cannas[5].

Os soldados ligeiros vestiam-se approximadamente como o lusitano da nossa estampa dos guerreiros (est. I), em harmonia com o que Strabão diz ter sido uso entre esse povo e outros da Iberia; tinham por principal arma defensiva a *pelta*[6] ou *cætra* (fig. 3), que traziam suspensa ao pescoço por Armas defensivas. *Pelta ou cætra.*

[1] T. Livio, lib. XXVIII, cap. XXI.
[2] *Cuneo impressionem fecerunt.* T. Livio, lib. XL, cap. XL.
[3] Frontino. *Stratag.*, lib. II, cap. IV, XVII.
[4] T. Livio, lib. XXIX, cap. II.
[5] Polyb., *Hist.* lib., III, cap. CXIV, *ad pedite desilientes, vir cum vir decertabant.*
[6] Havia-os de varios feitios. Virgilio falla de peltas em fórma de meia lua: *Ducit Amazonidum lunatis agmina peltis,* fórma que se encontra nos monumentos romanos, e que parece ter estado em uso em muitos povos, entre elles alguns de Africa, e os Etruscos. Não temos noticia de *peltas* d'essa fórma em Hespanha.

correias, sem braçadeiras nem fivelas. Era a *cetra*, nome antigo em Hespanha [1], uma arma propria dos hespanhoes [2], conhecidos por *peltastas* ou *cetrados* [3], e, ao que parece, em uso tambem entre os africanos e povos da Gran-Bretanha [4]. As suas dimensões é que variavam, conforme o povo e a região, havendo-os de 2 pés de diametro, outros altos, como os escudos dos gaulezes, e aos quaes se nos mostram poiados os hespanhoes na descripção que faz Tito Livio da ultima batalha de Scipião contra Asdrubal. Era feita ora de nervos retorcidos, ora de couro endurecido ao fogo, como foram depois as adargas dos mouros [5], ou de forte tecido de esparto, com fórmas diversas, mas geralmente redondas, fórma esta que subsistiu, como se vê nas estatuas do jardim botanico da Ajuda, na de Vianna e outras que reproduzimos adiante.


(Fig. 3)

Sago.

Outro objecto que era de uso commum, e parece ter sido de origem celtica, é o *sago* ou saio, (fig. 4). Danvilla Collado dá-nos sobre o assumpto informações interessantes:

«El traje ordinario de los españoles era el sayo, *sagum*. Respecto á su forma no hay avenencia completa de opiniones.

«Straban nos dice que los bastetanos se envolvian en él para dormir, lo cual conviene con la descripcion que da Rich de esta vestidura, tomada, á su parecer, de los celtas, y no está muy distante de la opinion de Ambrosio de

1 Alderete. *Orig.*, lib. II, cap. IV.
2 Tacit. *Vita agricola*, cap. XXXVI.
3 *Nec Numida Hispano eques par fuit; nec jaculator Maurus cetrato velocitate pari, robore animi viriumque aliquantum præstanti.* T. Livio, lib. XXIII, cap. XXVI.
4 Virg. *Eneiad.*, 8-732.
5 Danvilla Collado, *Trajes de los españoles.*

Morales, que la califica de *herreruelo,* y supone se abrochaba por el collar. De otro modo juzgan Tito Livio y Appiano. Atestiguan su procedencia española, y añade el segundo, llamandolas túnicas, que se usaban dobles. Sigueles D. Antonio Agustin, diciendo: «El sago es tuñica militar y corta: responde al sayo de hoy». Y así lo entienden Cortes, Clonard, Lafuente y otros.

«Con effecto, tal evidencia resulta del exámen de las monedas autónomas de España que posee el *Museo arqueologico nacional,* de las que reproducen Florez, Alois Heiss, Lorichs, etc., y de otras que cita Marin en poder de Montfaucon, remitida una de ellas por D. Manuel Marti, ilustrado Dean de Alicante. Túnica corta visten tambien Allucio y los demás personajes españoles del célebre escudo de Scipion, con tan escasa fortuna interpretada por Winkelmann y Lenormant.

«Una de las figurillas de bronce encontradas en el *Cerro de Santos* de Montealegre, que debe pertenecer al siglo III ó IV antes de J. C., lleva un sayo parecido al que se advierte en varias de las monedas ó idolos de los galoceltas.

«A más, y como sino bastasen dichos testimonios para desvanecer aquella duda, no ha mucho que el sabio M. Conrad Engelhard ha dado á conocer en la obra *Thorsbjerg Mosefund* su descubrimiento hecho en Jutlandia de un sayo celta. Es una túnica de tejido prieto, con un bordado de pequeños circulos entre dos bandas. Las mangas, de diferente color, aparecen mostreadas de pequeños rombos. Inutil parece en esta ocasion repetir lo enunciado ya sobre la paridad de costumbres é intima analogía de usos que debió existir entre los diversos ramos de aquel primitivo pueblo. Quicherat no duda en hacer aplicacion de tal descubrimiento al estudio indumentario de los celtas franceses, y con igual derecho le aplicamos nosotros al de los celtas españoles, mucho más cuando sólo viene á confirmar otros argumentos.»

Era tambem vestimenta geral nos armados á ligeira, tecido por fórma a ter a consistencia necessaria para servir de uma especie de loriga mais leve; era, consoante a região, ou de lã grosseira e forte, ou de pelle de cabra, ou mesmo de tecido

de linho, que em algumas regiões era alvo de neve. Foi um traje essencialmente hespanhol, como o affirmam Appiano e Tito Livio. Como se deduz das antigas moedas, dos monumentos e informações de

Tunica manicata.

Balteus.

Sagum cocullatum.


(Fig. 4)

escriptores, o *sago* devia ser uma especie de gibão ou tabardo simples e liso, com mangas curtas *(tunica manicata)*, comprido até aos joelhos e preso por um centurão de couro ou de tiras de pelle entrançada, *balteus;* a esse sayo se juntava ás vezes uma especie de capuz *(sagum cocullatum)*. Entre os povos de origem celtica alem do sago eram de uso commum as bragas, *braccæ*, conhecidas da nossa gente do norte, e que lhes deu o nome de *gens braccata* ou *braccatæ nationes*[1], especie da sarambella dos gaulezes.

Lorica lintea.


(Fig. 5)

Como arma defensiva, que naturalmente usariam sobre o sago, havia uma especie de cota ou couraça de linho *(lorica lintea)*[2], ou de malha, de couro torcido, fallando tambem Strabão e Diodoro Siculo em cotas de malha de ferro usadas por lusitanos e celtiberos, o que não seria comtudo em grande quantidade. A loriga era ás vezes ajustada sobre uma armadura ligeira, *perpunto*, feita de linho almofadado

Perpunto.

Ocrêas.

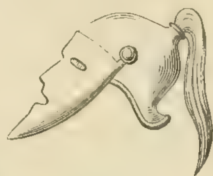

(Fig. 6)
Galea ou cudo

ou com entretela de lã; tinham *ocrêas* (fig. 5), ou grevas, para a defeza das pernas, (ou botins como os dos gaulezes, entretecidas de fibras de animaes, de crina, de linho, ou de esparto, e até de pelle de javali ou de metal, sendo porém propriamente a espartenha o

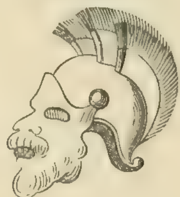
[1] A. Herculano *Hist. de Port.*, intr.

[2] *Lorica lintea* chama Suetonio *(Galb.* cap. XIX), á que usava o imperador Galba quando foi assassinado pelos soldados de cavallaria de Othon. De linho era a couraça que Amasis deu de presente

calçado mais vulgar; as *sesyrnas,* especie de zaleas, eram de pelle de carneiro; para os braços armilhas ou braceletes, *armillæ,* de prata ou cobre, e ás vezes de oiro; para o pescoço *torques* e para as pernas axarcas, dos mesmos metaes. *Sesyrnas.* Armilhas. *Torques.*



(Fig. 7)
Casco com *bucula*



(Fig. 8)
Mitra com cimeiras de crina e com *bucula*

Como defeza da cabeça tinham o *cudo* ou *galea,* simples casco oval de couro, preso ao queixo uma correia (fig. 6), e tendo aos lados duas aberturas, ou recortes, a fim deixar á vontade os cabellos que caíam soltos ou em duas tranças; havia tambem uma especie de morrião de cobre, com um longo orificio no fundo, por onde saía o cabello (fig. 7); e um outro casco ou capacete, a que alguns chamam *mitra* (fig. 8), que era de bronze, com duas ou tres cimeiras á grega, ornadas de crina ou de pennas. *Cudo ou galea.* *Mitra.*

A este capacete, como ao simples morrião, era addicionada a viseira, com fórma de caraça humana, chamada *bucula*[1] (fig. 7 e 8). *Bucula.*

As armas offensivas dos peninsulares eram as seguintes:



(Fig. 9)
Esp. hesp.
Viol. le Duc.
Dict. du Mob.

A *espada,* (fig. 9) tão boa que foi adoptada pelos romanos durante as guerras de Annibal[2], abandonando a *ligula,* de origem grega, que usavam; começou por ser de cobre forjado e foi de aço depois, e de tempera excellente, como

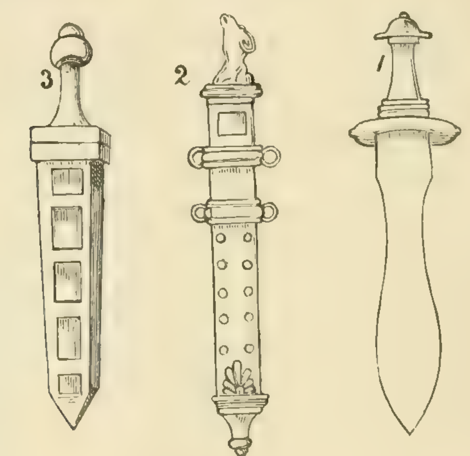
aos lacedonomios e a que elle offertou á Minerva de Lindos. Tambem as usavam os romanos de tecidos de linho sobrepostos. Montfaucon. Obr. cit., pag. 43.

[1] Sil. Ital. *Buculae galea abscondunt ora.*

[2] Polyb. *Hist. Fragm.*

se continuaram a fabricar nos principaes alfagemes[1] ou fabricas da peninsula; eram geralmente de um pé e tres a quatro pollegadas de comprido, e tres dedos de largura, com dois gumes e ponta, ferindo portanto de golpe e de estocada[2], e com empunhadura de metal.

Para comparação damos o modelo da *spatha,* do *gladius,* e de uma espada romana, segundo os exemplares mais conhecidos (fig. 10). Na fig. 11



(Fig. 10)

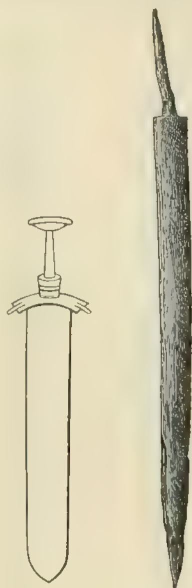
Spatha (Columna trajana) — Gladius (Museu de Napoles) — Espada romana (Museu de artilheria de Paris)

apresentâmos, ao lado de uma espada hespanhola, a lamina de uma espada romana. Algumas outras espadas de cobre, dos celtiberos, feitas de uma só peça, de tempera dura e córte afiado, medem 4 palmos e quatro a oito dedos de comprido como as duas

[1] Dignos representantes dos dois mil artistas que Scipião encontrou em Carthagena quando a tomou, e que conservou a seu serviço.

[2] De uma das mais antigas espadas falla o licenceado Juan Fernandez Franco, no seu *Compendio de algumas medalhas romanas*, 1664; foi encontrada n'uma sepultura em Merida, n'uma das inscripções dizia: ABVRBCCCL, *(ab urbe condita 350)* e tinha as dimensões que acima indicámos.

do gabinete particular do infante D. Gabriel, em Hespanha[1], hoje no museu archeologo de Madrid, e tinham sido encontradas n'uma excavação perto de Calatayud, a antiga Bilbilis[2], e a que está no nosso museu de Evora (fig. 12), espadas que nos mostram que a fórma da espada hespanhola era tradicional e provinha da idade de cobre, tão caracteristica na peninsula[3], sobre tudo em algumas regiões, como no Alemtejo de onde é a espada de Evora, que tem $0^m,44$ de comprido e $0^m,02$ de folha. A bainha das espadas era de couro ou de madeira e suspensa por meio de correias, em fórma de bandoleiras. Sobre o uso da espada diz Polybio que os romanos usavam a espada hespanhola do lado direito; naturalmente assim a traziam os hespanhoes, e é tambem o que se deduz dos raros monumentos que existem. É possivel, porém, que não houvesse uniformidade n'este ponto, como a não houve nem mesmo entre os romanos, que a traziam ora á direita ora á esquerda[4].



1 (Fig. 11) 2
1 Espada romana
2 Folha de espada hespanhola

[1] D. Mariano Perez de Castro. *Estudios militares*, dos quaes aproveitâmos algumas figuras.

[2] Vem reproduzidas na versão hespanhola de Cayo Salustio, de 1772, a pag. 303; em Marin *Hist. de la milicia español.*, pag. 34, e no *Museo español de antegueedades*, tom. IV.

[3] «Não custa portanto admittir que o grande numero de objectos de cobre, achados na peninsula, provam a existencia de uma epocha de cobre, do qual os povos ibericos mais tarde se elevariam á do bronze, quando o commercio lhes fornecesse o estanho necessario para ligar com o cobre.» A. F. Simões. *Intr. á arch. da penin. iber.*, pag. 114.

[4] O exame das preciosas reproducções de monumentos romanos apresentadas por Montfaucon mostra claramente essa diversidade.

Machæra. Uma espada mais pequena, propriamente um punhal ou adaga, tinha por nome *machæra* (fig. 13), que alguns querem que corresponda á *macheta*, punhal longo dos hespanhoes[1].

Rhanda. Havia tambem a *rhanda*, especie de faca ou punhal, de uso, ao que parece, entre os peninsulares desde os mais remotos tempos, e que teria uns 2 decimetros de cumprimento; fallam d'elles Lipsio, Deodoro Siculo e Strabão que os attribue aos lusitanos. Rhanda póde ser a arma que figura na mão direita das estatuas do jardim botanico da Ajuda e de Vianna, de que adiante fallaremos.

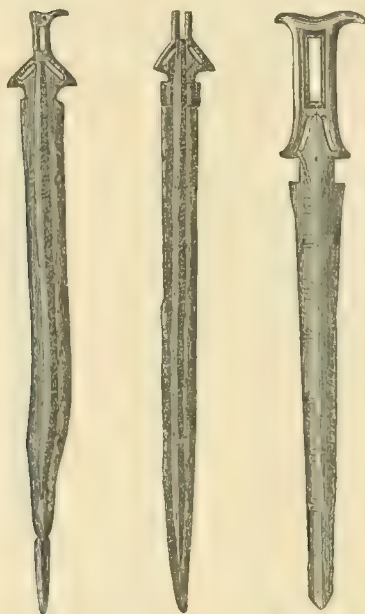


Fig. 12)
Catalayud Evora

Era uma arma hespanhola adoptada tambem pelos romanos[2], uma especie de punhal. Trazem-n'a, como se vê, todos da direita.

Lança. A lança, *lancea*, arma peninsular e que dos peninsulares, segundo alguns, os romanos adoptaram[3],

Em alguns monumentos a espada dos soldados está sobre a coxa esquerda; os soldados tanto da columna do imperador Trajano como o arco de Constantino trazem-n'a sobre a coxa direita; o mesmo se vê na columna de Marco Aurelio e de Septimo Severo, onde aliás se vêem tres espadas á esquerda; na columna de Theodosio tambem está do lado direito. Quando passaram a usar espada e adaga, traziam esta á direita, e a espada á esquerda.

[1] Pero Anton Beuter. *Chronica de Valencia*, lib. II. Andres Roza. *Del. antig. leng. de las Españ.*

[2] Lips. *Analecta*. 3.

[3] Montfaucon, ob. cit.

tinha diversas fórmas, e a sua ponta era ao principio de cobre, como as dos lusitanos, e como as que foram encontradas perto de Tortosa e Sagunto[1], ou de ferro. Era ás vezes toda de ferro, *soliferrata,* ou só de madeira tostada, a mais rudimentar das lanças, aguçada nas duas pontas, e chamava-se *sude* (fig. 14); arma rustica lhe chama Virgilio e era uma das armas com que os hespanhoes combateram Catão[2]. Servia tambem de arma de arremeço ou dardo, e chamava-se *sannion* (fig. 14), se era de madeira com ponta de metal; *gesso* (fig. 14), se armada de uma ponta, constituindo um dardo de grande alcance, leve, que se traziam dois em cada mão, e naturalmente de origem celtica, visto que a usavam tambem os gaulezes[3]; *phalarica,* (fig. 14), — de *phalas* ou torres de onde eram arremessadas —, especie de partazana ou albarda[4] muito comprida, com tres pés de ferro envolto em estopa, pez e outras materias inflammaveis a que se lançava fogo quando partiam, causando portanto grande damno ao inimigo, e que teria começado por ser atirada com a mão, quando mais leve, e depois por meio de béstas; *semiphalaricas* eram as de menores dimensões. *Sparus* era uma arma parecida nas dimensões com a *phalarica,* arma rustica, *agrestis sparus,* usada pelas tribus do norte, e tendo o ferro em duas pontas, uma recta outra encurvada[5].

Sude. *Sannion.* *Gesso.* *Phalarica.* *Semiphalarica.* *Sparus.*



(Fig. 13) *Machœra*

Havia ainda a *trágula,* dardo muito aguçado, que atravessava a loriga e o corpo do inimigo e, pros-

Trágula.

[1] Marin. *Historia de la milicia española.* Tom. I.

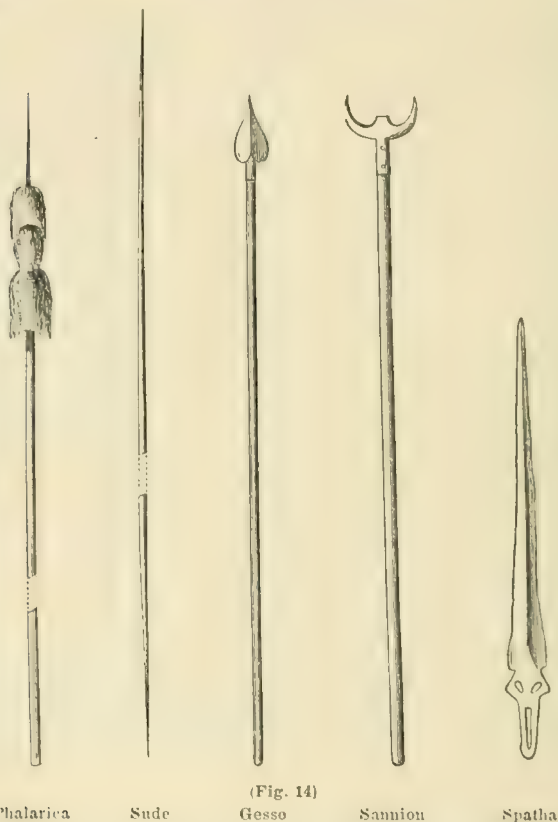
[2] *Sudibus, et omni genere telorum submovebantur à valle Romani.* T. Livio, lib. XXXIV, cap. XXV.

[3] . . . *Duo quisque Alfina coruscat Gœsa manu.* Virg. *Eneid.* 8, v. 662.

[4] B. Alderete. *Origen.* lib. II, cap. IV.

[5] Danvilla Callado, obr. cit.

trando-o, o cravava na terra[1], parecendo ter o seu nome da particularidade da sua ponta em fórma de anzol. Com a *trágula* foi ferido n'um musculo Annibal em Sagunto, Cneu Scipião perto de Múnda e Metello nas guerras com os editanos. o que mostra



(Fig. 14)

Phalarica Sude Gesso Sannion Spatha

que era uma arma frequente nas mãos dos atiradores peninsulares.

Falcata. Eram tambem armas muito vulgares a *falcata*, (fig. 15), haste a que superiormente se applicava uma especie de *gadanha* ou foice, que tambem era

[1] Just. Lip., *Poliorc.* lib. IV.

manejada como uma espada; o *bidente* (fig. 15) e o *tridente* (fig. 16) que lembram os nossos actuaes forcados, aquelle com dois e este com tres dentes de cobre ou ferro, e que, segundo o seu feitio, chamavam-se tambem *forcas* e *lobos,* armas que serviam para repellir o inimigo nos assaltos ás muralhas, derribando-o ou mesmo colhendo-o. *Bidente.* *Tridente.* Forcas e lobos.





(Fig. 15) Falcata — Bidente

(Fig. 16) Tridente

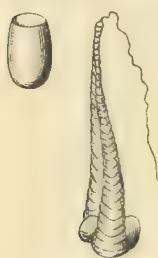
Para a lucta corpo a corpo havia ainda a *aclide,* massa ou clava de madeira muito rija, com a cabeça ponteada de ferro, e no cabo uma correia que se enfiava no pulso, e que vemos subsistir no tempo dos visigodos, provavelmente pela sua primitiva origem celtica. *Aclide.*

Fundas.

As *fundas* (fig. 17) eram tambem usadas pelos peninsulares, embora os ilheus gymnesios fossem os fundibularios por excellencia. Naturalmente as substancias de que se fabricavam eram as mesmas de que falla Strabo como sendo empregadas pelos baleares, isto é, a tripa, a crina, ou a *melancranis*, especie de junco de grande ductibilidade, e tambem o esparto ou semente negra [1]. O projectil

Glande.

que arremessavam, a *glande* (fig. 17), assim chamada pela sua fórma de bolota, era de pedra ou chumbo fundido, pesava ás vezes um arratel e mais, e costumava ter gravada uma palavra; Vegecio reputa superior ao da flecha [2] o seu effeito, e Lipsio o seu alcance [3]. O fundibulario trazia esses projecteis n'uma bolsa de couro, pendente do lado direito, como se vê na columna Antonina, onde outra particularidade se nota ainda e é que as fundas nem sempre íam todas em volta da cabeça do atirador, como informa Strabo, mas tambem em redor da cintura e pelo hombro. Outros fundibularios, como os da colonia Trajano, trazem as pedras n'uma dobra do *sago*, mas não ha provas para os suppor peninsulares.



(Fig. 17)
Glande Funda

Meia lua.

Com o nome de *meia lua* (fig. 18) era ainda conhecido um instrumento cortante de cobre, que era hasteado em madeira, naturalmente para formar uma especie de machado.



(Fig. 18)
Meia lua

Como instrumento de guerra usavam ainda a buzina (fig. 19).

[1] Perez de Castro, ob. cit. *Schemis mucronatus* ou mais provavelmente *S. nigricans* — segundo Gabriel Pereira, notas á versão dos trechos de Strabão, relativos á peninsula, 2.ª parte, Coimbra, 1880.
[2] Veg. *De re mil.* lib. I, cap. XVI.
[3] Lips. *Poliorc.*, lib. IV, *de Mil.*, lib. V.

Este era o armamento mais commum em toda a Iberia; cada povo, porém, tinha as suas particularidades: assim o da Cantabria, conhecido pela sua invencivel ferocidade, ao ponto de Lucano dizer de Cassio, capitão de Cesar, e fallando da sua coragem, que só lhe faltára *fazer voltar as costas a um cantabro* [1], usavam pelles curtidas de urso e lobo, com o craneo adherente, o qual adaptavam á cabeça como um estranho capacete (fig. 20), deixando a pelle caír pelas costas, outras vezes cingindo-as ao corpo, unidas sob o peito as garras da fera; os celtiberos (fig. 21), como os lusitanos, usavam *ocreas,* e tambem *armilhas,* como se vê na figura do guerreiro celtibero da lampada do museu de Tarragona, — e o traje ordinario d'esse povo deduz-se do que é representado no celebre escudo de Scipião, que adiante reproduzimos; — *armilhas* cingem evidentemente o grosso dos braços dos guerreiros de pedra do jardim da Ajuda e o de S. Jorge de Vizella, como veremos adiante; de duas passagens, á primeira vista contradictorias, de Strabão se deduz que se os lusitanos se armavam geralmente á ligeira, tambem usavam couraças de linho [2]; finalmente, vê-se que os baleares eram os primeiros fundibularios do mundo [3], trajavam saia

Cantabro.


(Fig. 19)
Buzina

Celtibero.


(Fig. 20)
Cantabro

Balear.

[1] Lucano. *Guerra civil de Roma,* liv. LXVI.
[2] Strab. *Geograph.,* lib. III, cap. III e cap. IV.
[3] Strab. Lib. III, cap. V.

de mangas e chapéu de aba larga, emplumado, — *galerus* —, como se vê na columna Antonina; abandonavam a tunica no acto do combate, conservando apenas o escudo no braço esquerdo, vibrando com a mão direita dardos com ponta de ferro, e levando enroladas na cabeça tres fundas, de diversos tamanhos, para atirar a diversas distancias, sendo desde pequenos exercitados no manejo da funda, ao ponto dos paes só lhes darem o pão diario quando o derribassem com a glande[1]. Annibal deveu aos fundeiros baleares, em grande parte, a sua victoria em Trebia[2].



(Fig. 21)
Celtibero

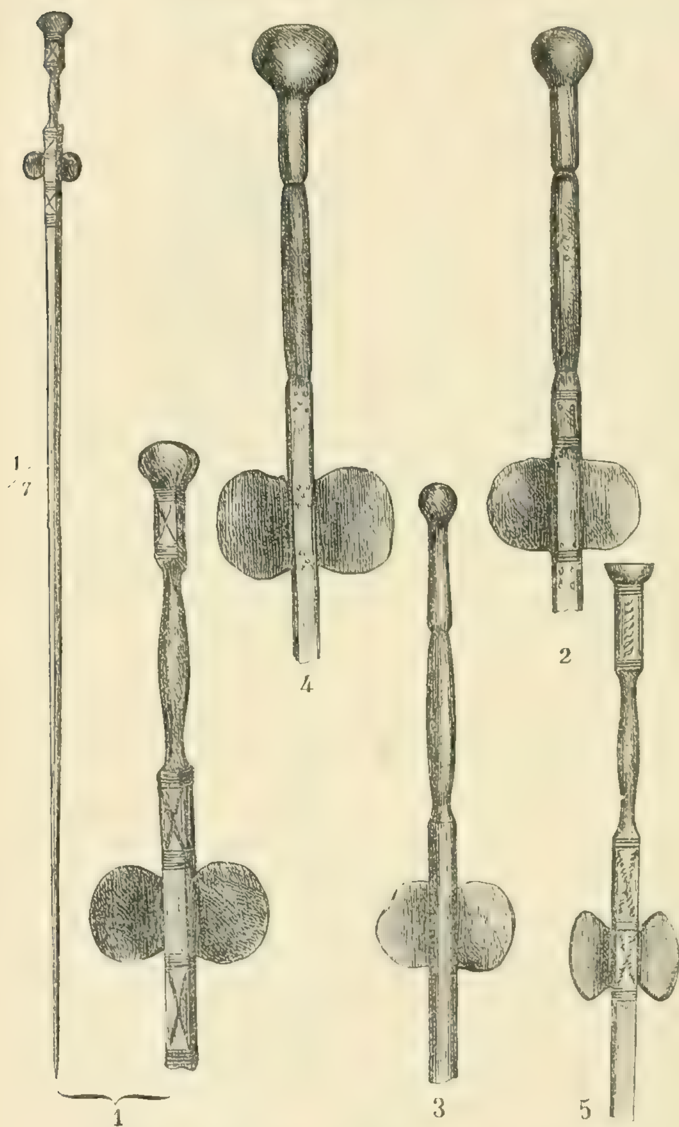
Estoques de bronze do Alemtejo

Nenhuma referencia dos escriptores antigos, nem achados equivalentes em outros paizes, nos permittem conhecer a utilidade e o fim de um instrumento que tem sido encontrado na provincia do Alemtejo, principalmente no districto de Beja; referimo-nos aos curiosos estoques de cobre e bronze pela primeira vez descobertos e assim denominados pelo benemerito archeologo e fundador do museu de Evora, o arcebispo fr. Manuel do Senaculo.

[1] Strab., loc. cit.; Flor., lib. III, cap. VIII.
[2] T. Livio, lib. XXI, cap. LV.

Estampa II

Estoques de cobre e bronze



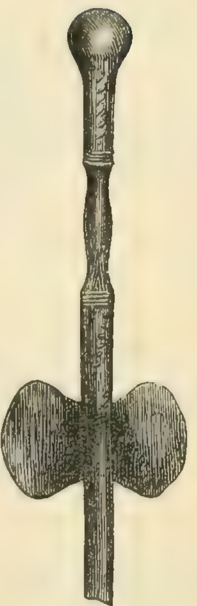
1, Janellas Verdes (cobre). — 2 a 4. Evora (bronze). — 5. Evora (cobre).

Estampa III

Estoques de bronze



10



9



8



7



6

6, Evora (bronze). — 7 e 8, El-rei (bronze). — 9, Dr. Aragão (bronze). — 10, Paula e Oliveira)

Posteriormente, mais alguns se têem descoberto: dois foram adquiridos pelo dr. Abel da Silva Ribeiro e offerecidos a Sua Magestade El-Rei quando ainda principe, outro adquirido pelo sr. Teixeira de Aragão, sendo todos estes tres encontrados perto de Beja; um, de proveniencia desconhecida, está no museu das Janellas Verdes, em Lisboa, e suppõe-se ter sido tambem encontrado em Beja, talvez da collecção Cenaculo; finalmente tres, um d'elles bem conservado, e os outros dois sem as guardas que se destruiram, obtidos tambem nas proximidades de Beja pelo fallecido official de artilheria e archeologo Francisco de Paula e Oliveira. Sabe-se tambem que em Evora os caldeireiros tem derretido muitos d'aquelles instrumentos, o que prova que são abundantes n'essa região onde, por estes e outros factos, se evidenceia uma idade de bronze perfeitamente caracterisada.

Outros possuidores.

Damos a reproducção exacta d'esses objectos nas est. II e III.

O sr. Cartaillac que conheceu e reproduz no seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* dois dos estoques de Evora, mas que não chegou a ver os outros, não acceita a denominação que lhes deu o arcebispo Cenaculo[1], e quer que elles sejam antes grandes pregos com que os hispanos de origem celtica seguravam e adornavam a longa cabelleira, do mesmo modo que os gaulezes, dando á cabeça um aspecto estranho e de imponencia para o inimigo. Baseia esse illustre archeologo a sua opinião na similhança d'esses objectos com uns pregos de cabeça dos quaes um foi descripto por Ed. Flouest e encontrado n'uma sepultura de Veuxhaulles, na Côte-d'Or, ($0^m,59$ de compri-

Opinião de Cartaillac.

[1] *Cuidados litterarios do prelado de Beja.* Lisboa, 1791, *Vida de S. Sizenando,* e *Historia de Beja.* Mss. de bibl. de Evora.

mento); tres de Zollikofen (0^m,88); um de Fellinges Haute Saône, (0^m,88) e um da Hungria, (0^m,78), todos no mesmo genero. Sentimos discordar da

A nossa opinião.

opinião do erudito archeologo. Á primeira vista se reconhece que esses pregos nada têem de commum com os nossos estoques, nem nos feitios do punho que é n'aquelles todo floreado, como convem a um objecto de adorno e no proprio punho que está perfeitamente definido, com guardas, nos floretes de Beja, nem tão pouco no cumprimento que não passa de 88 millimetros n'aquelles, emquanto que alguns dos nossos estoques attingem 1^m,13 e 1^m,15, podendo-se attribuir o tamanho dos outros mais pequenos a acharem-se deteriorados pelo tempo ou a pertencerem a individuos de menor estatura. A

A particularidade do punho.

particularidade da empunhadura, sobretudo, põe completamente de banda o parallelo com os pregos de cabeça; e os enfeites das mulheres de Abruzzes, que têem 0^m,50 de comprimento, e os que Strabão cita, como de uso entre as mulheres da Iberia, com um pé de comprimento, nada mostram de commum com os artefactos de que nos occupâmos.

Eram estes evidentemente objectos para serem manejados; — seriam armas de combate? seriam insignias de mando com feitio de arma? De armas têem o parecerem-se com os floretes de haste em quatro faces com que actualmente se aprende a esgrima. Os punhos tem entre 0^m,11 a 0^m,15 de comprimento, com o espaço para a mão correspondente ao que é dado para esse fim nas espadas era punhaes de cobre ou bronze, e tambem nos primordios da idade de ferro, 0^m,09 a 0^m,10. Vê-se que alguns seriam guarnecidos de madeira, como se deduz das fibras lenhosas que um dos estoques de El-Rei conserva adherentes, ou de outra qualquer substancia, para cuja applicação e consolidação alguns dos punhos apresentam orificios denunciadores da prega-

ria primitiva. O estoque é inteiriço, feito de uma só peça tanto o punho como a folha ou haste, sem articulações, e é portanto no genero das espadas de cobre peninsulares a que adiante nos referimos; os lavores ou gravuras que apresenta são em pequenos circulos, ou em espiraes, ou em traços horisontaes e em cruz; as guardas são em fórma de orelhas ou formando juntas uma ellipse. Não sendo pregos de cabello, e não parecendo que possam ser armas pela sua extrema fragilidade, n'um periodo em que se combatia com rijas armas de silex, de cobre e de bronze, os curiosos estoques podiam muito bem ser insignias de commando militar. Largura da lamina $0^{m},01$. Lavores.

Dois dos estoques (um das Janellas Verdes e outro dos de Evora), são de cobre, os demais de bronze, segundo a analyse feita pelo distincto chimico allemão C. Von Bonhorst, a pedido do finado archeologo Estacio da Veiga[1].

Este facto e a circumstancia de terem sido encontrados em sepulturas onde estavam tambem pedras tendo gravados caracteres que até hoje não tem sido possivel aos archeologos decifrar, dão a estes objectos uma grande antiguidade; quanto ao seu uso, talvez posteriores achados nos possam dizer alguma cousa; o que sobretudo nos interessa, porém, é que, por emquanto, só em região portugueza e circumscripta ao Alemtejo é que taes objectos têem sido encontrados, fazendo convergir para aquella provincia as attenções dos que se interessam em determinar, em todos os seus caracteristicos, uma idade de bronze no nosso territorio.

[1] E. da Veiga. *Antiguidades monumentaes do Algarve,* tom. IV.

Armas de ferro de Alcacer do Sal

A proposito das armas usadas pelos peninsulares parece-nos interessante tratarmos aqui das que foram encontradas n'uma necropole pre-romana em Alcacer do Sal juntamente com outros objectos. A maior parte d'esse thesouro foi adquirido em 1876 [1] pela academia das bellas artes de Lisboa e está no museu das Janellas Verdes, alguns dos objectos estão no museu municipal criado ultimamente em Alcacer; outros estavam na posse do sr. Antonio Faria Gentil, em cujas terras, nos arredores do Senhor dos Martyres, appareceu o vetusto cemiterio, e alguns finalmente se acham no museu da bibliotheca de Evora. Ao que parece, a necropole era no genero das que têem sido descobertas em Italia e em Hespanha [2]. Os objectos ali achados representam uma collecção muito notavel e dos seus specimens mais curiosos damos a reproducção em gravura, taes como se acham est. IV e V, e a reconstrucção de algumas das armas que adiante se verão.

Qual a origem d'estas?

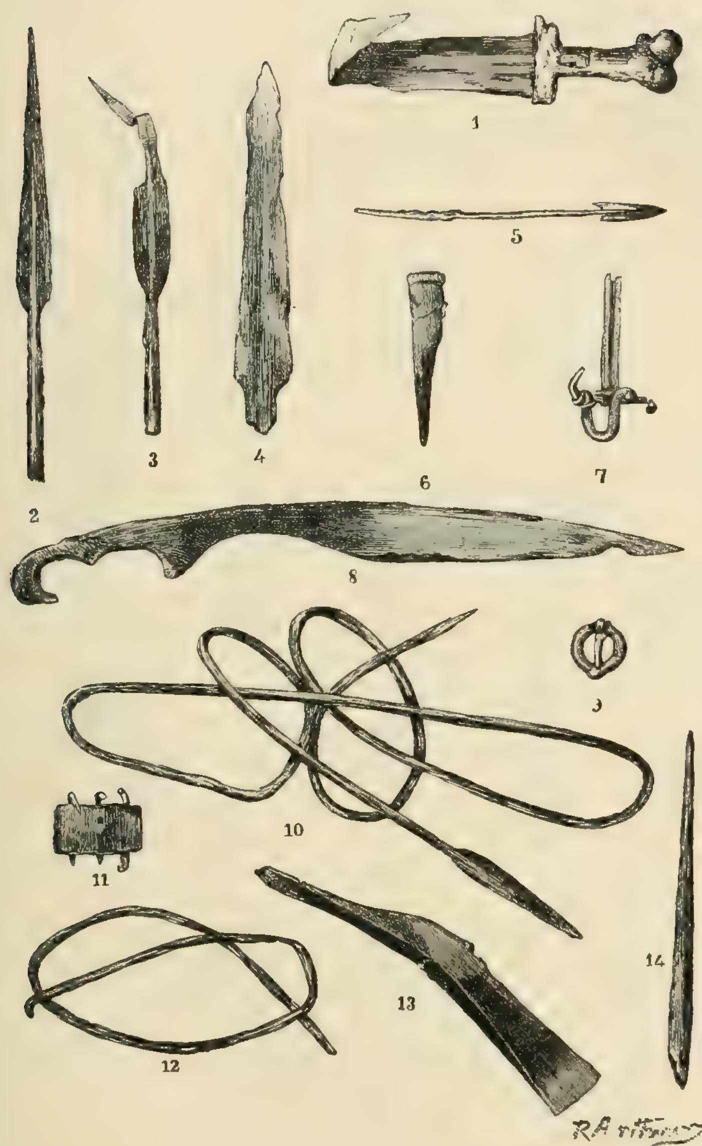
A Evion dos celtas.

Em Alcacer ou suas proximidades foi porventura a Evion dos celtas, como se póde deduzir das moedas celticas ali encontradas, entre ellas as que estão no museu municipal de Alcacer e foram reproduzidas pelo sr. Leite de Vasconcellos no *Archeologo portuguez* [3], (fig. 22) identicas ás que Zobel

[1] Comprou-as por conta da academia o marquez de Sousa Holstein a Antonio de Faria Gentil e sua mulher, por 3:000$000 réis.
[2] E. Hübner. *Arqueol. de Esp.*, § 160.
[3] O sr. Leite de Vasconcellos no seu interessante artigo ***Excursão archeologica a Alcacer do Sal,*** dá noticia de varias moedas do mesmo genero que estão em Alcacer, em Beja, em Serpa, na bibliotheca nacional e no museu real. ***Archeol. portug.,*** vol. I, n.º 3, de março de 1895.

Estampa IV

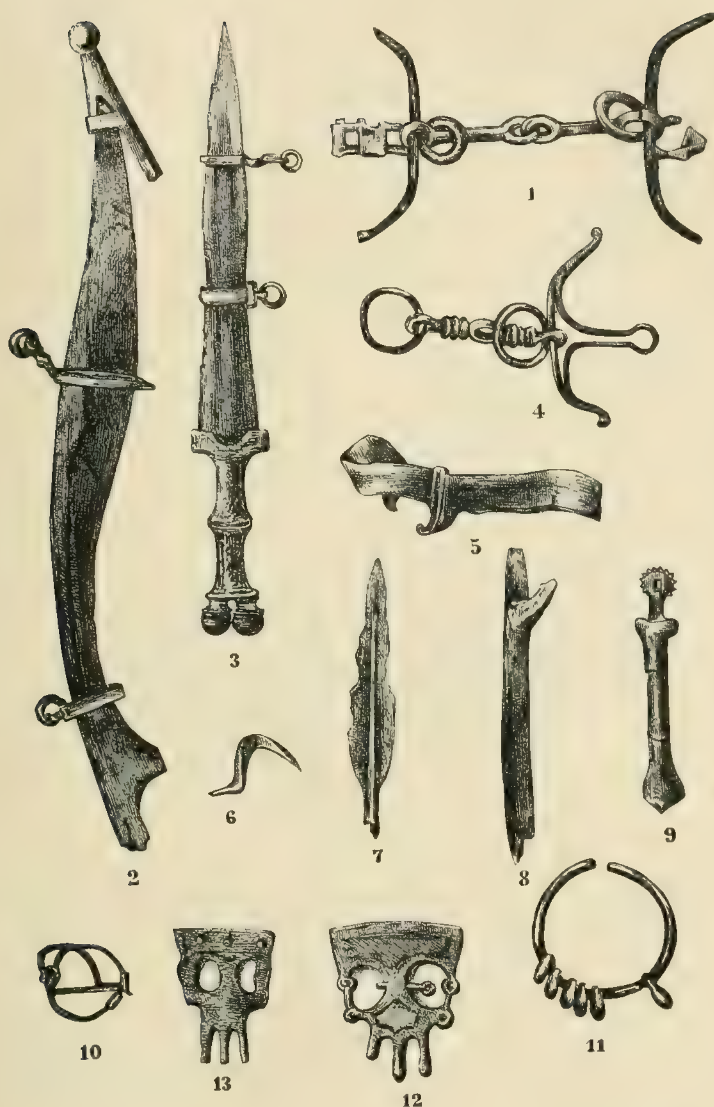
Armas de ferro de Alcacer



1, adaga com punhos de duas antennas. — 2, 3 e 4, pontas de lança em fórma de folhas. — 6, cabo de lança. — 7, fragmento de freio. — 8, espada de genero etrusco. — 9 e 11, fibulas. — 10, zagaia ou lança soliferrea. — 12, fragmento de zagaia. — 13, machado picareta. — 14, Ponta de lança em fórma de prego.

Estampa V

Armas de Alcacer



1, freio. — 2, espada de genero etrusco. — 3, espada adamascada de duas antennas. — 4, fragmento de freio. — 5, fragmento de espada. — 6, fragmento de fibula. — 7, ponta de lança. — 8, fragmento de roda. — 10, fibula. — 11, Torque.— 12 e 13, fibulas.

Zangronis[1] reconheceu pertencerem a Salacia e só se encontrarem em Portugal e em Hespanha, nas provincias que confinam com o nosso reino.

Em Alcacer, ou nas proximidades, foi Salacia, municipio romano, a *Urbs Imperatoria* de Plinio; e antes dos romanos foi um ponto importante do commercio dos gregos, como o provam as moedas de que falla Cartaillac, a mascara sepulchral de barro publicada por Benndorf, os vasos pintados do seculo II, e outros objectos ali encontrados[2].



(Fig. 22)

Moedas celticas de Alcacer

Mas não sendo celticas essas armas, e menos ainda romanas, seriam gregas?

Este é o ponto de interrogação.

São todas de ferro e pertencem portanto já ao periodo que Broca, e com elle Cartaillac, denomina proto-historico, proximo portanto do periodo propriamente historico, e, como veremos, na transição

Armas proto-historicas.

[1] *Revue Numismatique,* 1836, pag. 369. Idem, 1863, pag. 380.
[2] E. Hübner. Loc. cit. *Addiciones.*

da epocha de bronze para a epocha de ferro; — apparecem todas propositadamente retorcidas e inutilisadas, como era uso fazer-se então ás armas dos guerreiros que os acompanhavam á sepultura, como exprimindo a força e o valor destruidos pela morte[1].

Coexistencia das armas de bronze e ferro.

Os objectos e armas de bronze continuam a figurar por muito tempo na epocha de ferro, que se suppõe ter sido introduzido na Grecia no seculo XV antes de Christo, e pela mesma epocha, mais ou menos, em Hespanha, do mesmo modo que as armas e objectos de pedra são utilisados na epocha do cobre e na do bronze pela mesma rasão porque a arma de fogo levou seculos a vencer a arma de pulso, e porque ainda hoje, apesar da rapidez quasi vertiginosa na transformação e aperfeiçoamento das armas, os typos mais atrasados continuam subsistindo ao par do typo mais moderno, por mil causas e circumstancias obvias, que escusado é enumerar.

A coexistencia das armas de bronze com as de ferro é revelada não só pelos seculares depositos em que as encontramos juntas, mas sobre tudo pela absoluta semelhança ou identidade das fórmas e typos que essas armas apresentam. O ferro, *mais difficil de trabalhar*, na expressão de Homero, vae-se impondo a pouco e pouco e vencendo o cobre, pelas suas qualidades de fortaleza e resistencia.

Typos de espadas.

Uma curiosa espada do typo de duas antenas, de cobre (fig. 23), é a que foi achada na Galliza[2], em Cubeyra, e está no museu archeologo nacional

[1] Worsaæ attribue o facto a um uso religioso, relacionado com as offerendas aos deuses depois da victoria, offerendas que diz estavam muito espalhadas na Europa occidental. Worsaae. *La colonisation de Russie et du nord scandinave.*

[2] D. José Villa Amil y Castro. *Armas, utensilios y adornos de bronce recogidos en Galicia.* No museu español de antiguidades, tom. II.

de Madrid; no genero de duas antenas são as espadas de bronze do lago de Neufchatel e da Scandinavia, que vemos na curiosa collecção de espadas que nos apresenta Lubbock[1] e que são do mesmo typo de muitas espadas de ferro. Compare-se essa espada de Cubeyra com a de ferro encontrada em Higes, provincia de Guadalajara, e que está no mesmo museu[2], e, apesar de deteriorada, encontraremos n'ella o mesmo typo, o qual mais se accentua na comparação com a do nosso museu das Janellas Verdes, (fig. 24), sendo tambem do mesmo genero, com as antenas mais delgadas, a que está no museu de Alcacer, (fig. 25) e é da mesma providencia. A semelhança ainda é maior se compararmos o punho da espada de bronze de Coubeyra com outro descoberto tambem na Galliza, no castro de Riotorto (fig. 26), e onde não só se veem as duas antenas, mas as duas azas do punho a segurarem a folha, encurvando-se.



(Fig. 26)
Riotorto



(Fig. 23)
Cubeyra

Comparando as já conhecidas folhas das espadas encontradas em Catalayud, e são de cobre, com a do museu de Evora, encontrada no Alemtejo

[1] *L'homme avant l'histoire.* Vers. de Ed. Barbier, pag. 17.
[2] *Museo español de anteguedades,* tom. I.

(fig. 12) de bronze, e tambem com outras mais modernas, de ferro, notâmos o mesmo ar de parentesco muito proximo. O mesmo se deduz da comparação das pontas de lança de bronze com as de ferro.

E isso não se dá só na peninsula, mas em muitos pontos da Europa, e até fóra d'ella, o que prova que a grande familia humana megalilita teve por muita parte os seus lares, n'uma admiravel solidariedade de raça.

Typos de punhaes.

Os typos, por exemplo, dos punhaes de bronze do museu nacional de Madrid, com o cabo preso á folha por meio de vistosos pregos de cabeça redonda, que servem ao mesmo tempo de ornato[1], são os mesmos do punhal igualmente de bronze, de Lyon, e da espada do mesmo metal, de Uzés (Gard) em França, reproduzidas por Cartailhac[2] e das espadas de Dinamarca, e punhaes irlandezes reproduzidos por Lubbock.



(Fig. 24)
Janellas Verdes

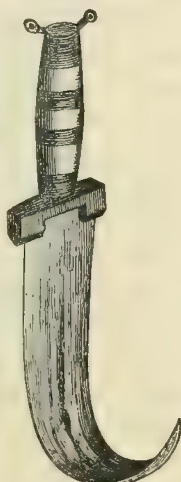
Predominio do ferro.

Penetram, por conseguinte, uma na outra a idade de bronze e a idade de ferro, até esta ultima se definir completamente e pôr de parte de todo, nos usos da guerra, as armas de bronze que, pelos attractivos do seu brilho, côr e facilidade no fabrico não são logo abandonadas. Claro é que isto não succede ao mesmo tempo em toda a parte, presistindo aqui e ali as armas de bronze por mais tempo, pelas circumstancias especiaes da região e do povo. Na Grecia

[1] *Museo español de antequedades*, tom. I, pag. 353.
[2] *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 223.

de Homero as armas de ferro eram muito raras, e só as usavam os chefes militares; o ferro começou por ser uma substancia preciosa até se vulgarisar e dominar todos os outros metaes nos usos da guerra. Uma das superioridades de Roma sobre os seus adversarios era o ferro das suas armas; adoptavam a fórma das armas estrangeiras, mas fundiam-nas no ferro que sabiam trabalhar admiravelmente.

As armas de Alcacer do Sal representam um povo e uma região onde este metal estava em pleno uso, na epocha proto-historica, isto é, nos humbraes, por assim dizermos, ou no vestibulo da historia, mas onde já a arte se apresentava requintada e exigente, como se deduz das incrustações em oiro e prata de algumas d'aquellas armas.



(Fig. 25)
Alcacer

Alcacer e Almedenilla.

São precisamente do mesmo typo das da necropole de Almedenilla, (est. VI) perto de Cordova, conservadas no museu archeologico nacional de Madrid, e que foram tambem de certo encontradas n'um tumulo, porque se apresentam, como as nossas, inutilisadas e torcidas.

Opinião de Fulgozio.

O sr. Fernando Fulgozio[1], tratando d'aquellas armas, quer ver n'ellas as antigas armas classicas dos hespanhoes de que deixaram noticia escriptores gregos e romanos, e de que fallámos já, e por isso identifica a longa lança de Almedenilla com a que era conhecida com o nome de *soli-ferreum*, e o punhal com a antiga *falcata*, sem haste. Com relação á lança é facil a ap-

[1] D. Fernando Fulgorio. *Armas ofensivas de bronce y hierro.* No *Museo español de antegüedades,* tom. I.

proximação porque lança delgada, toda de ferro, tinham-n'a os hespanhoes e outros povos; quanto a identificar a falcata com a espada curta ou punhal de Almedenilla e Alcacer do Sal, perfeitamente iguaes no typo e fórma, é talvez aventurar muito, sobretudo baseando-se apenas no que se suppõe ser a falcata na moeda de Carisio, cunhada em Merida e reproduzida nas *Medalhas de España* de Florez.

É numerosa a collecção do museu das Janellas Verdes, mas muitos dos objectos são repetidos e constam de:—cabeças de lança *(cuspis)* para serem hasteadas em madeira, lanças inteiras ou propriamente longas azagaias ou dardos, de mais de dois metros de comprimento; espadas rectas, curtas, de dois gumes, com o punho de duas antennas; curiosas espadas de ponta e um só fio, curvas; freios, fibulas, objectos de adorno, etc.

Nas nossas estampas IV e V vem a reproducção de muitos d'esses objectos, a mais fiel possivel, dadas as dimensões em que vem reproduzidas, e que se podem comparar com as da est. VI, que representa as armas de Almedenilla e de Higes.

Empunhaduras de duas antenas.

Em ambas as collecções apparecem as curiosas empunhaduras de espadas que terminam dispartindo-se em dois ramos como duas antenas de insectos, o que é uma fórma caracteristica da primeira epocha de ferro[1] ou epocha *halstattiana.* Como na necropole de Hallstadt, perto do Danubio, outras estações mortuarias de Italia, de França, de Hespanha, do Caucaso mostram a identidade da fórma que indicámos já entre as armas de bronze e de ferro d'aquella epocha.

Espada curva.

A espada curva a que nos referimos tem o fio pelo lado mais curvo. Lembra muito a espada

[1] *Materiaux pour l'hist. primit. et natur. de l'homme.*

grega e etrusca, de lamina recurvada n'um saliente arco, destinada a ferir melhor de golpe, e que é parecidissima, tanto na fórma da folha como na empunhadura, com as que figuram nas mãos de guerreiros representados em vasos etruscos ou greco-italicos (fig. 27 e 28), alguns dos quaes vem



(Fig. 27)
De um vaso encontrado na Italia

reproduzidos no livro do sr. Cartailhac, tirados de vasos de diversas procedencias, na França, Italia e Grecia. A fig. 28 tem a particularidade de apresentar a fórma da bainha.

Não é isso para admirar; é mais uma manifestação da influencia grega na peninsula, aliás pro-

vada por tantissimas maneiras, nos costumes, nas crenças, na tradicção, na religião, nas artes. Mas para reconhecer essa influencia nas armas de Alcacer não ha apenas esse indicio, mas, como vemos, os que resultam das moedas gregas[1], conjunctamente com iberas, e dos preciosos vasos e fragmentos de pratos tendo desenhadas figuras no genero etrusco que se encontraram na mesma necropole e estão no museu das Janellas Verdes.

Influencia grega.

Origem duvidosa.

Todas estas provas, porém, não bastam para nos dizer qual o povo que habitava n'essa tão remota epocha em Alcacer do Sal, se seria uma colonia grega ou se um povo peninsular com intimas relações com a Grecia e por esta altamente influenciado.

Se do local em que foram encontrados aquelles preciosos objectos e das circumstancias que o caracterisavam tivesse ficado, como tambem de outras estações da mesma epocha, informações completas e precisas, alguma cousa mais se podia avançar; o mesmo seria se se tivesse encontrado, completando o thesouro, outra especie de objectos, como na cova de Albuñol, ou na turfeira de Schleswig.

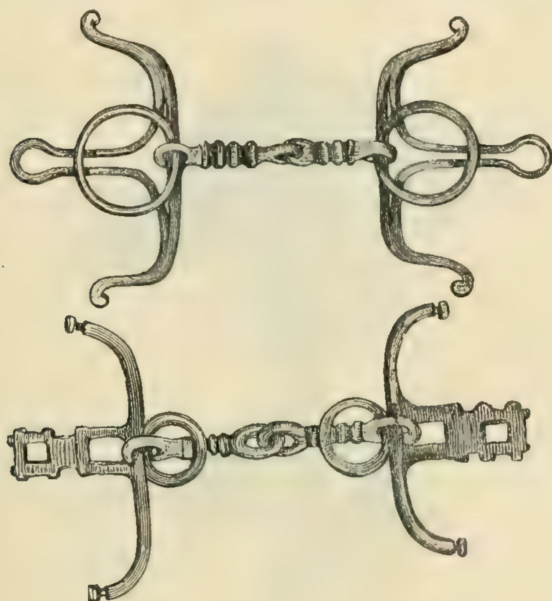


(Fig. 28)
De uma amphora de Nolla
(Museu de Napoles)

Pelo que se póde, comtudo, deduzir do que se conhece infere-se: — que era um povo anterior ao dominio de Roma, pois se não encontra nenhum objecto da epocha romana; que tinha grandes afi-

[1] Cartaillac, *Les ages préhistoriques*, pag. 252.

nidades com a Grecia; que viveu na primeira idade de ferro, forjando e trabalhando perfeitamente este metal, e encrustando-o de oiro e prata, n'uns prodromos d'essa bella industria tão afamada da peninsula; que apesar de conservarem ainda algumas de bronze, as suas armas eram todas de ferro, continuando porém a ser de bronze, — como nos povos da estação mortuaria de Tiefenau, perto de Encrustações.



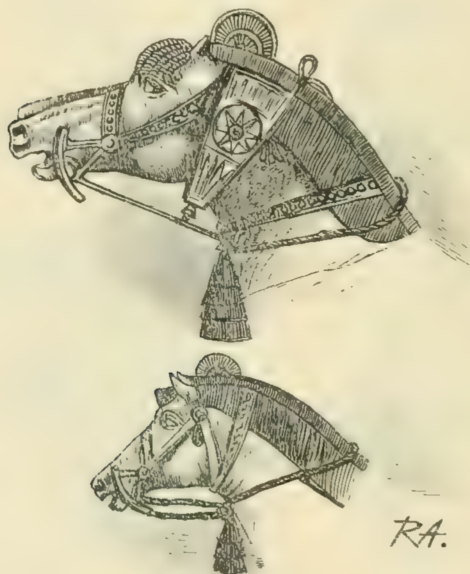
(Fig. 29)

Alcacer. – (Janellas Verdes)

Berne, descoberta por Juhn, e da de Schleswig, descripta por Engelhardt —, os objectos de adorno, como anneis, braceletes, fibulas, fechos de cinturão, etc.; que essas armas eram, principalmente: a lança com diversas fórmas de pontas, para se armar ou encabar na madeira, a espada ou gladio recto, a espada ou cutelo de lamina curva, muito original, e a zagaia ou longo dardo de ferro; que

finalmente enfreiavam o cavallo pelo systema oriental, e montavam sem estribos como era uso n'esses tempos.

As necropoles que em Alcacer do Sal, Almedenilla e Higer tem sido descobertas, e que são mais importantes que as da mesma epocha conhecidas no sul da França e na vertente franceza dos Pyrineus, mostram que a idade de ferro teve na peninsula estações muito notaveis.

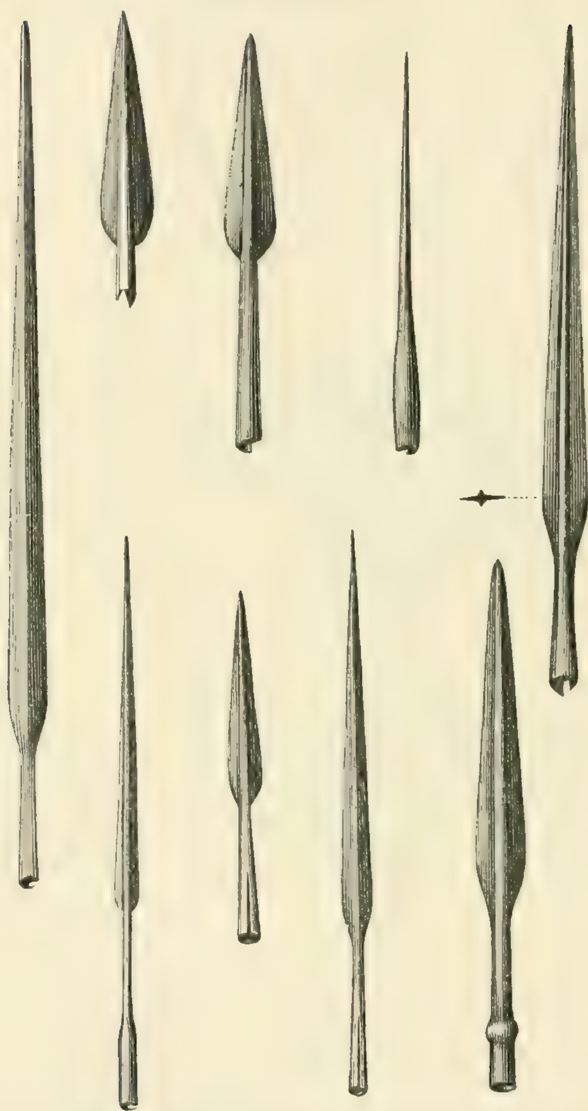


(Fig. 30)
Das esculpturas de Kuiundjik — Assur banipal na caça — (Museu britannico)

Armas. Tanto nas armas de Alcacer como nas de Almedenilla se encontram lanças ou antes zagaias *soliferreas,* torcidas para serem collocadas na sepultura; pontas de lança chatas ou prismaticas, espadas ou gladios ponteagudos, de dois gumes, ou espadas de antenas, como na epocha de bronze, (a nossa collecção das Janellas Verdas conserva

Pontas de lança.

Estampa VI



Diversas fórmas de pontas de lança de Alcacer do Sal (Janellas Verdes).

restos de bainhas, tambem de ferro), e finalmente as curiosas espadas gregas ou etruscas de que falaremos.

Na collecção das Janellas Verdes notam-se ainda uns freios que apresentâmos reconstituidos (fig. 29), e que lembram logo a fórma de enfrear assyrica perpetuada nos monumentos de Kuiundjik (fig. 30).

Espada de antenas.

O exemplar da espada de antenas das Janellas Verdes, (fig. 31), podemol-o idealmente reconstituir completo, pelo que d'essa espada resta em exemplares diversos; apresentâmos essa reconstituição na fig. 30[1]. Tanto este exemplar como o do museu de Alcacer que reproduzimos do *Archeologo portuguez* (fig. 25), são dois especimens curiosos de espadas ou adagas de antenas, n'um íntimo e proximo grau de parentesco com as da Galliza (fig. 23 e 25), de bronze e cobre, estudadas pelo antiquario hespanhol Villa Amil.



(Fig. 31)
Alcacer — (Janellas Verdes)

Espadas etruscas.

Quanto aos sabres ou espadas do genero etrusco, as de Alcacer do Sal, identicas ás de Almedenilla, completam-se mutuamente. Uma d'estas, (est. VI), conserva ainda tres braçadeiras de ferro, n'uma das quaes está uma argola de prender ao talabarte; alem d'isso o exemplar mais com-

[1] Esta reconstituição no desenho, como a da espada curva, foi feita pelo nosso camarada e estimado amigo Sezinando Ribeiro Arthur, major de infanteria, e pintor militar muito distincto, de quem são muitos dos desenhos que illustram este volume.

pleto, e muito notavel, de uma d'essas espadas de Almedenilla que Cartaillac nos apresenta (fig. 32), tem quasi intacto o dragão do punho onde o tempo não destruiu as substancias adaptadas lateralmente no ferro para compor a figura. Com estes elementos foi reconstituida idealmente (fig. 33), uma d'essas preciosas espadas das Janellas Verdes.



(Fig. 32)
Almedenilla

É muito curiosa esta arma, que em tudo revela uma influencia oriental, evidentemente transmittida através da Grecia.

Origem oriental.

Foi muito do gosto dos asiaticos, gosto que ainda se conserva, a lamina curva na arma branca; tal era a lamina da *sicca* dos persas e thracios, da *copis* ou *copide* oriental adoptada pelos macedonios e argivos; e taes são ainda hoje as laminas do sabre indiano, do sabre chinez, do *yatagan* e *candjar* turcos, da *flissa* dos argelinos, da cimitarra de origem persa, etc.

A arma que estamos estudando deveria ter, como o *candjar*, afiada a folha toda n'um dos lados, e no outro apenas um terço, a partir da ponta, que era aguçada e ligeiramente curva, constituindo assim uma arma de ferir de ponta e de gume, e talvez tão terrivel como o proprio *candjar* ou o *yatagan* com que o mouro até consegue decepar de um golpe a cabeça ao inimigo. Era a cabeça do adversario, nos tempos primitivos, um dos bellicos adornos do barbaro peninsular.

Armas similhantes.

A espada dos dacios[1], perfeitamente represen-

[1] Vid. Montfaucon.

tada na columna Trajana, e a *flissa* dos argelinos (fig. 33), lembram esta arma dos primordios da idade de ferro. Os vasos etruscos ou greco-italos a que acima nos referimos fazem remontar pelo menos ao seculo IV ou V antes da nossa era a fórma d'aquella espada; mas é evidente que a temos de ir buscar muito antes na peninsula, onde a influencia grega é bastante anterior a essa epocha.

Alem das espadas representadas n'esses vasos, Cartailhac dá-nos outros modelos de armas identicas ou muito parecidas: uma d'ellas, foi encontrada em 1879 em Tolentino, na Italia, antiga cidade que se suppõe ter sido fundada pelos thracios ou gregos; outra, de que falla P. Garruci[1], e foi encontrada em Praenesta; outra, finalmente, que figura n'um tumulo grego descoberto em Grolbaschi, apparecendo-nos portanto esse modelo ao longo do Mediterraneo.



(Fig. 33)
Flissa argelina

Opinião de Sophus Muller.

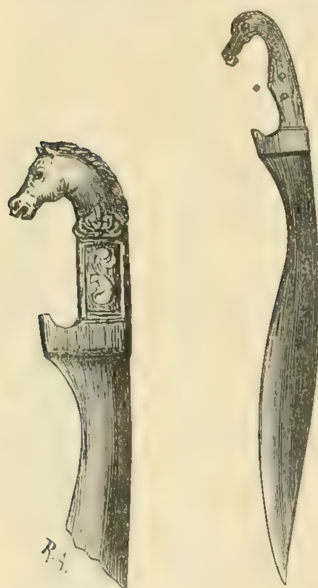
O sr. Sophus Muller, notavel antiquario dinamarquez, consultado pelo sr. Cartaillac sobre o assumpto, é de opinião que não ha a menor duvida sobre a origem grega d'esta fórma de espada, e julga-a o prototypo das espadas curtas, ou longos cutellos de um só gume, que em toda a parte, na França, no valle do Danubio, e nos paizes do Norte, pertencem á primeira idade de ferro.

Todas as provas concorrem pois para fixar n'esse periodo as armas de Alcacer do Sal, o que é confirmado, como vimos, pela lança e outros objectos de bronze, fibulas, braceletes ali encontrados, de mistura com os objectos de ferro.

[1] *On the discovery of sepulchral remains at Veü and Proneste.*

Variedade de pontas de lança.

Completando as nossas informações diremos que dos exemplares das Janellas Verdes se deduz que as pontas das lanças tinham as fórmas e as dimensões mais variadas, dando-se o que se nota já na epocha de bronze, isto é, que todas têem a fórma de folha; umas mais largas, outras menos; umas mais aguçadas, outras mais curtas; umas com os veios achatados, indo acabar n'uma haste quadrangular, outras prismaticas, em fórma de bayoneta de quatro arestas; outras, finalmente, pyramidaes, em fórma de prego, aguçado na maior parte do seu comprimento. Na reproducção que damos de algumas d'ellas (est. VII) vê-se que uma das pontas de lanças é de excessivo comprimento e muito original, que outra lembra uma adaga de folha larga, e outra tem a fórma de um coração. O museu de Evora conserva uma muito notavel (fig. 35).

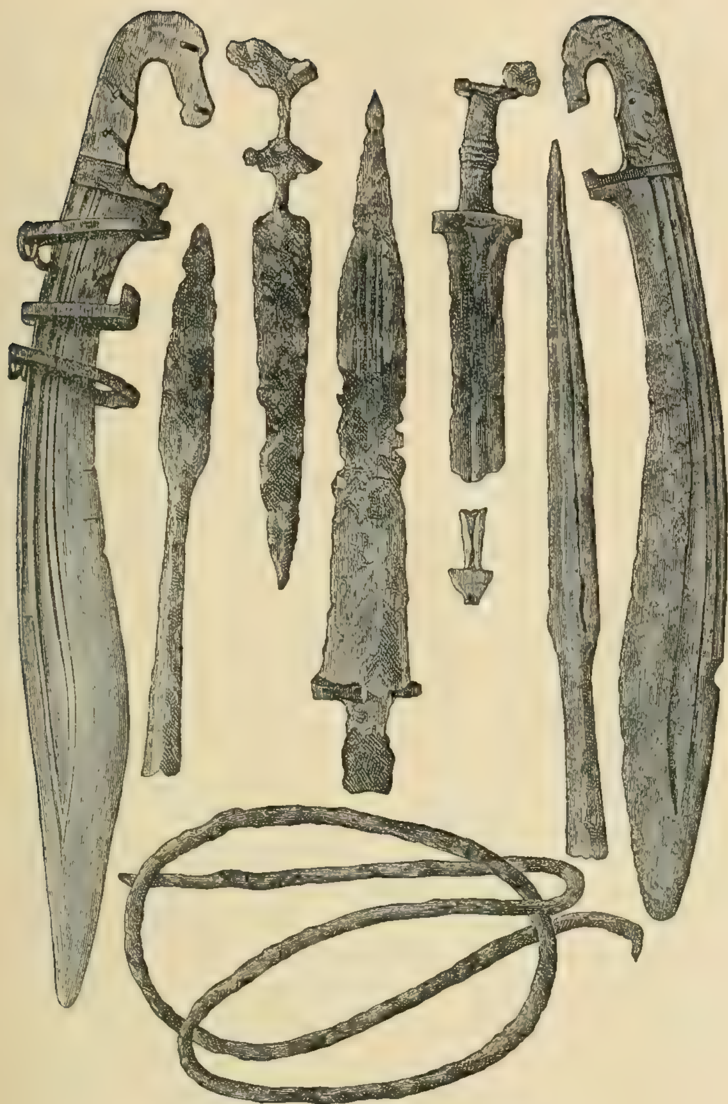


(Fig. 34)
Espada reconstituida. (Janellas Verdes)

É curioso comparar estes exemplares de lanças com os de Almedenilla e aquelles de que falla Cartaillac, encontrados em Dodone, Azevac e outros pontos da França; são evidentemente todos do mesmo typo e genero, e caracterisam uma epocha importante da civilisação prehistorica.

Eis as dimensões das lanças e zagaias do museu das Janellas Verddes na ordem em que estão representadas na nossa estampa VII:

Estampa VII



Armas ds Almedenilla (museu archeologico de Madrid)

	Comprimento total	Comprimento da folha	Largura maior da folha	Circumferencia maior da folha
1..............	0m,45	0m,33	0m,03	
2..............	0m,27	–	–	0m,08
3..............	0m,33	0m,14	0m,04	
4..............	0m,35	0m,21	0m,045	
5..............	0m,38	0m,28	0m,03	
6..............	0m,26	0m,15	0m,03	
7..............	0m,20	0m,17	0m,04	
8..............	0m,58	0m,43	0m,03	
9..............	0m,37	0m,30	0m,023	

Dimensões das lanças.

Zagaias.

As pontas das zagaias são geralmente em fórma de lingua estreita e não muito longa; mas uma d'ellas apresenta-nos a fórma de farpa e tem 0m,06 de comprimento, — as outras regulam por 0m,10.

Dimensões das espadas.

As espadas ou adagas de antenas têem differentes dimensões: — entre 0m,35 e 0m,48 o comprimento, e 0m,04 ou 0m,05 a largura de folha, na parte mais larga; de 0m,12 o comprimento total do punho com 0m,07 ou 0m,08 de espaço para a mão.



(Fig. 35)
Evora

As espadas etruscas, curvas, medem 0m,51 de comprimento total, punho e folha, que são da mesma peça; largura da folha na parte mais larga 0m,052; os lavores do punho são no genero das encrustações de Toledo, e vê-se que a bainha, pelas partes metallicas que ainda conserva, deveria ter sido de madeira, com guarnições de ferro.

Os freios têem 0m,19 de comprimento do bocado, 0m,14 de altura da guarda do freio; de diametro das argolas 0,m04 e 0,m05.

Não ha em todo o paiz, no genero armas, nada que possa interessar tanto, não só a archeologia, mas a historia militar nas suas remotas origens.

Estatuas militares

Tendo-nos referido mais de uma vez ás curiosas estatuas que estão no jardim botanico da Ajuda e em Vianna do Castello, parece-nos de vantagem tratarmos aqui d'esses monumentos de tão remotas eras, que nos vem esclarecer e confirmar muitas noticias e informações de escriptores antigos.



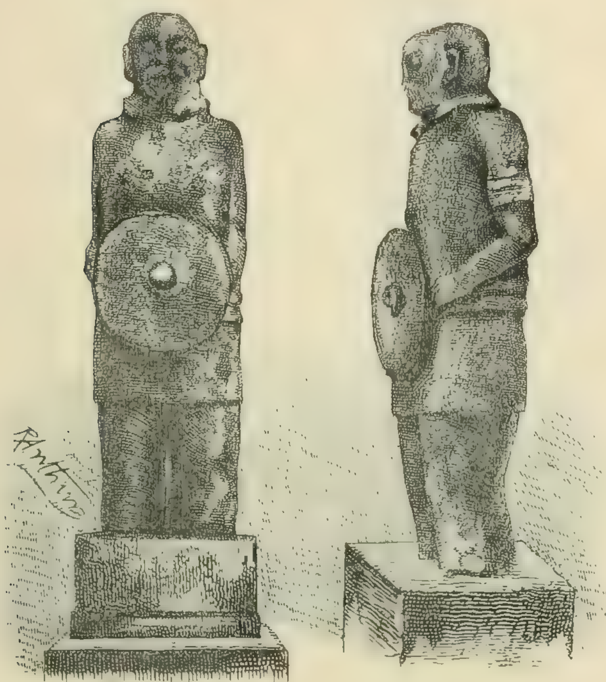
(Fig. 36)
Estatua da Ajuda — (lado direito da porta)

Estatuas da Ajuda.

As estatuas da Ajuda são duas (fig. 36 e 37) e estão collocadas aos lados de uma porta do jardim botanico, ao fundo, do lado do sul, como que a guardarem-n'a. Vieram de Montalegre, provincia

de Traz os Montes, onde foram encontradas no outeiro Lezenho em 1785.

A de Vianna (fig. 38) já esteve propriamente na cidade, no pateo de uma casa, chamado *pateo da morte,* mas hoje, por cedencia do seu antigo dono a um amigo, acha-se n'uma quinta d'este, no logar da Abelheira, vizinho da cidade. Estatua de Vianna do Castello.



(Fig. 37)
Estatua da Ajuda — (lado esquerdo da porta)

Conhecem-se alem d'estas em Portugal mais tres estatuas, descobertas pelo nosso amigo o sr. Francisco Martins Sarmento, das quaes duas estão no museu de Guimarães, na sociedade que tem o nome d'aquelle notavel archeologo: uma d'ellas encontrada em Santo Ovidio de Fafe (fig. 39), outra em Outras estatuas

S. Jorge de Vizella[1] (fig. 40); uma terceira descoberta em Rofojos de Basto não conseguiu aquelle museu adquiril-a pela reluctancia dos populares que julgam ter ali a effigie do seu heroe eponymo[2]. Sabe-se tambem da existencia de uma outra estatua, igualmente de escudo sobre o ventre, na



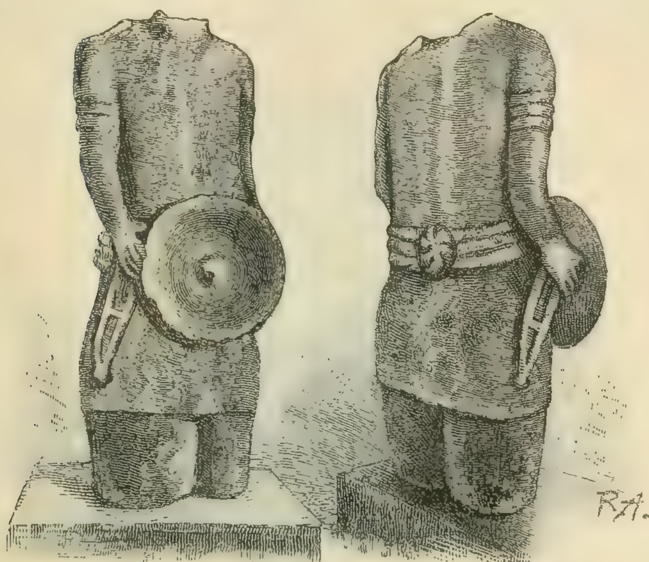
(Fig. 38)
Estatua de Vianna do Castello — (Abelheira)

freguezia de S. Martinho de Britello, junto ao rio Minho, na veiga do João da Lage, perto da capella de Nossa Senhora do Rosario, estatua que

[1] Carta de Martins Sarmento ao *Occidente* n.º 283, vol. IX.

[2] Diz-nos o sr. Martins Sarmento n'uma amavel carta que temos presente, que os de Basto lhe declararam que só levaria a estatua se lá fosse conquistal-a com o regimento 20.

apesar de estar decapitada e sem mãos, era tida pelos habitantes do logar como fazendo o milagre de dar sol e chuva, sendo necessaria a intervenção do abbade da freguezia, padre Antonio Toscano de Lima, para por termo á crendice, naturalmente destruindo a estatua[1].



(Fig. 39)
Estatua de Santo Ovidio de Fafe — (museu Martins Sarmento)

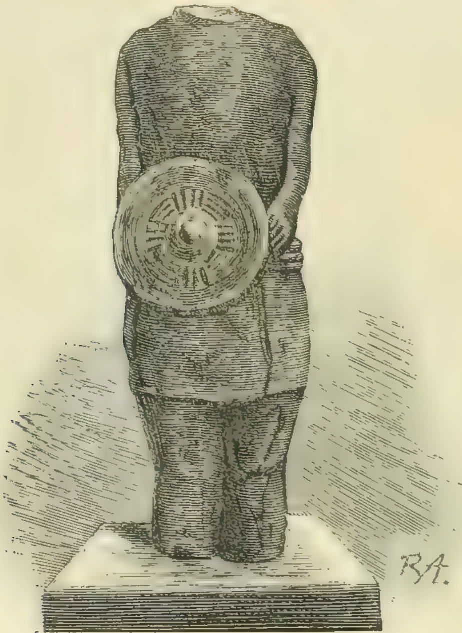
Finalmente A. Soromenho, n'uma nota á sua traducção das *Noticias archeologicas de Portugal* de E. Hübner[2], deduz das seguintes palavras da carta de couto de Midões, passada em 13 de novembro de 1169 por Affonso I: « *Quorum unus* (sc. terminus) *lapis incompositur videtur,alter vero similitudi-*

[1] Luiz de Figueiredo Guerra. Art. no *Pero Gallego* de Vianna do Castello. Maio de 1882.
[2] Memorias da academia real das sciencias de Lisboa. Nova serie, tom. IV, p. I.

nem hominis habere videtur in modum idoli», que estava n'ellas indicada a existencia n'aquelle sitio de uma estatua similhante.

Na Galliza.

Isto quanto a Portugal; na Galliza, porém, dá-nos D. Manuel Murguia noticia de uma estatua encontrada na fronteira d'aquella provincia e que, á vista do esboço d'ella, mandado á real academia de historia de Madrid, affirma ser «completamente irmã das de Ajuda[1]»; D. Mauro Castella Ferrer,



(Fig. 40)
Estatua de S. Jorge de Vizella — (museu Martins Sarmento

em 1610, deixou noticias de uma, cuja descripção por elle feita se ajusta precisamente ás que conhecemos, e diz que se encontrára nas proximidades de Cellanova, em Castro de Rubias, junto de Araujo

[1] D. Manuel Murguia. *Galicia*, 1888, pág. 124.

Est. VIII



LUSITANO

Desenho de Manuel Bordallo Pinheiro
nos "Costumes Militares da Monarchia Portugueza"

e de outra, de que existia só a parte inferior, e servia de marco divisorio entre as parochias de Santa Maria de Boveda e S. Miguel de Padrada, no logar de Vilar del Barrio, e da qual em 1837 se mandou desenho á academia de historia de Madrid, o que póde fazer suppor que seja o mesmo desenho a que se refere Murguia, se bem que este parece referir-se a uma estatua inteira.

D'estas estatuas o sr. E. Hübner, o primeiro que ácerca d'ellas publicou um estudo[1], só conhecia de vista as de Ajuda, por uma photographia a de Vianna, e por informação as ultimas duas da Galliza a que nos referimos. Dos sitios onde ellas têem sido encontradas todas deduziu que eram estatuas representando antigos callaicos, opinião que decerto não modificaria ainda hoje, dada a região onde o sr. Martins Sarmento descobriu as suas. Este illustre archeologo, porém, é de parecer que a qualificação generica de callaicos não é propria, porquanto entre lusitanos e gallegos não ha rasão para distinguir, e tambem porque a estatua de Fafe tem o escudo concavo, *a cava foris* que Strabão dá como arma defensiva dos lusitanos. Classificação.

Tambem somos de opinião que sendo o traje e armamento perpetuados por esses monumentos os dos povos callaicos, o seriam tambem dos lusitanos, porquanto Strabão, indicando o modo de ser dos lusitanos, disse que esses povos e os callaicos, astures e cantabros tinham um viver uniforme, e mais disse ainda que toda a região ao norte do Douro, limitada por sua vez ao norte pelos asturos e cantabros, e que no seu tempo se denominava callaica, havia sido a Lusitania dos antigos. É portanto provavel que, a não se terem destruido, nas regiões áquem do Douro da antiga Lusitania

[1] Appendice á «Noticias archeologas de Portugal».

se possam encontrar estatuas identicas; mas a verdade é que, emquanto n'essas e n'outras regiões, que não seja a comprehendida entre o mar e o Douro, ellas não apparecerem, a denominação de *estatuas callaicas* póde subsistir. A circumstancia do escudo da estatua de Fafe ser concavo na parte anterior é muito apreciavel.

Pelo exame das estatuas da Ajuda podemos avaliar as restantes todas, que só differem em pormenores, como veremos.

Descripção das estatuas da Ajuda.

Uma e outra d'essas estatuas da Ajuda são de cantaria molle, trabalho tosco, rudimentar na arte; estão de pé, muito perfiladas, com a cabeça erecta e descoberta, as pernas unidas, sem o terço inferior, e assim assentes, evidentemente, desde a primitiva, no local onde foram collocadas, visto todas, menos a de Refojos de Basto, se apresentarem da mesma fórma; a orelha é alta e larga, a barba espessa, o cabello curto; em volta do pescoço, a *torques* celtica, grossa, como uma forte argola, com as extremidades mal juntas; cingindo o tronco, pouco arqueado no peito e chato nas costas, um gibão (sago) de manga curta, terminando pouco abaixo do hombro e justo á cintura por um cinturão *(balteus)* que seria de couro e parece acolchetado atrás; logo abaixo da manga do saio uma armilha, grossa, imitando tres bracetes ou argolas simples, juntas, ou talvez mesmo tres argolas distinctas, cingindo o grosso dos braços, que se dobram em angulo recto, parecendo segurar o escudo *(cætra)* redondo, pequeno, em fórma de ligeira calote, com uma pretuberancia ornamental e lavores no centro, e apoiado sobre o ventre; na mão direita uma adaga, *sicca* ou *machæra,* de cabo recto terminando n'uma bola, a folha curta, larga, em ponta de dois fios, e apoiada sobre a coxa.

Ver estes guerreiros de pedra é recordar logo o

que Strabão deixou escripto dos lusitanos, callaicos, asturos e outros povos irmãos!

Alguns reparos elles nos suscitam, porém, que Reparos. deixaremos expostos: — diz Strabão que os lusitanos, e portanto os povos que elle dá como tendo os mesmos usos, traziam o escudo suspenso ao pescoço por correias, sem braçadeiras ou fivelas. Nas estatuas que estamos analysando não se vêem taes correias; mas tambem se não póde dizer com absoluta certeza n'uma d'ellas, a que fica á direita da porta (não diremos o mesmo da outra estatua e das de Vianna e Fafe), que o escudo esteja seguro Uso do escudo. com as mãos, das quaes a direita só empunha a adaga, e a outra está occulta pelo escudo; dir-se-ha, porém, que a attitude dos braços mostra o proposito de segurar com as mãos os escudos; mas essa attitude, independente d'essa circumstancia, nota-se em grande numero de esculpturas primitivas, como por exemplo nas do Egypto e da Caldeia.

Não estando o escudo suspenso por correias, nem seguro com as mãos, estaria preso pelo cinturão ou por correias que se enfiassem nos pulsos?

São hypotheses que lembram logo e não repugna acceitar.

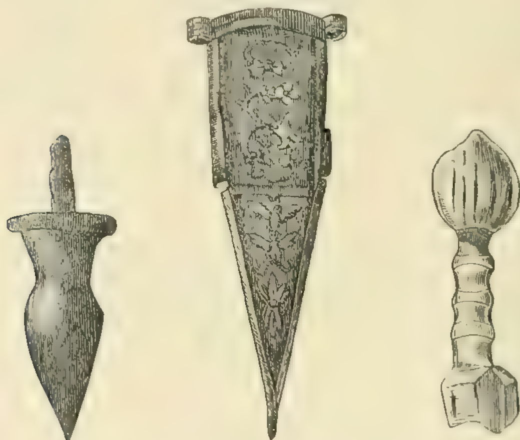
O uso de não trazer o escudo no braço não é só dos povos da peninsula, encontrâmol-os nos primeiros tempos da Grecia, da qual os nossos o teriam imitado. Era tambem forrado de couro n'esses tempos o *clypeus* dos gregos, que estes traziam igualmente suspenso ao pescoço, lançando-o para as costas, quando corriam ou quando não combatiam. Na guerra de Troia era esse o modo de usar o escudo, e segundo a tradição foram os Carianos os primeiros a mudarem-no para o braço.

Não o trazendo no braço, a maneira de o transportar podia variar, e por isso nos não repugna

acceitar nem a hypothese de ir seguro ao cinturão, nem a das correias passadas pelos pulsos; n'estes, porém, é difficil conhecer a intenção de representar essas correias.

A adaga.

Quanto á arma que os guerreiros empunham, é como diz Strabão: «um punhal ou grande faca». Tirado o pormenor do cabo de antenas, a adaga de Alcacer do Sal (fig. 31), podia talvez dar-nos o modelo approximado: arma curta, de empunhadura simples, de folha ponteaguda, que se vae alargando igualmente dos dois lados, até ás guardas, que são muito curtas. Lembra o *pugio* romano, ou o *parazonio* grego (fig. 41).



(Fig. 41)
Parazonio

As pernas.

As estatuas estão representadas, como era uso classico, com as pernas nuas; reconhece-se isso pela intenção do esculptor em pôr bem pronunciadas as rotulas dos joelhos. Poderia o artista querer representar uma especie de calças compridas, como as bragas que eram, do mesmo modo que o sago, artigo de vestuario peculiar aos mais primitivos entre os ibericos, ou como as *sarabellas* dos gauleses, da

mesma commum origem e que se póde ver entre as figuras da columna Trajano; mas, realmente, a factura das pernas, embora seja tosco o artista, não revela intenção de representar essas calças, e muito menos um calção curto, como a *femoralia* dos romanos, que indo pouco abaixo dos joelhos, se reconheceria, porque ás estatuas pouco falta da parte inferior das pernas.

O saxeo novelo que cinge o pescoço do guerreiro e que a ferrugem do tempo rendilhou, podia lembrar á primeira vista um enfeite, um remate superior de gibão ou saio, mas nem esse enfeite está em harmonia com a absoluta sobriedade e o despido do resto do trajo, nem temos nenhuma informação ou monumento que auctorise essa interpretação; pelo contrario, o gibão da estatua de Vianna termina claramente n'um singelo decote triangular, como é frequente ver-se nos monumentos antigos; a *torques*, porém, de origem celtica, A *torques*. adoptada do gaulez e do peninsular pelos romanos, era muito nossa, e, entre outros, a torques de oiro de Penella é um exemplar muito digno de apreço.

As armilhas do ante braço são evidentes, sobre- Armilhas. tudo na estatua que está á direita da porta; mas nos pulsos? Não é bastante pronunciado o relevo para se poder asseverar que lá existam manilhas defensivas ou mesmo ornamentaes, como ainda hoje subsistem entre os indios, até a cingir-lhes os tornozelos, como vestigios de antigos usos guerreiros.

Falta-nos ainda fallar n'um ponto: os cabellos. O cabello. O sr. Hübner é de opinião que a cabeça d'esses guerreiros podia representar cabelleira espessa, ou uma cervilheira de couro cingida até meio da face; nenhuma d'estas hypotheses resiste ao exame attento das estatuas; não ha signal algum de cervilheira, e, como dissemos já, o cabello está representado

bem curto, e n'uma das estatuas, na que está á esquerda da porta, parece até que a intenção do artista foi representar um homem calvo, porque, naturalmente, calvo era o personagem sobre cuja urna funeraria se erguia a estatua que o queria representar, como parece era frequente uso n'essa remota antiguidade entre os gallaicos.

Feitas estas considerações geraes, vejamos alguns outros pormenores de cada uma d'essas estatuas:

A que fica á direita da porta (oriente) (fig. 36) tem as seguintes dimensões:

Dimensões. Altura total 2m,03.

Largura de hombros 0m,59.

Circumferencia do tronco 1m,65.

Diametro do escudo 0m,48.

Cumprimento do punhal 0m,38.

Sua largura maior 0m,09.

O cinturão é largo, como que feito de grossos cordões ou rolos de couro, no que differe muito do do companheiro.

Esta estatua representa um homem de estatura muito elevada, reforçado e espadaúdo.

A outra estatua (occidente) (fig. 37) representa um homem de mais idade, muito mais baixo e menos possante.

Mede:

Altura total 1m,76.

Largura de hombros 0m,55.

Circumferencia do tronco 1m,45.

Diametro do escudo 0m,46.

Comprimento da adaga 0m,39.

Sua largura maior 0m,8.

Pormenores. Como dissemos, o cinturão é differente do outro; é liso e avivado, como o da estutua de Vianna; no escudo os lavores da parte central estão mais visiveis; as armilhas, tambem tres, ou uma só repre-

sentando tres argolas ligadas, são mais delgadas; a espessura do escudo, que está seguro pelas mãos, é menor que a da outra estatua.

A estatua de Vianna (fig. 38), é perfeitamente no mesmo typo, mas desde logo resaltam n'ella duas particularidades que a differençam das outras: o escudo, onde estão gravadas duas fachas em X, e a cabeça, que parece guardada por uma cervilheira. Estatua de Vianna.

A cruz do escudo combinada com a que é representada n'um ligeiro ornato do saio, sobre o peito, induziu em erro alguns escriptores que a tomaram como indicio da christandade d'aquelle guerreiro, chegando a fixar o seculo I da nossa era para a sua factura; distinctos academicos hespanhoes, como os srs. D. José Godoy Alcantara[1], D. Aureliano Fernandez Guerra e D. Juan Rada e Delgado[2], seguiram essa ordem de idéas. A cruz. Inducções erradas.

O sr. Godoy Alcantara, referindo-se á estatua, diz:

«Antiquissimo monumento a que distinguidos arqueologos y epigrafistas asignan fecha del siglo I de nuestra era, nos presenta ya la sagrada señal de la redencion en la forma predilecta de nuestros antepassados, mas prolongada la parte superior que cada cual de los brazos transversales sobre que se eleva, como se la altiva irguiera la frente al sentir-se victoriosa y triunfante».

Na vinheta que abre o artigo o escudo do guerreiro é representado como tendo a cruz segura nas quatro pontas por quatro parafusos, em vez das conchas, ornato que induziu a muitas erradas conjecturas.

[1] *Museo español de antequedades*, tom. III.
[2] Idem, tom. VII.

O mallogrado academico e antiquario Aureliano Guerra, que acabava de fallecer quando o anno passado estivemos em Madrid, — o que nos causou dupla pena, porque alem do nosso muito apreço por uma tão alta individualidade, lhe levavamos para que visse uma photographia muito nitida que haviamos obtido de Vianna por fineza especial do sr. dr. Luiz Xavier Barbosa[1] —, Aureliano Guerra[2] quiz ver na cruz em aspa do escudo o Χ inicial do nome de Christo em grego, e no lavouro do sáio a cruz latina; concluiu que a estatua era um dos primeiros monumentos da arte christã hespanhola, e os nomes de Flavio e Tito levaram-n'o a concluir que a esculptura era do tempo de Domiciano.

Baseado n'estas conclusões, que torna pela primeira vez conhecidas[3], o sr. Rada Delgado conclue por sua vez que «a nossa peninsula póde vangloriar-se, e com justiça, de possuir o monumento de maior antiguidade em que se encontra, não só o Χ, origem do monograma de Christo, mas tambem a cruz latina em toda a sua severa simplicidade». E a proposito cita, com basta erudição, outros monumentos em que figura a cruz primitiva.

O sr. Hübner, por não ter visto a estatua, não pôde suspeitar da origem dos estranhos ornatos do escudo e do peito, o que lhe seria facil pela differença do trabalho que estes apresentam, mais perfeito em relação ao resto da estatua; examinando, porém, as conchas que no escudo figuram, disse que nada tinha de extraordinario n'esse facto da applicação das conchas para enfeite, nas costas do oceano,

As conchas.

[1] A este distincto engenheiro, cujo auxilio nos serviu de muito, devemos muitas informações que aproveitamos.

[2] D. Aureliano Fernandez Guerra. *Monumentos christianos españoles*, mss. depositado na real academia de historia.

[3] D Juan de Dios de la Roda y Delgado. *Ladrillos cristianos que se conservan en el museo arqueologico nacional*, art. do *Museo español de anteguedades*, tom. VII

Estampa IX



Estatua de Vianna.

porquanto um pouco mais ao norte os peregrinos de S. Thiago traziam esse mesmo enfeite, de um outro modo. Tratando porém da fórma de cruz que predomina nos lavouros do corpo (est. VIII), observa que podia ser um additamento moderno, com que o povo pretendesse christianisar o mouro. Não lhe veiu á idéa que o mesmo facto se podesse dar, por identicos motivos, no escudo.

O sr. D. José Villa-Amil y Castro, erudito antiquario hespanhol, tambem acceitou a concha como adorno primitivo da estatua, baseado em que esse uso data de tempos remotissimos [1].

A singela historia, porém, da estatua bastou para esclarecer esse ponto. Era seu dono no seculo XV o commendatario de S. Salvador da Terra e abbade de S. Paio de Ameixedo ou Meixedo, sitio onde ha muitos vestigios romanos, e onde naturalmente a esculptura foi encontrada; foi esse abbade quem mandou abrir no escudo da estatua o seu brazão de armas, isto é, o brazão dos Rochas, que consta de cinco vieiras (conchas) em santor.

A historia da estatua.

O brazão dos Rochas.

De Meixedo veiu a estatua no seculo XVII para a casa do referido *pateo da morte,* onde se estabeleceu Francisco da Rocha Lobo, que julgava estar representado na esculptura um seu antepassado Martim da Rocha, cavalleiro que acompanhou nas suas jornadas o infante D. Pedro, filho de D. João I, e foi seu mantieiro [2]. A casa em cujo terreiro foi definitivamente estabelecida a estatua é o antigo solar dos Rochas, desde o reinado de D. Pedro ou de D. Fernando.

Assim ficaram, portanto, desvanecidas as illusões

[1] *Armas, utensilios y adornos de bronce recogidos en Galicia.* Art. do *Museo Español de Antegüedades,* tom. IV.

[2] Estas informações foram publicadas pelo sr. Luiz de Figueiredo Guerra no *Pero gallego,* folha litteraria scientifica de Vianna do Castello, em março de 1882.

a respeito da significação das conchas no escudo, e todas as phantasias que a esse respeito se formaram; e o que ao sr. Hübner se afigurava a respeito dos outros ornamentos da estatua ficou tambem confirmado em relação a este ponto.

A estatua de Vianna tem as seguintes dimensões:

Dimensões.

Altura, menos a cabeça, $1^{m},83$.
Altura total, $2^{m},10$.
Circumferencia do tronco, $1^{m},09$.
Diametro horisontal do escudo, $0^{m},38$.
Diametro vertical, $0^{m},44$.
Comprimento da adaga, $0^{m},35$.
Sua largura maior, $0^{m},08$.

A cabeça.

A cabeça, como dissemos, destôa do resto da estatua, e parece ter pertencido a outra estatua muito mais moderna, porquanto apparece-nos mettida n'um elmo, de viseira aberta, deixando ver apenas o rosto[1], e embora a esculptura seja de um trabalho menos tosco que o das estatuas da Ajuda, ainda assim não condiz com o lavouro da cabeça, que é mais perfeito. Do mesmo modo desdiz do caracter geral do trabalho o sócco ou cubo de pedra, de $0^{m},4$ de altura, onde a estatua assenta, e tem esculpida uma cabeça em alto relevo, na face anterior.

O sócco.

Na est. VIII estão bem evidentes os ornatos do peito, a cruz está nitidamente traçada; vê-se n'ella tambem, como n'uma das estatuas da Ajuda, que o escudo é seguro com as mãos. Sobre a parte inferior do saio, e a concluir sobre as pernas da estatua, está a seguinte inscripção:

[1] O sr. Figueiredo-Guerra affirma que até se distinguem as charneiras da viseira. Loc. cit.

L. SESTI. CLODAME
NIS. FL. COROC/C/COROCAVCI
VDIVS. //F. SEMPRON

CONTV////// | ////////NS. ET
FRATER |

A inscripção.

O sr. Hübner[1] interpreta-a assim: *L (uci) Sesti Clodamenis f [i] l (ii) Coroc [o] corocauci [Ti] Claudius f. Sempron [ianus] contu [bernalis eiu] s et frater.*

Era portanto, ao que parece, uma estatua que foi collocada sobre um tumulo a que se ligam dois nomes, de dois militares, um d'elles ajudante de ordens e irmão do outro. O sr. Aureliano Guerra[2] traduz o letreiro da seguinte fórma:

«(Imagem) de Lucio Sexto Clodomenes, Flavio Coroco, filho de Corocanco, e Tito Claudio Sempronio, filho de Tito, um d'elles contubernal, outro irmão, lhe erigiram este monumento.»

Pormenores.

Outro pormenor em que esta estatua differe das da Ajuda, é não ter no grosso dos braços signal de armilhas; são, pelo menos, estas as nossas informações, e é tambem o que se deduz da photographia, que é nitida.

O escudo ou *cœtra* apresenta uma pequena differença para menos no diametro horisontal, em relação ao vertical, não sendo portanto, como nos outros guerreiros, perfeitamente redondo; mas póde-se attribuir isso ao desgaste do tempo.

Pela mutilação do pescoço, ao ser decepada a cabeça, que a actual veiu substituir, não se distinguem já signaes da *torques;* póde bem ser que a

[1] *Corpus Ins. Hisp. Lat.*, n.º 2:462.
[2] Mss. da academia de historia de Madrid, já citado.

propria accommodação da nova cabeça fosse a causa do completo desapparecimento d'aquella especie de chinguiço ou enchumaçado de pedra que figura nas outras esculpturas.

Em tudo o mais, porém, os tres especimens são absolutamente identicos, e conjunctamente com os que estão em Guimarães, do mesmo typo e naturalmente da mesma origem, representam preciosos documentos de um passado que tanto nos interessa.

Opinião de M. Sarmento.

O sr. Francisco Martins Sarmento pretende que estas estatuas todas devem ser dos tempos em que as povoações eram ainda, como a Citania de Briteiros, nos altos dos montes, e funda-se para isso no facto das de Ajuda terem sido encontradas no *Outeiro de Lezenho*, a de Fafe no outeiro de S. Ovidio, a de Refojos de Basto perto de um outeiro em que havia antiguidades. A isto temos de acrescentar que tambem o sitio onde se suppõe ter sido descoberta a estatua de Vianna, Meixedo, tem os indicios de uma antiga povoação ou castro do tempo dos romanos, mas decerto de origem muito anterior.

Das estatuas descobertas pelo sr. Martins Sarmento damos um ligeiro esboço de duas: a de Santo Ovidio, de Fafe, e a de S. Jorge de Vizella, ambas sem cabeça [1].

Estatua de Fafe.

A estatua de Fafe (fig. 39) tem as seguintes dimensões:

Dimensões.

Altura, $1^{m},69$.
Circumferencia do tronco, $1^{m},40$.
Largura dos hombros, $0^{m},52$.

[1] Como dissemos, estão no museu da *Sociedade Martins Sarmento* em Guimarães, e á amabilidade d'este distincto archeologo devemos os esboços do sr. José Pina, segundo as quaes foram desenhadas as nossas figuras.

Diametro de escudo, 0^{m},40.
Comprimento da adaga, 0^{m},55.
Largura maior, 0^{m},09.

Tem armilhas, e o cinturão é no genero da primeira das estatuas da Ajuda de que tratâmos, com a particularidade de rematar atrás com uma roseta. Pormenores.

A adaga ou *pugio* tem a bainha com mais fórma, e é guarnecida e não completamente lisa como nas outras. — O escudo é concavo, a *cava foris* de Strabão.

Da estatua de S. Jorge de Vizella (fig. 40) não se póde fazer uma idéa completa de como foi primitivamente, porque tendo sido esquadriada para se accommodar ao muro onde fôra collocada, perdeu, naturalmente algumas das particularidades que porventura a distinguiam: assim não apresenta indicio de *armilhas*. Estatua de Vizella.

O que é curioso e original é o escudo, que representa um entrançado, talvez de couro, como era uso no tempo. Oriundo.

A estatua, tal como está, tem as seguintes dimensões:

Altura, 1^{m},68.
Comprimento de tronco, 1^{m},40.
Largura dos hombros, 0^{m},52.
Diametro do escudo, 0^{m},40.
Comprimento da adaga, 0^{m},50.
Largura d'ella, 0^{m},09.

Ahi ficam esses pormenores e noticias para quem mais de espaço se queira occupar d'este assumpto.

III

Os carthaginezes na peninsula

A invasão


(Fig. 42)
Soldado carthaginez

Sob o ponto de vista das nossas origens militares, este capitulo tem grande interesse. O eminente historiador Alexandre Herculano não só deixou bem frisada a relação de origem ethnica entre os carthaginezes e os peninsulares, mas até apresenta os hespanhoes, sobretudo os lusitanos e demais povos que luctaram sob as ordens de Viriato, como os representantes da idéa e dos sentimentos carthaginezes, ainda meio seculo depois d'estes terem sido expulsos da peninsula [1].

Vejamos, porém, a origem d'essas relações.

[1] A. Herculano. *Hist. de Portugal*, tom. I. Introd.

Invasão carthagineza.

Perto de quinhentos annos antes de Christo os phenicios de Cadiz, em lucta com os turdetanos, povos celtas que habitavam aquella região ao sul da Betica, appellavam para o auxilio dos carthagineses, pouco tempo antes senhores das ilhas *Gymnesias* — Maiorca e Minorca —, na sua ambição de estabelecer feitorias, colonias e mercados por toda a parte, e que eram já a esse tempo uma poderosa nação maritima, ostentando no Mediterraneo, e em outros pontos, as suas flamantes esquadras. Esse auxilio, (501 A. C.) que dava aos phenicios de Cadiz a victoria, abria aos carthaginezes as portas da peninsula iberica, onde desde logo passavam a estabelecer feitorias nas costas da Betica; a conquista commercial convertia-se depois em dominio militar, n'um lento trabalho de muitos annos; e na primeira guerra punica, na Sicilia, soldados hespanhoes engrossavam o exercito da Carthago poderosa. As perdas infligidas n'esta guerra aos carthaginezes levaram-os a dilatar na peninsula dominios que os compensassem dos desfalques na Sicilia e na Sardenha. Aqui começa, no dizer de um escriptor militar hespanhol[1], a verdadeira acção da tragedia, e para a Hespanha o seu papel historico internacional.

Amilcar Barca.

Foi encarregado da violenta empreza Amilcar Barca, general experiente nas guerras africanas e na subordinação dos mercenarios revoltosos, o qual entrou em som de guerra em Cadiz, devastou os dominios dos turdetanos e dos contestanos, e fez avançar até ao Ebro as fronteiras das suas conquistas. Roma estava já de sobreaviso; os seus tratados com Carthago mostravam que ella sentia de onde lhe vinha o perigo e quanto tinha de se precaver contra elle.

Tratados de limites.

[1] Almirante, *Diccionario militar*.

O que as dissensões entre os naturaes de Cadiz e os phenicios haviam sido para as ambições de Carthago, passavam a ser para Roma os receios das colonias gregas contra os barquidas; e eram os tratados de alliança romana com *Sacantum* ou Sagunto (Murviedo) e Emporiæ (Ampurias) o pretexto para Roma pôr definitivo pé na peninsula[1].

Depois de nove annos de guerra (234 a 225 A. C.) Amilcar Barca, o fundador de Peniscola (Acra-Leuka) e de Barcelona (Barcino), vencedor dos tartesios, dos lusitanos e dos vettões, morria afogado n'um rio, perseguido pelos celtiberos, victima do ardil que lhe fôra armado no regresso das suas correrias até ao Ebro. Ao que parece, o ardil consistiu em fazer entrar de noite no campo inimigo muitos touros com archotes presos ás hastes, aproveitando-se os celtiberos do panico produzido por tão inesperada investida dos animaes pela retaguarda, para carregar de flanco o inimigo; estratagema igual ao que por sua vez era mais tarde empregado por Annibal em Casilino, para se libertar da encruzilhada em que conseguíra mettel-o o dictador Fabio.

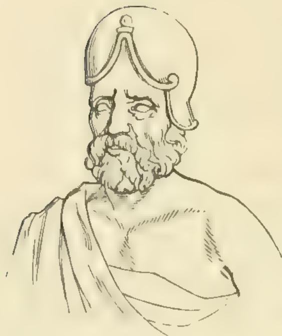
Succedia a Amilcar seu genro Asdrubal, o fundador de Carthagena (Carthago nova), politico habil que, depois de crua guerra aos indigenas, lançava raizes de coração no solo conquistado, desposando uma princeza celtibera, e assegurando com o celebre tratado do anno de 226, mais tarde negado pelo senado carthaginez[2], a boa harmonia com Roma, pois estabelecia o Ebro como fronteira commum, e a clausula de ser respeitada a liberdade dos saguntinos e de outras colonias gregas ou povoações nativas de Hespanha. Mas o que elle pro- Asdrubal.

[1] E. Hübner. *La arqueologia de España*, pag. 87.
[2] Polyb. Lib. II e III.

curava construir com processos de paz, era destruido pelo destino, que armava o braço de um escravo para vingar em Asdrubal a morte cruel de um hespanhol, seu amo. E uma creança, que ao morrer-lhe o pae, de quem era physicamente o retrato, não tinha podido pela sua idade assumir as redeas do mando, o genial Annibal, apparecia agora, fortalecido pela idade, e encandilado no odio contra a altiva Roma, — odio que tivera a consagração solemne exigida pelo pae, levando a creança de nove annos a jurar sobre as aras de Baal-Moloc, em Carthago, que vingaria a sua patria, mal os annos lhe permittissem brandir efficazmente uma espada.

Annibal

Annibal.



(Fig. 43)
Annibal
(Busto do museu do Louvre)

Annibal passava por cima das clausulas dos tratados, não respeitava fronteiras, nem solemnes compromissos, e Sagunto, que se julgava illesa pelo convenio, era, a pretexto das dissensões com os vizinhos turboletas, sitiada por um poderoso exercito.

Senhora de toda a Italia, da Sicilia, da Corsega e da Sardenha, e exercendo dominio na Gallia cisalpina e na Illyria superior, Roma tinha por alliadas Marselha, Sagunto e Emporion.

Os carthaginezes dominavam em toda a costa septentrional de Africa, nas ilhas Baleares; na peninsula ía do Tejo ao Ebro esse dominio, tendo em Carthagena a sua melhor posição estrategica.

Sagunto resiste heroicamente, ao ponto de ficar representando na historia o symbolo da firmeza e da coragem. O auxilio que se esperava de Roma fôra meramente platonico; tinham-se posto a deliberar! A heroica fortaleza caía em poder dos carthaginezes, entregando a Hespanha oriental á discrição de Annibal. No fogo de Sagunto forjava-se o raio que o destino vinha de ha muito preparando contra Roma. E esse raio, partindo impetuoso, galgava os Alpes, e como que arrojado do céu descia das neves d'essa fabulosa altura até á Italia. Assim explica Floro[1] o tremendo desastre, na sua imaginosa linguagem.

A heroica Sagunto.

Era este o ponto de partida da segunda guerra punica, escola, como a primeira, mas verdadeira escola do soldado hespanhol, porque a Hespanha foi para o carthaginez o *viveiro* dos seus exercitos[2], e ao mesmo tempo o quartel dos seus soldados. Por 20:000 carthaginezes que estavam em Hespanha, 20:000 hespanhoes se achavam em Carthago.

Eis a rasão por que, embora a historia militar dos carthaginezes na peninsula interesse mais particularmente á Hespanha central e oriental do que a nós, a verdade é que os soldados de toda a peninsula, que na primeira guerra punica foram o terror dos gregos da Sicilia, e que na segunda chegaram, através das Gallias, até ao coração de Italia, representam os nossos primeiros educadores militares, depois dos gregos, e na mesma escola da Grecia.

Um duelo de raças.

Roto, pelo abuso de quem se reputava mais forte, o tratado que tivera em vista pôr ao abrigo as fronteiras; atacada e rendida Sagunto pelos carthagi-

[1] Flor. Lib. II, cap. VI.
[2] Flor. Lib. II, cap. XVII.

nezes, definiram-se os campos, e a lucta travou-se primeiro na Italia, e depois em Hespanha, com todos os caracteristicos de uma lucta de raças, onde a mais fraca, ou a menos apta para a lucta, tinha de ceder o terreno á sua rival!

Annibal em Italia.

O que Napoleão, seculos depois, e na obsecação de rivalisar com os grandes heroes da antiguidade, fazia de temerario na invasão da Russia e da Hespanha, tentára-o Annibal, na sua ambição de ferir os romanos no proprio coração da sua metropole poderosa.

Resolveu por isso tomar a offensiva; no seu plano de campanha sabiamente estabelecido, contava com o auxilio dos gaulezes transalpinos que, mesmo que lhes não prestassem a sua força, lhe deixariam livre o caminho contra o inimigo commum. — Esse plano era por outro lado garantido pela imprevidencia dos romanos que disseminavam as suas forças, tendo por objectivos divergentes a Africa e a Hespanha. O objectivo principal do carthaginez era Roma; e desde o momento que podesse transferir para a bacia do Pó a sua base de operações, tendo seguras as communicações á retaguarda, o seu fim estava realisado.

Ficára Asdrubal com o governo militar da peninsula; e Annibal, com um poderoso exercito onde ao lado de 60:000 peões africanos figuravam os rudes e incomparaveis peões peninsulares em numero de 8:000, dignos antecessores dos peões de Rocroy e Aljubarrota, e mais 6:000 cavalleiros[1], numerosos fundibularios baleares e 37 elephantes, transpunha o Ebro, galgava os Pyrenéus e os Alpes, abrindo assim esse *sublime caminho,* que os romanos asseguraram depois, que mais tarde a

[1] Constavam estes numeros de uma columna de que falla Polybio, encontrada junto de Licinio.— Polyb. *Hist.*, lib. III, cap. LVI.

França restaurou, e que Michelet diz ter percorrido com «ternura e respeito[1]».

Não ha na historia militar facto que revele n'um general maiores e mais notaveis aptidões. Tudo ficára prevenido antes da aventurosa empreza: — Carthago e as costas africanas eram guardadas por tropas a que os peninsulares tinham ido de reforço; a Hespanha carthagineza, base natural das suas operações, era confiada a Asdrubal, com reforços de 20:000 peões africanos, 4:000 ginetes numidas, 21 elephantes e uma esquadra de 50 navios.

A passagem dos Pyrenéus, do Rhodano, dos Alpes, do Pó, dos Apenninos, na execução de um admiravel plano estrategico, vencendo pela persistencia e pela disciplina poderosos obstaculos naturaes, e pela insinuação, quando não pela força, as prevenções, as hostilidades dos povos por onde passava, obtendo auxilios e recrutando soldados, como succedeu entre os gaulezes; a rapidez vertiginosa da marcha, emquanto Roma iniciava apenas os aprestos das expedições que o haviam de ir atacar em Africa ou em Hespanha; a maneira por que illude sobre o seu itinerario os consules romanos, e os attrahe a ciladas habilmente dispostas, e os envolve nos seus estratagemas admiraveis, tudo isso representa no grande general carthaginez uma organisação extraordinaria, que só foi igualada por Cesar na antiguidade e por Napoleão Bonaparte no nosso seculo.

Em plena Italia, Annibal vence e desbarata Cornelio Scipião no Tessino (218); Sempronio em Trebia (218); Flaminio em Trasymeno (217); Varrão e Paulo Emilio em Cannas (216); e n'esta serie consecutiva de victorias, onde o ardil multiplica os recursos da coragem e do valor, leva a desolação e

[1] Michelet. *Hist. romaine,* tom. II, liv. II, cap. V.

o panico a Roma, que se vê ameaçada, não se tendo convertido em facto essa ameaça pela impossibilidade em que o invasor se achava de intentar em fórma expugnações de praças, em vista da falta de recursos polyorceticos, e pelas condições do seu exercito, cuja força principal era a cavallaria.[1] Era-lhe, alem d'isso, necessario assentar o seu poderio na Italia meridional, em communicação com a sua verdadeira base de operações, que já não podia ser a Hespanha, mas sim a Africa. Annibal não atacava Roma, depois da victoria de Cannas, pela mesma rasão por que não poude tomar Plasencia depois da victoria de Trebia, nem occupar Napoles, sobre a qual avançou tres vezes, nem sustentar o cerco de Nola, Cumas, Casilino, nem de Tarento, que se defendeu durante cinco annos. O maior general d'aquelles tempos, na opinião dos entendidos, e que realmente reunia qualidades extraordinarias de talento e de audacia, — bastando para o provar a arrojada marcha de Hespanha até ás portas de Roma, — não deixaria de certo de completar a sua obra, se dispozesse de recursos para isso.

Rasões da immobilidade em Capua.

Renunciou ao ataque á capital onde o senado reunia importantes elementos de defeza, pois que ás 2 legiões urbanas que lá estavam, e 3 legiões de marinha que Marcello tinha em Ostia, juntavam-se 4 legiões e 1:000 cavallos obtidos por meio de um recrutamento mais apertado em mancebos de dezesete annos para cima, e mais 8:000 escravos que haviam sido armados; — orçavam por 12 legiões[2] as forças defensivas, munidas de apparelhos novos, e que a todo o momento podiam receber reforços das cidades e colonias alliadas da Italia, das quaes

[1] Napoleon III, *Hist. de César*, lib. I, cap. IV.
[2] Vandoncourt. *Histoire des campagnes d'Annibal*, apud. Renard: *Précis d'histoire militaire*, cap. IV, pag. 208.

nenhuma trahíra ainda o pacto. Um ataque n'estas condições era um perigo.

Renard compara esta situação á de Gustavo Adolpho depois da batalha de Breitenfeld, que abríra áquelle general o caminho de Vienna, o qual não foi aproveitado, porque os alliados do rei de Austria eram um perigo contra este ataque á capital catholica; Gustavo Adolpho começou o seu trabalho por vencer esses alliados, e foi isso tambem o que buscou Annibal, procurando captar em seu favor os alliados de Roma.

Portanto, depois de varias peripecias e tentativas de fortuna, approximou-se do mar, por onde lhe haviam de chegar soccorros; não quiz arredar-se de Casilino, que sitiava; julgou assegurada a Hespanha pelo seu irmão Asdrubal, embora não podesse contar com ella para auxilio, porque a sorte das armas se mostrava ali mais favoravel aos Scipiões do que aos carthaginezes, e deu aos seus soldados, mercenarios e cupidos, os gosos a que aspiravam no intervallo da guerra, enriquecidos como se viam com os despojos de Cannas, após tres annos de marchas e luctas violentas e constantes. Cápua, com os seus requintes do luxo e molleza aristocratica, que lembravam uma côrte oriental, havia evidentemente de contaminar e amollecer os animos e os corpos até então enrijados na guerra; mas Annibal, que em tantas conjuncturas se mostrára conhecedor das circumstancias e dos perigos que o rodeavam, não esqueceu os que o ameaçavam n'aquelle momento singular da sua vida, e teve, por cautela, acampado em Tifates o seu exercito, nas alturas de Terracina, em frente do castro romano do Suesula; e o poder da sua auctoridade, do seu tacto, da sua disciplina, das raras faculdades que o tornaram um vulto incomparavel na galeria dos grandes generaes, manifestou-se por

completo na maneira, verdadeiramente admiravel, por que manteve as suas posições, e durante treze annos se aguentou no coração da Italia, muitas vezes isolado e sem recursos! A abelha, a que os romanos o comparavam, para significar n'aquelle momento a sua impotencia, perdêra realmente o ferrão[1], depois da picada com que fizera sangrar o coração de Roma; mas em vez de morrer, continuava vigilante, activa, zumbindo em volta do campo restricto da sua acção, tão temida e respeitada como se dispozesse ainda das armas com que costumava conter em respeito os seus adversarios, e com que fazia ainda respeitar a sua desmantelada colmeia.

O bello theatro das suas façanhas e triumphos convertêra-se n'um campo fechado onde lhe eram agora exigidos prodigios de finura e de habilidade para se manter na defensiva, elle, que principalmente devêra a sua fortuna á opportunidade, ao vigor, á energia no ataque. Roma, no emtanto, tomava a offensiva. Forçado a abandonar a Campania, a deixar livre e sem temor a cidade de Roma, para a qual a proximidade do seu terrivel inimigo fôra o constante pesadello de tantos annos; sem esperança de novos auxilios, nem por mar, porque a propria sua patria começava agora a ter necessidade de ser soccorrida, nem de Hespanha, de onde, em vez dos auxilios que esperava, vinha espetada nas lanças dos legionarios do consul Nero a cabeça de seu irmão Asdrubal, e onde os carthaginezes, após derrotas consecutivas, eram encurralados em Cadiz, para d'ahi mesmo serem expulsos pouco depois, — Annibal via-se forçado a saír, ou aproveitava o ensejo para se retirar da propria Italia, onde circumscrevêra a sua acção. — Estava realisado o

[1] T. Livio, lib. XXIII, XLII.

plano de Roma, ou antes o plano de Scipião; e senhora de uma parte da Hespanha e da Sicilia, Roma conseguia attrahir para Africa o seu inimigo terrivel e dar-lhe ahi a batalha final. Favorecia-a agora n'essa empreza a alliança dos numidas, trazida pelas rivalidades de Massinissa. Tomada de Carthago. Morte de Annibal.

Attendia Annibal ao appello de Carthago, ao que parece, mais disposto a conciliar as cousas do que a batalhar[1]; mas, impellido ao combate, era derrotado em Zama (202) apesar do valor e fidelidade dos peninsulares, por fórma a nunca mais o leão temivel poder mostrar nem mesmo já a sombra do valor e do prestigio que d'antes tivera, acabando no exilio, e, por final, no suicidio, quem durante annos fôra do mundo assombro e terror!

E assim se preparava, com o desapparecimento de um dos maiores heroes da antiguidade guerreira, o golpe decisivo n'uma lucta, que era mais do que o duello entre duas cidades ou dois imperios, pois representava a guerra de exterminio entre duas raças, a indo-germanica e a semita, que entre si disputavam o dominio do mundo, tendo «de um lado o genio heroico, o da arte e da legislação, e do outro o espirito da industria, da navegação, do commercio»[2]. Este passava a ter os seus dias contados, o que não queria dizer que mais tarde, muitos seculos depois, em plena Idade Media, se não levantasse outra vez, animado de nova ousadia e vigor! Duello de raças.

A lucta começára com a Grecia, e Alexandre, arrasando Tyro para sempre, chamava a corrente do commercio para Alexandria; os romanos completavam a obra vencendo Carthago, e com ella o ultimo reducto de uma civilisação ephemera, de que

[1] Polybio, xv.
[2] J. Michelet. *Hist. romaine*, tom. I, cap. III.

nos não ficou nenhuma instituição util, mas que foi intensamente brilhante e prestigiosa!

Raça de commerciantes, os carthaginezes, a sua maior predilecção era a permuta de riquezas e de productos de povo para povo, em proveito da riqueza propria; por isso, com verdade, têem sido comparados com os filhos da Gran-Bretanha, presos ao solo patrio por um forte sentimento de nacionalidade, mas de uma facil dispersão pelo mundo, attrahidos pela tentação do lucro e da riqueza.

De modo que, ao inverso de Roma, onde a população que cultivava, ella propria, o solo, tinha n'este raizes profundas, os carthaginezes, que mandavam cultivar por escravos as suas propriedades, e não se prendiam no amor á gleba patria, íam levar a sua melhor e mais fecunda actividade aos mercados da Africa, da Europa e da Asia, onde imperava o seu genio emprehendedor.

Era essa a funcção civilisadora dos semitas, que disputavam não só ás outras raças, mas entre si, a primasia da navegação, do commercio e da industria. — Foi assim que, reclamados pelos phenicios das estações e colonias da peninsula para virem em seu auxilio, a breve trecho escorraçavam dos seus antigos pousos os seus alliados, para estabelecerem aqui os seus arraiaes. A lucta commercial, porém, teve de appellar para o auxilio das armas, e com as suas frotas no mar, cujos barcos haviam mais tarde servir de modelo a Roma, e com as suas rijas phalanges na terra, moldadas na tactica grega, os carthaginezes tentaram o predominio militar no Mediterraneo e no occidente e sul da Europa. E esse idéal foi por algum tempo realisado pelo genio extraordinario de Annibal.

Organisação militar dos carthaginezes

Mas Carthago não soubera crear instituições militares; n'um exercito de 60:000 homens como refere Deodoro de Sicilia, havia apenas 2:000 carthaginezes; eram portanto constituidos de mercenarios e de adventicios esses exercitos, que, alem de não representarem o sentimento da patria commum, se tornavam onerosos para os cofres publicos e um elemento de indisciplina e de perigo, só contidos á força de oiro ou do prestigio excepcional de um chefe. Não os movia o amor da gloria nem o accendrado patriotismo que, nos tempos aureos, levava as legiões romanas a realisar prodigios; impellia-os a ambição do lucro e o habito da guerra que tinha por fim o saque e a presa. A mola real era o interesse; quando este não era satisfeito, as causas da indisciplina brotavam como herva ruim em campo esteril. — Exemplos d'essa indisciplina foram as sublevações dos mercenarios em Sicca (hoje Kéf) no anno 240, dando em resultado as tomadas de Utica e Hipona pelos sublevados, onde, segundo Polybio, que põe bem em relevo os inconvenientes d'esse genero de tropas, elles viviam licenciosamente, na paz e no ocio, «causa unica das taes sedições». Mercenarios.

Realisadas por tão desencontrados elementos, deviam essas sedições representar uma especie dos tumultos na torre de Babel, onde ninguem se entendia e onde predominavam, ao que se deduz do citado escriptor romano, os instinctos selvagens e carniceiros, pois «arrebatados pelo odio e pela ira, não só commettiam desmandos como o resto dos homens, mas encarniçavam-se como feras, e praticavam os actos mais deshumanos[1]».

[1] Polyb.

Composição dos exercitos.

De lybios, armados de longas lanças e escudos feitos de pelle de elephante e constituindo uma excellente infanteria; de mauritanos, dextos cavalleiros e ageis peões, armados de escudos de pelle endurecida, espada, lança curta e flecha; de numidas, que eram cavalleiros admiraveis de agilidade e bravura; de hespanhoes «nação guerreira e fera», como lhe chama Tito Livio, armados de espadas largas e de fio duplo, e da trágula penetrante; de baleares ou gymnezios seminús, fundibularios emeritos que rompiam escudos e couraças com as suas glandes terriveis; de gregos que figuravam em corpos numerosos na primeira guerra punica, e mais tarde de gaulezes armados de altos escudos quadrados e longas espadas de ponta redonda, e de italianos armados á romana se compunham os seus hybridos exercitos.

Armamento á romana.

Depois da batalha de Trasymeno Annibal, armou os seus soldados com as armas romanas, tal era a quantidade d'ellas que haviam ficado no campo.

Infanteria.

De duas especies era a sua infanteria: — a pesada, armada de espada, pique, capacete, couraça e broquel de bronze (fig. 42 e 44); e a ligeira, composta de fundibularios e frecheiros que occupavam os flancos, se estendiam na frente, ou guardavam os intervallos da cavallaria.

Cavallaria.

Esta era composta, alem dos numidas, de massilios e marusios ou habitantes de Fez e Marrocos, constituindo a cavallaria africana, montada em osso, em cavallos ageis, porém de pequena estatura e de mau aspecto, tendo alguns por xairel uma pelle de tigre ou leão, que servia tambem de cama ou cobertura ao cavalleiro[1]; — a cavallaria pesada, ou

[1] «... y respecto á sus condiciones de tropa ligera irregular debian ser excelentes para aquel tiempo, atendidos los resultados que obtenia cuando era bien empleada, no obstante la pequeñez de sus caballos, de que se asegura se servian sin sillas ni frenos. Tito Livio

menos ligeira, apresentava-se melhor armada, em unidades disciplinadas de quatro a oito cavallos por fileira com melhor armamento, e era composta, alem dos lybios, de hespanhoes e gaulezes.



(Fig. 44)
(Segundo um vaso etrusco)

Os chefes e officiaes, porém, eram geralmente carthaginezes, eleitos pelo senado de Carthago. Officiaes.

Estranho devia ser o aspecto e singular o caracter d'estas mal definidas organisações, e comprehende-se o grande poder de vontade e de prestigio

la describe como despreciable por su aspecto, diciendo que los ginetes sin más armas que alguns dardos y los caballos flacos, en pello, sin bredas, con el cuelo recto y la cabeza tendida cuando iban á la carrera, ofrecian una traza deforme.» *Guerras de Africa en la antiquidad,* por D. Ximenez Sandoval, cap. I.

de que Annibal teria de dispor para levar através dos Pyrenéus e dos Alpes, n'uma travessia difficillima, perigosa, em que elle proprio perdia um olho, com a infecção de uns pantanos, um exercito importante, pejado de machinas e de elephantes, captando ao mesmo tempo as sympathias, as adhesões e auxilios dos povos que ía percorrendo.

Discipulos dos gregos.

Dos gregos haviam os carthaginezes aprendido a ordem phalangica, e foi o lacedemonio Xanthippe quem os instruiu no anno de 256 nos seus processos de guerra, após os desastres com que abriu a primeira guerra punica. A infanteria formava-se á moda grega, em 16 filas de profundidade, tendo no combate um espaço de 3 pés para cada homem. A cavallaria pesada, de cataphractos, formava em ilos de 64 cavallos, com 8 de frente e 8 de profundidade; a cavallaria ligeira formava os seus ilos com 4 cavallos de profundidade e 16 de frente. Massas compactas formadas da juncção de 8 ilos assim constituidos se collocavam em unidade de combate, a distancia de 20 pés umas das outras; na cavallaria ligeira, porém, estas unidades eram constituidas pela juncção de 2 ilos, com os mesmos 20 pés de espaço livre entre si[1]. — A excellente qualidade de cavallaria de que dispunham (numidas e hespanhoes) davam-lhes superioridade em relação ás classicas formações gregas, e á cavallaria pertencia de facto um papel preponderante nos exercitos punicos, sendo essa, durante muito tempo, uma das suas vantagens sobre os romanos, emquanto estes não organisaram tambem aquella arma em condições de poder competir com os africanos.

Formações.

Instrucção.

Pela dextresa com que manobraram nas batalhas de Tessino, de Trasymeno e de Cannas, atacando, surprehendendo, perseguindo o inimigo em perfeita

[1] Renard, *Precis d'histoire militaire,* cap. IV.

obediencia ao plano preconcebido, mostraram o grau de apuro e perfeição a que haviam chegado a sua instrucção e disciplina; e o que fôra affirmado na marcha e no combate, era mais tarde confirmado n'uma longa estação cheia de perigos.

O caracter semi-oriental d'estes exercitos era imprimido por alguns carros de guerra, — carros falcados, — e pelos elephantes que o acompanhavam[1], de pontas aguçadas, esporão no peito, verdadeiras torres movediças, de onde se arremeçavam settas, pedras e as incendiarias *phalaricas*. Em Carthago eram os elephantes educados e adextrados em grandes quadras, dentro da fortaleza, ao cuidado de *cornacas* ethiopes[2]. Carros. Elephantes.

Na variedade de trajes do exercito, os carthaginezes censuravam por muito tempo os primitivos moldes, á moda de Carthago e de Tyro, e que, segundo Plauto[3], consistiam em tunicas largas e fluctuantes, de amplas mangas, até á ponta dos dedos, como azas de passaro, e um manto quadrado — *pallio quadrangulus* —, afivelado n'um hombro, como refere Tertuliano, ou então mantos de pelles — *mastrugas* — oriundas de Hespanha ou de Sicilia; mais tarde adoptaram dos peninsulares o sayo[4]. — Ostentavam no vestuario as côres mais variegadas e traziam pendentes das orelhas argolas e ornatos de oiro e prata. Tudo isto se unificou porém, nos moldes da Grecia e de Roma, como succedeu com a arte da guerra, conservando comtudo, no fundo, o seu primitivo caracter e feição primitiva. São prova d'isto os typos de soldados Trajos.

[1] Os carros falcados foram substituidos pelos elephantes nos exercitos carthaginezes. Armandi, *Histoire militaire des eléphants*, 1845.

[2] Mr. Graux. *Notes sur les fortifications de Cartage*. Apud. *Museo militar de Hespanha*, tom. I

[3] Plauto.

[4] Aurelio Maximo.

carthaginezes das nossas gravuras, principalmente o que é copiado[1] de um vaso etrusco (fig. 44), se não bastasse o que nos deixaram de informações os escriptores antigos com respeito aos guerreiros de Carthago.

Ordem de combate.

Na ordem de combate eram em geral collocados na frente os elephantes, em seguida a cavallaria, atrás d'esta a infanteria ligeira, e por fim, a infanteria pesada, a phalange; muitas vezes os elephantes ficavam atrás, com a funcção de altas torres hostis. Esta foi a primitiva ordem dada por Amilcar ás suas tropas no ataque das forças mercenarias rebeldes junto de Utica (240). Vendo, porém, que o adversario formava n'uma só linha extensa, com a qual o podia envolver, mandou, segundo commenta Guischardt[2], mudar de frente á retaguarda ás tres primeiras linhas, — elephantes, cavallaria e infanteria ligeira —, e marchando até á quarta linha, por umas conversões á direita e á esquerda, collocou-os por fórma a constituirem uma só linha prolongada. Quando os mercenarios, animados por esta evolução que reputaram ser um movimento de recuo avançaram, os carthaginezes responderam atacando-os, — desordenados como elles vinham no enthusiasmo —, primeiro com os elephantes, depois com a cavallaria, e finalmente com a infanteria[3].

Ainda os elephantes.

Nas guerras de Annibal não ha o emprego dos elephantes, porque na travessia até Italia lhe haviam morrido todos no caminho; mas vê-se que tinham o principal papel a cavallaria e a infanteria ligeira.

Os elephantes eram geralmente empregados na frente e a cavallaria muitas vezes nos flancos, tendo atrás forças de infanteria para as proteger.

[1] Ap. *Museo militar hespañol.*
[2] Giuschardt. — *Mémoires militaires sur les grecs et romains.*
[3] Ximenez Sandoval. *Guerras de Africa*, cap. I.

Tal foi a disposição dos carthaginezes contra Regulo perto de Adis, a moderna Rhades[1].

As circumstancias e a lição colhida dos estrangeiros com que estiveram em lucta, sobretudo romanos, e a pratica dos generaes foram modificando os processos de combate, que com Annibal tomaram as mais variadas, e por vezes inesperadas, fórmas.

Ordinariamente eram de dois typos os processos, com caracter geral de estratagema, empregados por Annibal, ampliando genialmente a maneira dos seus antecessores: no momento decisivo ou envolvia com a sua agil e adestrada cavallaria as alas do inimigo, como succedeu em Tessino, ou armava uma cilada, por meio da embuscada com forças importantes que caíam de surpreza sobre o flanco ou retaguarda do adversario, e essa foi, principalmente, a fórma empregada em Trasymeno. Da applicação simultanea d'estes dois processos ficou o exemplo na batalha da Trebia. Estratagemas.

Como estratagema tambem é notavel o que empregou na batalha de Cannas fingindo recuar o centro e attrahindo o adversario a um terreno em que se encontrou naturalmente envolvido.

Não permittem as dimensões d'este estudo provar esta asserção com o fertil exemplo, sobretudo, da segunda guerra punica, em que Annibal se mostra tão grande estrategico quanto eminente tactico.

Para a expugnação das obras fortificadas dispunham os carthaginezes de aprestos, machinas e processos identicos aos dos gregos e romanos. Empregavam vantajosamente as minas de guerra, as balistas, as catapultas, os arietes, os instrumentos de aproche como as tartarugas, as vinéas, os manteletes, as torres rodadas; eram dextros na construcção das trincheiras, no romper das bre- Armas.

[1] *Mappa de Africa Romana* do deposito de guerra de París.

chas, na escalada. Polybio conta-nos que já no cerco de Utica contra os mercenarios (240) elles levavam catapultas, machinas e outros apetrechos.

O ariete, invento carthaginez.

Uma tradição antiga, que ficou consignada nos classicos, dava os carthaginezes como os primeiros inventores do ariete[1]. Até o nosso padre Vieira se refere a esse facto, baseado na opinião de Tertuliano[2]. O que não é admissivel, porém, é que houvessem esquecido esse instrumento depois de o terem inventado[3].

Escola militar dos peninsulares.

Em todas essas luctas de perto de meio seculo os nossos peninsulares começaram a aprender a verdadeira arte da guerra, e tanto em Africa como na Europa os vemos ter um papel memoravel nos lances mais celebres; vemos que, antes de emprehender a sua travessia de Carthagena para as planicies do Pó, Annibal envia para as guarnições de Carthago, da Metagonia e das costas africanas milhares de peninsulares em troca dos africanos que tinham vindo encorporar-se nas guarnições da peninsula; e que dos soldados com que emprehendeu a sua expedição, uma grande parte eram peninsulares, não fallando nos fundibularios gymnesios.

Nos memoraveis encontros que immortalisaram essa campanha apresentavam-se já divididos pelas desordens, pela fadiga e pelas doenças, mas apesar d'isso o seu nome ficou ligado aos episodios mais importantes das mais celebres jornadas. Assim na batalha de Trebia os peninsulares, juntamente

[1] Montfaucon, tom. I, pag. 136.
[2] Padre Antonio Vieira. *Hist. do futuro*, pag. 226.
[3] «*Arietem nemini umquam adhuc libratum, illa dicitur Carthago studiis asperrima belli, prima omnium armasse in oscillum penduli impetus. Cum autem ultimarent tempora patrio, et aries jam Romanus in muros quondam suos auderet, stupuere illico Carthaginenses, ut novum extraneum ingenium. Tantum aevi longinqua valet mutare vetustas*. Tertul. *Lib. de pallio*, cap. I.

com os numidas, executam o forte ataque de flanco ao centro dos romanos, que se alongára em cunha no encalço dos gaulezes, que recuavam; os baleares decidem do combate em Trasimeno, e os peninsulares que guardavam as gargantas dos desfiladeiros entram brilhantemente no ataque de emboscada contra as legiões do incauto e insoffrido Flaminio, chegando a ter rota a sua linha, que se restabeleceu de prompto; no combate de Mentauro é o proprio consul Nero quem toma sobre si a tarefa de os combater de frente, tal era a sua energia e coragem; na batalha de Zama, tão funesta para os carthaginezes, os peninsulares, veteranos das campanhas de Italia, são as ultimas esperanças do leão moribundo; e antes d'isso (204), nas derrotas infligidas por Scipião nas grandes planiceis, *magnicampi*[1], prenuncio dos desastres de Zama, a resistencia heroica foi, até final, sustentada por um corpo de 4:000 celtiberos que, se não evitaram a derrota, facilitaram pelo menos o salvamento dos restos das dispersas hostes e a vida de alguns chefes. Esses celtiberos pertenciam ao numero dos que haviam sido enviados á Africa por Annibal, e que, na opinião do escriptor allemão Heeren, constituiam as tropas melhores e mais disciplinadas da infanteria pesada, e usavam trajo branco com adornos vermelhos, tendo por arma principal a espada que manejavam de ponta e de gume[2]. Eram da mesma raça d'aquelles que, vestidos da côr de purpura, foram o nervo das tropas carthaginezas nas campanhas de Italia.

Famosa raça!

[1] Dakhelat, segundo Pellissier: *Discription de la regence de Tunis,* ou ao sul Kef, segundo Ximenez Sandoval, op. cit.
[2] Apud. Ximenez Sandoval. *op. cit.*

IV

Hespanha romana

Os Scipiões



a expulsão dos carthaginezes da peninsula punham os romanos a sua aspiração mais alta!

Paralysado Annibal em Italia, faltava aos carthaginezes a cabeça dirigente e o genio que por tanto tempo lhes dera os gosos supremos do triumpho.

Já Asdrubal, irmão de Annibal, que ficára em Hespanha, não era um general da estatura necessaria para representar uma vantagem absoluta sobre os romanos; aos outros caudilhos carthaginezes não sobravam tambem condições de generaes em conjuncturas tão difficeis.

Publio Cornelio Scipião enviado a Hespanha contra os carthaginezes, quando teve noticia em Marselha, já em caminho, de que Annibal marchava sobre Roma, foi-lhe ao encontro, desistindo da sua

viagem, e com surpreza o soube na Gallia Cisalpina.

Emprezas de Cneu.

Proseguiu para Hespanha, com parte do exercito, seu irmão Cneu, encarregado de angariar proselitos entre os celtiberos contra os carthaginezes.

Cneu desembarcava em Emporion (Ampurias), conseguia conquistar algumas sympathias e alliados entre os hespanhoes, dava batalha e vencia Hannon nos Pyrineus, indo ao encontro de Asdrubal, irmão de Annibal, quando marchava em auxilio de Hannon, obrigando-o a abandonar as suas posições ao norte do Ebro; estabelecia finalmente a sua base de operações em Tarragona, onde foi muito tempo a primeira capital romana na peninsula, e tinha em breve praso todos os povos da Catalunha como seus alliados.

Não tardaram que alliados fossem tambem os celtiberos, levados pelo prestigio que íam adquirindo as armas romanas. De Tarragona a esquadra de Cneu foi á embocadura do Ebro dar batalha aos navios carthaginezes e venceu; e, seguros por esse lado, as devastações dos romanos ao longo da costa foram até Cadiz. Engrossadas as fileiras romanas pelas adhesões dos naturaes, em breve a Betica se tornava o alvo das ambições de Cneu, mas pela primeira vez se levantava diante do nascente colosso o genio da independencia hespanhola, representado por um caudilho, que com seu irmão, pagaria mais tarde com a vida o seu amor á liberdade, depois de ter levantado graves difficuldades aos invasores. Mandonio se chamava, e á testa dos ilergetes, de que era chefe, e ligado com Asdrubal, transtornava por algum tempo os planos dos romanos, obrigando-os a recolher-se ao norte do Ebro, embora obtendo vantagens na lucta. A Asdrubal se oppunham os celtiberos, alliados dos romanos,

Mandonio.

forçando-o a retirar-se para a Betica, depois de uma forte derrota.

Tomava grande incremento a lucta, de Carthago vinham fortes auxilios a Asdrubal a quem o senado ordenava que levasse á Italia forças que decidissem ali a sorte das armas e obrigassem, por esse facto, os romanos a saír da peninsula; estes, porém, enviavam Publio Scipião, o irmão de Cneu, que se desviara, como vimos, do caminho da Hespanha, para ir no encalço de Annibal, sendo batido em Tessino, mas que vinha agora, como proconsul ou governador, com 8:000 homens e uma forte esquadra, e desde logo, por um acto de diplomatica generosidade, ganhava muitas sympathias entre os hespanhoes. Com as forças reunidas marcharam os dois irmãos sobre Sagunto, que lhes era entregue sem esforço por Acedux, nobre saguntino affeiçoado aos romanos; e como dentro da praça se conservassem muitos refens hespanhoes, a liberdade a estes concedida convertia-se n'um motivo de agrado e de alegria nas populações aonde regressavam, tornando abençoado o nome de Roma. Mas como nenhuma grande causa de satisfação deixa de trazer no fundo algum travor, vinha a noticia da derrota dos romanos em Cannas destruir em parte o effeito das vantagens adquiridas.

Publio Scipião em Hespanha.

Entrega de Sagunto.

Mas em Hespanha, ao contrario de Italia, as armas romanas continuavam triumphantes: Asdrubal era novamente derrotado perdendo 25:000 homens, nas margens do Ebro, d'esta vez pelos Scipiões; e emquanto as forças romanas se conservaram reunidas, por exitos contaram os successivos recontros.

Derrota de Asdrubal e Magon.

De Carthago vem Magon com 12:000 peões e 1:500 cavallos, e é derrotado perto de Andujar.

Uma má inspiração levara os romanos a separarem-se para operar contra os dois exercitos que os carthaginezes haviam formado com os novos soc-

corros trazidos por Massinissa. Dois Asdrubaes representavam agora dois poderosos nucleos de forças; o segundo viera de Carthago com Massinissa. A prudencia mandaria que se combatesse primeiro um, e depois o outro, para não se disseminarem as forças; mas emquanto Cneu, auxiliado pelos celtiberos, atacava no centro da peninsula, em Anitergis, a Asdrubal, irmão de Annibal, que teve artes de persuadir os celtiberos de que os romanos haviam entrado na sua patria, o que os levou á deserção, Publio, em pessimas condições, atacava no sul, na Betica, o outro Asdrubal, filho de Giscão. Quando, porém, abandonado dos seus auxiliares, Cneu teve por melhor aviso não proseguir por sua conta as hostilidades e vir juntar-se ás forças do irmão, já este fôra derrotado e morto junto de Cástulo, n'um combate contra forças recrutadas em Huesca, Jaca e Lerida, capitaneadas por Indibil, irmão de Mandonio. Conseguiram reunir-se as forças carthaginezas, para operar juntas; Cneu na retirada desastrosa via-se no sitio hoje chamado Cabeço de la Jara, nos confins de Almeria e Murcia, encerrado n'uma torre a que o inimigo acabou por lançar fogo. Mereciam sorte mais gloriosa os Scipiões, primeiros dominadores romanos da peninsula.

Divisão de forças.

Morte de Publio.

Indibil.

Morte de Cneu.

Passava-se isto no anno 212 antes de Christo; os romanos perdiam a posse do Ebro; sem chefes, os legionarios erguiam nos escudos e elegiam para os commandar superiormente a um tribuno de uma das legiões de Cneu, Lucio Marcio, que lograva levantar os brios do exercito alcançando victorias importantes sobre Magon e Asdrubal Barca; o senado, porém, achou ousada a investidura feita pelos soldados, e para o governo da Hespanha nomeou Claudio Nero, que poucos resultados obteve.

Lucio Marcio.

Publio Scipião (fig. 45) deixára um filho que ti-

nha n'esta epocha vinte e cinco annos, mas que desde muito novo dera mostras de tino e de valor. O grande Scipião.

Acompanhára seu pae em Tessino, onde lhe salvára a vida; e depois da derrota de Cannas impedia com o seu conselho e prestigio que jovens patricios, tremendo pelos destinos da patria, abandonassem a Italia. Descendente dos Graccos, discipulo do honrado Marcello, tinha a consagração geral da sympathia e do respeito, mais talvez pelas qualidades pessoaes de preponderancia e de tino politico, do que pela reputação militar. Foi elle o escolhido para vir a Hespanha (208), na qualidade de proconsul, reparar os damnos e continuar as conquistas. Chegava aqui com 11:000 soldados.

Mal punha os pés na Hespanha, tinha noticia de que os chefes carthaginezes andavam cada qual para seu lado, e que Carthagena, a capital punica, onde mal suppunham os seus diminutos defensores que pudessem chegar os romanos de tão longe, estava quasi abandonada.



(Fig. 45)
Scipião (Publio)
(Busto do museu de Napoles)

Em oito dias, desde Tarragona, n'uma marcha intensa de 50 kilometros por dia, era a praça cercada; com um simulacro de ataque por terra e uma investida pelo mar, destruidas as muralhas, a praça e a cidadella eram assaltadas, com o auxilio da vasante[1]. Não só thesouros e armas guardava a metropole carthagineza, mas refens de hespanhoes, entre elles alguns muito illustres; todos elles, como na

[1] Esta é a informação dos escriptores, que nem todos hoje partilham, por se não dar o phenomeno da baixa-mar por fórma a poder-se admittir essa hypothese.

tomada de Sagunto, eram postos em liberdade, com as maiores considerações e deferencias. Entre os captivos estava a mulher de Mandonio e os filhos de Indibil, os conhecidos cabecilhas celtiberos[1].

Scipião magnanimo.

Foi n'esta occasião que se deu o facto, memorado pelos escriptores, e immortalisado no chamado *escudo de Scipião,* que em 1656 se encontrou junto ao Rhodano, perto de Avinhão e que é, alem de mais, um curioso documento para se conhecer os trajos e armas dos peninsulares n'aquella epocha (fig. 46).



(Fig. 46)

Escudo de Scipião (Apud Montfaucon)

O romance de Aluzio.

Entre os prisioneiros estava uma formosa hespanhola, que os legionarios vieram apresentar a Scipião, e que a qualquer outro triumphador menos habil e com menor alcance de vistas, acordaria appe-

[1] Montfaucon, tom. I

tites e sentimentos menos nobres. Scipião indagou das circumstancias em que a donzella se encontrava e veiu ao conhecimento de que era a noiva de um principe indigena, por nome Aluzio, apaixonadissimo por ella; e mandando-o chamar á sua presença lhe restituiu o querido thesouro[2]. Este facto espalhou entre os hespanhoes a fama da honradez e magnanimidade de Scipião e lhe conquistou adhesões valiosas, com que logrou successivas victorias, vencendo na Betica Asdrubal Barcino, Magon e Hannon na Celtiberia, e Asdrubal Giscão em Silpia, perto de Cadiz. Julgou, porém, ter conseguido, se não inutilisar, pelo menos paralysar o inimigo; licenciou parte das suas forças, principalmente do mar; concentrou a sua attenção ao sul, e abandonou uma das suas missões de maior responsabilidade, a de impedir por todas as fórmas a ida de reforços carthaginezes para Italia.

Successivas victorias.

Asdrubal deixou-o n'esse *ledo engano de alma*, entrou, seguindo o curso do Betis, pela Lusitania, e illudindo todas as attenções, transpoz, perfeitamente seguro, os Pyrenéus, na idéa de se juntar a Annibal em Narni, e penetrou na Gallia. Pelos masiolotas, seus alliados, souberam os romanos da presença de um novo exercito carthaginez nos Alpes e enviaram ao seu encontro generaes experimentados, como Marco Livio Salinator, e Nero, bisneto de Appio Claudio, o que Asdrubal, annos antes, conseguíra illudir na Betica, desenvencilhando-se de uma cilada, mas que conhecendo já o inimigo com quem lidava, depois de uma marcha forçada que ficou memoravel na historia, tendo deixado parte do seu exercito a contas com Annibal, esperou Asdrubal no caminho, assegurou-se de uma posição forte, e quando os carthaginezes tinham já transposto o rio

Asdrubal logra transpor os Pyrenéus.

Memoravel marcha forçada.

Batalha de Metauro.

[2] Polybio. *Hist.*, liv. x, cap. xix. T. Livio. *Hist.*, liv. xxvi, cap v.

Metauro, tendo portanto fechada a sua retirada, obrigou-os a acceitar batalha nas peiores condições (207); a derrota foi completa, as perdas gravissimas, entre ellas a do chefe Asdrubal cuja cabeça Nero fazia rolar aos pés das guardas avançadas de Annibal na Apulia!

Morte de Asdrubal.

No emtanto na Betica Scipião continuava as suas conquistas, e a propria Estepa, que lembrava Sagunto na resistencia heroica, acabava por ceder; e, ao concluir cinco annos que entrára em Hespanha, o general romano aproveitava-se da traição de Massinissa, — que pelas seducções e promessas de Roma abandonava a alliança de Carthago, convertendo-se em inimigo d'esta —, e conseguia fazer evacuar Cadiz, o ultimo reducto dos carthaginezes na peninsula (205). Havia doze annos que Cneu desembarcára na costa oriental como os primeiros legionarios romanos!

Expulsão dos carthaginezes.

Vencidos e expulsos os carthaginezes da peninsula começa franco e aberto o trabalho da dominação romana na nossa peninsula, como consequencia do esforço empregado para conter e chamar á obediencia as rebelliões populares contra o novo dominador. N'estas luctas, o irriquieto espirito das populações nativas, tão insoffrido então, como continúa a manifestar-se ainda hoje, através de tantos seculos e em tantas circumstancias celebres da historia militar da peninsula, apresentou-se com todos os seus caracteristicos de temperamento e de raça. Os nomes dos consules Lucullo e Galba ficaram memoraveis como representantes d'esse periodo, tão pouco conciliador dos interesses romanos com os sentimentos dos povos conquistados, que caracterisou a acção romana e que fez com que Roma se tornasse herdeira no coração do peninsular dos odios que n'elle primitivamente fermentavam contra os carthaginezes, e que com o tempo parecia

Reacção.

se íam convertendo em communhão de interesses e até de sentimentos.

Emquanto buscaram alliados, encontraram o auxilio de alguns regulos empenhados em sacudir, por qualquer fórma, o jugo carthaginez; e os rasgos de generosidade, as ostentosas magnanimidades do joven Publio Scipião, rude plebeu e caracter duro, haviam encontrado admiradores e proselytos, até á obediencia e á quasi ternura; mas quando de alliados os romanos se converteram em senhores, a reacção manifestou-se desde logo nas *intentonas* de Indibil e Mandonio, dignos antepassados de Pelayo, de João Pinto Ribeiro, dos Daoiz e Velarde, dos Sepulvedas e Gomes Freires, que representaram em todos os tempos os impulsos da liberdade e independencia, repontando indomitos no coração peninsular.

De auxiliares dos romanos, movidos pela generosidade de Scipião, aquelles caudilhos celtiberos esqueciam, diante dos males da patria, os beneficios que elles pessoalmente haviam recebido na tomada de Carthagena, e levantavam o pendão de guerra. (206).

Quanto sangue peninsular derramado não representa este periodo de luctas e de exterminio, em que, se Roma perdia uma quarta parte da sua população, a peninsula pagava bem mais caro a sua homerica resistencia ao dominio estrangeiro.

Revolução popular.

Suppondo morto Scipião, que enfermára em Carthagena, onde se occupava na conquista da Betica, os celtiberos julgavam-se desligados dos seus compromissos, e fugiam, ás primeiras tentativas de revolta facilmente reprimidas, sendo generosamente perdoados por Scipião; mas um anno depois, de novo se accendia a revolução, mais audaz nos seus intentos, sacrificando então, como vimos, nas aras das patrias liberdades as vidas dos dois caudilhos mencionados, Indibil e Mandonio.

Mas, esses povos insubmissos pareciam tirar dos proprios desastres e infortunios novas forças para a reacção, e com o auxilio de outros povos, interessados na mesma causa commum, durante dois seculos trouxeram as armas romanas em constante perigo e sobresalto.

Dominios romanos.

Quando Scipião passou á Africa, para ferir no proprio coração o povo cujos destinos a sorte entregára ao fio cruel da sua espada, os dominios dos romanos podiam-se reputar assentes apenas na Betica, no littoral, desde Cadiz até Tarragona; o interior continuava-lhes desconhecido; na Celtiberia, se uns povos os tinham recebido como amigos outros havia que nem como alliados, nem como vizinhos os queriam[1], no instinctivo receio de quem sente n'elles o verdadeiro perigo.

Aragão e Catalunha (Hespanha citerior, segundo a primitiva divisão pelo Ebro) e Granada, Sevilha, Murcia, Valencia (Hespanha ulterior) entravam nos dominios adquiridos aos carthaginezes, mas grande parte da peninsula continuava livre e era uma ameaça permanente, á porta; faltavam as duas Castellas (Celtiberia) e as tribus dos lusitanos, callaicos e cantabricos ao oeste e noroeste da peninsula. Era necessario sujeital-os.

Papel do legionario.

O legionario romano, portanto, que começára por unificar a Italia e que depois a livrára do jugo estrangeiro, não hesitou em emprehender a mesma obra com respeito á peninsula iberica, e como o movimento revolucionario e de reacção se alastrava já em toda ella, desde os Pyrenéus até ás columnas de Hercules (Gibraltar), Marco Porcio Catão, conhecido em Roma pelo Censor, com grande reputação de virtude e de austeridade, historiador patrio e militar conceituado, poz-se á testa de um nume-

A expedição de Catão.

[1] Sanchez y Cazado. *Elem. de hist. de España*, pag. 31.

roso exercito, na sua qualidade de consul, e trazendo comsigo dois pretores, desembarcou em Rosas (Rodha) (196), tomou a cidade, desbaratou os celtiberos, invadiu os povos do interior e, na mais inflexivel crueza, fez da peninsula o theatro das suas ambições politicas e de exploração das riquezas do solo conquistado, entre ellas o minerio abundantissimo.

Começou, se póde dizer, a acção pertinaz da romanisação da peninsula, com o seu principal apostolo Sempronio Graccho[1] (180), pae dos celebres tribunos Gracchos, eloquentes ampliadores e propagandistas dos idéaes paternos, tendo depois Sertorio e Julio Cesar como executores do trabalho da unificação dos interesses de Roma com os das suas conquistas.

Romanisação.— Sempronio Graccho.

Apesar de todo o seu espirito grave e austero, Catão fôra cruel, como os mais crueis, nos processos empregados para consolidar pelo terror os seus dominios; orgulhava-se de ter tomado quatrocentas cidades; a reacção da parte dos celtiberos foi desesperada. A avareza e ambição dos pretores tornava insupportavel o dominio, que mais parecia uma exploração!

Passava-se então na peninsula o que se passou seculos mais tarde no Oriente com o nosso dominio depois de Affonso Albuquerque. As queixas ao senado romano augmentavam dia a dia, e encontravam echo nos proprios, como Catão, que por sua vez haviam sido o instrumento implacavel da dominação d'estes povos.

Mas o espirito de colonisação, a necessidade de

[1] Com os seus processos brandos Sempronio levou a conquista mais ao norte e mais longe que os seus antecessores, estabelecendo-se em Illurcis, —cidade dos vasconsos, entre Fitero e Alfaro, perto de Corella—, na margem esquerda do Alhama, fortificando-a e chrismando-a com o seu nome, *Graccurris*.

crear raizes, pelos interesses e pela sympathia mutua, começava a clarear os horisontes entenebridos pela guerra e pela dór. Fizeram-se varias concessões aos naturaes, como a abolição da pretura e dos questores, e o direito de regular o tributo de sangue e de dinheiro. Em Cartheia (hoje Torre de Carthagena ou Rocadillo, na bahia de Gibraltar) fundava-se a primeira colonia romana (171), colonia *Juris Latini*, a mais antiga de todas, com excepção das da Italia e da Gallia Cisalpina, cuja base de população romana, á maneira do que fizera Affonso de Albuquerque em Goa, era constituida por filhos de soldados romanos e mulheres hespanholas[1].

Primeira colonia na peninsula.

Colonia patricia.

Em seguida é fundada por Marco Claudio Marcello a *colonia patricia* em Cordova (169), com um nucleo de cidadãos romanos que ali se estabelecem seguindo as leis do seu paiz; era a mesma Cordova onde em menos de um seculo, no tempo de Sertorio, já os poetas cantavam em latim fluente e bello as virtudes do éxul glorioso! Eram as primeiras sementes lançadas no solo da peninsula e que, na efflorescencia brilhante da civilisação romana em todo o mundo, deram origem aos nossos municipios[2],

[1] E. Hübner. *La arqueol. de España*, pag. 177.

[2] «A organisação interior das colonias e dos municipios, imagem fiel da que existia na propria capital de Roma, e desde o começo da republica, sujeitas ás leis fixas, mas ao mesmo tempo muito varias, do direito publico ou privado dos romanos, compõe-se de uma infinidade de pormenores, que, em grande parte, nos foram revelados pela vez primeira pelas leis municipaes encontradas em Hespanha, quaes são as leis de Osuna, Malaga, Salpensa e Vipasca. Estavam geralmente á frente das povoações mais importantes os duumviros, eleitos, como os consules em Roma, pelos cidadãos. Tinham ao seu lado, para o desempenho de certas funcções, os edis e questores, formando assim um collegio de quatuorviros. No fim de cinco annos outros dois magistrados, chamados por isso *quinquennales*, obtinham as funcções de censores de Roma, com a obrigação de inscrever n'um registo o pormenor das varias classes de moradores da localidade, cidadãos ou não cidadãos e apenas puramente *avecindados*, homens livres e escravos, mulheres e orphãos, seus officios, seus direitos, sua obrigação de servir na milicia, e os impostos que deviam pagar. Ha-

sementes de cujos fructos se póde dizer: — *melhor tornadas em terreno alheio!*

Essas colonias, instituidas sob o ponto de vista commercial ou agricola, mas que nunca deixaram de ter, para segurança propria, o caracter militar, foram a cellula fundamental da civilisação e cultura romana, o fundamento da futura grandeza de Roma! Pelas relações de commercio, pelos processos mais aperfeiçoados da industria, pelo influxo poderoso das artes, cujo culto a Grecia vencida ensinára ao vencedor; pela segurança garantida por meio de fortalezas e de communicações faceis, destinadas a ligar entre si cidades, colonias e mercados, a grande actividade do povo romano iniciava a transformação maravilhosa do mundo, cabendo á peninsula iberica a gloria de ir na vanguarda do movimento.

Caracter particular das colonias.

Essas colonias, verdadeiras cidades, onde nada faltava ao conforto e ao recreio dos habitantes, e onde se concentrava verdadeiramente a vida social,

via alem d'isso alguns magistrados extraordinarios: os perfeitos, que substituiam, em certos casos, os diumviros, um curador, nomeado pelo imperador para attender á questão da fazenda, e outros. Não faltavam tambem sacerdotes municipaes, como os *pontifices, augures*, e *flamines*, do mesmo modo que em Roma, e officiaes dependentes d'estes e dos outros magistrados. Ao lado dos ultimos estava o *ordo* dos decuriões, similhante ao senado romano, e composto, como este, dos antigos magistrados, com analogas distincções de graus e competencia. Ultimamente, entre os *decoriones* e o *populus*, havia, como em Roma entre os senadores e a *plebe*, o *ordo equestre* dos cavalleiros, nos municipios o *ordo* dos *Augustales*, especie de corporação destinada ao culto particular dos imperadores, conjuncto de pessoas de grau inferior, oriundas de escravos ou de libertos, mas ás vezes muito ricas.

«Só as cidades livres e alliadas conservavam, com certas restricções, e estando sempre sujeitas á administração provincial, suas antigas leis organicas e seus direitos particulares.

«Tambem as povoações pequenas, de que houve varias classes, tiveram certas leis que determinavam a sua organisação, tendo sido muito modernamente descoberta a de um povo de mineiros, do sul de Portugal, n'um *metallum:* — a preciosa *lex metalli Vipascensis*, encontrada em Aljustrel, e conservada em Lisboa.» E. Hübner, *La arqueol. de Esp.*, pag. 180.

porque a vida do campo não existia, — entregue a cultura do solo aos escravos, — attrahiam, encantavam, educavam, amoldavam e radicavam aos gostos e costumes romanos o povo conquistado. Herculano explica por esta fórma esse phenomeno, inspirado nas considerações luminosas de Guizot[1]:

Opinião de Herculano.

«Imaginemos a gente nativa, encerrada nos muros das cidades, ou reconstruidas ou edificadas de novo pelos romanos, sujeita com o correr dos tempos á organisação administrativa, judicial e militar dos conquistadores, frequentada pelos magistrados, funccionarios e exactores, aquartelando as suas tropas, tratando os pleitos nos seus tribunaes, recebendo dos romanos os commodos da vida e os objectos de luxo, correndo aos theatros que se alevantavam por toda a parte, e aonde os attrahiam as graças e as pombas do drama latino, e recolhendo nos proprios muros um grande numero de individuos que, depois de militarem nos exercitos de Roma, vinham transformados em romanos, orgulhosos da illustração adquirida no meio d'elles, converter com o desdem da superioridade á vida e á linguagem da Italia os outros membros mais grosseiros das suas familias[2].»

O preceito de Sempronio.

Iniciára-se então propriamente a epocha em que o povo romano começára a comprehender que o seu interesse principal, como conquistador, era o indicado por Sempronio Graccho, ao proclamar que só procedendo nobremente, e trabalhando com afinco na introducção da cultura romana, se podia conseguir a dominação da peninsula[3]. O romano, em vez de um mero aventureiro militar, passava a ser o verdadeiro colonisador preconisado por Seneca: «onde conquistava, habitava[4]». Foi o systema do inglez, ou do irlandez na America do Norte, —

[1] Guizot. *Hist. générale de la civilisation en Europe*, 2.e leçon.
[2] Alex. Hercul. *Historia de Portugal*, tom. I, introd.
[3] Sanchez y Cazado. *Elem. de hist. de Esp.*, pag. 23.
[4] Seneca. *De consolatione*, 6.

com a differença de que não impedia que as riquezas das provincias, como as de Cuba para a Hespanha e as do Brazil para Portugal, constituissem não só a ambição do erario de Roma, mas a cobiça dos romanos poderosos.

Nem todos seguiam os exemplos de Catão, que, voltando triumphante de Hespanha, carregado de oiro e riquezas para os cofres do estado, vendia o seu cavallo de batalha para poupar ao thesouro a despeza do seu transporte! Catão, como Scipião, representavam mais do que uma simples individualidade predominante: eram realmente symbolos de duas classes, de duas idéas já então em conflicto na elaboração da sociedade e das instituições romanas, — conflicto entre «a tradição latina e a iniciação hellenica, entre o nacionalismo e o cosmopolitismo, entre o republicanismo civico e patriotico, e o imperalismo magnifico[1]». — D'esse conflicto nasceu a conquista de muitas liberdades publicas.

Abusos e violencias.

Conflicto de classes e idéas.

Em muitos, á cupidez e á crueldade juntavam-se a felonia e a traição, não poupando os proprios povos que eram livres no dominio carthaginez. O consul Luculo, na Celtiberia, no cerco que puzera á cidade de Cauca (hoje Coca, perto de Valladolid, na provincia de Segovia), depois de acceitar dos seus habitantes, que se tinham defendido como heroes, uma proposta de capitulação, em condições honrosas, mandava passar á espada 20:000 cidadãos desarmados e indefesos!

Luculo.

Na Lusitania o pretor Sergio Sulpicio Galba, tendo exercido n'aquelles povos vingança crudelissima pela derrota que anteriormente soffrêra, finge desejar as pazes que lhe são pedidas, e attrahindo os lusitanos inermes aos seus dominios na Betica[2],

Galba.

[1] Oliveira Martins, *Hist. da repub. rom.*, tom. I, liv. III, cap. III.
[2] *Valer. Max.*, liv. IX, cap. VI.

para tratar de um negocio de grande monta e com a promessa de lhes dar terras para cultivo, manda-os chacinar pelos seus soldados, á proporção que vem chegando!

Viriato

Não eram de certo estes os processos de radicar no coração dos povos conquistados a verdadeira adhesão e sympathia. Os conselhos de Sempronio Graccho eram esquecidos. Os sentimentos do odio e da vingança rebentaram e medraram, como plantas damninhas, cujas raizes se foram alastrando por toda a parte! E o instrumento poderoso d'esse rancor que rugíra latente, até poder desencadear-se em frement tempestade, era um guerrilheiro audaz, um pastor creado nas agrestes serranias da nossa Beira, um chefe de guerrilheiros dos mais destemidos, um João Brandão d'essa epocha, affeito á pilhagem e á rapina[1], e, como este, cruel e generoso a um tempo; e esse homem, que por milagre escapára á carnificina ordenada por Galba, parecia ter concentrado no seu coração todo o odio, toda a revolta que caberia nos corações dos seus irmãos e companheiros, cobardemente assassinados pelo punhal do traidor! Viriato era mais do que um simples vingador; era o braço forte da patria, que se erguia temeroso, armado do gladio fulminante da mais legitima vindicta e teria sido, como disse Floro, o Romulo da Hespanha se a fortuna o não tivesse trahido[2]. Representava a execução de um pensamento, de uma necessidade, cuja realisação com-

[1] Eutrop., *Resumo da historia romana,* liv. IV. — Aurelio Victor, *De viris illustribus.*
[2] L. Flor. *Epitome rerum romanorum,* liv. II, cap. XVII, pag. 401.

pleta teria sido a salvação dos povos peninsulares: — a unidade de acção. De mero chefe de quadrilha, habituado á pilhagem e ao assalto pelas condições da sua existencia social, a necessidade da união para se oppor ao poder do inimigo tornara-o um cabo de guerra, um habil general que atrás de si levava, não só os seus lusitanos, mas os celtiberos e outros povos hespanhoes, ao ponto de ser chamado o defensor de Hespanha contra os romanos[1], e ser proclamado *rei dos lusitanos.*

Conseguíra rebellar contra o dominio estrangeiro todo o interior e a parte occidental da peninsula. Astuto como a raposa, agil como o gamo, tendo no corpo a força do touro e na alma a envergadura das aguias que coroam com o seu vôo os pincaros do Herminio, Viriato reunia em si tão altas qualidades de soldado, e dispunha de homens da sua raça tão convictamente inflammados no fogo sagrado da legitima desforra, que chegou a parecer invencivel.

Dir-se-ía ter herdado de Annibal não só, porventura, a affinidade de raça[2], mas o genio do estratagema, a energia do commando, a habilidade da intriga, o trato affavel, a maleabilidade, a argucia, a insinuação no convivio com os homens; juntando a isso as grandes qualidades do peninsular no horror ao captiveiro, na fidelidade ao cumprimento da sua palavra, no absoluto desinteresse, que o levava a

[1] Eutropio, *Resumo da historia romana.* Liv. IV. Floro, lib. II cap. XVII. *T. Liv. Historiarum ab urbe condita,* tom. II, liv. 52 pag. 1012.

[2] «Quando a lucta começou era a causa de Carthago, mais do que a propria, que elles (os hespanhoes) defendiam. Isto vem a confirmar o que acima dissemos, e é notavel que ainda meio seculo depois da epocha em que Scipião se gabava de não ter deixado um só carthaginez na Hespanha, os lusitanos capitaneados por um homem d'essa origem desbaratassem successivamente os exercitos romanos de Manlio e de Pisão.» A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, introd.

não partilhar sequer os despojos do inimigo, que de direito attribue aos seus soldados[1].

Lusitanos.

Por morte do seu chefe, Salóndico, que floreava uma lança de prata dizendo ter-lhe sido mandada do céu, — como mais tarde Sertorio fazia crer tambem que mensageira dos deuses era a corcinha branca, sua companheira —, os celtiberos, considerados o nervo da Hespanha, tinham perdido a grande força que os tornára até então temiveis, e eram agora os lusitanos e os numantinos que representavam, valerosamente, o nucleo de resistencia. Viriato[2] era um adversario digno de Roma.

Victorias de Viriato.

Quatorze annos trouxe em cheque as armas romanas; nos primeiros quatro derrotou cinco pretores: venceu Claudio Unimano no Alemtejo, Caio Nigidio na Beira; encurralou n'um desfiladeiro o consul Serviliano a quem offereceu a paz que foi acceite, e foi até declarado amigo e alliado romano n'um pacto ratificado pelo senado e em que Roma tratava de igual para igual com o antigo bandido (141). Isto não impediu, porém, que Roma continuasse seguindo os seus processos de guerra appellando para a aleivosia e traição quando lhe faltavam armas leaes.

Morte do heroe.

Servilio Cepio, irmão de Serviliano, nomeado consul no anno seguinte (140), a pretexto de que era deshonroso um tal tratado, rompeu as hostilidades, foi no encalço de Viriato desde a Betica até Braga, através da Carpetania e do paiz dos Vettões (entre Minho e Douro) valendo-se finalmente, no desejo de pôr termo completo á lucta que o

[1] Cazado Giraldes. *Trat. compl. de cosmog. e geograph.* Paris, 1825, tom. I, pag. 247.

[2] Quer a tradição culta entre nós que fosse perto de Vizeu, sitiando Versallo o pretor romano na Cava que depois tomou o nome do caudilho lusitano. Essa tradição fixou-a em verso o auctor do *Viriato tragico.*

irritava, do expediente de o mandar matar pelos proprios emissarios, encarregados da ratificação do tratado de paz! Mas Roma não quiz a partilha de um tão miseravel triumpho, e o senado renegou a victoria[1].

Ao cadaver do guerreiro heroico eram concedidas todas as honras dignas da sua illustre memoria. Emquanto n'uma pyra magestosa eram cremados os seus restos mortaes, muitas victimas se immolavam em sua honra, e, em volta, as suas exequias solemnes eram celebradas com bellicos exercicios equestres e da pionagem, e combates de gladiadores[2].

Numancia

A morte de Viriato[3], desfazia a alliança dos celtiberos com os lusitanos, que esmorecidos por tão grande desastre, se submettiam; e era agora em volta de Numancia, posição estrategica e central entre a confluencia do Douro e do Ebro[4], que os celtiberos concentravam a sua resistencia, por uma fórma tão desesperada e heroica que ficou memo-

Resistencia heroica.

[1] Eutrop., *Hist. rom.*, lib. IV, e Aurel. Vict., *De viris illustribus*.
[2] *Appian.*, tom. I, lib. VI.
[3] Não entraremos, por pueril e fóra de todo o caracter historico, na investigação (que a tantos espiritos entreteve entre nós, no empenho de uma filiação que se queria comprovar por todas as fórmas), de onde jazem as cinzas de Viriatho, nem onde foi o seu verdadeiro berço ou habitação. A honra d'esta, attribuem-na vagas tradições sem fundamento a Vizeu (Bluteau, voc. *Cava)*, a Folgosinho *(Sanctuario Marianno*, t. IV, liv. II, tit. LIX) e a outras terras vizinhas dos Herminios; a sepultura querem-n'a uns perto de Sagunto (Braz Mascarenhas, *Viriato tragico*, canto XX), outros, como João de Barros *(Livro das antiguidades entre Douro e Minho.* mas.) dizem ter visto a respectiva lapide junto a Bellas! ou dão noticia d'ella, como Manuel Faria de Sousa (vid. *Universo Pittoresco*, 1843, tom. pag. 195 e *Europa portugueza*, tom. III, part. IV, cap. II), o que tudo não passa de meros entretenimentos e desvaneios innocentes, para matar ocios.
[4] A 8 kilometros ao norte de Soria.

ravel nos annaes da historia. Tomado esse ultimo reducto, a dominação da peninsula seria completa. Apenas alguns pruridos de rebellião se manifestavam entre callaicos e lusitanos, ao noroeste do que é hoje territorio portuguez e entrando pela Galliza, e para os conter e escarmentar era nomeado o consul Decio Junio Bruto, investido no governo da Hespanha Citerior, e que, no seu transito até o rio Lima, poz a ferro e fogo as povoações que encontrou. Mas não era elle ainda quem havia de fazer calar de vez a consciencia revoltada de tão indomaveis povos!

Numancia, que nem o proprio consul Catão (197), nem o consul Quinto Fulvio Nobilior (153), tinham conseguido tomar, era um forte e temivel nucleo da resistencia: — *terror de Roma* lhe chamavam os proprios romanos.

Ali se concentraram e se reuniram em derradeiro esforço as energias de toda uma raça que se via em perigo! Como ondas que se desfazem em liquida poeira contra um rochedo adusto, assim as legiões romanas se desfaziam contra as muralhas da invicta fortaleza, ou então, como vagas impotentes, rumorejavam em volta, expraiando-se inertes! Expulso de Italia o estrangeiro, submettida Macedonia, arrasadas Corintho e Carthago, senhoreada, como o Oriente e como a Africa, quasi toda a Hespanha, aquelle misero canto da terra a impôr-se pela sua pertinaz rebeldia, pela sua tenacidade invencivel, irritava Roma! O senado começára por entender que não necessitava de empregar os seus mais aguerridos soldados na sujeição de tão insignificantes povos; mas acabou por enviar os seus melhores generaes, com os seus mais experimentados veteranos. Era urgente acabar de vez com aquelle foco; a empreza, porém, não foi tão facil como se lhes afigurou. Numancia resistiu treze annos

(140 a 133) a cercos e ataques consecutivos. Pompeio Rufo foi o primeiro que, tendo-a assediado com um exercito poderoso, incomparavelmente superior ao dos sitiados, foi obrigado a levantar o cerco e assignar um tratado desairoso; no anno seguinte Popilio Lenas soffria uma grande derrota, e, substituido em seguida pelo consul Mamino, era este forçado a levantar o cerco, escarmentado por derrotas successivas, sendo perseguido pelos sitiantes, até se firmarem novas pazes, pouco honrosas tambem para as prosapias de Roma. Seguiram-se os desastres de Lepido, de Publio Filão (136) e de Calpurnio Pisão (135). A onda, quanto mais engrossava e quanto mais lhe resistiam, com mais fragor e vergonha se espedaçava contra o rochedo impavido que a recuspia desfeita!

Tornava-se portanto necessario uma acção decisiva, e o vencedor de Carthago, o que definitivamente arrasára aquella fortaleza temivel, o *segundo africano,* Scipião Emiliano, digno emulo do grande Scipião, era incumbido de empregar o esforço supremo, e no fim de quinze mezes de um cerco em fórma, durante o qual limpou em volta da cidade tudo que a ella podesse servir de auxilio, rodeou-a de muros, e impedindo a passagem do Douro, por meio de cabos e vigas ponteadas de ferro, obrigou os sitiados a pedir a paz, para a final lh'a não acceitar. Supremo esforço.

Dentro da heroica praça sobravam a coragem, o desprezo pela morte, o orgulho, que nenhum perigo e nenhuma privação havia quebrantado! faltavam, porém, os viveres, e o alimento dos homens passava a ser a carne dos seus irmãos, mortos durante a lucta.

Então, n'um impeto de desespero, tentaram uma sortida, em que foram repellidos; e n'esse duro transe, á vergonha de se entregarem á discrição,

preferiram a morte voluntaria e digna! Lançaram fogo á cidade e deixaram-se heroicamente devorar pelas chammas, tal como seculos depois fazia Moscow na presença dos legionarios de Napoleão. Quando o sitiante conseguiu entrar na praça encontrou apenas um montão de cadaveres e de ruinas, Numancia em chammas. crepitando entre as labaredas fumegantes de um incendio pavoroso! Numancia não esperou, como Coryntho e Carthago, que o inimigo lhe lançasse fogo; ella propria, como a tradicional viuva hindú ao ver para sempre destruido o seu futuro, embrenhava-se resignada, e com passo sereno e firme, na fogueira tremenda que a havia de devorar! E estes tres incendios memoraveis, Coryntho, Carthago e Numancia, como tres grandes tochas funebres accesas á beira do cadaver do passado, assistiam ao funeral das gerações que se extinguiam e de um mundo gasto que desapparecia; e eram ao mesmo tempo como que tres brilhantes columnas de fogo na grande triangulação geodesica do novo mundo que resurgia!

Sertorio

Com a morte de Viriato e a destruição de Numancia desapparecêra toda a esperança de uma nova tentativa de desforço; os sentimentos da independencia haviam sido recalcados pela espada do vencedor no mais recondito do coração do vencido, produzindo comtudo um mal estar permanente, que se revelava por sedições e disturbios isolados, e por isso de pouco valor. Apparecesse ainda quem soubesse aproveitar os elementos dispersos e o mal estar geral dos espiritos, e esse homem, se para tanto tivesse talento e habilidade, facilmente conseguiria dispôr de uma força extraordinaria!

Foi o que succedeu a Sertorio, de tão sympathica memoria para os povos da peninsula, como preparador consciente do advento d'esta ás conquistas da civilisação! Conhecedor da Hespanha, onde estivera por duas vezes, — uma como tribuno militar, com Tito Didio (97), outra como questor (91), — e tendo aprendido na lucta com os povos peninsulares o seu modo de combater e a sua maneira de ser especial, familiarisando-se, nos seus habitos de caçador, com os terrenos montanhosos e difficeis, Sertorio, partidario de Mario, prevendo o advento e as cruezas inevitaveis da desforra, buscou n'este paiz o seu refugio.

O culto da patria.

Abandonára a patria, onde já não eram os grandes interesses da conquista, mas os odios civis, que armavam os braços dos romanos para se assassinarem mutuamente; com a patria teve de deixar sua mãe, que diziam ser o maior affecto da sua vida[1]; e soube ser no exilio mais patriota que os que se conservavam em Roma, tendo viçado na sua alma, mais viva e bella, a flor do sentimento romano, bafejada pela saudade, nas agruras do desterro. Como o povo israelita, que através de todas as vicissitudes da sua errante existencia mantinha sempre viva no ambulante sanctuario a luz que se accendêra sob o céu querido da patria, assim no seu coração ardia brilhante e serena a chamma do affecto com que queria ao seu torrão natal e da lealdade com que respeitava as suas regalias e direitos, como povo soberano e incomparavel. A sua lucta não era contra Roma, onde queria voltar como simples cidadão, de preferencia a ser senhor do mundo e exilado da patria[2]; mas sim contra aquelles que a ensanguentavam e dividiam, movi-

[1] Plutar. *Vida de Sertorio,* 22.
[2] Plutar., idem.

dos pelos sentimentos da ambição e do rancor. Queria que as suas victorias aproveitassem á patria e não fundar as suas conquistas sobre os prejuizos de Roma[1]. E o proprio interesse, que o levava a adoptar os processos de guerra dos peninsulares, oppondo as emboscadas, a guerra de guerrilhas, os estratagemas habeis, os ardís e as surprezas, ás manobras das massas pesadas das legiões romanas, fazia com que soubesse alliar tambem os interesses superiores da sua patria aos interesses e sentimentos dos povos sobre os quaes dominava, estabelecendo assim, politicamente, a alliança moral entre Roma e as suas conquistas. Quando Sylla mandava os seus logar-tenentes a Hespanha para o perseguir tratava-os, não como inimigos pessoaes, mas como inimigos dos verdadeiros interesses da patria. Senhor de pontos estrategicos que são no territorio da peninsula verdadeiras fortalezas naturaes, inexpugnaveis, quando tem a defendel-a uma fé viva e uma verdadeira coragem, e conhecedor de todos os segredos da arte defensiva da guerra que tornaram em todos os tempos memoraveis as luctas dos peninsulares contra as forças invasoras, embora incomparavelmente superiores; tendo perfeitamente armados e equipados á romana os seus soldados, e sendo elle proprio um caçador admiravel, e um luctador tão ousado que desafiava Metello «o maior e mais habil general da epocha»[2], Sertorio parecia invencivel; fazia valer recursos sobrenaturaes, como o expediente da corsinha branca, que apparece n'um seu trophéu (fig. 47); e tendo a adoração dos peninsulares, que em plena refrega, vendo-o em perigo, o salvavam ao collo, expondo a propria vida, era, ao mesmo tempo, o flagello dos romanos seus con-

[1] Plutar. *Vida de Sertorio*, 23.
[2] Plutar. *Vida de Quinto Sertorio*, 12.

trarios! E no emtanto, quando Mithridates, rei do Ponto e, como elle, inimigo de Sylla, lhe propoz uma alliança vantajosa contra Roma, sob condição de rehaver a Capadocia e a Becynia, Sertorio, contra a opinião unanime de todo o seu senado, recusava-se formalmente a auxiliar um inimigo estrangeiro contra os direitos de Roma, reconhecidos pelos tratados! Este proscripto que assim zelava pelos interesses de Roma, era mais romano que os romanos do senado que se moviam por dinheiro e se deixavam comprar pelo oiro de Jugurtha! Por isso,

Mais romanos que os de Roma.



(Fig. 47)
Tropheu que se attribue a Sertorio (Montfaucon)

emquanto este lançava sobre a *cidade venal* a sua memoravel phrase de desprezo, Mithridates dizia de Sertorio: — Se proscripto me falla d'este modo e marca as fronteiras do meu reino, o que seria se do Palatino me dictasse a lei!

Processos de colonisação.

Emquanto esta raiz do coração o prendia á sua patria, o seu tino politico e a sua sabedoria tratavam de lançar novas raizes no solo conquistado; e conseguia-o pelo interesse, pela sympathia, pela confiança que inspirava; e creando instituições novas, tornava-se o «fundador de uma nova Roma»[1].

[1] Michelet, *Hist. rom.*, tom. I, cap. III. — Fred. de Schlegel, *Hist. da litt. antig. e mod.*, liv. III.

Não era só o seu exercito que se armava e se equipava á romana, com lavores de prata e oiro nos capacetes e escudos, e tunicas e chlámides bordadas; vestia de oiro e purpura as creanças nativas, abria-lhes escolas para as instruir nas lettras gregas e latinas; conferia-lhes premios; radicava-lhes no espirito a admiração pela sabedoria de Roma; aos paes dava fóros de cidadãos romanos, e se para os commandos elegia os seus compatriotas, entre os peninsulares escolhia os seus soldados de maior confiança, constituindo com elles a sua propria guarda pessoal. Pela inoculação do espirito romano no cerebro do peninsular, e pela fusão de sentimentos e de interesses de uns e outros, ía creando a grande unidade social que havia de ser o assombro do mundo. E assim, tendo entrado em Hespanha com um limitadissimo exercito que ao passar para Africa, perseguido por Annio, logar-tenente de Sylla, apenas levava 3:000 soldados, quando voltou a Hespanha, chamado em auxilio dos lusitanos, chegou a ter aos seus pés a Betica, a Lusitania, a Celtiberia, desde o extremo sul do que é hoje Portugal até aos Pyrenéus, constituindo Osca (Huesca), em capital da Celtiberia, como constituíra Ebora (Evora) em capital da Lusitania; governando assim, a contento de todos, em regiões vastissimas convertidas á lei romana e obedecendo a um senado composto de trezentos proscriptos, devotados ao grande capitão, que entre elles escolhêra os seus questores e logar-tenentes.

Perpenna. A este estado de cousas veiu dar nova força Perpenna, tambem proscripto de Roma, e que entrára em Hespanha com um numeroso exercito; mas essa força em breve se convertia n'um elemento de perturbação, deshonestidade e desordem, que fazia perder a Sertorio no coração dos peninsulares muitas das sympathias e o prestigio que havia conquis-

tado. Mas a semente ficára; o benefico influxo do seu genio civilisador ía frutificando; toda a Hespanha se podia já considerar conquistada ao espirito romano, e o nome de Sertorio representava muito legitimamente o apostolado d'esse grande trabalho. Esse homem, tão singularmente dotado, que pelos seus actos de valor, pela sua argucia, pelo seu conhecimento dos homens e sabedoria das cousas, conseguia obter quasi que os prestigios de um ente sobrenatural, esse homem que, no dizer de Floro, nos seus infortunios interessou os mares e a terra[1], creava na Europa e na Africa uma reputação temivel; e o tel-o derrotado uma só vez, n'uma retirada, foi para Metello, por elle derrotado tantas vezes, motivo para se fazer coroar imperador, tendo a consagração de altares e sacrificios! Mas o papel superior, e de verdadeiro alcance, que na historia da peninsula elle desempenhou, foi o de educador da mocidade nativa sob o ponto de vista não só militar, mas da sabedoria classica, tendo na nossa historia particular um logar distincto pelo facto de haver exercido, effectiva e poderosamente, o seu influxo no territorio que é hoje portuguez e onde se conserva ainda viva, como em Evora, a sua tradição brilhante, embora em parte fabulosa.

Opinião de Mommsen e St. Hilaire.

É muito para respeitar a opinião dos escriptores, como Mommsen e Saint-Hilaire, que entendem que nenhuma influencia teve na romanisação da peninsula o dominio de Sertorio; mas não é para ser acceito como dogma. Dizer que dez annos de acção intensa e forte, introduzindo os habitos, processos e regulamentos da milicia romana, creando escolas que formavam uma especie de universidade ou academia em Huesca, propagando o uso da lingua e litteratura latinas entre os naturaes, sobretudo

[1] L. Floro. Liv. III, cap. XIII.

na Betica; adoptando leis e instituições, cujos resultados não foram destruidos, antes continuados, na ininterrupta dominação romana; dizer que todas essas sementes, lançadas em hora tão propicia, como era aquella em que tudo parecia transformar-se, e em que todos os animos estavam sinceramente devotados ao foragido illustre, seguindo-o e auxiliando-o voluntaria e enthusiasticamente, avançar que toda essa acção de um homem que, no dizer de Schlegel e de Michelet, se propozera fundar em Hespanha uma nova Roma, foi nulla, é levar muito longe a affirmativa, — tanto mais que esses proprios que assim negam os effeitos beneficos d'essa acção reconhecem que Sertorio tivera em mira nos seus actos executar o plano colonisador de Caio Graccho.

Não quero porém affirmar com isto que Sertorio lograsse realmente «converter ou acabar de converter n'uma imagem de republica a Hespanha»[1], era cedo para isso; só depois, no tempo de Cesar, é que se definiu mais intensamente o movimento já iniciado, sendo então completa a sujeição da peninsula. Foi essa a obra de Cesar, continuada durante o imperio, e auxiliada pelo grande fomento material do paiz.

Cesar

Dotado de uma iniciativa genial, de uma actividade assombrosa e de um tino admiravel, Julio Cesar (fig. 48) era a synthese das qualidades que distinguem o povo romano, talhado para tão grandes destinos. Cesar era Roma, só Roma podia produzir Cesar. Umas poucas de gerações de guerreiros, de

[1] Alexandre Herculano. *Historia de Portugal*, vol. I.

generaes, de politicos, de escriptores, de heroes e de bandidos, de libertinos e de santos, uma longa experiencia de guerras e de diplomacia, de dedicações e de torpezas, a accumulação e aperfeiçoamento constantes de forças e elementos de progresso haviam produzido aquelle homem, que ficou representando em toda a historia da humanidade uma culminação inexcedivel no genero. Organisador forte e tenaz, estrategico de primeira grandeza, homem de vontade e de coração — de *verre pour gémir, d'airain pour résister* —, ao passo que pela sua vontade firme e energica dominava, pelos seus sentimentos captivava e vencia; e massas de homens, bons ou maus, devotados ou submissos, o seguiam, com a obediencia com que á voz do pastor se arrebanha o armento, ou com a seducção com que a flauta do *gorupeiro* hindú attrahe dos covis as cautas serpentes! Digno representante, por excellencia, do seu paiz, da sua sociedade, e do seu tempo, era a encarnação viva das suas grandes virtudes e dos seus grandes defeitos. Generoso até á prodigalidade, exercendo a sua acção através de uma atmosphera de vicios, de libertenagens, de licenças, com as quaes era tolerante, quando não era conninvente; dispondo de instrumentos de seducção nativa, como a eloquencia, a arte de escrever, o mundanismo, o trato fino, a benevolencia, — era ao mesmo tempo um disciplinador severo e intransigente. Foi um grande ambicioso, mas não foi um ambicioso vulgar. Subir, crescer, augmentar a sua fama e o seu poderio, foi o objectivo da sua vida; encontrâmol-o n'essa senda tortuosa, mas sempre ascendente, desde ajudante de campo *(contubernalis)*

O que era Cesar.



(Fig. 48)
Cesar — (busto do museu de Napoles)

de Minucius Thermus, quando expatriado na Bithynia, até aos fastigios da omnipotencia, quasi divina, depois dos mais extraordinarios triumphos. Aos vinte e cinco annos chorava de desespero por não ter realisado nenhum dos feitos que já n'essa idade tinham posto em superior relevo o nome de outros capitães illustres, consagrados pela historia: «Prefiro, dizia elle, ser o primeiro n'uma choupana a ser o segundo em Roma». D'esta massa, fermentada pela ambição, conscia do valor de que se dispõe, é que se formam os grandes homens.

A ambição e a necessidade.

Alem da ambição, outro estimulo o instigou nas suas primeiras luctas: as difficuldades materiaes da vida; de modo que nos conflictos que abria e nas guerras que sustentava não mirava só á gloria da sua patria, mas tambem á sua propria gloria; com os despojos das suas conquistas não lucrava só o erario publico, mas as suas proprias finanças individuaes, compromettidas nas libertinagens da juventude.

Foi durante o seu predominio que se pacificou a peninsula, e que, portanto, a romanisação se fez, serena e efficazmente. Tendo vindo á Hespanha no anno de 69 antes de Christo como questor, Julio Cesar voltou cá na qualidade de pretor, nove annos depois, trazido pelas sublevações dos lusitanos na serra da Estrella, e dos callaicos do litoral, os quaes venceu e pacificou; sendo com o oiro d'estas regiões que conseguiu saldar as dividas de que se crivára em Roma, e das quaes fugíra como mais incommodas do que as luctas e intemperies da guerra. Da Hespanha voltava coberto de louros e de riqueza, acclamado imperador, quem já na Bithynia, em Rhodes, nas guerras com os escravos e com Mithridates se tornára notavel, sendo em Roma pontifice, tribuno militar, edil curul, e grande ponti-

fice no consulado de Cicero, e já portanto nos umbraes do consulado!

E a sua ambição realisava-se sem as delongas que a fortuna não admitte quando deseja ser propicia a alguem. N'esse mesmo anno da pacificação dos lusitanos e callaicos, e com a alavanca do oiro trazido de Hespanha, conseguia ser eleito consul (60); e a aguia que finalmente librava as azas no espaço, abrangia com o olhar os vastos horisontes que se offereciam á sua acção, e largava o vôo arrojado, enchendo de assombro o mundo. Foi como uma avalanche de ferro e fogo que passou!

Ao norte, grossa nuvem negra, prenhe de tormentas, ameaçava descarregar sobre Roma. Eram os cimbros, alliados com 50:000 hespanhoes da escola militar de Sertorio; e a aguia terrivel, investindo de subito, leva diante de si, rompe, penetra, desfaz a temerosa nuvem, ficando assim, por cerca de quatro seculos arredada de sobre a cabeça de Roma a tempestade que a ameaçava imminente! Senhora da Suissa e da Belgica, atravessa o Rheno, d'ahi passa a avassallar a Inglaterra, volta e impõe em lucta titanica o seu dominio ás Gallias; e como quem tanto subíra, tão rapida e gloriosamente, não podia supportar cousa que parecesse estar-lhe superior, e lhe podesse servir, se não de sombra, pelo menos de obstaculo, desfazia em Roma a soberania de Pompeu, que se tornára absoluta, depois da morte de Crasso; e entrando em Hespanha onde este tinha os seus legados, incumbidos da dominação e senhorio, varria-os do solo peninsular! Nas Gallias.

E do pincaro mais alto dos Pyrenéus, a aguia cesarea abrangia com o olhar, por todos os lados, a vastidão estonteadora dos dominios que a espada do legionario unificára sob a vontade de um só homem! E já d'essas imminencias ella era sedu-

zida pelas cuspides ponteagudas das pyramides dos Pharáos.

O dominador.

Estava no seu destino o dominio do mundo! Por isso ella propria se proclamava herdeira da «santidade dos reis que são os senhores do mundo, e da magestade dos deuses que são os senhores dos reis»[1].

Pompeu.

Pompeu (fig. 49), que era tudo para os romanos: — Pompeu para combater Sertorio, Pompeu para subjugar Mithridates, Pompeu para prover Roma de trigo, Pompeu para destruir os piratas[2]! — esse Pompeu omnipotente que dizia bastar-lhe dar com o pé no chão para fazer surgir legiões do solo, fugia espavorido diante de Cesar, que de subito atravessava o Rubicão e caía sobre Roma. Deixando o adversario seguir o seu caminho de foragido, — «primeiro se queria entender com o exercito sem chefe, e depois se entenderia com o chefe sem exercito» —, Cesar passa rapidamente para Hespanha, e as suas legiões disciplinadas e firmes galgam por sobre as tropas desconnexas de Afranio e Petreio, que nem sabiam, como Sertorio, fazer a guerra de guerrilha, tão temivel e devastadora n'estas paragens, nem logravam dar ás suas forças, pela arte, a unidade e cohesão com que as legiões romanas estavam acostumadas a vencer.

Expedição á Hespanha.



(Fig. 49)
Pompeu (segundo uma medalha antiga)

N'uma marcha rapida, que era um dos recursos

[1] O fidalgo C. Julio Cesar era de uma familia romana que pretendia descender, por um lado, de Venus, e por outro de Anco Marcio. *Sueton. in jul.*, cap. VI.

[2] Montesquieu. *Grandeur et decadence de Romains*, cap. XI.

da sua tactica offensiva e vigorosa, transpunha os Pyrenéus pela estrada romana que vinha de Narbona, passando por Junquera, e apresentava-se em frente dos Pompeus, quando estes menos se precatavam, obrigando-os a tomar precipitadamente posição em Lerida (Ilerda).

Segura a linha dos Pyrenéus, por onde esperava lhe chegasse um reforço das Gallias, Cesar avançou até ao Segre (agosto de 49), ali se estabeleceu e esperou o ataque do adversario, procurando como linha defensiva a conjuncção d'esse rio com o Cinca; a posição dos Pompeus, forte pelos obstaculos naturaes em que se apoiava, — á direita o Ebro e á esquerda as estribações dos Pyrenéus —, inutilisou as primeiras tentativas para a offensiva. As circumstancias tornaram-se mesmo difficeis. As intemperies do tempo, as cheias do Segre, as depredações e investidas do inimigo para aquem da sua linha natural de defeza, conseguindo inclusivamente repellir até os Pyrenéus os soccorros em homens (6:000) e viveres que haviam realmente vindo das Gallias, tinham creado sérias difficuldades; e até a fome e a epidemia começavam de amortecer os brios e a empobrecer as forças do exercito invasor.

Mas acalmaram-se os rigores do inverno, a corrente do Segre permittiu o estabelecimento de pontes, por onde a cavallaria cesaria entrou em franca investida hostil; o genio de Cesar, activo e energico, até então peado pelas circumstancias, readqui ria novas forças e impetos novos, encontrava na offensiva os seus melhores recursos, e alem d'isso toda a conveniencia estava em tentar um golpe decisivo. Entre a cidade e as alturas occupadas por Afranio, Cesar em pessoa collocou os seus melhores legionarios n'uma posição excellente. Os pompeanos combatiam com vigor, em ordem dispersa,

acostumados ás luctas com os hespanhoes, habeis no emprego das escaramuças e das falsas retiradas; os soldados de Cesar, em ordem cerrada, viam com estranheza e receio esse, para elles novo, systema de tactica[1].

Mas aos primeiros momentos de hesitação segue-se a confiança na propria força e no genio da guerra que a dirigia; passavam a ter voz por Cesar, e a trazer-lhe soccorro de homens e dinheiro, muitos povos que até então obedeciam aos legados de Pompeu; trabalhos gigantescos, em que se empregaram 50:000 legionarios, se realisavam em dezoito dias para tornar transponivel o Segre.

Afranio e Petreio.

Afranio e Petreio sentiram-se perdidos, porque não tardariam em ver ameaçada a sua retirada sobre o Ebro, obstaculo natural que seria desastroso para um movimento precipitado de fuga. A cavallaria cesariana não lhe deixou realisar a idéa de passar a salvo o Ebro; nos seus movimentos hostis de exploração inutilisaram os movimentos do inimigo e obrigaram-no a tomar posição a 2 milhas do Ebro. Chegava no entretanto Cesar, mandava reconhecer rapidamente a posição do inimigo e, n'uma bella marcha de flanco, cortava-lhe a retirada, ao mesmo tempo que as passagens pela montanha eram tomadas pela infanteria. N'esta critica situação os pompeanos resolveram retirar sobre Ilerda (Merida), n'uma marcha atormentada pela cavallaria inimiga, que nunca lhe perdêra o contacto. Assim reduzido ao extremo, cercado, vencido pelo ferro e pela

Capitulação de Afranio.

fome, Afranio desistiu do combate e capitulou (2 de agosto).

Afranio commandava n'esta campanha os celtiberos, os povos mais aguerridos da Hespanha *citerior*, e Petreio os lusitanos, os mais bellicosos e temiveis

[1] Julio Cesar. *Comment. De bello civile*, liv. I.

da *ulterior;* estes legados mantinham, em nome de Pompeu, os dominios em que, nas suas guerras da peninsula, esse general conseguíra deixar adeptos. De momento, o admiravel discurso de Cesar diante dos dois exercitos, no acto da capitulação, e o facto de haver licenciado as forças inimigas, sem as maltratar, crearam sympathias ao grande general; mas passado esse impulso o nome de Cesar, antipathico sobretudo aos lusitanos pelas suas bravias incursões quando pretor, reanimou o espirito de hostilidade em quasi toda a Hespanha, que continuou, se póde dizer, pompeana; e foi assim que todos esses povos se juntaram mais tarde sob o mando de Cneu Pompeu para guerrear o inimigo commum. Os lusitanos, que com tanta dedicação tinham já servido a Sertorio, seguiram Cneu na sua derradeira fuga de Cadiz, por elle luctaram com valor, e o acompanharam na morte, tendo depois os que sobreviram da lucta vingado essa morte na pessoa de Didio, legado de Cesar, e na dos seus sequazes[1], n'uma surpreza memoravel.

Mais facil e mais rapida que a campanha da Catalunha foi a da Betica, onde Terencio Varrão, melhor grammatico e agronomo do que general, concitava as antipathias geraes dos nativos, e não tinha estatura para se medir com Cesar, nem mesmo em aventuras ephemeras. De modo que recebido Cesar como um salvador, a sua marcha triumphal através da Betica foi nas condições d'aquella outra, memoravel, contra Pharnases, rei do Ponto, em que tornou celebre a phrase *cheguei, vi e venci!* Campanha na Betica.

Duas vezes veiu Cesar a Hespanha, sendo objecto da admiração geral a rapidez das suas marchas; as suas tropas, porém, fatigadas e fartas de guerra, não as animavam já grandes ardores bellicos; man-

[1] Hircio. *Bell. Hispaniarum*, cap. XXXIX.

tinha-os a vontade do chefe, essa vontade energica, esse imperio de um temperamento nervoso, dominador, epilectico, como dão a entender os seus historiadores. Esse poder com que arrastava ao combate os soldados e inspirava ao inimigo panicos exagerados, tornou a batalha de Munda[1] (17 março 45) n'um acto decisivo nos destinos da Hespanha; ganhára-a a coragem pessoal de Cesar no momento em que a indecisão pairava sobre as duas hostes, empenhadas no derradeiro esforço, e quando os aguerridos veteranos pareciam querer recuar. Apeando-se do cavallo em que de longe assistia á renhida peleja, correu para á frente dos seus soldados, fallou-lhes, gritou, enfureceu-se, increpou! Seria esse o ultimo dia da sua vida e da honra dos seus tribunos, disse elle. E erguendo a viseira, para o reconhecerem bem, saccando das mãos de um legionario a espada e a rodela, resolvido de facto a morrer, viram-no avançar, pequenino, nervoso, cego de furor, sob um chuveiro de settas, até alcançar as primeiras fileiras inimigas, a dez passos de distancia! Envergonhados os tribunos, e electrisados os legionarios com tamanha coragem, arrancaram, como uma mó tremenda; e a victoria foi por Cesar!

Batalha de Munda.

Os peninsulares, que o haviam recebido na disposição de o aniquilar, resentidos não só das antigas violencias, mas da situação de inferioridade em que se encontravam, comparativamente com os

[1] Segundo a opinião mais acceitavel, entre tantas, Munda corresponde a Rosa Alta, a 14 kilometros ao SO. de Ossuna, e a 6 kilometros ao SE. de Puebla de Cazalla. Vide sobre esta batalha, e sobre a determinação do ponto em que ella se feriu, a importante memoria *Munda Pompeana* de D. José e D. Manuel Oliver Hurtado, (1861), premiada pela real academia de historia de Madrid, entre as que, para satisfazer aos desejos de Napoleão III, se haviam escripto, por iniciativa official, em Hespanha, como subsidio para os trabalhos do imperial escriptor.

gaulezes, a quem o vencedor enchêra de honras e de regalias, acabaram, depois de vencidos, por se deixarem seduzir por aquella fascinação com que esse homem, tão extraordinario no genio quanto na apparencia enfesado e gasto, dispunha das dedicações, das sympathias, e até dos sacrificios da propria vida, que lhe eram offerecidos pelos povos conquistados!

Cesar, após a conquista das Gallias, dera direito de cidadãos a todos os gaulezes entre os Alpes e o Pó, e, como instrumento do seu dominio em Roma, onde queria sangue nòvo e novos meios de acção, nomeára senadores os heroes da Gallia encorporados no seu exercito; e ao par d'isto aos hespanhoes que o acompanhavam, enchia-os de considerações, constituindo com elles, inclusivamente, a sua guarda. Como este procedimento creasse emulações entre os peninsulares ao serviço de Pompeu, este, imitando o proceder de Cesar, concedeu a muitos d'elles direitos de cidadãos romanos, e os seus logar-tenentes, entre os quaes os seus proprios filhos, procuraram captar as boas graças d'estes povos. Faltava-lhes, porém, esse poder de attracção, esse proclamado olhar de falcão *(vegetis oculis)*, esse fluido de sympathia que tornava Cesar o verdadeiro *meneur d'hommes*, ainda hoje admirado como não tendo tido rival na historia.

Processos de romanisação.

Julio Cesar, que, apesar da sua origem patricia e de todas as suas prosapias de fidalgo com uma costella divina, sempre se arrimára ao favor popular e buscára a sua força, não n'uma determinada classe, mas na grande opinião das maiorias, chamára a si o favor e a estima dos peninsulares. Assim como do gaulez Antonio elle fizera um dos seus mais intimos amigos e pessoa da sua absoluta confiança, dando-lhe o commando da ala direita do seu exercito na batalha da Pharsalia, e tra-

zendo-o no seu carro triumphal, para representar os seus veteranos, ao regressar da Hespanha[1], assim no hespanhol Cornelio Balbo, natural de Cadiz, que nomeára consul, tivera o seu melhor conselheiro, o seu amigo particular, tirando todo o partido do prestigio e influencia que elle exercia entre os seus conterraneos pela sua grande riqueza e intelligencia[2]. Dominava, educava, transformava, romanisava os conquistadores, com os elementos da propria conquista.

Trajano.

Eram as primeiras victorias dos peninsulares no caminho da igualdade de direitos e regalias com os cidadãos romanos, igualdade que para todos os subditos do grande imperio veiu a ser estabelecido por Antonino Caracalla[3] (211-217 da nossa era), completando assim a obra de Otho (69), que a grande numero de hespanhoes dera o direito de cidadão[4]; de Vespasiano, que concedêra o direito latino ás cidades de Hespanha que o não tinham ainda[5]; de seu filho Tito (79-81), «amor e delicia do genero humano», como lhe chamavam os hespanhoes para significar a sua bondade e justiça; de Nerva, que engrandeceu Cordova e deu a Hespanha magistrados notaveis; e, finalmente, de Trajano (98 a 117), poderoso propulsor do fomento de Hespanha, e que marca o ponto culminante da historia militar romana[6].

[1] Plutarcho, *in Anton.*

[2] Cicer., *Epist. ad Attic.* IX, 7 e *Epist. famil.* VI, 8.

[3] Constituiu em 216 uma nova provincia, no extremo occidental da provincia Tarranense, com o titulo Nova Hespanha Citerior Antoniana (futura Gallecia).

[4] D'ahi veiu chamarem-se Flavias, do sobrenome do imperador, muitas cidades da peninsula, como *Aqua Flavia,* nome da antiga Chaves.

[5] Plinio, *Hist. nat.*, lib. III.

[6] É esta a auctorisada opinião do coronel suisso F. Leconte, no seu excellente livro *Études d'histoire militaire,* em opposição a Montesquieu, seguido n'este particular pelos escriptores militares Carrion-Nisas e Roquencourt.

«Caracalla, attribuindo a qualidade de cidadãos romanos a todos os homens livres do imperio, diz Herculano, não fazia uma revolução nas instituições, mas simplesmente declarava que um facto social se achava consummado [1].» Caracalla.

N'esta franca solidariedade dos interesses e direitos de Roma com as suas colonias e conquistas, — contrariada embora, através dos tempos, pela surda reacção dos velhos preconceitos, — cabe-nos a nós, habitantes da peninsula, a gloria de termos uma representação larga e brilhante na galeria dos homens notaveis que illustraram a politica, a administração, as letras, a philosophia, as sciencias do grande povo. O primeiro imperador estrangeiro, se assim se lhe póde já chamar, que figura na historia de Roma por fórma a ser cognominado o *optimo principe* e deixar da sua passagem em toda a peninsula vestigios immorredouros, foi Trajano (fig. 50), natural de Italica, em Hespanha; e peninsulares foram ainda, por origem ou descendencia, os imperadores Adriano[2], Marco Aurelio[3] e Theodosio. Igualmente são peninsulares o moralista Seneca, os grammaticos Marco Porcio Latrão e Quintiliano, os historiadores ou geographos Floro, Marcial, Pomponio Mella, Silio Italico, Columela e porventura Cornelio Boccho[4], os poetas Lucano, sobrinho de

Peninsulares illustres.

Imperadores.

Moralistas.

Grammaticos.

Historiadores.

Poetas.



(Fig. 50)
Trajano
(Segundo uma medalha)

[1] A. Herculano. *Hist. de Port.*, tom. I. Introd.
[2] Tambem natural de Italica, como Trajano.
[3] Parente de Adriano.
[4] Por umas inscripções de Alcacer do Sal, — a antiga *Urbs imperatoria* —, e de Troia, inscripções de que trataram Cornide, Ce-

Orador chronista. Seneca, Juvenco e Prudencio de Saragoça, o orador Osio, o chronista Paulo Orosio, discipulo de S. Agostinho e presbytero bracharense.

Pelo pensamento, pelo estudo, pelo sentimento, foram estes, entre outros, os grandes factores da unidade romana na peninsula, realisada primeiramente pelo poder das armas, sustentada perennemente pelas artes, pelas sciencias, pelas letras, e, consolidada, finalmente, pelo luminoso e fecundo influxo do christianismo.

naculo, e Hübner, e sobre as quaes publíca um interessante artigo o sr. Leite de Vasconcellos no n.º 3.º do seu *Archeologo portuguez*, vê-se que na epocha romana floresceu em Alcacer do Sal uma importante individualidade, Cornelius Bocchus que, entre outras cousas, foi *perfectus cœsarum*, *pontifex perfectus*, *flamen perfectus*, *prœjectus fabrum*, *e tribuno militar*, e que tem o mesmo nome do geographo e historiador que tratou da peninsula e de que fallam Freret, De-Vit, Teuffel, e que é citado nas suas obras por Plinio, Solino e Cassiodoro, havendo algumas probabilidades de que seja o mesmo.

V

A legião

No consulado



LEGIÃO! Quem diz legião, diz toda a civilisação de Roma!

Na evolução do caracter, da acção e das instituições de Roma, claro é que a legião, e portanto o exercito romano, não podiam permanecer estacionarios. Transformações da legião.

Não só o caracter da guerra, mas o seu proprio instrumento se foi transformando. Se as expedições militares, já não eram meras incursões para destruir e aterrar, affirmando assim o poder romano e saqueando as riquezas dos paizes subjugados, mas, pelo contrario, emprezas de civilisação destinadas a crear raizes no solo conquistado e a estabelecer laços de solidariedade entre a metropole e as colonias, — tambem o exercito dos cesares não era o exercito dos consules.

Reforma de Servio Tullio.

Servio Tullio introduzíra na milicia romana reformas profundas, que eram ao mesmo tempo reformas sociaes; o primitivo exercito em que a brilhante cavallaria dos patricios, com os seus duelos equestres e luctas singulares, similhantes a torneios sangrentos, tinham o papel principal, havia reconhecido, nas exigencias da guerra, a necessidade e as vantagens da infanteria; toda a tactica se transformava; resurgia modificada a phalange macedonica; ás remodelações no exercito, e á extincção dos privilegios e desigualdade de condições até ali conservadas dentro d'elle, segundo as procedencias de classes e familias, correspondiam as modificações sociaes e vice-versa.

Evolução democratica.

Sem necessitar de nenhum acto revolucionario, mas como effeito natural de causas internas e influencias exteriores, a reforma serviana representava o primeiro passo na fusão das duas classes até então fundamentalmente distanciadas: os plebeus e os patricios; e, comtudo, não teve em vista directamente os interesses dos plebeus. A classe dos cidadãos, até então privilegiada com o direito do serviço no exercito, passava a considerar muito *pesado* esse direito, que passou a ser compartilhado pelos plebeus, mas na fórma secca de um dever. Estabelecia-se, em todo o caso, o principio de uma igualdade que havia de produzir os seus effeitos. O imposto de sangue, e os impostos pecuniarios *(tributum)* regulavam essa igualdade, no soldado e no proprietario. Foi o principio de toda uma revolução social e politica.

Os plebeus.

A entrada dos plebeus ou simples domiciliados nas fileiras da legião era o primeiro degrau para a sua ascensão aos postos do exercito, onde não tardaram em apparecer individuos da plebe elevados a centuriões ou tribunos militares, sendo este, pelo seu lado, o primeiro passo para a entrada no se-

nado; e mesmo, contra a previsão ou desejos do legislador, a interferencia das *centurias* nos negocios publicos representa um germen poderoso de transformações futuras. E tudo isto saía, não de uma lucta de classes, mas do influxo da Grecia, que levava, na formação legionaria, por exemplo, a copiar o systema dos *hoplites* gregos, influxo que animava a iniciativa de um reformador por Momsen approximado de Lycurgo, de Solon, de Zaleucus[1].

Alteravam-se as bases do recrutamento militar; transformava-se o armamento; o recenseamento militar era feito sobre o cadastro da propriedade, mandado levantar expressamente. Toda a individualidade romana evolvia, nos diversos ramos da sua administração; e depois de alterado, sob as bases da reforma serviana, e a pouco e pouco aperfeiçoado, o exercito da Roma republicana soffria mais tarde uma nova remodelação importante por iniciativa do dictador Camillo, fundado no principio da importancia provinda do valor e da liberdade de acção individual, tal como a organisação de Servio Tullio se baseára nas vantagens da organisação por massas[2]. Em vez de fortes unidades, o exercito foi subdividido em manipulos, e a estas subdivisões e ao proprio soldado, individualmente, foi dada uma certa independencia de movimentos e de iniciativa.

Reforma de Camillo.

Taes foram os principios, pelo menos até Mario, precursor da regressão, adoptada depois pelo imperio, aos principios da tactica das grandes massas, pois estabeleceu como unidade tactica, em vez do manipulo, a cohorte, tres vezes mais forte.

Reforma de Mario.

Eis os fundamentos da organisação tactica no

[1] Mommsen, *Hist. rom.*, liv. I, cap. VI.
[2] Niebuhr, *Hist. rom.*, III, pag. 543.

tempo da republica, e, portanto, a organisação dos exercitos ephemeros, creados para a occasião das luctas, e após ellas desfeitos, com os quaes Roma levou o terror e a destruição ao mundo, antes de lhe levar propriamente a civilisação, como o lavrador que retalha as entranhas da terra antes de lhe lançar a semente que ella tem de fecundar.

No imperio

O imperio ía mais longe! Resurgia a phalange, na legião aperfeiçoada segundo as necessidades do conflicto com as grandes massas dos povos barbaros, contra os quaes nada podia a lucta corpo a corpo[1]; e com a nova organisação modificava-se tambem o papel civilisador ou colonisador da legião, o qual se não limitava apenas á conquista pela ruina, ou, no dizer cruel de Tacito, a julgar que se conquistára a paz onde se levára apenas a solidão: — *Ubi solitudinem faciunt, pacem appelant.*

Papel civilisador da legião imperial.

Fundavam-se colonias, cujo nucleo eram os legionarios veteranos; lançavam-se as bases de novas cidades, estabelecia-se uma corrente constante e ininterrupta de sympathias e de interesses entre Roma e as suas numerosas conquistas; e com respeito á peninsula iberica a obra unificadora e confraternisante de Sertorio era completada por Cesar!

A legião consular e a imperial.

Mas porque a legião, sob a base da solidez e da força, obrou prodigios nas mãos de Cesar, em quem já Sylla aos dezesete annos vaticinára muitos Marios, ou porque deu triumphos immorredouros a tantos generaes do imperio, não se segue que tacticamente se condemne a legião flexivel, agil, dextra,

[1] J. Marquardt, *De l'organis. mil. rom.*, pag. 349.

livre nos movimentos e na acção das suas parcellas, isto é, a legião consular que percorreu triumphante a peninsula, que arrasou Carthago e avassallou Numancia! A legião que nas mãos do consul Nero e dos Scipiões foi o assombro de quem lhe conheceu os feitos memoraveis, não se póde reputar em absoluto inferior á legião imperial, mesmo nos ocios enervantes do longo periodo antoniniano, precursor da anarchia militar.

A missão, creada pelas circumstancias, de ser ella a conquistadora do mundo, dera á milicia romana esse caracter de flexibilidade, de mobilidade, que não podia ter a phalange grega, cujo papel, na situação defensiva que as suas condições especiaes de existencia e o seu caracter davam á Grecia, tinha de participar da natureza do serviço para que era destinada. Variou com o tempo, e consoante as exigencias da situação, o grau de dextreza que a legião apresentou; mas em todos os tempos o seu caracteristico foi a promptidão nos movimentos, a maleabilidade, a rapidez nas operações, tanto na defensiva como na offensiva.

Não nos referimos, é claro, áquelles periodos em que se fez a regressão, por espirito de imitação exagerada (como já no tempo de Caracalla, e depois, definitivamente, no de Septimo Severo), ás formações pesadas, ao ponto de se conceber a monstruosidade de uma phalange na força de seis legiões, cousa de que nem mesmo os gregos se haviam lembrado! mas, afóra isso, o mesmo principio domina todo o evolver da legião através dos seculos. A legião consular era o instrumento adequado ao genero de guerra a que se destinára, e que consistia geralmente em incursões devastadoras, em expedições rapidas, em retornos offensivos, em surprezas e ataques violentos aos povoados e fortificações do inimigo em estado inferior de adian-

tamento na arte da guerra e nos meios de resistencia.

Forças permanentes.

A legião imperial teve, alem d'esse destino, o de se sustentar no terreno da conquista, de se manter na defensiva, de se moldar ás circumstancias do meio em que se tinha de estabelecer, tirando á conquista o seu caracter de dominação, para realisar a pouco e pouco a assimilação, a fusão entre as necessidades, os interesses, as condições de existencia do conquistador com as do conquistado. D'ahi a conveniencia das forças permanentes, organisadas sob o ponto de vista da estabilidade.

O regulamento de Augusto.

«No momento em que o exercito attingíra uma tal importancia, diz Marquardt[1], um organisador como Augusto que fez passar por profundas reformas todos os ramos da administração e cuja actividade tinha quer que é de prodigiosa, não podia deixar de tocar nas instituições militares; — o caso é que elle introduziu n'ellas um regulamento novo, indo até aos minimos pormenores. Ficam-se conhecendo directamente os resultados da obra de Augusto na composição do novo exercito imperial.

Realmente o exercito imperial chegára á perfeição na sua organisação e força...

Obrigação do serviço.

Já Servio Tullio regulamentára a obrigação do serviço militar, sendo este um dos pontos mais importantes das suas reformas, que foram o inicio de todo o desenvolvimento adquirido depois na constituição politica e na organisação militar de Roma[2]. Já as longas operações militares, e muito principalmente o cerco de Véios, — que durou dez annos (405-395), como os de Troya, Ithoma e Tyro, e como a conquista de Granada —, fizera que se es-

[1] J. Marquardt, *De l'organ. milit. chez les rom.*, pag. 158.
[2] Idem, pag. 20.

tabelecesse o soldo ás tropas[1]; o legionario romano já não era o cidadão independente, voluntariamente alistado nas fileiras do exercito, com quatrocentas drachmas de patrimonio; o legionario era, na accepção moderna da palavra, um soldado. E isto ía correspondendo a alterações profundas na organisação social a favor dos plebeus, que a pouco e pouco foram adquirindo liberdades e direitos, ora pela lei de Licinio Stolo, que minorava os encargos dos credores, ora pelo seu ingresso no consulado, na dictadura, na edilidade, na censura, «ultimo asylo do poder aristocratico», e até mesmo na religião, visto que o collegio dos sybilinos passou a ser, em metade, composto de plebeus. O proprio sanctuario, que fôra um dos privilegios dos patricios, «era forçado»[2]. O soldo. Conquistas dos plebeus.

A permanencia do exercito trouxe comsigo a indispensavel formação dos quadros dos officiaes, regulando a sua collocação, accesso e soldos; ao mesmo tempo que se regulamentavam os serviços de campanha, da administração militar, da justiça. Quadros. Diversos serviços.

A grande sabedoria do povo romano, a que principalmente caracterisa a sua admiravel qualidade de povo fadado para a conquista, é a faculdade da adaptação ao meio e ás circumstancias em que tinha de actuar, e que o levava a modificar, concomitantemente, os seus instrumentos de acção. D'ahi veiu á arte militar uma serie de modificações que são como marcos milliarios na sua evolução geral, e que em todas as circumstancias deram a victoria ás armas romanas emquanto o ocio e o luxo as não amolleceu.

1 J. Marquardt, *De l'organ. milit. chez les rom.*, pag. 9.
2 Michelet, *Hist. de Rom.*, liv. I, cap. II.

A legião operaria

Missão progressiva do legionario.

O legionario romano não era só um soldado aguerrido, era tambem um operario utilissimo; não só combatia com a espada e com a lança, edificava com a picareta e com o escopro; construia estradas, arqueava pontes, rasgava canaes, erguia muralhas, armava fortalezas. Segundo a expressão eloquente de um escriptor enthusiasta das constituições romanas, o ideal do militar em Roma era de uma elevação admiravel: — «Sacrificando a vida pelo seu paiz, desprezando a morte e aquelles que a temiam, preferindo a gloria á fortuna, desprendendo-se das preoccupações dos bens terrestres e de tudo que satisfaz os appetites vulgares, estava sempre prompto para a grande viagem, e resumia assim, na sua profissão, como n'uma formula symbolica, a expressão do destino humano[1]».

A inscripção de Chaves.

Um notavel documento, a inscripção da celebre columna de Chaves, marco milliario da estrada militar que por ali ía de Braga a Astorga, deixou-nos noticia de como essa importante via, que dava serventia e commodo a tantas povoações, e era ao mesmo tempo, militarmente, uma das mais consideraveis, foi construida pela VII legião, a *Gemina Felix,* conjunctamente com dez importantes *cidades* ou povos.

A inscripção representa uma pagina historica commemorando o facto e immortalisando os que, tomaram a iniciativa de tamanha empreza e a levaram a bom termo[2], principalmente na peninsula.

[1] Vicomte d'Hussel, *Essai sur l'esprit public.*

[2] Não é do caracter d'esta obra entrarmos na apreciação d'esta inscripção que a fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo mereceu reparos; o nosso fim unico é mostrar a concorrencia do legionario nas obras de interesse commum.

Eis o que ella nos diz:

IMP · CAES · VESP · AVG · PONT
MAX · TRIB · POT · $\overline{\text{X}}$ · IMP · $\overline{\text{XX}}$ · P · P · CoS · IX
IMP · T · VESP · CAES · AVG · F · PONT · TRIB
POT · $\overline{\text{VIII}}$ · IMP · XIIII · COS · VIi
|||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||
||||||||||||||||||||||||||||||||||
C · CALPETANO · RANTIO · QVIRINALI
VAL · FESTO · LEG · AVG · PR · PR
D · CORNELIO · MAECIANO · LEG · AVG
L · ARRVNTIO · MAXIMO · PRoC · AVG
LEG · $\overline{\text{VII}}$ · GEM · FEL
CIVITATES · $\overline{\text{X}}$
AQVIFLAVIENSES · AUBRIGENS
BIBALI · COELERN · EQVAESI
INTERAMNICI · LIMICI · AEBISoC
QVARQVERNI · TAMAGaNI

O que quer dizer:

«Imperando Cesar Vespasiano Augusto, pontifice maximo, com poder tribunicio pela decima vez, imperador pela vigesima, pae da patria, consul pela nona vez; imperando tambem Tito Vespasiano Cesar, filho do Augusto, pontifice, com poder tribunicio pela oitava vez, imperador pela decima quarta, consul pela setima, *(seguem-se apagadas as linhas quinta e sexta, onde se fallava em Domiciano, cuja memorea foi condemnada)*; sendo legado do Augusto *(Vespasiano, na provincia Hespania Cisterior ou Terraconense)* o propretor Caio Calpetano Rancio Quirinal Valerio Festo *(que uo anno 71 tinha exercido o consulado)*; e sendo legado do Augusto na legião setima Decio Cornelio Meciano, e procurador do mesmo Augusto *(por Asturia e Galliza)*, Lucio Arruncio Maximo, a Legião VII, Gemina Feliz e dez cidades, a saber: os Aquiflavienses, os Aobri-

gences, Bibalos, Coelernos, Equaesos, Interamnicos, Limicos, Naebisocos, Quarquernos e Tamagenos *(levaram a cabo a obra d'esta via publica)*[1].

Temos, pois, uma das legiões estabelecidas no territorio que é hoje Portugal contribuindo com a sua actividade, com o seu trabalho, dentro dos limites onde tinha assentes os seus arraiaes, a fim de levar a effeito um melhoramento tão importante como era uma estrada publica.

Uma cohorte de bracharenses.

Uma outra força, composta tambem de individuos naturaes da peninsula, em região que é hoje nossa, vamos encontrar longe da patria e empregada, não já em trabalhos publicos, mas em emprezas guerreiras: são os bracharenses que constituiam a 4.ª cohorte da legião XII, no anno 70, e que figuram na conquista da Capadocia pelos romanos. A cohorte estava em Mytilene, e reza do seu papel n'aquella conquista a seguinte inscripção que foi encontrada no anno de 1870 em Constantina (Argelia), e está hoje no nosso museu archeologico do Carmo[2]:

C ✝ AVFIDIVS ✝ C ✝ FIL ✝ Q̄ ✝ MAXIMVS
PRAEF ✝ COHORT ✝ IIII ✝ BRACARVM
INIVDAEA ✝ TRIB ✝ MILIT ✝ LEG ✝ XII
FVLMINATAE ✝ IN ✝ KAPPADOCIA
PORTICVM ✝ ET ✝ ZOTHECASOBHONC
REM ✝ PONTIFICATVS ✝ INLATIS ✝ REI
PVBLICAE ✝ LEGITIMIS ✝ HSX̄NVM
PRIMVS ✝ DEDIT ✝ IDEMIQ ✝ DEDICAVIT

[1] Fernandez Guerra. *Las diez ciudades bracarenses nombradas en la inscripcion de Chaves*, art. da *Revista Archeologica*, vol. II, 1888.

[2] Tem o numero 2390. Foi obtida directamente do governo francez pelo sr. Possidonio da Silva.

«*Caius Aufidius, Caïe filius Quirina (tribes) Maximus, praefectus cohortis quartae Bracarum, in Judaea tribunus militum legionis duodecimæ fulminatae in Cappadocia porticum Azothecas ab honorem pontificatus, in latis rei publicae legitimis sestertium decem millibus numinis, primus dedit, idemque dedicavit*».

Vimos já que cohortes formadas de legionarios da Asturia e Gallicia, provincia a que pertenciam os nossos Traz os Montes e entre Douro e Minho, mantinham o dominio romano no Illirio e na Panomia, na Britania, na Germania, na Judeia.

Temos, portanto, na sua dupla acção, a legião romana, especialisada em dois factos que mais particularmente nos interessam, e que dois documentos da epocha nos apresentam: um nos seus trabalhos da paz — o desenvolvimento das obras publicas, outro nas suas lides de guerra — a conquista e senhorio dos povos.

A paz não era um motivo de ocio, mas um incentivo para o trabalho, e quando a necessidade da lucta obrigava a empunhar a espada e a embraçar a rodela, punham-se de banda a picareta e o escopro, e eram as armas de destruição floreadas com pericia igual áquella com que haviam sido manejados os instrumentos do trabalho e do progresso. Trabalhos na paz.

A legião romana não era apenas um agente de consumo das riquezas publicas, reservado, como os modernos exercitos, a entrar em lucta no momento opportuno, como uma machina de guerra nas condições materiaes de um couraçado ou de um torpedeiro; era tambem um grande agente de producção e riqueza.

As lides da guerra não se pareciam com os labores da paz; mas uns e outros contribuiam para,

n'um exercicio constante e ininterrupto, darem ao soldado a força, a agilidade, a utilidade absoluta, tanto na guerra como na paz. Para o legionario romano, na expressão do historiador Flavio Joseph, —«a guerra era uma meditação, a paz um exercicio».—

Actividade physica.

O segredo d'essa actividade poderosa do soldado romano, que parecia não conhecer o cansaço, e para quem se póde dizer que não havia differença de clima ou de estação, estava precisamente no seu grande habito do trabalho, que era a gymnastica salutar de onde lhe vinha a energia e a força. D'ahi a differença entre o legionario romano dos tempos aureos e o moderno soldado.

Machiavello na sua *Arte da guerra*, encarecendo o exercicio no soldado, dizia: —«negli allogiamenti ti fa sano e nelle zuffe vittorioso.»—

Alem de que o trabalho da paz era tambem elemento de disciplina, —d'essa disciplina que era «a alma do campo», no dizer de Vegecio[1]:— creava a satisfação e o bem estar, e representava um laço de união e de harmonia entre os diversos membros da mesma familia legionaria; juntos cultivavam a terra, juntos calçavam as estradas, juntos levantavam as fortes muralhas e as torres poderosas, e juntos, mais tarde, na hora do perigo e do combate, luctavam pelo mesmo interesse ou pela mesma aspiração commum.

E era assim que, sanguinoso por necessidade da sustentação ou engrandecimento da patria, o legionario romano era ao mesmo tempo, nas horas da paz, um elemento da educação e progresso civil, e da unificação do sentimento nacional. A disciplina domava-lhe os instinctos, educava-lhe a vontade; o trabalho e a instrucção convertiam-lhe as facul-

[1] Vegec. *De Rev. milit.* liv. I.

dades intellectuaes em forças productoras em beneficio da grande collectividade, — o povo romano.

A actividade do legionario.

Sem esse exercicio constante que lhe aguerria o braço e lhe afinava a intelligencia, o soldado, por maior que fosse o seu valor, parecer-se-ía com uma mulher, dizia Cicero[1], e realmente, no tempo de Seneca a esse estado havia chegado a mocidade de Roma, afeminada, cosmeticada e molle, como as bailadeiras orientaes em cujos braços apodrecia a disciplina[2].

Foi o legionario romano que em Portugal levantou, entre outras, as muralhas cujos restos solidos e imponentes se admiram em Condeixa a Velha; que em Evora construiu os muros cujos trechos e soleiras se vêem ainda claramente encravadas nas casas em volta da cidade primitiva, e cujo arco secular ainda desafia o tempo, intacto e firme; que calcetou e guarneceu as estradas militares por fórma a serem, ainda hoje, algumas d'ellas utilisadas, como a calçada de Alpujarra, que liga os Traz os Montes á Beira, e outras sem serventia, mas em parte conservadas, como a estrada de Beja. De todas ellas tratâmos adiante.

Por essa fórma o legionario conquistou o mundo: não foi apenas com a espada e o *pilum,* destruindo e matando, mas tambem construindo, nas horas da paz, e edificando e produzindo. E foi quando as legiões se afidalgaram e abandonaram o trabalho constante e activo, que ellas deixaram de ser o instrumento de guerra terrivel, para descaírem cada vez mais, até total ruina.

«Foi sobretudo a molleza, diz Jomini, que perdeu as legiões romanas, pois esses temiveis soldados, que usavam capacete, escudo e couraça, sob o céu abra-

[1] Cicer., *Tusculan,* II.
[2] Cristoforo Negri. *La storia antica restituita a la verità,* etc., 1865.

sador da Africa, no tempo dos Scipiões, acharam esses objectos excessivamente pesados sob o céu frio da Gallia ou da Germania; e foi então que o imperio se perdeu»[1].

Perdeu-se pelo adelgaçamento de todas as suas grandes qualidades: acabou, diz Montsquieu, n'uma imagem que synthetisa o facto, como o Rheno que não é mais do que um regato se perde no Oceano[2]. Os soldados tinham passado da vigilia ao somno, do exercicio das armas ao da volupia, do trabalho ao ocio[3].

O soldado portuguez nas conquistas.

Na nossa historia militar alguma cousa ha parecida com a historia das legiões romanos: é todo o periodo brilhante das conquistas da Asia e da Africa pelo nosso soldado, a quem a necessidade obrigou a ser mais do que um simples batalhador contra o indigena, a ser tambem um operario incançavel, levantando fortificações, construindo edificios, rasgando caminhos, sendo emfim um instrumento da civilisação que levava áquelles povos. E do mesmo modo que aos romanos, foi a molleza, foi o ocio, foram as riquezas adquiridas, foi o esquecimento do habito do trabalho que o levou a perder rapidamente o que tanto esforço, tanta lucta, tanto tempo levára a conquistar e a edificar! Por todas essas costas do Oriente e da Africa se erguem ainda, como padrões eloquentes, as muralhas, hoje desmanteladas, com que por lá assignalou a sua passagem e o seu dominio o soldado portuguez. Succedeu-nos como em Roma; o Oriente vingou-se da conquista corrompendo-nos: — «*Syria prima nos victa corruputi*»[4].

[1] Gen. de Jomini, *Precis de l'Art de la Guerre*, Bruxelles, 1838.
[2] Montesquien. *Grandeur et dècadences des romains*, cap. XVIII.
[3] *Vetus disciplina deserta, nova inducta, in somnum a vigiliis, ab armis ad voluptates, a negotiis in otium conversa civitas.* Vell. Paterc., lib. II, cap. I.
[4] Flor., lib. I, cap. XII.

Em todos os tempos o homem de guerra foi mais ou menos um operario; attestam-n'o, por exemplo, no Egypto as monumentaes pyramides, e entre nós, volvidos muitos seculos, a cathedral soberba de Mafra; mas esses trabalhos tiveram o quer que fosse de tarefa de servos e não de homens livres, concorrendo alegres e conscientemente para o engrandecimento da obra commum. Como as pyramides do Egypto e o mausoléu esplendido do Tadj, na India musulmana, o templo de Mafra representa a obra da vaidade ou do capricho; os trabalhos, porém, a que de bom grado se prestavam os legionarios romanos, como os expedicionarios portuguezes d'alem mar, sob as intemperies dos mais inhospitos climas, eram destinados a manter o prestigio da patria e a garantir a propria defeza e segurança; por isso quando perderam esse caracter para se tornarem em trabalhos forçados, como os que eram destinados aos escravos, deram-se as reacções do tempo de Claudio, quando Curtio Buffo quiz empregar as legiões na exploração de uma mina de prata na Westphalia, as revoltas no começo do reinado de Tiberio por excesso de trabalho, e o assassinio de Probo quando quiz obrigar os legionarios ao arroteamento das terras.

Obras publicas realisadas pelo legionario.

Mas nos aureos tempos, em que a disciplina e o patriotismo animaram e dirigiram o legionario, a obra foi admiravel.

Foi assim que o consul Flaminio, tendo vencido os ligurios, occupou os seus legionarios na reparação da estrada de Bolonha a Arezzo; foi assim que Cesar realisou obras monumentaes em frente de Alesia, levantou na Gallia muralhas soberbas para assegurar o seu dominio por meio de uma estrada da Europa á Asia, das columnas de Hercules ao Euphrates; foi assim que Augusto rasgou de estradas as fronteiras do imperio; que Agricola as

construiu na Gallia; que Cæcina, delegado de Germanicus, as abriu, com magnificas pontes, na Germania; que Paulino Pompeu levantou um dique ás aguas do Rheno, Lucio Vero começou um canal do Rheno á Mosella, e Corbulano rasgou outro entre o Rheno e o Meuse; é assim que Trajano realisa em presença dos Dacios, e nas margens do Danubio, as obras que ficaram memoradas na celebre columna que tem o nome d'esse grande imperador.

Nos tempos modernos.

Estes salutares exemplos de um povo que os legou tantos e tão imponentes, em todos os ramos da humana actividade, têem sido depois imitados com melhor ou peior exito, nos modernos tempos. Com esse ideal, muitos militares têem meditado sobre os destinos do exercito, procurando aproveitar na paz os braços do soldado em trabalhos de utilidade publica. Jomini resume a doutrina n'estas palavras lembrando os exemplos dos legionarios romanos: —«Endurcir les armées aux travaux et aux fatigues, ne pas les laisser chomer dans la molesse des garnisons en temps de paix. . . voilà un des moyens de former un bon esprit militaire»[1].

A theoria foi convertida muitas vezes em pratica nos diversos paizes e em diversas epochas.

Exemplos dos diversos paizes.

Na Italia.

Em França.

Nos principios do seculo XIV Braccio de Montone, voltando a Perugia, sua patria, após as guerras de Napoles, empregou os seus soldados, as suas *compagnie*, durante o inverno, em abrir um canal para o esgoto das aguas do lago Trasimeno, a fim de evitar as inundações nos campos de Cortoneso, e trazer agua aos campos de Pegurino; Henrique IV e Luiz XIII, em França, empregaram os seus soldados na abertura dos canaes de Briare e do Loing; Luiz XIV converteu na paz os braços

[1] Gén. Jomini. loc. cit.

dos seus soldados, tantas vezes victoriosos, em instrumentos poderosos de obras notaveis; em 1667 começaram os grandes trabalhos de fortificação de Dunkerque, sob a direcção de Vauban, convertendo-se n'um perigo para a Inglaterra; 10:000 homens se succediam no indefesso trabalho, em tres destacamentos por dia. Os canaes e as fortalezas construidas no tempo de Luiz XIV e Luiz XV, na Borgonha, em Orleans, no Languedoc, obras foram de soldados; no aqueducto Maintenon, Luiz XIV empregou vinte e dois batalhões; por batalhões foram construidas as calçadas da Porte Maillot e da Butte e os dessecamentos da Charente e de Versailles. Todos estes trabalhos, porém, eram feitos á maneira de levas forçadas e não tinham o mesmo caracter de voluntariedade e liberdade do tempo dos romanos, antes de Vegeccio, que já nos diz ter encontrado as legiões com habitos sedentarios; d'ahi os suicidios, as deserções, os desvios das alfaias de trabalho e os disturbios que então se deram.

O grande Pedro da Russia empregou os seus soldados nas obras que mandou realisar nas praças do Baltico; os soldados de Carlos XII da Suecia, que elle levava prisioneiros para a Russia, e que se empregavam nas obras publicas, serviram de poderoso ensinamento aos soldados e ao povo russo, iniciando-os nos processos de artes e industrias do seu paiz, tal como succedeu mais tarde na invasão da Russia por Napoleão com os soldados que, prisioneiros, eram mandados para a Siberia; lá se encontraram muitos portuguezes. E aqui está como, voluntaria ou involuntariamente, o soldado se converte, dentro do seu paiz ou fóra d'elle, n'um instrumento de progresso e de civilisação. Na Russia.

José II de Austria, licenciou os seus soldados para os empregar na edificação das fortalezas na Austria.

Inglaterra. Hungria e na Bohemia. Cromwel abriu estradas no valor de 12.000:000 de *shillings* nas montanhas da Escocia, e do mesmo modo que mais tarde, em 1724, tambem na Escocia, o general de Wace empregava n'essa tarefa os seus soldados, assim no seculo anterior os operarios eram os soldados de Cromwel, algum dos quaes, quem sabe? vinham depois, mas já quebrados da disciplina, a batalhar ao nosso lado, nas guerras da restauração.

Napoleão I. Napoleão I, o grande cabo de guerra que soube apropriar-se de todos os elementos de sabedoria que em questões militares lhe legára o passado, tinha o seu soldado sempre apto para os trabalhos de operario, principalmente aquelles que directamente interessavam á guerra. Os campos de Bolonha, as obras admiraveis que lá mandou realisar, abrindo canaes, construindo pontes, hospitaes, quarteis, arsenaes e armazens, para o serviço de 50:000 homens armados, foram realisadas por tropas francezas, que, no dizer de Thiers: — tendo acabado de mexer na terra, passavam a entregar-se a manobras de todo o genero, proprias para aperfeiçoar a sua instrucção[1].

As memoraveis pontes sobre o Danubio levantadas com uma rapidez assombrosa, na invasão da Russia (lá estava a dirigir as obras tambem um official portuguez, que fôra com Junot), as obras das fortificações de Alexandria, a ponte e os acampamentos na ilha de Lobau em 1809, as fortificações de Corfu, da Iliria, da Dalmacia, onde se construiram tambem 80 leguas de bellas estradas, por entre difficuldades enormes, e onde inscripções memoraveis recordam ainda aos que passam, dizia o marechal Marmont, «que esses trabalhos foram executados por taes regimentos e por taes coro-

[1] Thiers, *Hist. de consul. et l'imp.*, tom. II.

neis[1]», tudo isso representa a actividade, a habilidade, o esforço dos soldados de Napoleão.

Em França chegou-se a discutir e a approvar em côrtes a questão importante da applicação das tropas nas obras publicas. D'ahi resultou que em 1834, os corpos que estacionavam no campo de Saint Omer, acolheram favoravelmente a idéa; em 1835 e 1836 os soldados foram empregados na construcção de lanços das estradas militares que haviam sido estabelecidas pela lei de 27 de junho de 1833[2]. Do mesmo modo eram em seguida empregados na construcção das fortificações em París, o que se repetia em 1871, depois da guerra franco-prussiana, empregando no magnifico entrincheiramento em volta de París, as forças militares.

Ha muita lição em tudo quanto deixamos dito!

[1] Mar. Marmont, *De l'esprit des institutions militaires*. Paris, 1859
[2] Colonel d'Artois, *Mémoire sur l'emploi de l'armée*. Paris, 1839

VI

Guarnição nas terras de Portugal

A legião imperial



NSTRUMENTO da lucta e da conquista, a legião romana passára com o imperio a ser definitivamente o instrumento da pacificação e do progresso. Onde se tinham estabelecido, ao principio, arraiaes transitorios, passaram-se a construir fortalezas; as tendas volantes foram substituidas pelo quartel permanente; os caminhos, mal desbravados, converteram-se em calçadas largas e solidas. O legionario assenta o seu lar onde estabelece a sua caserna; ahi tem de se demorar, de crear raizes; com a familia que ali fundar, fundará tambem uma nova patria; menos como soldado, do que como operario, a essa patria adoptiva consagrará o melhor do seu trabalho e da sua intelligencia: Roma Acção militar civilisadora.

ampliava-se até ás ribas do Atlantico e já não era no Palatino apenas, mas em toda a parte onde o legionario fixára a sua colonia, que o coração romano palpitava.

Peninsulares heroicos sentam-se no solio magnifico dos cesares e desenvolvem pelo fomento material e pela cultura litteraria o espirito dos povos e as suas riquezas nativas; no pantheon das letras, das artes, das sciencias, brilham, como constellações esplendidas, nomes de peninsulares illustres, glorias, a um tempo, da sua patria pelo berço e da sua patria intellectual! Roma, conquistadora, pagava aos povos conquistados um tributo brilhante, representado pela sua sciencia e pela sua illustração; e, como recompensa, o peninsular correspondia-lhe com um tributo representado pelo sangue com que regava o solo onde era lançada a semente da cultura romana e pelo esforço do braço que realisava a soberana vontade de Roma, no seu fecundo trabalho civilisador.

E assim se unificava politicamente a vasta peninsula.

Hespanha nutrice.

Roma educava e instruia a Hespanha, e Hespanha fortalecia e nutria Roma. Com os seus soldados a peninsula sustentava as guerras com que Roma levava o seu dominio e acção a regiões longinquas; com os seus preciosos metaes fornecia os mercados, fomentava os progressos e os esplendores da metropole; com os seus cereaes, na sua categoria de provincia *nutrice*[1], alimentava a população de Roma.

E a garantia, a segurança, o fiador d'esta communhão de interesses, d'estas relações de mutua

[1] A Hespanha era obrigada a ceder a Roma a vigesima parte da sua colheita de trigo, ao preço previamente estabelecido pelo Senado.

solidariedade, era o legionario, assegurando a paz, tornando impossiveis as dissenções constantes em que a Hespanha, em todos os tempos, se dividíra e retalhára, auxiliando com o prestigio de uma guarnição limitadissima o que o influxo das leis, da lingua, dos costumes ía conquistando sem grande esforço.

E o que começára por ser um simples acampamento, ou o nucleo de uma colonia militar, ía, a pouco e pouco, transformando-se n'uma cidade populosa, estabelecendo relações commerciaes com as outras colonias, fomentando e desenvolvendo as industrias locaes, activando as obras publicas, dando incremento á exploração dos minerios, abrindo escolas com professores gregos e latinos. Consolidação romana.

E os burgos primitivos, encerrados nos lindes estreitos de muros construidos de pedra solta, tendo por habitações casotas humildes, com tecto de colmo ou de telha simples, circulares ou quadradas, como as da nossa estancia de Briteiros, com uma entrada unica, e a estructura mais rudimentar, transformavam-se, no decurso dos tempos, em acropoles magnificas, com muralhas soberbas, como as de Tarragona, Evora, Beja, com aqueductos como o de Segovia e Condeixa a Velha, tem plos como os de Evora e Merida, palacios como o de Augusto em Tarragona; pontes como as de Alcantara e de Chaves; theatros como os de Sagunto, Cabeza del Grego, Lisboa; caldas como as de Aragão, da Galiza, do nosso Minho; tudo isto como que formando uma moldura rendilhada e caprichosa, com os requintes mais delicados da arte, para conter o quadro pittoresco dos costumes peninsulares transformados pelo influxo poderoso dos do Lacio, já influenciado pelo seu lado pelos primores da Grecia.

De tudo isto foi instrumento e garantia o legio-

nario romano, e a primeira cellula foi a colonia militar.

Colonias.

No tempo de Agrippa, e segundo os seus commentarios confirmados por Plinio, havia na Hespanha Citerior treze colonias; na Lusitania havia cinco, entre as quaes Beja e Santarem, que de Cesar obtiveram direito de colonia; na Betica havia oito; e é de crer que em todas ellas estacionasse uma força, como representante da soberania e auctoridade de Roma.

Guarnições provaveis.

De tantas outras povoações que, segundo a sua categoria e funcção, assim eram consideradas *oppida, urbes, civitates, municipios,* claro é que em muitas deviam estacionar guarnições de maior ou menor importancia; difficil é, porém, com os elementos que hoje existem, fazer uma relação, não só completa, mas approximada; porque infelizmente os documentos escriptos, as inscripções, as moedas e outras fontes que subsistem, escassos dados fornecem a esse respeito.

Não será, porém, arrojado suppor que, por exemplo na Lusitania, cidades que tinham o direito latino ou representavam populações muito conceituadas, como Lisboa (Felicitas Julia), Evora (Liberalitas Julia), Mertola (Myrtilis), Alcacer do Sal (Salacia, urbs imperatoria), Aeminium (Coimbra), Balsa (Tavira), Conimbriga (Condeixa a Velha), e outras chamadas *civitates stipendiariae,* tinham a guardal-as, ou a representar o nucleo do dominio romano, umas guarnições mais ou menos numerosas.

O eminente archeologo o sr. Emilio Hübner dedica preciosas paginas no seu livro *Archeologia de Hespanha* a este interessante assumpto, quando trata do exercito romano na peninsula.

Durante o consulado, as levas de homens e a formação de legiões e cohortes dependiam das

necessidades de momento, e cessadas ellas taes formações desappareciam. No tempo de Polybio havia regularmente dois exercitos, formados pelas quatro legiões que estabelecido estava se recrutassem de novo todos os annos, e pelos *socii*, que se lhes juntavam em força approximadamente igual; as circumstancias, porém, podiam levar a duplicar e a triplicar esta força, e n'este caso era subordinada a diversos chefes ou generaes; o que não quer dizer que não houvesse occasiões em que operassem juntas, como na guerra punica operaram vinte e tres legiões a um tempo, segundo o testemunho de Tito Livio[1]. Isto, porém, era no tempo de guerra; na paz as forças reduziam-se ao minimo; o soldado voltava ao seu labor habitual como cidadão, como proprietario e mesmo já como proletario desde os ultimos tempos da republica.

Forças permanentes.

Guarnição. — Legiões

Só a partir do anno 23 da era de Christo é que se encontram dados para se conhecer o numero de legiões de que se compunha o exercito no tempo de Augusto; quando morreu este imperador deixou 25 legiões permanentes: 4 na Germania superior, 4 na Germania inferior, 2 em Africa, 2 no Egypto, 4 na Syria, 2 na Panonia, 2 na Dalmacia, 2 na Mesia, e 3 na Hespanha: a *VI Macedonica*, a *VI Virix* e a *X Gemina*.

Anteriormente a este periodo difficil é determinar, quer seja o numero quer a situação das legiões; sabe-se, porém, que, apaziguadas as guerras civis,

[1] J. Marquardt. *Organis. milit. chez les romains*, vers. de Brissand., pag. 79.

que tinham obrigado a augmentar consideravelmente a força armada, o numero das legiões foi muito reduzido, e das referencias dispersas em diversos auctores se póde deduzir por alto o seguinte:

Cesar, depois de licenciadas as suas tropas, e constituidas as suas colonias com os seus veteranos, deixou ao morrer 40 legiões; Octavio, depois da batalha de Actium, devia ter para mais de 50 legiões[1]; parece, porém, que o regular foi haver uma media de 30 a 35 legiões, até Vespasiano, que chegou a elevar o numero a 175[2]!

Estas legiões eram, como vemos, numeradas, e ás vezes mais de uma com o mesmo numero, como succedeu com as que serviam Octavio, que reunia tres exercitos, succedendo por isso que teve 3 legiões com o numero III, e duas com o numero IV, V, VI e X[3]. Alem da numeração, as legiões tinham nomes que lhes provinham de diversas circumstancias e origens.

Legio I — Augusta.

As legiões conhecidas com o numero I são nada menos que seis, e com differentes nomes: a *I Germanica* creada por Tiberio, a *I Adjutrix* por Galba, a *I Italica* por Nerva, a *I Minervia* por Domiciano, a *I Parthica* por Septimio Severo e a *I Macriana*, organisada por Clodius Macer, de uma existencia ephemera, tendo sido licenciada por Galba, reconstituida por Vitellio, e de novo dissolvida por Vespasiano; estas são as conhecidas pelo que d'ellas deixaram mencionado as inscripções e os escriptores; a *I Macriana* só vem mencionada nas moedas. Pelas moedas da antiga colonia de Acci (hoje Guadix), se vê que ali estacionou, embora temporariamente e bem antes de Tiberio, uma legião

[1] Marquardt. *Ob. cit.*, pag. 161.
[2] Marquardt. *Ob. cit.*, pag. 171.
[3] Marquardt. *Ob. cit.*, pag. 162.

com o numero I; e essa legião suppõe Hübner que tivesse estacionado tambem em Braga ou Astorga, tendo desapparecido, perdendo até o seu nome de *Augusta,* quando Agripa deixou de encontrar n'ella, na guerra com os cantabros, coragem e valor que a tornassem digna de continuar a usar d'esse honroso qualificativo[1].

Não foi só a legião extincta por Agrippa que teve o n.º I em Hespanha; houve outra com o mesmo numero, e foi creada por Servio Sulpicio Galba, quando legado na Hespanha tarraconense, conjunctamente com a VII[2]; essa legião n.º I foi chamada *Ajutrix,* e não é provavel que tivesse, senão incidentalmente, o seu quartel no territorio hoje portuguez.

Esta legião foi a que acompanhou Galba a Roma, indo depois á Germania, de onde não regressou mais á Hespanha[3].

Uma *legião II* figura com a I nas referidas moedas de Cadiz e não podendo ser nem a *II Adjutrix,* creada por Vespasiano, nem a *II Trajana,* por Trajano, nem a *II Italica,* por Marco Aurelio, nem a *II Parthica,* por Septimio Severo, deve ser a *II Augusta* que, no tempo de Tiberio, tinha o seu quartel na *Germania superior,* em Moguncia, e que no tempo de Claudio passou para Inglaterra. Esta legião esteve em Hespanha antes de ir para Monguncia, como o provam quatro epigraphes de tres individuos pertencentes a essa legião, uma d'ellas encontrada em Lisboa[4]. Era uma legião composta de hespanhoes, e que ficára encorporada no exercito de Augusto, e parece que parte d'ella, junta- Legio II — Augusta.

[1] E. Hübner, *Arqueolog. de Esp.*, § 93 (pag. 123), apud Boissevain.
[2] Sueton., *Vida de Galba,* cap. X.
[3] E. Hübner, apud Tacito, § 101.
[4] Hübner. *Corp. Ins. Lat.* II 206.

mente com parte da legião I a que nos referimos já, esteve em Braga ou Astorga [1].

Legião III — Augusta.

Fazendo parte da legião III, *Augusta*, que não sabemos se se comporia de hespanhoes, apparece-nos um lusitano muito illustre, Lucio Cornelio Boccho, porventura natural de Salacia, Alcacer do Sal, ou pelo menos personagem importante n'aquella região e na colonia escalabatina, e que tem o mesmo nome que o escriptor de que fallam Freret, De-Vit e Teüffel, sendo esta analogia notada pelos srs. Hübner e Leite Vasconcellos [2]. Cornelio Boccho, que era perfeito dos Cesares, pontifice perpetuo, *flamen* perpetuo, perfeito dos *fabri* (engenheiros), como se deduz de uma inscripção que existe em Alcacer do Sal [3], era tambem tribuno da legião III, como consta da seguinte inscripção que possue o sr. Almeida Carvalho, de Setubal [4].

Cornelio Boccho de Alcacer do Sal.

l. cORNELIO · L · F
bOCCHO
*flamı*NI · PROVINC
tr. MIL · LEG · III · AVG

Quer dizer: A Lucio Cornelio Boccho, filho de Lucio, flamen da Provincia, tribuno militar da III legião chamada *Augusta*.

[1] E. Hübner, *Arqueolog. de Esp.*, § 94, pag. 124.

[2] Vide o artigo a que já nos referimos: *Excursão archeologica a Alcacer do Sal*, no n.º 3 do *Archeologo portuguez*.

[3] Está em Alcacer do Sal, na parede de uma casa que faz esquina para a rua Direita e para a rua do Cotovello; foi publicada pelo sr. Hübner no *Corp. Ins. Lat.*, II, 24 79, e no seu supplemento n.º 5:617, e é reconstituida pelo sr. Leite de Vasconcellos da seguinte fórma:

... *(Cornelius) (Boc)chus*, pr(aefectus) *Caesarum bis*...
(Pon)t(ifex)? perp*(etuus)*, *flamen perp(etuus)*... *I. pr(aefectus) fabr(um) V. tr(ibunus) mil(itum), d(e) s(ua) p(ecunia) f(ecit).*

[4] Leite de Vasconcellos, loc. cit.

Tribuno militar era o immediato da legião, que no imperio tinha por commandante em chefe um *perfectus castrorum legionis*, ou só *præfectus legionis* por abreviatura. No seculo I da era christã[1] ainda a legião não tinha um perfeito adstricto a ella; esta individuação não existia, e o serviço de quarteis e aposentadoria era feito pela corporação dos *præfecti castrorum* nomeados indistinctamente para esta ou aquella legião; foi Domicillano quem fez a modificação. Cesar creára para commandar a legião o *legatus legionis*, que Galliano substituiu pelo *præfectus legionis*[2]; os tribunos eram quasi que titulos apenas, «brilhantes inutilidades», como lhe chama Mommsen[3]. Tribunos militares.

Os tribunos militares *(tribuni legionis, tribuni militum, tribuni militum legionis)*, diz Marquardt, conservaram durante o imperio as suas antigas funcções com a differença de que, em vez de receber directamente as ordens do general em chefe, obedeciam ao *legatus legionis*, e onde havia um *præfectus castrorum* parte das attribuições passaram para este novo official. Durante a republica havia seis tribunos por legião, que a commandavam cada um por sua vez; não sabemos se no imperio succederia o mesmo; mas continuaram a ser os chefes immediatos durante as batalhas; eram os representantes da legião depois do chefe e membros natos do conselho de guerra. No serviço ordinario as suas funcções consistiam em ter os mappas das forças em dia, licencear os soldados que tivessem completado o tempo de serviço, conceder licenças de favor, exercitar as tropas, superintender nos viveres e provisões, inspeccionar o hospital, exercer a ju-

[1] Marquardt. 3.º periodo, 1.ª parte, 1.
[2] Vegec. lib. 2, c. 9.
[3] *Non magnum in re militari usum habebunt*, dizia d'elles o proprio Cesar.

risdicção no campo, inspeccionar postos e sentinellas, tratar das provisões, e eram responsaveis pela disciplina, instrucção e aptidão militares dos legionarios[1].

Cornelio Boccho era portanto um alto personagem militar; mas vê-se que tinha aptidões especiaes, porque a inscripção o designa tambem como commandante do que poderemos chamar corpo de engenheiros, *præfectus fabri,* de um exercito.

Como esta corporação parece ter sido dissolvida no tempo de Septimo Severo, deduz-se que o nosso compatriota viveu antes do anno 193 da era christã.

Costumava tambem esse cargo ser designado apontando-se o nome do general em chefe *(perfectus fabrum Cœsaris in Gallia, prefectus fabrum Antonii)* de quem era a nomeação, durante o periodo do commando, sendo da absoluta confiança e nomeação d'elle; mas a nossa inscripção falta-nos tambem com essa indicação.

Perfectus fabrum. O cargo de *præfectus fabrum,* isto é, de chefe ou superintendente de todos os serviços technicos, para tratar não só da manutenção do material de guerra, mas da construcção de machinas de guerra, apparelhos de sitio e defeza de praça, construcção de pontes, minas, etc., apparece desde os fins da republica. Muitas vezes pertencia-lhe tambem tratar de missões diplomaticas ou da administração da justiça[2]. O perfeito era escolhido entre os *militiæ equestres,* e confiado a cavalleiros ou officiaes que tinham começado por commandar uma cohorte, e depois chegaram a *tribuni legionum* e mesmo ás mais altas dignidades a que podiam chegar os cavalleiros, em especial a de *procurator*[3].

[1] Marquardt. 3.º periodo, 1.ª parte, 1. — F. Kraner. *L'armée rom. au temps de Cesar*, trd., § 19.
[2] Kraner, obr. cit. apud Mommsen.
[3] Marquardt. 3.º periodo, 1.ª parte, 5.

Quanto á legião III, *Augusta*, a que Boccho pertencêra, não sabemos se constaria de hespanhoes; mas nas noticias que temos d'ella encontrâmol-a, desde o anno 25 da nossa era, em Africa, sendo uma das vinte e cinco que Augusto deixára de pé na sua morte, e das trinta que existiam quando Vespasiano subiu ao throno[1]; e n'uma inscripção, contendo uma lista das legiões, que se suppõe feita entre os annos 120 e 170 da nossa era, vem particularisada a Numidia como o ponto de Africa onde estava de guarnição. Eram das legiões dotadas de novo com cavallaria pelo imperio[2], e parece que foi licenceada por motivo disciplinar[3]. Fiegel consagrou-lhe uma monographia especial[4].

Com o numero IV existiu em Hespanha uma legião, a *Macedonica*, nome que se suppõe ser devido a Marco Bruto, que a organisou na Macedonia, encontrando-se, porém, em Hespanha desde os primeiros tempos de Augusto, onde talvez se conservasse, visto não haver noticia da sua mudança até á epocha do imperador Claudio, em que foi transferida para a *Germania superior*, sendo dissolvida por Vespasiano. A existencia d'esta legião em Hespanha é provada pelas lapides encontradas, pelas moedas de Saragoça (cidade onde teria estado alguma *vexillatio* da legião IV, e onde depois se encontrou, no tempo de Tiberio, vindo de *Juliobriga,* hoje Retortillo, a uma legua de Reinosa). N'essa cidade teve os seus quarteis, conjunctamente com os da VI e X, pelas mesmas moedas denunciadas, visto que se lêem n'ellas os nomes das tres legiões juntas. Essa legião foi, ao que parece, composta ao principio de peninsulares, e depois de soldados da

Legio IV Macedonica.

[1] Borghessi. Ob. IV, p. 240.
[2] Cento e vinte cavallos, em quatro turmas.
[3] Marquardt., loc. cit., nota.
[4] Fiegel. *Historia Legeonis III Augusta.* Berlin, 1882.

Gallia Narbonense, segundo o que é indicado nas lapides encontradas em Tucci (hoje Martos), e as que se conservam em Moguncia[1].

Legio v — Alaudae.

A legião v, das duas que tiveram essa numeração, que esteve em Hespanha foi a *Alaudae,* uma das tres que se suppõe terem sido creadas por Cesar, nas Gallias, quando dictador, e que teve esse nome por causa do penacho do capacete, em fórma de poupa de calhandra, que os gaulezes que formavam essas legiões conservavam como distinctivo privilegiado[2]. O seu quartel devia ter sido em Merida, capital da Lusitania, quando veiu das Gallias; tendo estado na campanha de Africa contra o rei Juba, e na batalha de Munda, na ala esquerda do exercito cesario, seguindo depois a signa de Marco Antonio, até ir para a Moesia. A sua estação em Merida é comprovada pelas moedas n'aquella cidade cunhadas pelo imperador Augusto, e onde conjunctamente se indicam as legiões v e x, — pelas moedas na mesma cidade cunhadas por Publio Caricio, e onde se vê o capacete symbolico; e pelas moedas de Cordova se deduz tambem que temporariamente, essa legião, e a x, estiveram de guarnição na capital da Betica[3]. Esta v *Alaudae* suppõe Mommsen que foi licenciada no tempo de Vespasiano; Marquardt julga ter sido anniquilada na guerra contra os sarmatas, no tempo de Domiciano[4]. Os quarteis d'esta legião, portanto, não nos interessam pelo facto de se saber que tivessem existido em qualquer ponto do territorio hoje portuguez, mas porque existiam dentro de provincias romanas de que os territorios hoje portuguezes faziam parte.

[1] E. Hübner, *Arqueol. de Esp.*, § 95, pag. 125.
[2] Marquardt suppõe ser a mesma que *Legio v Gallica*, pag. 163, nota.
[3] E. Hübner, § 95.
[4] Marcquardt, apud Suet., Eutrop. e Tacito, pag. 168.

Com o numero VI tivemos na peninsula a *Victrix,* que, com a IV, foi por Cesar constituida com soldados da Gallia transalpina, e que figura com a referida legião, quando ambas já formavam a guarnição da peninsula, nas moedas já mencionadas de Saragoça; tinha centuriões hespanhoes, como prova o monumento epigraphico dedicado a Aulo Octavio Ligur por esses centuriões e encontrado em Bracciano, Italia, e devia ter estado em Hespanha pelo menos até á morte de Nero e acclamação de Galba, feita por esta unica legião, que ficára então em Hespanha, com mais tres cohortes e duas alas de auxiliares, força reputada sufficiente para manter o dominio[1]. Embora não se possa fixar nenhum ponto do territorio hoje portuguez onde esta legião tivesse estado, tem ella para nós muito interesse por se lhe ligar a memoria de compatricios que a ella pertenceram e cujas sepulturas se encontraram no nosso territorio: — o soldado Lucio Valerio Silvanio dos arredores de Braga, e o veterano Claudio Valente, de Valença do Minho[2]. Esta legião VI *Victrix,* deve ter deixado Hespanha no tempo de Vespasiano, que a passou para a Germania inferior, onde se encontraram tijolos com os nomes de seus legionarios, entre os quaes estão alguns evidentemente peninsulares, tendo depois essa legião passado para a Panonia no tempo de Trajano, e d'ahi para a Inglaterra no tempo de Adriano[3]. Legio VI — Victrix.

Com o numero VII, tem um papel conhecido na historia da romanisação do nosso territorio a legião que trabalhou para a construcção da estrada militar de Braga a Astorga, por Aquæ Flaviæ (Chaves) Legio VII — Gemina.

[1] Hübner, *Arqueol. de Esp.,* apud Tacito, Suet. e Flavio Joseph., § 97.

[2] E. Hübner, *Arqueolog. de Esp.,* § 97. — *Ephem. Epigr.,* v, p. 15, e C. I. L. II, 2374, 2465 e *addenda,* pag. 706.

[3] Marquardt e Hübner, apud Tacito, Vilmanns, Brambach. Ob. cit.

em concorrencia com dez povoações, cuja memoria ficou gravada para sempre na conhecida inscripção da ponte de Chaves, que reproduzimos n'outro logar.

Esta legião que deu o nome á cidade de Leão, ao norte de Hespanha, já por Ptolomeu designada por *Castrum legionis septimae,* e indicada no itinerario de Antonino como o termo da estrada de *Italia in Hispanias ad Callaeciam ad legionem* VII *geminam*—, teve pelo menos uma das suas fracções em Braga, como o provam as inscripções encontradas n'aquella cidade[1], e teve-as tambem em Astorga, Lugo, Lara dos Infantes, *Tritium,* Burgos e Cazlona. O que se vê é que era uma legião destinada á guarnição e segurança da região dos antigos callaicos e asturios. Foi recrutada na Iberia e com iberos, diz Tacito[2]. De vexillações d'esta legião temos tambem provas de terem existido em Ampurias, Denia, S. Cristobal de Castro e Italica. A não ser na guarnição da Panonia ou Hungria, onde se demorou pouco, e nas expedições a Roma, nas luctas para enthronisação de Vespasiano, á Germania, no tempo de Domiciano e Adriano, e á Inglaterra no tempo d'este ultimo imperador, a legião VII. sempre se conservou em Hespanha, e o seu principal quartel
Quartel em Leão. foi em Leão, sobretudo do seculo II até meiados do seculo III, como o provam as pedras, columnas, inscripções militares, lapides sepulchraes, ladrilhos e telhas que ali se tem encontrado abundantes[3]. Tambem uma sua forte vexillação esteve, evidentemente, em Tarragona, capital da Citerior, onde parece ter recebido a aguia das mãos de Galba[4].

[1] E. Hübner, *Arqueolog. de Esp.*, pag. 146, e J. C. L. II 2389 e 2425.
[2] Tacito. *Hist.*, lib. III, c. 4
[3] Presb. D. Fidel Fita. *Legio* VII *Gemina*, no *museo español de antequidades*, tom. I.
[4] E. Hübner, ob. cit. § 102.

Que no anno 130 de Jesus Christo já esta legião regressára á patria, da expedição á Germania, e tinha os seus representantes em Braga, prova-o a inscripção encontrada n'esta cidade e que dá noticia do voto consagrado por alguns soldados d'essa legião a *Jupiter Optimus Maximus;* não ha provas de que estivesse em outro ponto do nosso territorio, mas, tendo os seus soldados entrado na construcção da estrada de Braga a Chaves, é provavel que tivessem n'estes pontos residencia, e é positivo que n'esse territorio permaneceram os seus legionarios. Fita suppõe que uma sua fracção teria estado em Castro de Avelãs[1].

Braga.

Castro de Avelãs.

Quando o amor pelas pesquizas archeologicas se desenvolver entre nós, de certo se encontrarão elementos para determinar os quarteis d'esta e outras legiões, como estão determinadas com respeito áquellas que deixo indicadas.

Esta legião VII, conhecida pelo nome de *gemina felix,* como a indica tambem a inscripção de Chaves, foi creada, como já dissemos, por Galba, juntamente com a legião I *adjutrix,* dando-lhe a aguia em junho do anno 68. Tacito chamava-a legião *Galbiana,* para a distinguir da outra do mesmo numero. Hübner é de opinião que o cognome de *gemina* lhe foi dado officialmente para estabelecer essa distincção, e o de *felix* por algum exito notavel em qualquer emprehendimento em que tivesse tomado parte, figurando os dois epithetos ora juntos, ora separados, tendo-lhe sido accrescentado mais um, o de *pia,* no tempo de Caracalla[2]. O presbytero Fita suppõe que os feitos que deram á legião o nome de *felix* foram os alcançados na lucta contra Victelio, que levou aquella legião hespanhola até Roma, sob

[1] Presb. D. Fidel Fita, loc. cit.
[2] E. Hübner, *Arqueol. de Esp.,* pag. 140.

o commando de Primo Antonio, natural de Tolosa, nomeado por Galba, pretor da Tarraconense, e depois partidario de Vespasiano, tendo obrado actos de valor que á legião valeram louvores do senado, e ao seu chefe as honras consulares[1].

Sobretudo nos primeiros tempos era uma legião formada exclusivamente de peninsulares. Como a legião IX, foi conhecida pelo nome de *Hispana*, e evidentemente era constituida por peninsulares, facto de que lhe veiu a designação. Nenhum documento ou indicio mostra que tivesse estado na peninsula, como succede tambem com as legiões *VI Terrata, XI Claudia, XII Fulminata*, e *XIV Gemina Martia Victrix*, as quaes nunca viveram em Hespanha, tendo estado a primeira ora na Syria, ora na Judéa, a segunda na Syria e Capadocia, a terceira na Dalmacia, a quarta na Germania superior ou na Dalmacia tambem, etc. A legião *Hispana* esteve na Panonia, no tempo de Augusto, sendo mandada para Roma por Tiberio e depois para Africa, voltando á Panonia para passar á Inglaterra no tempo de Claudio. Suppõe-se ser a mesma que foi conhecida pelos nomes de *IX Macedonica* e *IX Triumphalis*[2]. A *IX Hispana* deixou de existir ao tempo de Marco Aurelio.

Legio XI Gemina.

Com o numero X ha uma legião que nos interessa tambem, das duas que tinham esse numero: é a *X Gemina*, que naturalmente teve este qualificativo pela mesma rasão que a legião VII já referida. Esse interesse não vem do facto de haver vestigios da sua estada em territorio hoje portuguez, mas porque evidentemente uma parte d'essa legião esteve na capital da Luzitania, em Merida ou perto d'essa cidade: assim o demonstram as moedas ali encon-

[1] Presb. D. Fidel. Fita, loc. cit.
[2] E. Hübner e Marquardt, apud Tacito e Borghesi.

tradas, e onde essa legião figura conjunctamente com a I, sendo por isso de toda a probabilidade que essas duas legiões viessem trazidas por Cesar.

Até aos principios do imperio de Augusto esta legião não traz indicação de ter tido o qualificativo que só apparece n'essa epocha: *legio X Gemina.* Parece que foi por Nero mandada para fóra de Hespanha, regressando, porém, logo, e sendo enviada para a Germania no tempo de Vespasiano.

Legio XII — Fulminata.

Fallando das legiões que, apesar de compostas de peninsulares, não estiveram na peninsula citámos a *XII Fulminata.* Uma inscripção, que existe hoje no nosso museu archeologico do Carmo, e que foi directamente obtida do governo francez pelo digno director d'aquelle museu sr. Possidonio da Silva, mostra que uma cohorte d'essa legião, composta de soldados braccarenses, esteve em Mytilene e contribuiu para a conquista da Capadocia pelos romanos. Essa inscripção refere-se ao anno 70, o que coincide com a informação do historiador Joseph [1], que dá a legião XII em Mytilene, sobre o Euphrate. Suppõe-se com bastantes fundamentos que é a legião XII de Cesar, então sem titulo, tendo no exercito de Antonio o nome de *leg. XII Antiqua,* e no de Octavio de *leg. XII Paterna,* recebendo o qualificativo de *Fulminata* no tempo de Augusto [2]. Como a *Alaudae,* que parece ter tomado o nome da insignia que trazia no capacete, representando a poupa de uma calhandra, suppõe-se que o qualificativo de *Fulminata* viria á legião XII do ornato do raio que os seus soldados traziam nos escudos; não é, porém, ponto assente, porque o raio, como ornato no escudo, apparece n'outras legiões.

A inscripção do museu do Carmo.

[1] Joseph. *B. Ind.* 7.
[2] Marquardt, 3.º per., part. I.

Os auxiliares

Alem d'estas legiões de que ha noticia como tendo feito parte da guarnição romana na peninsula e particularmente no territorio hoje portuguez, alguns documentos nos dão tambem a conhecer a existencia de algumas *cohortes*, como unidades independentes, o que vimos ser corrente na milicia romana, sobre tudo nos corpos auxiliares, sendo a *cohorte* unidade de infanteria, como a *ala* unidade de cavallaria. Compostos primeiramente apenas de estrangeiros, gente dos paizes dominados e que eram mandados em auxilio das legiões que estavam fóra da sua patria, essas tropas passaram a ser formadas indistinctamente de romanos e não romanos, á proporção que o direito de cidadãos de Roma foi concedido aos estranhos.

Constituição dos auxiliares.

Primitivamente Roma só tinha as legiões consulares, compostas de cidadãos romanos, e os *socii*, contingentes das cidades confederadas da Italia e colonias latinas, os quaes tinham um effectivo igual ao do exercito dos cidadãos, e que em unidades, que se chamavam *alas* ou *cohortes alares*, combatiam nas alas das legiões, commandadas por seis romanos nomeados *perfecti socium*, tres para cada ala; abaixo d'elles estavam os *extraordinarii*, ou contingentes de cada cidade alliada. Os *auxilia* eram tropas constituidas por gente de origem não latina ao principio, sendo recrutados ás vezes no proprio paiz onde se fazia a guerra[1].

Em Hespanha.

Mesmo na peninsula, passou a haver no tempo do imperio alas e cohortes compostas de peninsulares, entre os quaes é conhecida a ala *Secunda flavia*

[1] Kraner., loc. cit.

Hispanorum, que — com a *secunda Tautorum victrix civium Romanorum miliaria,* composta de gaulezes, e a segunda *Thracium* —, fazia parte do exercito da peninsula, como tambem as cohortes *prima* e *tertia* (e porventura a *secunda) Celtiberorum,* acampadas em San Cristobal de Castro, a *Cohors prima callæcorum,* que devia estar na mesma guarnição, a terceira *Lucencis,* em Lugo, a *sexta Asturum,* em Astorga, e a *sexta Brittonum,* em Braga, conjunctamente com as tres cohortes *gallorum,* das quaes a terceira é conhecida pelas inscripções de Vizeu, de Italica e de Sevilha[1].

A existencia d'estas tropas auxiliares é conhecida e as suas sédes são determinadas approximadamente por meio das inscripções encontradas em diversos pontos da peninsula. Emilio Hübner, enumerando-as, diz que não se póde saber se estas dez cohortes estavam todas ao mesmo tempo em alguma das provincias hispanas, mas que o numero de tres ou quatro alas de cavallaria e de dez ou doze cohortes de infanteria corresponde cabalmente ao numero das auxiliares que costumava ter uma legião, sendo possivel que n'esses quatorze ou dezeseis corpos esteja o numero approximado de todas as brigadas auxiliares que em Hespanha se encontravam do seculo II ao IV[2].

É claro que á falta de documentos, e, provindo os dados para o conhecimento da existencia d'estes corpos apenas das inscripções até hoje conhecidas, este calculo é uma hypothese plausivel; nada se sabe com respeito á epocha em que cada um d'esses corpos esteve aqui de guarnição ou se formou, nem portanto, com respeito ás proporções entre umas e outras especies de tropas, que não só va-

[1] E. Hübner, *La arqueol. de Esp.,* § 105.
[2] Hübner, id.

riavam segundo as necessidades da guerra, mas mesmo na paz não eram sempre as mesmas, visto não haver quadros determinados, como actualmente. Dos ultimos tempos de Nero sabe-se, por uma referencia de Suetonio, que, com a já referida legião VI, estavam na peninsula apenas duas alas e tres cohortes [1].

Modificações.

Depois de Diocleciano, o exercito romano soffreu uma radical modificação, até nos nomes por que passaram a ser conhecidos os diversos corpos; e encontram-se informações interessantes com respeito a alguns pontos da organisação no seculo IV e V na especie de *Guia official* do imperio, do principio do seculo V, com a indicação dos nomes dos altos funccionarios das provincias, dos corpos que guarneciam as diversas praças fortes romanas em todo o seu dominio, guia que tem por titulo *Noticia dignitatum.* N'ella vem mencionadas as tropas que estavam na peninsula sob as ordens de um conde com grau equestre, *cum viro spectabili comite.*

Como a *Notitia dignitatum* se deriva, até certo ponto, do *Breviario* de Augusto, e tem informações tiradas de documentos antigos, n'ella vem mencionados alguns cargos militares que servem para fixar certos dados fornecidos por outros documentos, sendo para lamentar que essas informações não sejam completas, pois que apenas se referem aos cargos militares na *parte peditum,* faltando a *parte militum.*

Nos cargos que vem ali mencionados está um que até certo ponto nos diz respeito. É o do *Tribunus cohortis secunda* e *Flaviae Pacatiane Poetaonio*, que mostra que em Petavonium, — cidade dos Superacos, porventura em Traz os Montes, e que no

[1] Suetonio, *Vida de Galba,* cap. 10.

itinerario de Antonio é collocada na estrada de Braga a Astorga por Chaves, entre Astorga e Compleutica, estação ainda não determinada com precisão —, estava uma cohorte, cujo chefe se chamaria *Pacatus*, e que Hübner julga poder ter substituido a ala do mesmo nome, de que já fallámos, mas que póde tambem ter subsistido independentemente d'aquella.

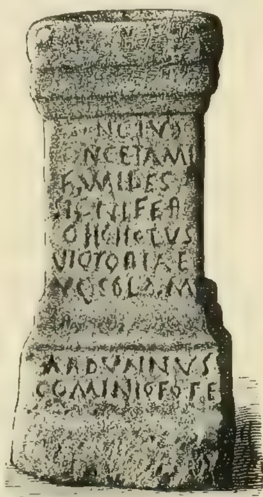
Entre as cohortes indicadas n'esta relação tem o n.º II a segunda dos gaulezes, para indicar uma das tres d'essa origem que entravam na guarnição da peninsula; de nenhuma outra com o n.º II temos noticia pelos documentos já referidos. Cohorte II.

Uma ara, porém, de duas referentes ao mesmo individuo, encontradas na Idanha e transferidas d'ahi para o Fundão, onde estavam no jardim do sr. João Baptista de Andrade, e hoje se acham de emprestimo na bibliotheca nacional de Lisboa, ao cuidado do sr. Leite e Vasconcellos, (fig. 51)[1], diz: Um porta-estandarte de Idanha,

TONGIVS
TONGETAMI
F MILES
SIGNIFER
COH ♡ II ♡ LUS
VIQTORIAE
V ♡ S ♡ L ♡ M

E na base:

ARDUNNUS
COMINI ♡ F ♡ FE



(Fig. 51)
Ara de Idanha

[1] Á amabilidade do sr. Leite de Vasconcellos devemos o poder reproduzir aqui as gravuras das aras de Idanha.

Tongius Tongetami filius, Miles, signifer coh. II *Lusitanorum Victoriae votum solvit libens merito.*
Ardunus Comini, filius, fecit.

O que, traduzido, quer dizer:

Tongio, filho de Tongetamo, soldado porta-bandeira da cohorte II *dos lusitanos, cumpriu de boa vontade o voto á (deusa) Victoria.*
Arduno, filho de Comino, fez este monumento.

É, portanto, a ara votiva de um porta-bandeira da II cohorte dos lusitanos. Mas, essas cohortes, compostas de lusitanos, e pelo nome d'estes conhecidos, onde tiveram os seus quarteis? Pertenceram alguma vez á guarnição da peninsula ou eram corpos auxiliares destinados a outros pontos da conquista?

Cohortes de lusitanos.

Que pelo menos houve tres cohortes com a designação *Lusitanorum*, e que a I e III estiveram nos seculos I e II na Germania e na Panonia é positivo[1]; pelo que consta da inscripção que no *Corpus Inscriptionum Latinorum* de Hübner, (vol. II, n.º 432), se vê que um cavalleiro d'essa cohorte, natural da Lusitania, collocou tambem na sua patria uma ara ás deusas do seu paiz.

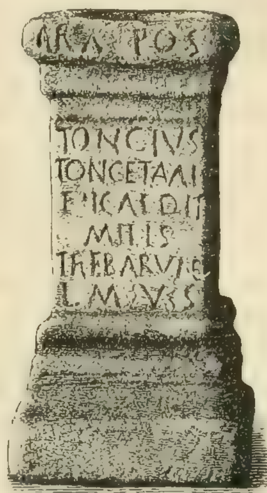
Mas, onde estaria a cohorte II do mesmo nome cujo porta-bandeira, que se vê era natural de Idanha, pela inscripção da outra ara da mesma proveniencia, levantava altares á deusa Victoria na terra do seu berço? Estaria tambem de guarnição fóra da peninsula ou teria tido alguma vez a sua séde em Idanha, ou outro ponto da Lusitania? Não temos dados para responder a estas perguntas, po-

[1] Hübner, *Arqueol. de Esp.*, § 105, e Marquardt, *Organis. mil. entre os rom.* Per. 3.º, part. 1.ª e 2.ª e not. 8.

rém, o mais provavel é que estivessem de guarnição na Panonia.

Que o porta-bandeira d'essa legião era de Idanha, consta da seguinte inscripção da outra ara da mesma origem (fig. 52), a que já nos referimos:

ARA POS
TONGIVS
TONGETAMI
F IGAEDIT
MILES
TREBARVNE
L ❦ M ❦ V ❦ S



(Fig. 52)
Ara de Idanha

Ara posuit Tongius Tongetami filius, Igaeditanienses miles Trebarune.
Libens merito votum solvit.

Ou em vernaculo:

Tongio, filho de Tongetamo, igeditaniense, soldado, cumpriu de boa mente o voto a Trebaruna e collocou esta ara.

Nada mais se póde apurar por emquanto com respeito a esta cohorte II, das tres compostas de lusitanos, e tambem de panonios, como a I, — *I Cohors lusitanorum scutata.*

Alem d'estas cohortes temos ainda noticia de 10 outras compostas de hespanhoes, *Hispanorum,* Cohortes de alas de hispanos.

que se suppõe recrutadas na Betica[1]; do mesmo modo o seriam tambem as *alas* de cavallaria conhecidas pela mesma designação; essas cohortes eram numeradas de 1 a 10, e não apparecem mencionadas como fazendo parte das forças estabelecidas na peninsula. Hübner dá estas cohortes como tropas auxiliares fóra da peninsula.

N'estas tropas tiradas de todas as regiões da peninsula figuram soldados de todas as graduações, em *vexillações* ou cohortes enviadas em expedição a todos os pontos da conquista romana. Alem das 7 cohortes de lusitanos, das 5 alas e 6 cohortes de *hespanhoes*, propriamente ditos, ou de beticos na opinião de Marquardt, são conhecidas duas alas de Arévacos, tres de Astures, uma dos Aucentanos e dos desconhecidos *Campagones;* e cohortes, figuram duas de Astures e Callaicos, seis só de Astures, cinco de Bracaragustanos, cinco de Lucenses ou naturaes de Lugo, duas de Cantabros, tres de Celtiberos, uma dos desconhecidos *Coriates* e *Venaesi*, duas de Turdulos, duas de Vasconsos, duas de Vettões, não fallando já de individuos de diversas origens peninsulares que figuram nas inscripções até hoje encontradas, como tendo occupado os principaes postos nas legiões, nas cohortes e outros corpos militares[2].

O peninsular, que em todos os tempos se distinguiu pelas suas aptidões para a guerra e altas qualidades de soldado soffredor e activo, teve nas fileiras do exercito romano um papel importante, e foi dos elementos mais poderosos de lucta com que sempre contou o grande povo, dominador do mundo.

[1] Marquardt, *Org. mil. entre os rom.*, 3.º per., 2, ao contrario da opinião de Hübner que diz não ter a Betica fornecido contingente algum ao exercito, nem de auxiliares de pé nem a cavallo, nem mesmo marinheiros. *Arqueol. de Esp.*, § 104.

[2] Emilio Hübner, *Arqueol. de Esp.*, § 104.

VII

Os castros

Idéa geral



Se não fóra a destruição que vem de seculos, não tanto ás vezes pela acção do tempo, como pela ignorancia dos que aniquilam thesouros do passado sem lhes conhecerem a importancia e o valor, elementos de sobra teriamos para fazer um interessante inventario das fortificações que os nossos antepassados levantaram, no decurso dos seculos, no territorio que hoje occupâmos. Todavia, muito haveria que aproveitar do que ainda subsiste, se se podesse organisar uma exploração methodica n'esse sentido, ou mesmo se houvesse dispersos pelo paiz muitos individuos que, por meio de estudos especiaes, se votassem a fazer uma colheita de informações seguras, com que se desvendassem alguns mysterios do passado.

A destruição.

Martins Sarmento.

O nosso erudito amigo, o sr. Francisco Martins Sarmento, a quem o paiz deve as unicas explorações sérias e a valer sobre as primitivas estações fortificadas, pensou ha tempos em estudar os vestigios dos antigos *castros,* sobretudo de entre Minho e Douro, a fim de levantar uma especie de esboço de planta comprehendendo apenas as povoações mortas; mas desistiu da idéa, diz-nos elle, porque se convenceu de que teria de consumir todo o tempo em correr montes.

Planta dos castros.

Se houvesse, aqui e acolá, explorações feitas por pessoas idoneas, embora incompletas e summarias, a incontestavel competencia do sr. Martins Sarmento encontraria elementos de auxilio para um trabalho serio e de grande alcance.

Tendo-me consagrado ao trabalho de estudar aqui, desde as suas primitivas origens, as relações do passado com o presente na nossa arte da guerra e organisação militar, pareceu-me interessante dar uma noticia, embora succinta, d'essas antigas fortificações.

Pelos estudos que se tem feito em Portugal e na Galliza, de tão estreitas relações ethnicas comnosco, podemos concluir, em geral, que as construcções destinadas a fortificar uma povoação dependiam, como era natural, das condições do terreno, sendo os castros quasi sempre collocados no cabeço dos montes, rodeados de um ou mais cintos de muralhas; havia comtudo alguns nas encostas. Aproveitavam-se os accidentes do terreno, como naturaes defensas: rios, ribanceiras, valles, declives fragosos, quasi sempre a conjuncção de dois cursos de agua; a fortaleza do recinto murado dependia das necessidades da guerra e da qualidade do inimigo. Assim é que, sob o ponto de vista militar apenas, independentemente dos objectos que n'elles se descobrem, e pela simples inspecção das mura-

lhas, se póde reconhecer quaes os castros que tiveram de resistir ás armas romanas; é o que se dá, por exemplo, com a Citania de Briteiros, e os castros de S. Romão e Tintinolho, contemporaneos dos romanos, comparados com a Castro do Sabroso, povoação que se extinguíra bem antes da invasão de Roma.

Já hoje não ha duvidas sobre o destino e funcção principal do que para os romanos passou a ter o nome geral de *castros*.

Sobre a lenda dos encantamentos e do mourismo, tinham vindo as chimeras da erudição classica, ou a phantasia religiosa, tecer e bordar romances.

Opiniões sobre as origens dos castros.

Segundo uns, os castros eram os logares de refugio dos christãos no tempo dos mouros [1] (mouro é o qualificativo com que a tradição assignalou tudo que representava um elemento nocivo); segundo outros, eram as fortalezas dos povos indigenas, com que estes deram que fazer aos romanos [2]; segundo outros, eram construcções celticas onde se plantava o carvalho sagrado [3] da religião dos druidas, ou que lhes servia de sanctuario dos seus deuses [4]; outros lhes attribuiam, finalmente, a funcção de vigia e defeza das estradas publicas [5].

Cada uma d'estas asserções contém uma parte da verdade.

[1] D. Prudencio de Sandoval, *Antiguedad de la ciudad y iglesia catedral de Tuy.*

[2] Castellá Ferrer, *Historia de Santiago.*

[3] Ao norte da povoação de Donae, a 3 kilometros da cidade de Bragança, existe um grupo de carvalhos, n'uma area de 20 a 30 metros, a que chamam *O sagrado;* esteve sempre a cargo da freguezia tratar d'aquellas arvores seculares, sendo ha poucos annos vendidas a um particular; o terreno é de rocha permeavel, schisto, e destaca-se perfeitamente do resto do terreno. Não era permittido cortar as arvores e havia por ellas um respeito tradicional.

[4] Martinez Padin, *Historia de la Galicia.* D. José Verea, *Historia de la Galicia.* D. Leandro Saralegui y Medina, *Estudios sobre la época celtica en Galicia.*

[5] P. Sobreira, ap. Villa Amil, *Museu de antiguedades de España,* tom. VII.

O culto. Sendo nos primitivos tempos necessaria uma segurança e vigilancia contínuas contra o inimigo, quer fosse o das localidades vizinhas, quer um invasor estrangeiro, claro é que, dentro das suas muralhas haviam os povos de guardar, com os seus lares, os seus deuses e os objectos do seu culto; em epochas muito posteriores, na meia idade, encontrâmos os templos construidos dentro do recinto murado, como ainda hoje se vê em Bragança, Moura, etc.

Vigia. Que os castros serviam de vigia e defeza das estradas é tambem ponto fóra de duvida; basta ver a posição de alguns d'elles com relação aos caminhos cujos vestigios se conservam ainda.

Origens celticas. Com respeito aos celtas, esta palavra, no sentido em que era de antes empregada, é tão vaga, que não podia servir para a indicação de uma determinada raça; mas o estudo e comparação dos monumentos, objectos de culto e uso domestico, linguagem, crenças, habitos, superstições, e o mais que se encontra, se póde dizer, no fundo da consciencia dos povos primitivos que habitaram a Hespanha, a Gallia, a Inglaterra, levam-nos, com relação aos castros da Galliza e aos mais antigos do norte de Portugal, a acceitar uma filiação de origem, podendo porventura mais este elemento vir juntar-se aos que servem de base a alguns escriptores para a identificação de raças nos tres mencionados paizes[1]; do mesmo modo que a identidade dos monumentos, das tradições, do *folk-lore* megalithicos, a diffusão dos animaes domesticos e dos cereaes, etc., tem servido para assentar definitivamente as bases de uma grande unidade pelasgica, muito anterior á unidade romana; indo-se mesmo ao ponto de se querer assentar fundamentos scientificos para mos-

[1] W. Boyd Dawkins, *Early man in Britain and his place in the tertiary period.*

trar que a corrente d'essa grande civilisação primitiva, em vez de se mover do oriente para o occidente, teve, pelo contrario, origem em alguma parte do oeste da Europa, para ir alcançando successivamente a Italia, a peninsula dos Balkans, a Asia Menor, não se pondo em contacto com a corrente egypto-babylonica senão no seculo XVI antes da nossa era [1]

O estudo demorado dos innumeros castros do nosso paiz contribuiram para abrir clareiras de luz na historia de um passado remoto a que nos ligam bastantes tradições.

Os castros peninsulares.

Os escriptores gregos e romanos dizem-nos que os habitantes da peninsula construiam as suas habitações em logares altos e escarpados; Strabão informa que os callaicos habitavam logares montanhosos e que os celtas viviam dispersos em pequenas povoações ou burgos, de certo fortificados; sabemos tambem que Cesar obrigou os peninsulares a abandonar os seus povoados nos altos das montanhas e descer ás planicies.

O *pagus*.

Todas as informações nos dão os habitantes da peninsula, sobretudo n'esta região que hoje é portugueza, constituidos em pequenos organismos, sem a cohesão necessaria para formar grandes populações; as trezentas cidades que Bruto se orgulhava de ter tomado, não eram mais de trezentos castros disseminados n'uma area extensa. Um dos caracteristicos do grau de civilisação d'esses povos, é que cada grupo de familias habitava seu castro; um grupo d'estes constituia um *pagus*, e tinha entre si relações de raça, de interesse, de defeza mutua, do mesmo modo que, mais tarde, uma unidade mais

[1] Salomon Reinach, *Les monuments de la pierre brute dans le langage et les croyances populaires*, na *Revue achéologique*, mai, juin, 1893.

importante, a *civitas*, representava tambem a solidariedade entre diversas povoações, sob a mesma jurisdicção, tendo por cabeça aquella em que residia o chefe, naturalmente n'um ponto central e estrategico.

Disposição dos castros.

Na disposição dos logares fortificados até hoje conhecidos nota-se que ella obdece a um plano e systema de defeza mutua. Em toda a peninsula se nota o mesmo, muito principalmente na Galliza e no nosso Entre Douro e Minho e Traz os Montes.

O que tivemos occasião de confirmar, por observação propria, nas proximidades da cidade de Bragança, e acima deixámos dito, é referido com relação á Galliza, por Madoz, no seu *Diccionario geographico,* palavra *Castro.*

«Assim se chamava *(o castro),* diz elle, uma collina a meia legua de Ponferrada, de bastante altura, cujo cume foi artificialmente aplanado, rodeando-o de um fosso e construindo-se com a terra tirada d'elle um parapeito ou trincheira: no centro ha vestigios de um fosso ou cisterna, e no parapeito signal de ter havido só uma entrada. Hoje em dia está coberto de medronhos e outros arbustos; e quando estes se arrancam acontece encontrar-se alguma moeda romana, esporas, etc. Um curioso que viaje desde Astorga até Santiago póde observar a serie ininterrupta d'essas fortificações com que se defendia o paiz, com poucos destacamentos que facilmente se auxiliavam e se entendiam por meio de signaes: em toda a parte conservam a denominação de *Castro*, sendo os mais notaveis, n'esta especialidade, o já descripto de Castropodame e o de Tinolledo.»

Estes castros eram combinados com pontos altos, de onde se faziam signaes para se entenderem de

fortaleza para fortaleza, ou mesmo de arraial para arraial, e d'isso ficou entre nós vestigio perpetuo nos nomes de *vigia, atalaia, almenara* e outros com que até hoje se conhecem alguns pontos dominantes, conjugados com o systema de fortificação. Mesmo em Lisboa, antiquarios illustres querem que o sitio onde passa hoje a rua da Atalaia, e d'elle tira o nome, era um ponto onde se estabeleceram vigias para os arrabaldes occidentaes, desde Campolide a Alcantara, e para movimento do rio, servindo-se de *almenaras* de noite e de fumaradas de dia.

Os castros em Portugal

D'essa disseminação de pequenas povoações fortificadas pelo paiz, nos dão irrefragavel testemunho os vestigios de uma infinidade d'ellas que ainda hoje se encontram.

Só de uma região muito restricta de Entre Douro e Minho devemos a uma informação particular do sr. Francisco Martins Sarmento uma relação numerosa.

Não havendo elementos de exploração para uma classificação mais especialisada, dividiremos esses castros em dois typos: 1.º, o da povoação preromana do Sabroso; 2.º, o da sua vizinha Citania de Briteiros, contemporanea dos romanos.

Comecemos pelo litoral, desde o Minho até ao Douro:

Em Caminha, onde hoje se vê o castello, houve de certo um castro, porém obras relativamente modernas apagaram-lhe os principaes vestigios. Em Caminha.

Defronte de Caminha, mas já na Galliza, no alto de Santa Tecla houve outro; o castello de Vigo está situado no antigo *Vicus Spacorum,* typo da Citania de Briteiros.

Sobre o Ancora.

Na margem esquerda do rio Ancora, freguezia do mesmo nome e não longe da foz do rio, está a *Cividade* (2.º typo); a um tiro de bala de arma de pederneira, o chamado *Morro dos Mouros* (1.º typo).

Na margem direita o *castro dos Mouros* (1.º), na freguezia de Vile; o *Castro*, na freguezia de Riba de Ancora (2.º) e a *Crôa* (1.º), no Amonde. A *Cividade* fica na extremidade norte do monte chamado erradamente de Santa Luzia, ou da cordilheira que se estende desde a foz do Ancora até á foz do Lima. Adiante da *Cividade*, na mesma cordilheira, indo para sul, encontra-se o já mencionado *Morro dos Mouros*, cremos que já pertencendo a Affife, e mais longe, pertencendo á freguezia de Areosa, o *Castro* (1.º) e por ultimo no verdadeiro monte Santa Luzia, sobranceiro a Vianna, as ruinas chamadas de *Santa Luzia* (2.º)

Na planicie, entre a cordilheira mencionada e o mar, ha ainda o *Monte de Santo Antonio*, em Affife (1.º) e em Carreço, em Monte Dor, um castro em ruinas (1.º).

Entre o Lima e o Neiva.

Entre o Lima e o Neiva está Santa Maria do Castro (Neiva) (1.º) e o castello do Neiva, junto á foz do rio (2.º)

Entre o Neiva e o Cávado.

Entre o Neiva e o Cávado: o monte de S. Lourenço (2.º), a *Chã* (1.º); ao norte, o *Castro do Bellinho*, e ao sul um outro cuja categoria ignorâmos.

Entre o Cávado e o Ave.

Entre o Cávado e o Ave: o *Castro de Nabaes* (1.º), freguezia do mesmo nome; o monte de Laúndo (1.º), freguezia do mesmo nome; o *Monte Ferroso* (2.º), ruinas com o nome de *Cividade* (2.º), e perto, entre esta e o antecedente, o *Castello de Casaes* (1.º).

Foz do Ave.

Junto á foz do Ave, onde está o convento de Santa Clara, houve um *castro*, denominação que subsiste ainda.

Entre o Ave e o Leça.

Entre o Ave e o Leça: na margem esquerda do

Ave, freguezia da Retorta, o *Castro do Boi*[1] (1.º). Junto á foz do rio Leça, margem esquerda, o *Castello* (2.º), freguezia de Guifães. É provavel, embora os vestigios estejam muito apagados, que perto da foz do Douro, margem direita, no monte Luz (Foz) estivesse algum castro[2].

Seguindo agora o curso dos rios, temos:

Rio Minho: *Castro de Mouros* (1.º), freguezia do mesmo nome; o *Espirito Santo* (1.º), em Villa Nova da Cerveira; o Monte de Goes (2.º); o *Castro*, na freguezia da Roboreda (1.º). Rio Minho.

Rio Lima: *Monte de S. Silvestre*, margem direita, e fronteiro a elle, na margem esquerda, o *Monte de Roques* (2.º), não longe de Villa Punhe. Em ambas as margens ha muitos mais. Rio Lima.

Rio Neiva: Carmona (2.º), junto do convento do Carvoeiro, sitio onde é antiga tradição local que foi uma grande *cidade*[3], da qual dependiam outras muitas, como a Nó, para Ponte de Lima, Durvães para o lado do Castello de Neiva, Cossourado, perto da estação de Tamel. Ha outro *Cossourado* em Paredes de Coura (1.º). Mais ao norte da tradicional «grande cidade» de Carmona, está o *Monte de* Rio Neiva.

[1] Vide *Monumenta historica et diplomatica et Chartæ*.

[2] No sitio onde mais ou menos é hoje Gaia, na entrada do Douro, existia um castro romano, provavelmente construido sobre algum antigo, visto ser ali o ponto de passagem do rio e uma posição estrategica. *Castrum Antiquum* se denominava esse castro, para o distinguir do *Castrum Novum*, de fundação sueva, edificado onde é hoje o Porto. Os fragmentos do concilio de Lago, em 569, referem-se a esses dois castros: *Ad Portucalencem sedem, quæ est in Castro Novo... ad Portugale Castrum Antiquum*. Vide *Monarch. Lusit.*, parte II, liv. VI, cap. XIV.

[3] Convem notar que no principio da nossa monarchia se chamavam *cidades* aos julgados ou concelhos que tinham por cabeça alguma villa acastellada, denominando-se assim a povoações insignificantes. Viterbo, *Elucidario*, voc. *Cidade*. Segundo a definição do archeologo hespanhol Aureliano Guerra, *cidade ou povo* se chamava á reunião de todos os homens livres de uma determinada circumscripção, com iguaes franquias e direitos.—*Las diez ciudades bracarenses*... art. da *Revista archeologica de Lisboa*, vol. II, 1888.

S. Christovão (1.º). Não longe fica o *Monte Lousado*, onde os nossos antiquarios dão como existindo ruinas de uma grande cidade.

Rio Cávado. Rio Cávado: Nas margens d'este rio ha bastantes castros, segundo informações fidedignas.

Rio Ave. Rio Ave: *Santagões* (1.º), freguezia do mesmo nome, e *Delaes*, na mesma freguezia (2.º); *Santa Tecla* (2.º), freguezia de Oliveiras; *Monte de S. Miguel*, em Oleiros (1.º); *Monte de S. Bartholomeu* (1.º), Nossa Senhora da Saude; Santa Martha, na Falperra (1.º); Sabroso (1.º); Citania de Briteiros (2.º); Santa Iria (1.º); na margem esquerda do rio, o *Castro*, em Prazino (1.º); o Monte Pencello (1.º), o *Monte da Senhora* (1.º), freguezia do Paraiso.

Rio Vizella. Rio Vizella: *Monte de Alichar; Christello* (Resilde), vulgo Cristello de S. Verissimo.

Outros pontos. Alem d'esses ha em Felgueiras dois ou tres castros; no Gerez a *Calcedonia;* em Barcellos, freguezia dos Carvalhaes, o *Monte da Saia* (2.º), muito notavel, e em Paços de Ferreira a chamada Citania Menor (2.º), tambem muito digna de attenção.[1]

Sobre o Ovil. No *Minho Ptitoresco* temos noticia de uma outra estação, o *Castro de Cruito,* sobre o Ovil; descendo este rio, na direcção oeste encontra-se a freguezia de Gove, e avista-se logo na margem esquerda aquelle castro, cuja base desce até ao rio; é considerada a maior e a mais bem conservada estação pre-romana do concelho de Baião[2].

Como se vê, ha uma quantidade notavel de castros n'uma area relativamente pequena.

Entre o Minho hespanhol e a costa. Entre o Minho hespanhol e a costa, n'um espaço de 900 kilometros quadrados, passam de cincoenta os castros conhecidos, sobre os quaes ha informa-

[1] Temos seguido até aqui as informações que nos enviou o nosso prezado amigo e distincto archeologo o sr. Francisco Martins Sarmento.

[2] O *Minho Pittoresco,* vol. II.

ções valiosas[1]. No principio do seculo XVII, em 1610, eram ali tão evidentes os vestigios, que, por assim dizer, se não caminhava sem encontrar um castro[2].

Na serra da Estrella, desde S. Romão, ao sul de Ceia, até á Covilhã, dando volta por Folgosinho e Guarda, na expedição archeologica d'aquella serra em 1881, promovida pela sociedade de geographia de Lisboa, o sr. Francisco Martins Sarmento teve ensejo de examinar o *castro de S. Romão,* na freguezia do mesmo nome, o *Cabeço de Castro,* em Torvoşello e o castro de *Tintinolho,* na Guarda, e tomou tambem conhecimento dos seguintes castros: *Cristello,* ao sul de Ceia; *Castro de Paranhos* e *Castro de Alfatema,* na freguezia de Passos; *Folgosinho* (ruinas) nos arredores; *Cabeço de El-Rei* e *Castello Reigoso; Castro de Valhelhas; Senhora da Serra* (ruinas) defronte da Covilhã; *Castro dos Tres Povos;* ruinas de castro na serra da Senhora da Povoa; castro de Pero Vizeu, e ruinas na serra do Sobral. Estas estações prehistoricas, que o sr. Sarmento reputa serem todas da mesma categoria, classifica-as de luso-romanas, ou propriamente lusitanas, sujeitas depois ao dominio romano. Na serra da Estrella.

Na mesma occasião foi enviada ao mesmo illustre archeologo, pelo sr. Luiz de Matos, uma relação de outras estações. No limite de Unhaes, no alto de Aboaça, ha um assento de muralha; por cima, ás vistas de Verdelhas, outro maior; em Verdelhas, outro; ás vistas da aldeia de Matos mais dois, a que uns chamam *Castellos de Patoétas,* outros *Castellos Redadeiros;* na aldeia de Souto, outro, com um arco romano, como o de Bobadella; no concelho Outros castros.

[1] D. José Villa-Amil y Castro, *Los castros y las mamoas de Galicia,* art. no *Museu español de antequedades.*

[2] *Historia del Apostol de Jesucristo Santiago Zebedeo,* por D. Manuel Castellá Ferrer, 1610.

do Fundão, limite de Lavacolhos, assento de muralhas no *Cabeço Gomes;* ás vistas do Casal da Serra, freguezia annexa á de S. Vicente da Beira, grande muralha demolida; por cima do limite dos Tres Povos, muralha no *Cabeço do Escarrigo;* no concelho de Penamacor, no sitio chamado Tabeiró houve uma grande *cidade,* a que dão o nome de Serebeca; no concelho de Belmonte ao pé do Zezere, outra grande *cidade;* no concelho da Guarda, limite de Videmonte, no fundo da Serra de Bois, outra grande *cidade*[1].

O mesmo que se dá nas referidas provincias do Minho e da Beira se encontra nas outras provincias do reino.

Em Traz os Montes.

Na provincia de Traz os Montes, onde uma exploração a serio daria importantes resultados, pouco ha conhecido, mas ainda assim o bastante para reconhecer a abundancia dos castros n'aquella região.

Em Castro de Avelãs, perto de Bragança, ha evidentes vestigios de ter sido ali uma importante povoação fortificada, que soffreu uma forte influencia romana, e por onde, segundo todas as probabilidades, passaria a estrada que de Braga ía por Chaves a Astorga. Os importantes objectos que ali se encontraram em 1887[2] provam a existencia de

[1] *Expedição scientifica á serra da Estrella em 1881*, relatorio á sociedade de geographia, pelo dr. Francisco Martins Sarmento, Lisboa, 1883.

[2] O que se conhece d'estas ruinas, por emquanto, e é pouco, embora de valor, deve-se ás investigações a que procedeu, por conta da sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, o sr. José Henriques Pinheiro, professor que foi do lyceu de Bragança, e solicito investigador de antiguidades, em janeiro de 1887. As pesquizas tiveram em vista indagar se no adro da igreja de Castro de Avelãs existiam duas aras votadas ao deus lusitano Aerno. O sr. Pinheiro encontrou uma das inscripções requeridas, e alem d'isso outros objectos, como uma fibula de bronze, plintos de granito, fragmentos de lapide, objectos de bronze, sepulturas, marcos miliarios aproveitados posteriormente para tumulos, etc. Vide *Revista de Guimarães*, vol. v, n.º 2, relatorio do sr. José Henriques Pinheiro, e *Revista archeologica*, vol. I,

uma grande povoação romana, cujos vestigios apparentes tivemos occasião de pessoalmente reconhecer que se desenvolvem pelas encostas de duas collinas, de grande extensão, e que a posição, naturalmente defensiva, a ligação estrategica com outras eminencias proximas, tudo indica que foi ali uma povoação fortificada, conjugada em systema defensivo com os outros cabeços de collina, tambem fortificados.

Systemas de fortificação.

Quem se der ao trabalho de buscar elementos de estudo, ou mesmo de colligir os que nos são fornecidos pela tradição, pelos nomes de logar, e outros indicios, encontra evidentes provas d'esses systemas de fortificação combinada, tão necessaria em todos os tempos, e principalmente n'essa epocha em que a vida dos povos era uma perenne lucta de povoado para povoado, ás vezes na mais proxima vizinhança.

Em volta de Bragança.

Não saíndo das proximidades da cidade de Bragança e do Castro de Avelãs, temos na freguezia de S. Claudio o extenso prado ou valle chamado de Nogueira, cuja defeza, com a dos terrenos proximos, estava confiada a altos fortificados que ainda conservam o nome de *Castro*, e são: a *Senhora da Cabeça*, que domina o valle, vigiando ao mesmo tempo a entrada do valle do Formil, que é defendido pelo castro d'este nome, conjugado com o da Senhora da Cabeça.

Em volta da nobre e antiga cidade de Fervença, e a distancias mais ou menos proximas, basta indicar os nomes de *Castro de Samil*, *Monte do Castro*,

n.º 6, artigo de Borges de Figueiredo. Entre os srs. Pinheiro e Figueiredo travou-se discussão, que consta das mencionadas revistas, sobre se a antiga Brigantium seria ou não no sitio tradicionalmente conhecido por Zoela, cujas ruinas devem existir perto de Castro de Avelãs, correspondendo á antiga Zelobriga ou Celiobriga, nome por que era conhecida a antiga Brigantia.

ou Atalaia, *Castro de Avelãs, Castro da Senhora da Cabeça, Castro da Torre Velha, Castro Formil, Castro do Thesouro* ou *Lombeiro Branco, Lombeiro de Caçarelhos* (evidente *castro*), *na Cova da Lua, Castro de Soutello, Castro do Rabal, Castro de Alfaião, Castro de Sacoia,* sitios estes onde se tem encontrado vestigios e objectos comprovativos da existencia de antigas povoações romanas ou pre-romanas.

No Alemtejo.

Se de Traz os Montes passâmos ao Alemtejo, outra provincia caracteristica de Portugal, encontrâmos a serra da Orca, Castro Verde, Colla, e outras regiões orographicas abundando em evidentes vestigios de fortificações antigas.

Na serra de Orca, em S. Gens temos os vestigios do um campo fortificado, e a 3 kilometros d'elle o *Castello Velho,* trincheira em volta de um campo de 600 metros de diametro, no alto de um monte.

S. Bento de Castris, indica, por exemplo, a existencia ali de um antigo castro; «aquelle monte quasi isolado, erguendo-se proeminente nas largas ondulações graniticas, de rapidas vertentes, dominando larguissimo horisonte, prestava-se sem duvida a essas rudes trincheiras de que os povos antigos se serviam[1]».

Colla e Castro Verde.

Como systemas de fortificação são notaveis no Alemtejo as ruinas de Colla e Castro Verde, de que falla André de Rezende, que as fôra visitar, como tambem o Campo de Ourique, com el-rei D. Sebastião em 1573; ali viu o sabio archeologo muros e torres, notando que o sitio era de difficil accesso e acommodado á defensa[2].

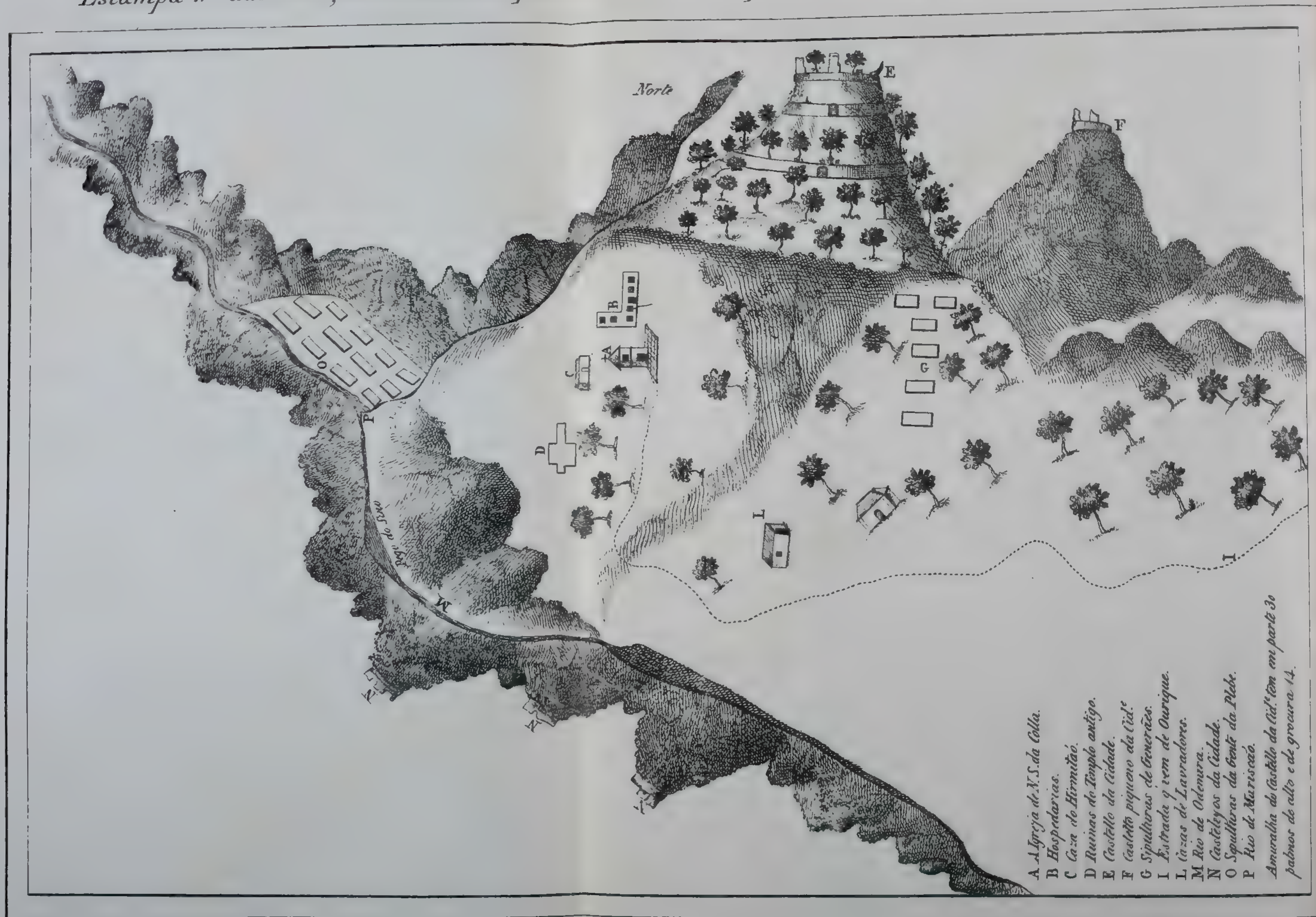
[1] Gabriel Pereira, *Estudos eborenses.*

[2] Colla fuit interins in media Orichiensi provincia, non procul a Massagena, inter colles, nec scio in hodiernum nomen hoc inde taxerit. Non mediocre erat oppidum.

Extant muri et turres cœmentitio opere neque satis polito.

Aditus perdifficilis est, et ad defensionem accommodatus. — André de Resende, *De antiquitatibus lusitaniæ.*

Estampa 7.ª das "Graças concedidas por Christo no Campo de Ourique" de Fr. Manuel de Cenaculo



De Castro a Ourique duas Leguas, de Ourique outras duas a Colla.

1 2 3 4

Plano da Fortificaçaõ, e da antiga Cidade da Colla, do qual se mostra o sistema de defensa, que havia por aquelles Sitios, para se confirmár a imposibilidade de vencer com pouco numero e sem Socorro do Omnipotente.

Estampa n.º X da "Historia do Exercito Portuguez." 1.º vol.

Um tosco, mas ao mesmo tempo vivo desenho do local, deixado pelo — por tantos titulos venerado — bispo de Beja, depois arcebispo de Evora, fr. Manuel do Cenaculo, a quem a capital alemtejana deve a importante bibliotheca que hoje possue, e a archeologia portugueza valiosissimos subsidios, dá-nos singela idéa d'esse systema de fortificação, que devia constituir n'uma empreza terrivel o intentar a tomada da inexpugnavel *cidade de Colla,* nome que ainda hoje é dado ao sitio onde subsistem as ruinas. Reproduzimos, por muito interesante, na nossa est. IX a estampa VII que acompanha a publicação de Cenaculo, que ficou incompleta e se intitula: «*Graças concedidas por Christo no Campo de Ourique, acontecidas em outros tempos e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades... 1813*»; n'ella se vê claramente, apesar das incorrecções e ingenuidades do desenho, que até está invertido, o valor estrategico da posição. O arcebispo Cenaculo.

As muralhas de Colla que Cenaculo encontrou e descreveu n'outra sua obra[1], apresentavam 12 palmos de largura; o sr. Gabriel Pereira, que as visitou em outubro de 1878, diz que em algumas partes tinham 2 metros de largura e 5 a 6 metros de altura[2]; eram formadas em parte de lages sobrepostas, e não tinham a liga ou argamassa vitruviana, tão vulgar nas construcções romanas, o que torna duvidosa a sua primitiva origem; este distincto archeologo diz que a muralha do castello da Senhora da Colla, edificado no alto de um cerro que se ergue logo de vez n'um angulo de 45°, é construida por bem assentes fiadas de pedras de schisto, não faceadas, de tamanho igual; em alguns pontos o muro é ver- Opinião de Gabriel Pereira.

[1] *Cuidados litterarios do prelado de Beja em graça do seu bispado.* Lisboa. 1791.
[2] *Notas de archeologia.* Evora, 1779.

tical, n'outros um tanto inclinado para dentro, não se encontrando 20 metros de muro em linha recta; seguindo-se em alguns pontos o relevo do terreno, mas sendo feito de proposito, n'outros pontos, angulos salientes de 2 ou 3 metros de lado, sem todavia se ver em parte alguma cousa que deixe suspeitar torre ou castello[1].

As tres ultimas muralhas que se vêem no desenho pelo monte acima, são de pura phantasia do artista: apenas existe uma ordem de muralha, aquella sobre a qual têem recaído as attenções dos que vêem ali um curioso exemplar de fortificação antiga.

Castro Verde, que tambem está representada n'uma outra estampa na citada obra, representa uma outra posição, defendida por sete fortes: o forte do Coito, o das Juntas, o forte Grande, o da Amendoeira, o da Ribeira, o das Cabeças de Rei, e o de S. Pedro das Cabeças, ficando tres d'elles collocados entre as duas ribeiras confluentes, Odemira e Mariscão, e um d'elles no proprio ponto

[1] Reproduziremos, por muito interessantes, as proprias informações do auctor. Referindo-se á estampa que reproduzimos, e que representa a posição de Colla, diz:

«Mostra o castello, o castello pequeno da cidade, e os castileyos. Sigo os dizeres da estampa. A muralha tem em parte trinta palmos de alto e quatorze de grossura. Mostra tres cortinas no castello, pelo monte acima (o que de certo nunca existiu) e terras altas n'esta e nas outras fortalezas, que o bom do desenhista de certo não viu tambem, porque o arcebispo na obra acima citada e muito anterior, diz que não as viu, julga até que nunca existiram e com rasão.

«Na base do monte do castello para o sul marca seis grandes sepulturas, de «generaes», dois a par e quatro em linha; marca os reis de Odemira e Mariscão nos seus leitos, e depois da confluencia apresenta doze sepulturas de «gente da plebe». A estampa, apesar das suas irregularidades e caprichos, tem para nós grande valor archeologico.» — G. Pereira, *Notas de archeologia*, pag. 12.

Na descripção do local encontrâmos as seguintes interessantes informações:

«Trepemos ao castello: trepemos é o termo, porque finda a chapada, o cerro ergue-se logo de vez, n'um angulo de 45°, de modo que para chegar á raiz das muralhas é preciso trepar.

«A muralha que olha para o templo, lado sul do castello, está

de juncção, por isso chamado das Juntas. Com a defeza natural dos rios, no sitio da sua conjuncção, o que é frequentes vezes procurado para a construcção de fortalezas, e com o escarpado das encostas de alguns d'esses outeiros, as obras de arte não faziam mais do que aproveitar o que pela natureza fôra feito de facil defensa, e que a mão do homem tornára inexpugnavel.

Os diversos referidos fortes, são: o do Coito, que é pequeno; um muro com quatro angulos salientes e tres rectangulos, isto é, a muralha está em tres pontos fóra do contorno geral, ligando-se-lhe por meio de pequenos pannos em angulo recto; o das Juntas: maior que o antecedente, e com disposição quasi igual, tem dois angulos e cinco rectangulos; o forte Grande: quatro angulos e tres rectangulos dos quaes dois symetricos e flanqueados por um angulo saliente; o forte da Amendoeira: cinco rectangulos salientes, isto é, um contorno quebrado

muito derrocada; no lado norte tem pedaços bem conservados assim como a éste; o lado do poente está em grande ruina...

«Ainda agora existem ali grandes pedaços da muralha; não ouso dizer completos, pois não sei se lhes faltará muito na altura, que em pontos attinge cinco a seis metros.

«Esta muralha é constituida por bem assentes frades de pedra de schisto, não faciados, de tamanho igual: em pontos o muro é vertical, n'outros um tanto inclinado para dentro; em todo o circuito não se encontram vinte metros de muro em linha recta; em pontos seguiram ou aproveitaram o relevo local, mas n'outros foi mui de proposito que fizeram angulos salientes de dois ou tres metros de lado, sem todavia ver em parte alguma cousa que deixe suspeitar torre ou castello. Julgou que não se empregou cimento, argamassa ou barro humido para os intervallos entre as pedras; muitos dos intersticios estão tapados, sem duvida porque as aguas tem esboroado os fragmentos de schisto, mais expostos ao tempo.

«O contorno geral da fortaleza avisinha se de um quadrilongo, quasi tres quadrados juntos, com um comprimento total de duzentos metros por quarenta a cincoenta de largura; o contorno está longe de ser regular: este grande espaço divide-se em dois, de area quasi igual, por um muro de fabrico identico ao das muralhas externas, menos largo porém. A muralha tem em muitos pontos uma espessura de dois metros e o muro de divisão não attinge um metro.» Idem, pag. 21.

por cinco angulos reintrantes; o da ribeira tem cinco angulos; o de Cabeças de Rei: representando uma figura formada por quatro arcos de circulo com a convexidade para o interior, e quatro angulos agudos salientes; S. Pedro das Cabeças: cinco angulos salientes e grandes.

Seria um nunca acabar a enumeração do que já hoje é mais ou menos conhecido por esse paiz fóra; mas não foi de investigações archeologas, em que não temos competencia, que nos propozemos tratar aqui, mas sim unicamente da filiação dos antigos elementos de guerra, ou vestigios de arte militar, existentes n'este rincão do mundo que habitâmos, sem nos recordarmos que muitas vezes quanto hoje vemos e utilisâmos não é mais do que a transformação, acommodada ás exigencias modernas, do que outr'ora serviu para fins identicos.

Seria interessantissima uma investigação minuciosa sob o ponto de vista da archeologia militar, por todo esse paiz, e interessante um mappa com a indicação de todos os castros e povoações fortificadas que se encontram espalhadas no paiz e cujos vestigios mais ou menos se conhecem, procedendo-se tambem a um estudo sobre as suas remotas origens. Onde existe, porém, o pessoal que possa realisar tão difficil trabalho?

Nomes e especialidades

Como vimos, alem da palavra *castro*, a mais generica e que representa, segundo a tradição, fortificação ou campo fortificado, outras palavras designam em todo o paiz, e mesmo em toda a peninsula, o cemiterio de primitivas povoações ou dependencias d'ellas: assim temos, espalhadas por todo o paiz,

elevações mais ou menos dominadoras do terreno que as circumda, conservando ainda hoje os nomes de *castros, castrellos, crastellos, crestellos, castéllos, castêllos, castilejos, cristellos, crestins,* e *corôas* ou *crôas,* nome este muito vulgar na Galliza e no nosso Minho; do mesmo modo que em Hespanha se conservam ainda as designações de *castel, castelo, castielo, castillo, castillejo, castillete, castilluelo,* etc. Temos alem d'isso as *citanias,* as *cividades,* as *cidadelhes,* as *cercas,* etc.

Castrum, segundo Plauto, era um arraial ou sitio onde o exercito acampava; o mesmo sentido tem *castra,* plural que pretende representar espaço mais vasto, acampamento onde se levantavam as tendas para descansar: mas *castrum,* propriamente, no sentido em que foi em geral usado, era o castello, o forte, a cidade fortificada; n'essa generalidade de significação ficou na terminologia portugueza dos primeiros tempos, encontrando-se esta palavra muito frequentes vezes em documentos logo immediatos á conquista dos sarracenos. Castro.

Muitas povoações importantes conservam ainda hoje entre nós o nome de Castro: Castro Daire, Castro Verde, Castro Marim, Castro Vicente, como em Hespanha Castrobol, Castro de Rey, Castromocho.

Com a designação de *Castrello* temos povoações como a que fica perto da cidade de Bragança, na antiga estrada de Vinhaes, e onde era tradição que se encontrou em 1591 o tumulo de Caio Sempronio Tuditano, e junto d'elle uma pia de pedra com grande quantidade de moedas de oiro do tempo de Antonino[1]; e aquella outra *villa de Castrello,* cuja sexta parte doou Munio Gonçalves ao mosteiro de Castrello.

[1] Contador de Argote, vol. I, pag. 392, e Moreri, *Diccionario historico*, pal. Bragança.

Lorvão no anno 988, e ainda esse outro *Castrello* que vem mencionado na doação de Villameão, junto a Prime, feita por el-rei D. Sancho I[1].

Castilejo. *Castilejo* é ainda hoje o nome por que é conhecido em Lisboa um determinado sitio, para cima da Magdalena, onde se suppõe teriam existido no tempo dos romanos muralhas abaluartadas[2], naturalmente para completar junto ao rio o systema de defeza do castro sobranceiro.

Cristello. *Cristello* se chama, por exemplo, um castro, aliás pouco importante, ao sul de Ceia.

Crôa. A palavra *crôa* encontramol-a na enumeração que deixâmos feita de algumas povoações mortas, como a *Crôa* de Amonde, na margem esquerda do Ancora, onde existiu uma povoação fortificada no genero da Citania de Briteiros, isto é, com tres ordens de muralhas e fossos.

Cidadelhe, citania e cividade são outras denominações tambem conhecidas, e representam fórmas curiosas de transformação dos nomes primitivos.

Cidadelhe. *Cidadelhe* é o nome de um logar da villa de Alfarellos, em Traz os Montes.

Citania. *Citania,* de *citan,* lembra origens celticas. Alem da citania de Briteiros, conhecem-se no Minho a citania de Saia, a de Roriz, a *citania menor* de Ferreira.

Cividade. *Cividade*, do latim *civitas,* que, no sentido de *cidade* significava um determinado povo, ou um grupo de povoações sujeitas a uma determinada jurisdicção, e tendo por principal uma povoação fortificada, representa hoje na tradição, que lhe conservou o nome, um certo terreno onde se diz ter existido uma grande povoação, e onde se en-

[1] Livro dos testamentos, n.º 51, e documento de Vizeu, apud. Viterbo, voc. Castrello.

[2] Visconde de Castilho (Julio), *Lisboa antiga,* part. II, tom. I.

controu, como nas que citámos, vestigios da existencia de um castro, naturalmente cabeça das outras povoações.

Pelos escriptores da latinidade pura até Trajano se vê que *civitas* significava geralmente territorio, comarca, concelho de gente, emquanto que *urbs* ou *oppidum* significava a cidade murada; n'esse sentido o empregou Cesar, Velleo Paterculo, Plinio, Tito Livio, sendo tambem ás vezes empregada, por excepção, no sentido restricto de cidade murada[1], como ainda hoje succede com algumas palavras que são empregadas ora n'um sentido mais lato, ora n'outro mais restricto; na baixa latinidade, porém, foi-se geralmente estabelecendo a significação de cidade para a palavra *civitas*, de onde veiu a nossa palavra *cidade*, que sempre representou cidade rodeada de muros. D'esta ultima definição veiu a tradição das nossas *cividades*. *Civitas e urbs.*

Assim, temos a *cividade* perto da foz do Ancora, a *cividade* de Bagunto, entre o Cávado e o Ave; a *cividade* junto ao rio Corgo, onde se encontraram ruinas, alicerces de muralhas e de edificios[2].

Cividade se chama nas terras de Santo Estevão de Lima uma planicie que tem todos os indicios de ter sido aplanada pela humana arte, e onde se suppõe ter estado uma grande povoação perto do *Crasto*, na freguezia da Correlhã. A coincidencia da tradição com os nomes que algumas das localidades ali conservam, levou a suppor que foi ali o theatro das cruezas do consul Decio Junio Bruto, ao ir em caminho de Braga, na furia de se vingar dos bracha- *Cividade.*

[1] Contador de Argote. *Mem. do arceb. de Braga*, tom. I, tit. I, disser. IV.

[2] Relações relativas á comarca de Villa Real. Ms. da bibliotheca publica de Lisboa, A-6-8, pag. 123. Deve ser a mesma a que Argote se refere, obra perfeitissima lhe chama, enviada pela camara de Villa Real á nossa academia. Argote, prol. XXIII.

renses pelo auxilio que haviam dado aos gallegos contra Roma[1]. Naturalmente é esta uma das muitas lendas inventadas pela erudição classica da Renascença.

Cabeço. *Cabeço* é tambem uma designação de antiga estação no alto dos montes; assim, *Cabeço de El-Rei* em Tolgozinho, e *Cabeço de Argemella*, entre o Fundão e a Covilhã.

Castril. Ha ainda a palavra *Castril*, que parece uma fórma diminutiva de *castro;* encontrâmol-a em S. João dos Castris, no Alemtejo, de que o sr. Gabriel Pereira nos dá noticia.

«O nome *Castris* indica ter ali havido fortificação; aquelle monte quasi isolado, erguendo-se proximamente nas largas ondulações graniticas, de rapidas vertentes, dominando larguissimo horisonte, prestava-se sem duvida a essas rudes trincheiras de que os povos antigos se serviam. Ha alguns vestigios no Alemtejo d'esses velhos arraiaes, na serra de Ossa, em Castro Verde, na Colla, muitos nas Beiras, em Traz os Montes, no Minho. Os romanos aproveitaram as obras de defeza que encontraram, e o nome que chegou até nós foi o romano *Castrum,* arraial fortificado. Nem todos os montes fortificados se chamam castros ou crastros, em facil corruptela; ha no paiz castellos (o da serra de Ossa, por exemplo) e *cristellos,* e na Galliza apparece a variante *corôa.*»

A estrada da Geira. Está averiguado que um dos pontos fortificados de vigia, da celebre estrada da Geira, via romana

[1] Suppõe-se que fazendo Bruto por ali caminho para o Lethes (rio Lima), encontrou na Portella a fortificação que tomou, vindo d'ahi ao local o nome de *victorinho* de Peães, derivado da palavra *victoria*, ficando-se chamando *Cartel de Bruto* e mais tarde *Boucas brutas* o sitio onde se suppõe que o consul romano assentou então os seus arraiaes. *Mem. geograph. de entre Douro e Minho,* 1.ª parte do trabalho de Machado Villas Boas. Cod. ms. da bibliotheca nacional A-6-1.

que ía de Braga a Astorga, e de que trataremos n'outro capitulo, estava estabelecido no local onde se acha a antiga igreja de S. João do Campo, e que o outro ponto era no alto do monte chamado *Calcedonia*, perto de Felgueiras.

É de crer que a antiga igreja de S. João do Campo, que passa por ser da fundação dos templarios, tivesse os alicerces do seu templo-fortaleza, edificado no systema da epocha e segundo as funcções mystico-guerreiras que ás igrejas então competia, sobre os fundamentos de alguma antiga edificação romana, depois aproveitada pelos godos e arabes; os tijolos e outros objectos que ali se encontraram indicam origem romana.

Sendo assim, já primitivamente, e no tempo dos romanos, se teria reconhecido a necessidade d'ali estabelecer um dos pontos de vigilancia da estrada.

Quanto ao outro ponto, no monte chamado de Calcedonia encontraram-se ha poucos annos restos de muralhas, cingindo um pequeno terreno.

O manuscripto, a que atrás nos referimos, tratando da estrada da Geira, diz:

«... o que me parece mais certo é ser aquella muralha (que hoje se vê) castello que lhe servia de refugio (á povoação) e asylo, em que se mettiam quando se viam opprimidos do inimigo, porque a factura do mesmo o está indicando; como tambem não ser esta muralha de grande circuito e ter uma só entrada ou porta, e em muitas partes se vê tambem que os mesmos penedos lhe estão servindo e fazendo muralha; e uns pequenos vestigios de alicerces, que dentro se vêem, mostram ser de guaritas ou quarteis em que se recolhiam dos tempos.»

Ora, as proprias informações do auctor é que nos levam a não acceitar a sua opinião de que o recinto murado fosse para abrigar uma grande povoação perseguida.

O que se vê é que são ruinas no genero das que Madoz diz existirem entre Astorga e Santiago, mas em dimensões mais restrictas. O ter uma porta só é caracteristico.

Oppidum de refugio e *oppidum* cidade.

Em primeiro logar bastam as pequenas dimensões do recinto para se ver que não se trata de um *oppidum* de refugio que era geralmente mais amplo que o *oppidum* cidade, segundo Caumont observou entre os gaulezes[1]. Alem d'isso basta ver que esse *oppidum* era destinado a conter os habitantes da povoação, que se suppõe ser, nada menos que uma cidade ou povoação grande, *Abobriga* ou *Calcidonia*, o que é ponto contestado; alem d'isso as povoações, atacadas a cada passo pelos vizinhos, não eram construidas desamparadas de muralhas, e com recintos acastellados isolados, onde á ultima hora se abrigavam; essas povoações, quer as primitivas, quer as posteriores aos romanos, tinham em volta a sua cinta acastellada, mais ou menos rudimentar, mais ou menos forte; e mesmo que se podesse conceber um reducto interior, na povoação, para esse supposto refugio, não se póde conceber que elle fosse de tão pequeno circuito[2].

Mas, é o proprio auctor que nos dá noticia de umas pequenas guaritas, e que adiante nos diz:

«Ha tambem dentro alguns penedos grandes e altos, em que estão feitas n'elles ao picão umas concavidades ou camas, em que ajustavam n'ellas os corpos deitados, que

[1] Caumont, *Cours d'antiquités monumentales*, tom. I.

[2] Esta tradição que, se não é fundada, é corroborada pelas opiniões de Sandoval nas suas *Antiguidades de Tuy*, e do bispo de Uranopolis nas informações mandadas á academia, opiniões que mantinham a lenda dos Breviarios Bracarense e Compostelano, de como soffrêra martyrio n'aquelle sitio e ali fôra achado o corpo de Santa Euphemia, é refutada por Argote. *Mem. do arceb. de Braga*, tom. I, tit. I, liv. II, cap. X. Mas pelo facto de não ter sido ali a grande cidade da Calcedonia ou Caledonia, não se segue que não existisse ali povoação, o que é assegurado ainda pela existencia de vestigios de fortificações.

serviam para os vigias que estavam de sentinella, e assim deitados estavam occultos, e vendo tudo o que passava por baixo por aquellas terras, que ficam para a parte do poente, que é de onde se temiam; e d'esta sorte faziam a sua vigia sem serem vistos de parte alguma; e muito menos dos que pela geira passavam. Outros penedos ha que por elles acima estão feitos ao picão uns degraus para poderem subir ao alto d'elles, e d'ali tambem occultamente estarem vigiando, que por estarem n'aquelle alto descobrem muitas terras e montes; e este em que está a muralha, não tem muro da parte do nascente, porque d'aqui se não temiam, por lhes ficar o Gerez com 6 leguas de serranias; e com toda a segurança estavam ali emboscados, e tambem com mais certeza se faz esta muralha ser castello com o nome que Jorge Cardoso dá a um monte que fica vizinho d'elle, ao qual chama *Abobriga,* que parece é o mesmo que ante-muro, em que rebatem os primeiros assaltos do inimigo.»

Todas as informações levam a deduzir que se trata de uma atalaia sobranceira á estrada e vigilante principalmente para os pontos da fronteira em que eram mais para recear as invasões do inimigo, e não de um mero reducto para acolher, á ultima hora, uma povoação perseguida. As guaritas, os pontos altos de vigia, os degraus rasgados nos rochedos para as atalaias subirem, como os gageiros trepando ás enxarcias para explorar o horisonte, tudo isto mostra á evidencia que era aquelle posto uma das alcateias da magnifica estrada, começando por ter sido primitivamente tambem um pequeno castro, d'esses que a invasão romana veiu encontrar impotentes diante da força e do aperfeiçoamento das suas armas, e que muitas vezes aproveitou para estabelecer fortificações suas, ou meros postos de vigilancia. Castro de vigia.

Em todo o caso, só á vista das ruinas e d'esses indicados vestigios se poderá formar juizo seguro, porque ao par d'esses degraus, concavidades aber-

tas a picão, e outros pormenores, se poderão talvez encontrar outros indicios que levem a conclusões diversas, como, á vista das ruinas de Panoias ou Villa Real, parece chegar-se á conclusão da existencia ali de estabelecimentos industriaes, em proporções notaveis, tendo sido tradição antiga que foi ali o local dos grandes sacrificios aos quaes accorriam os povos, não só proximos, mas de grandes distancias, taes como os de Murça, Jalles, Parada do Pinhão[1].

Aqui ficam estas indicações para os que estejam nas circumstancias de proceder, com vagar e segurança, ás necessarias investigações e estudos.

Os castros e as lendas

O estudo dos antigos logares fortificados realisado por pessoas competentes, não só sob o ponto de vista militar, mas das tradições e lendas que se lhes ligam, seria altamente interessante, visto que muitos d'elles, na sua fórma fundamental, se podem ligar, por um lado, com os *cromlecks* celtas, e por outro com os castros do seculo XI e XII.

As tradições universaes que se prendem aos mo-

[1] Argote, *Mem. do arc. de Braga*, tom. I, tit. I, liv. II, cap. VII e VIII; e os seguintes codices manuscriptos da bibliotheca nacional: *Relação de Villa Real e seu termo*, composto por José Moutinho de Aguiar, José Teixeira de Mesquita, escrivão do publico, e Antonio da Cunha, escrivão do tombo (A-6-9), e é aquella a que Argote se refere como tendo sido remettida pela camara de Villa Real, «obra perfeitissima e muito bem disposta, e a melhor que das camaras das villas se remetteu á academia real». *Obr. cit.*, tom. I, prologo XXIII; e a *Relação da freguezia de S. Pedro de Valnogueira*, concelho de Villa Real, arcebispado de Braga, etc., 1771, memoria manuscripta de 18 pag., incluida no cod. A-6-8 da referida bibliotheca, codice que supponho composto das informações enviadas de diversos pontos a Argote e á academia, e onde se encontra outra memoria com a mesma letra que a anterior, sobre Villa Real, e parece a mesma, mais reduzida e por outra fórma.

numentos megalithicos, *dolmens, menhirs, cromlecks,* remontam a epochas fabulosas anteriores aos mythos christãos, e mesmo aos mythos celticos; a elles se ligam as velhas tradições da infancia humana, as dos gigantes, fadas, duendes, anões, lobishomens, um polydemonismo variado que ainda guarda raizes fundas na imaginação da gente dos campos, em contacto directo com a natureza, e que representa vestigios da grande unidade de civilisação anterior á unidade romana.

Estão cheios d'essas lendas os *castros,* sobretudo aquelles que parece representam, embora com sobreposição de influencias, as primitivas tradições celticas; mas essas tradições apparecem-nos já baralhadas com reminiscencias e lendas mais proximas, da dominação mourisca, em cuja tradicional historia se vieram filiar as antigas superstições do *encantamento* e as lendas phantasticas dos thesouros escondidos. Os castros e os mouros.

Vimos já que na margem direita do Ancora, freguezia do mesmo nome, e á pequena distancia da *Cividade,* está o *Morro dos Mouros;* na margem esquerda do mesmo rio, na freguezia do Vile, o *Castro dos Mouros;* sobre o rio Minho outro *Castro dos Mouros,* na freguezia do mesmo nome; o *Castro Jormil,* ao noroeste e a uns 8 kilometros de Bragança, é chamado a *Feira dos Mouros;* no concelho do Cadaval, ao sul da aldeia de Rocha Forte, existe um castro, que se suppõe pre-romano, a que o povo chama o Castello Velho, e onde é tradição que existem thesouros escondidos, e que na noite de S. João, á meia noite, apparece uma moura encantada[1]; as mesmas lendas se prendem ao *Castro Cruito,* no Minho, freguezia de Gove, na margem direita do Ovil, estação pre-romana, pois se suppõe que ali

[1] *O Arch. português,* vol. I, pag 50.

perto havia uma gruta natural por onde era, segundo a tradição, a entrada de um subterraneo, e por onde vinham os mouros trazer os cavallos a beber ao rio, estando ainda hoje lá uma formosissima moura encantada, guardando thesouros[1]; e não muito longe d'esta estação, n'outra do *Monte do Castro,* a lenda vae ao ponto de fazer crer a existencia de duas minas, uma de oiro outra de peste, não tendo ninguem tentado tocar n'ellas, com receio de abrir a da peste que, derramando-se, destruiria o mundo[2]. Podia citar muitos outros exemplos d'esta natureza.

Aos mouros liga a tradição popular tudo que diz respeito a essas estações mortas; e se ás vezes não é propriamente no logar onde está situado o castro que as lendas estacionam, é, pelo menos, n'alguma parte proxima, — arvore, penhasco, ou cumiada, attribuindo-se propriedades milagrosas ás aguas, ou singularidades prodigiosos ao local; nota-se isto em toda a peninsula, e muito principalmente no nosso Minho e na Galliza[3].

Typos de castros

Para a classificação dos castros sob o ponto de vista puramente archeologico, é necessario ter em vista os materiaes que se apresentam á analyse do observador, como vestigios de periodos definidos pela sciencia em idades incontroversas da humanidade.

Classificação dos castros.

Ha castros entre nós onde está absolutamente provada a influencia da civilisação romana, e entre

[1] *O Minho pittoresco*, vol. II, pag. 440.
[2] Idem, pag. 452.
[3] D. José Villa Amil. *Museu Esp. de Ant.*, tom. VII.

elles, em primeiro logar, a Citania de Briteiros de que mais particularmente nos occuparemos; ha outros, porém, onde nenhum vestigio revela essa influencia, antes tudo mostra que ella não existiu, como, por exemplo, no castro de Sabroso, vizinho da Citania de Briteiros, e outros mais ou menos conhecidos. N'este segundo grupo se podem estabelecer ainda differenciações relativas a diversos periodos em que os castros, evidentemente, floresceram, e n'este ponto é perfeitamente acceitavel a classificação de castros *romanos e pre-romanos,* sendo estes ultimos distinguidos ainda em *neolithicos,* como o castro de Lycea, em que só apparecem vasos de barro toscos, instrumentos de pedra e osso, e nenhum de metal; *neo-megalithicos,* como os de *Pragança,* em que se encontram misturados os instrumentos de pedra polida e os primordios do metal — cobre e bronze, — e louça lisa e ornamentada; e *protohistoricos,* como o de Sabroso, onde não apparecem já os instrumentos de osso e pesos de barro, mas onde ha objectos de cobre ou bronze, e muitos de ferro, e esculpturas de pedra, sem se encontrar nenhum vestigio romano[1].

Romanos e pre-romanos.

Neolithicos, neo megalithicos e protohistoricos

Sob o ponto de vista da construcção e do systema de defeza que apresentam, os castros podem ser classificados em varios typos.

O distincto archeologo hespanhol Villa Amil, que se consagrou ao estudo d'esta especialidade na Galliza, provincia que, como dissemos, tem as maiores affinidades com o nosso Entre-Douro e Minho, notou o mesmo que entre nós se observa na fortificação dos castros, isto é, que consiste n'um fosso e um parapeito, ou em varias d'estas obras defensivas, consoante as vantagens do terreno de adrede escolhido, com vantajosa altura

Classificação militar.

1 *Castros,* por J. L. de V. *O Arch. Portuguès,* vol. I, n.º 1.

e escarpamento das vertentes, com o maior isolamento possivel dos montes immediatos, e com a vizinhança de cursos de agua que, sendo obstaculos naturaes, servem tambem para o abastecimento da povoação fortificada. Conforme as condições naturaes de defeza são maiores ou menores de algum dos lados do castro, assim as obras de defeza se reforçam ou não n'esse lado, com maior ou menor largura e profundidade dos fossos e numero de muralhas, que muitas vezes chegam a quatro, sendo maior ainda o numero de fossos. Assim, quando um castro está collocado sobre uma collina destacada de um monte e que só tem ligação com esse lado, reforçam-se ali as obras de fortificação.

O sr. Francisco Martins Sarmento encontra no Minho o mesmo facto: — «todas as povoações preromanas da Lusitania eram construidas n'um local facilmente defensavel; por isso se escolhia sempre a corôa de um monte ou outeiro, isolados por todos os lados, podendo ser, ou separado de um lado por um estreito isthmo que podesse ser cortado com facilidade por um fosso ou por uma muralha, ou por ambas as cousas juntas ás vezes [1].» Os castros com uma muralha apenas, não apresentam fosso.

Combinando as informações colhidas por Villa Amil na Galliza com o que é conhecido entre nós, em cinco typos a que os outros mais ou menos se subordinam, podemos dividir os castros, quanto ao seu systema de defeza:

Com uma muralha.

1.º Castro com uma só muralha ou parapeito, e sem fosso.

Com uma muralha e um fosso.

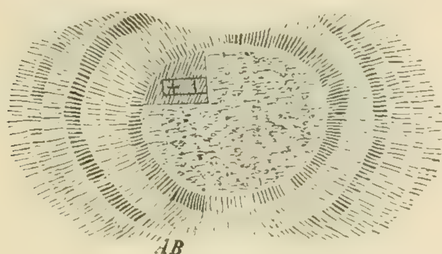
2.º Castro com um só fosso e um só parapeito, sendo o fosso geralmente aberto em rocha viva.

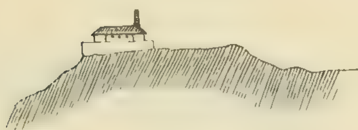
[1] Martins Sarmento. *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*. Revista de Guimarães, tom. I, 1884.

Este typo póde ter, segundo as condições da defeza natural do local em que está construido, as seguintes variedades:

a) O fosso só do lado em que o terreno é menos defensavel, isto é, no isthmo ou lingueta de terra que representa a unica ligação do castro com o terreno em volta, ficando os outros lados naturalmente defendidos pelo escarpado das encostas ou outras defezas naturaes.

b) O fosso só de um lado, como no anterior, mas





(Fig. 53)

Castro de San Julian de Recaré

do outro uma especie de rampas, que podiam ter por fim prover o castro de um caminho commodo.

c) Um fosso simples ou um fosso e uma muralha, todo em volta, por faltarem em todo elle condições de defeza natural.

3.º Castro com dois fossos, ou com duas muralhas. Póde ter as seguintes variantes: Com dois fossos ou duas muralhas.

a) De um lado uma rampa, como aquella a que acima nos referimos, rampa que vae confundir-se com o fosso, e parece ser um prolongamento d'este;

e da parte onde as defezas naturaes faltam um duplo fosso, ou fosso e contra-fosso, separados por um alto parapeito. Tal é, (fig. 53) o castro de San Julian de Recaré ou *coto de castros,* no valle de Oro, do districto municipal de Terra Lhena, na Galliza. Tem hoje dentro da praça ou *corôa* a igreja.

b) Com dois parapeitos só em meia circumferencia por não serem necessarios na outra metade, visto haver defezas naturaes, sendo o parapeito exterior



(Fig. 54)

Castro de la Guardia

muito espesso e com um fosso correspondente; tal é, o castro de la Guardia, ou San Martin d'Aguarda (fig. 54), no caminho que vae de Mondonedo a Meira, no districto municipal de Pastoriza, na Galliza.

Com tres fossos ou tres muralhas.

4.º Typo mais amplo e variado; castro com tres fossos, ou tres muralhas. Tem geralmente duas praças; a menor está situada no extremo do fosso maior e do caminho, especie de berma, em que o

fosso se converte, ao terminar o isthmo ou banqueta por onde o castro se une á ladeira, e separada apenas da praça grande por uma escarpa ou talude exterior do parapeito d'esta; outro fosso corre ao lado do primeiro, igualmente prolongado com outra especie de berma sobre a ladeira, e um terceiro fosso ainda, todos tres correndo parallelamente e em linha recta, por esse lado, por de trás da praça pequena.

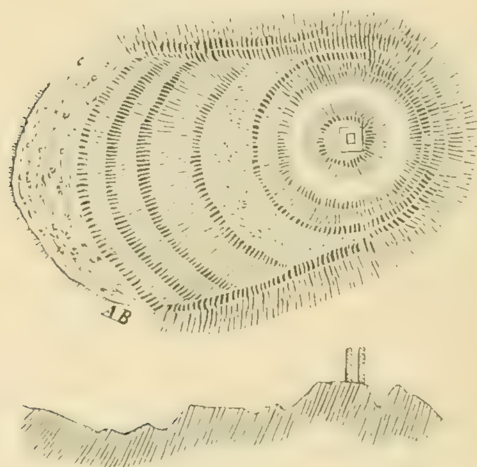
Este typo apresenta differentes variedades, havendo-os com fosso duplo e triplo parapeito, do lado mais fraco.

5.º Castro com quatro fossos, com diversas variantes. N'este, ora os tres fossos interiores, com um terrapleno largo, rodeiam todo o castro, e o quarto fosso só está de um lado; ora de um lado não ha fosso algum e os quatro fossos, separados por parapeitos, desenvolvem-se do outro lado; ora os quatro fossos defendem o castro todo em volta, com os respectivos parapeitos. Um exemplar d'este genero de castros é o da terra de Caldaloba (fig. 55), composto de um pequeno monte de terra, rodeado de um fosso profundo, a que se agrupa pelo lado que se une com o alto da collina, um caminho coberto, um fosso, e á distancia de 33 metros, outros tres fossos separados por tres parapeitos. Em todos elles a posição, extensão e numero dos fossos e muralhas dependem do terreno. Com quatro fossos.

Mais dois typos apresenta Villa Amil, muito differentes dos anteriores. Typos especiaes

6.º O typo das chamadas *as casas de mouros*, sobre o logar de Marquide e para baixo do monte Lourido, dominando toda a parochia de Masma, e frente a frente do *castro* de Villamor. As chamadas *casas* não são mais do que tres recintos sem fossos, com uns parapeitos que foram construidos enchendo com parede de 4 metros de grossura, de cal e pe-

dra, os vasios entre penhasco e penhasco. A circumstancia de apparecerem ali fragmentos de ardosia e pedaços de telha, e de se ter empregado nos muros uma consistente argamassa prova a influencia romana. Uma circumstancia não menos curiosa que se nota é a apparição de pedaços de carvão dentro dos muros, provenientes talvez das vigas n'ellas collocadas anteriormente, de modo analogo ao que se encontrou na muralha gauleza



(Fig. 55)

Torre de Caldaloba

de Mursceint, departamento de Lot [1] e igual á descripta por Cesar[2].

7.° O typo curioso dos chamados *fornos dos romanos,* situados na vertente meridional do monte de Coira, cuja outra vertente se perde na vasta e plana facha que forma a costa entre as desembocaduras do Eo e o Masma. Compõe-se de dois altos

[1] *Matériaux pour l'histoire de l'homme,* tom. IV.
[2] *De bello gallico,* VII, 23.

parapeitos levantados uns 5 metros sobre o terreno e um d'elles n'uma extensão de 80 metros e uns 200 metros acima do outro. Ao pé do talude interior d'estes parapeitos abre-se um profundo fosso de $1^{m},70$ de largo e 4 metros de alto, com escarpas verticaes e cortado á distancia de 4 em 4 metros (na parte que se acha bem conservada), por umas pontes deixadas ao abrir o fosso na penha viva com 1 metro de largura, e cuja fórma é a de uma bem pronunciada ogiva.

Castros portuguezes

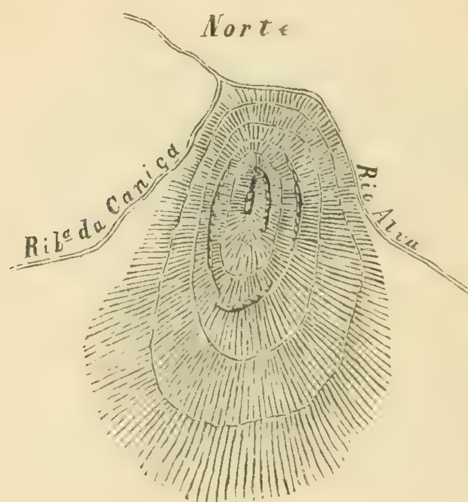
Applicando esta classificação a alguns dos castros entre nós estudados, vemos que eram do typo de castros com uma muralha, sem fosso, o de Sabroso e Santa Iria, no Minho; com duas muralhas, os de S. Romão e Cabeço de Castro, na serra da Estrella, o de *cidadelhe* na comarca de Villa Real; e com tres muralhas a Citania de Briteiros. Castros portuguezes.

O de S. Romão foi rapidamente explorado pelo sr. Francisco Martins Sarmento em 1881, na excursão scientifica n'esse anno realisada á serra da Estrella por iniciativa da Sociedade de geographia de Lisboa. No relatorio então publicado pelo illustre archeologo vem estudados tres castros de typo identico, e que devem ser da mesma categoria de outras estações fortificadas que ainda se reconhecem, espalhadas pela vasta serra, e que representam as sédes das antigas fortificações lusitanas, sendo porém visivel n'ellas a influencia romana. Castro de S. Romão.

É verdade que só uma exploração rigorosa, como a realisada na Citania de Briteiros e no Sabroso, poderia levar á descoberta de dados archeologicos para a apreciação completa d'essas estações mortas; mas pela sua analyse summaria e aspecto exterior

já se póde chegar á conclusão identica á que se chegou pelas investigações feitas na Galliza, isto é, que, apreciadas apenas sob o ponto de vista da segurança, ou obras de defeza, ellas podem ser incluidas na classificação que deixámos indicada.

O castro de S. Romão (fig. 56), na freguezia do mesmo nome, acha-se situado no alto de um cerro de abruptos declives, principalmente pelo norte, nascente e poente, e está, como é vulgar encon-



(Fig. 56)
Castro de S. Romão

trar-se, por conveniencia da defeza, collocado sobre a conjuncção de dois pequenos rios, o rio Alva e a ribeira da Caniça, que lhe formam um fosso natural, ficando a cumiada do monte onde o castro assenta sobranceiro 150 metros, approximadamente, aos fragosos leitos dos rios, sobre os quaes ficam a vertente norte e os declives do poente e nascente. A vertente sul é a mais suave e accessivel, e portanto mais fortificada. Os vestigios das fortificações

são perfeitamente visiveis, e dão desde logo na vista, mesmo a grande distancia, a fórma do cerro e a linha bem distincta da muralha exterior, uns 60 metros abaixo da cumiada. A muralha superior, formando um pequeno recinto no cabeço granitico, é de blocos de granito; as outras muralhas, muito distinctas do lado do sul, são formadas quasi inteiramente de schisto; a trincheira, a que na localidade chamam *carreira dos cavallos*, é um terrapleno de uns 100 metros de comprimento. No lado do sul conhece-se tão claramente a muralha exterior que se póde até penetrar no recinto fortificado pela antiga entrada, uma rampa bem definida, como se vê na figura; na cumiada ha uma cahotica agglomeração de grandes blocos de granito, que mais parece da natureza que da arte.

Do mesmo genero e typo é o Cabeço de Castro, em Torrozello, situado n'uma collina mais baixa que a de S. Romão, e tendo bem visivel, apesar da destruição, a linha por onde corria a muralha na corôa do cabeço. Cabeço do Castro.

Ambos estes castros são evidentemente do primitivo genero lusitano, sendo comtudo visivel n'elles a influencia romana pela abundancia de telhas de rebordo.

Por baixo do logar de Cidadelhe, na freguezia de Alfarella de Jalles e por cima do rio Tinhella, em Traz os Montes, no alto de um monte, e a uns 300 a 400 metros d'esse rio, ao norte, está um castro, vasto, com muralhas de cantaria de que, ha pouco, se viam ainda vestigios de partes do arco e trechos de 3 metros de altura, para o lado do rio e para o sul, segundo informa Pinho Leal[1], notando-se ainda vestigios de uma segunda muralha exterior Cidadelhe.

[1] Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, vol. VI. Penedo de Alfarella.

e fossos para o lado do sul, onde eram necessarias mais obras de arte, por ser o unico ponto em que as fortificações não estavam defendidas pela inaccessibilidade do terreno.

Estas informações de Pinho Leal coincidem, e até parecem copia do que consta de uma interessante memoria relativa á villa de Anciaes contida n'uma collecção de manuscriptos da bibliotheca nacional, com o titulo de *Relações relativas á comarca de Villa Real,* memoria organisada em 1722 para remetter á academia real, dirigida, naturalmente, ao seu director marquez de Alegrete, pelo reitor de S. João Baptista, extra-muros da villa, e Antonio de Sousa Pinto, do logar de Marsagão, e que diz:

«Por baixo do logar de Cidadelhe, concelho e freguezia da minha villa de Alfarella, por cima do rio Tinhella, que lhe passa ao norte um tiro de bala de espingarda, no alto de um monte sobranceiro ao mesmo rio estão as ruinas de um bom, grande, largo, e forte castello de grande circuito com muito d'elle levantado de boa e bem lavrada cantaria de altura de 15 palmos, raso por dentro, com vestigios de porta de arco para a parte do mesmo rio, que muitas pessoas me disseram a viram ainda levantada, e tambem se mostram vestigios de outra para a parte do sul, pela qual até á do poente ha tambem ruina, de segunda muralha, e fosso, que indicam uma grande fortaleza para aquella parte, por ser sómente por onde podia ser accommettido, e não pelo nascente e norte, por se defender com o rio, e aspereza, altura, e agreste da terra; e fui informado por pessoas de credito que no mesmo rio abaixo do dito castello se via no estio uma pedra de cantaria de tres palmos, redonda com letras, que podia ser caída do mesmo castello, porém, procurando-a para lhe tirar as letras não a achei, por ir coberta com grande altura de agua[1].»

[1] *Relações relativas á comarca de Villa Real,* pag. 184, cod. A-6-8. As memorias e informações que contém este codice parece terem servido de subsidio á obra de Contador de Argote, que cita a memoria sobre a villa de Anciaes entre os manuscriptos por elle consultados.

De duas muralhas parece ser tambem o castro de Santa Luzia, no Minho, a avaliar pela planta que acompanha a exposição feita em 1880 pelo sr. José Caldas ao congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas realisado em Lisboa [1], porquanto anteriormente a uma muralha que cinge o recinto se nota um trecho de outra muralha. O *oppidum* occupa uma extensão de 1:400 metros quadrados, contendo doze casas a descoberto, cujos fundamentos têem uma fórma elliptica, rectangular ou circular, e outras cujos fundamentos são visiveis á superficie. A muralha é de 12 metros de largura

Castro de Santa Luzia.

Typo de castro de duas muralhas, notavel, não tanto por esta circumstancia, que se encontra em muitos outros, mas por ser o modelo do que se póde considerar o verdadeiro castro lusitano ou callaico, sem a menor influencia romana, é o castro do Sabroso, a pouco mais de 1 kilometro da Citania de Briteiros, de que fallaremos. Como a Citania, deve o Sabroso a sua exploração ao sr. Francisco Martins Sarmento, e pelas investigações d'este illustre archeologo se vê que era uma estação já abandonada, quando os romanos entraram na Citania. Nenhum dos vestigios que denotam n'esta ultima estação a influencia romana: —letras, amphoras, louça aretina, louça marcada, inscripções, — nada d'isto apparece em Sabroso, onde em compensação se encontram objectos de pedra, taes como *celtes*, braceletes, anneis, fibulas, alfinetes, broches e outros objectos de bronze e de ferro, sendo a indicação mais segura a tirar que «em Sabroso, como em outras estações, se dava o emprego contemporaneo da arma de pedra e de ferro, aquella a unica accessi-

Castro de Sabroso.

[1] *Archéologie préhistorique dans la province de Minho,* par M. José Caldas. *Compte Rendu* do congresso anthropologico, pag. 333.

vel a certos combatentes pobres.» Todos os indicios, como a ornamentação da ceramica, as armas, as joias, a estatuaria, etc., levam a acreditar que não só Sabroso não foi contemporaneo da Citania, mas que esta succedeu áquelle, sendo visivel a identidade da população nas duas estações pela fórma e apparelho das casas, estructura das calçadas, etc. O Sabroso é na opinião do sr. Francisco Martins Sarmento, um velho *dun* que a Citania fez abandonar, e cuja historia se deve ir buscar para alem do anno de 138 [1]; são do mesmo illustre archeologo as seguintes considerações sobre as muralhas d'esse castro, que não tivemos occasião de visitar.

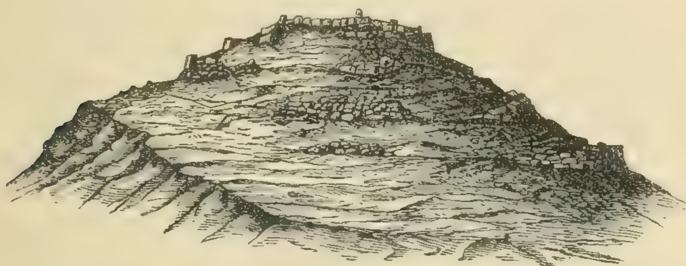
Muralha de Sabroso.

«As muralhas de Sabroso foram alteadas n'uma certa epocha. O modo por que se procedeu a estes reparos é um pouco singular. A muralha primitiva era uma especie de muro de supporte ao planalto, onde ficava a povoação. Supponhamos agora que esta muralha era de 3 metros, e que se lhe quiz dar o dobro da altura, não acrescentando-a para cima, porque isso alteava o parapeito sem melhorar a defeza, mas acrescentando-a para baixo. O modo de fazer obra limpa era uma substituição dos alicerces, trabalho um pouco facilitado pela disposição do terreno, visto os alicerces assentarem no talude da encosta. Mas, ou porque a engenheria do tempo desconhecesse este recurso, ou porque o achasse arruinado, preferiu-se cortar o terreno no prumo da face da muralha antiga, começando a nova de baixo para cima, até sobrepôr alguns palmos os alicerces d'aquella. Uma secção das duas muralhas, assim remendada dá, pois, a metade inferior, a nova em plano reintrante; mas o resalto no ponto da sobreposição pouco mais excede de um palmo, bem que os novos alicerces começassem com a largura de cinco ou mais, e a rasão é que a muralha nova foi construida em talude. Estas emendas são feitas em lanços de grande extensão, e rematam lateralmente em angulos vivos, quando por qualquer motivo se entendeu escusado leval-os mais adiante.

[1] F. Martins Sarmento. *Acerca das escavações de Sabroso* (Estudo). *A Renascença*, vol. I.

N'esta obra obedece-se sempre á idéa de reforçar a defeza de Sabroso contra o caso de uma segunda investida, durante o tempo em que a Citania se torna capaz de receber e abrigar os seus promotores.»

Como typo de castro com tres muralhas temos o de Tintinolho, na serra da Estrella, a noroeste e a 7 kilometros da Guarda, tendo na barra, a 2 kilometros, a povoação de Cavadonde. As tres ordens de muralhas são ainda perfeitamente distinctas do lado do norte (fig. 57). De tres ordens de muralhas é tambem o castro do Cabeço de Argemella, perto do logar de Barcos, concelho da Covilhã, castros estes em que é evidente a influencia romana. Castro de Tintinolho.



(Fig. 57)
Castro de Tintinolho

Seria interessante o estudo minucioso d'essas ruinas. Mesmo posteriormente aos romanos se fizeram, ao que parece, trabalhos de fortificação em Tintinolho; pelo menos reza a tradição, e diz Santa Rosa de Viterbo, que, expulsos os mouros de Coimbra, Vizeu, Lamego e Chaves, el-rei D. Affonso III das Asturias mandou construir um forte padrasto em Tintinolho; e tendo-se tambem encontrado ali uma moeda de D. João I alem de outros objectos modernos, conveniente seria distinguir bem quaes os vestigios que indicam propriamente

as fortificações primitivas e quaes os trabalhos mais recentes.

Castro de Argemella.

Com relação ao castro de Argemella, pelas lendas que encerra se vê que está ligada á historia dos lusitanos e de Viriato, na guerra com os romanos; até o nome, diz a lenda, lhe vem da recordação d'essas homericas luctas e guarda a lembrança de uma lusitana em cujo peito não lograram as cruezas dos legionarios que a tinham captiva, apagar o sentimento de fidelidade ao seu amor e á sua patria[1].

Citania de Briteiros

Typo de tres muralhas.

E chega o momento de fallarmos na Citania de Briteiros, o typo por excellencia do castro de tres muralhas, com os aperfeiçoamentos de uma epocha já muito adiantada da civilisação.

Deve-se a exploração d'esta importante estação morta, como é sabido, ao eminente archeologo o sr. Francisco Martins Sarmento, que «no meio da provincia, longe, independente, e até desprezado dos poderes centraes, tem, á custa de grande trabalho e despeza, colligido os primeiros subsidios para a historia da antiguidade celtica em Portugal[2]».

N'este castro o que á primeira vista se vê é que o ponto fraco era do lado do norte, rasão por

[1] «Reza a lenda que uma joven lusitana, caída em poder dos romanos na vespera do dia do seu noivado, preferíra a morte á traição a que a queriam obrigar, fazendo-lhe descobrir o sitio onde se abrigava o que estava para ser seu esposo; que sendo por isso queimada, por muitos annos, se ouviram gemidos que pareciam vir do monte; e de dizerem os que os escutavam, *no ar geme ella,* se ficou d'ahi em diante chamando o monte de Argemella» Ayres Paes de Lima Castello Branco Domingues. Covilhã.

[2] A. Filippe Simões. *A Citania de Briteiros.* Instituto, 1887.



PLANTA

DA

CITANIA

DE

BRITEIROS

Escala $\frac{1}{2000}$




a
P2
d
c
P1
e
b

M

P_3

P_4

P_5

Foi levantada em 1892 por Alvaro de Castellões engenheiro do quadro de Obras Publicas

Ribeiro Arthur cop.

Estampa nº XI da "Historia do Exercito Portuguez" 1º vol.



Lithographia da Imprensa Nacional

que ali se acham as tres ordens de muralhas, aproximadas umas das outras.

Seguindo a planta (est. XI)[1] que acompanha este trabalho vemos o seguinte:

Descripção do castro.

Do lado do norte, na direcção de nascente a poente, encontram-se vestigios de uma muralha *a b*, que parece ser destinada a defender uma proeminencia de terreno que dominava as outras muralhas, e o planalto onde estava edificada a cidade, e cuja posse daria incontestaveis vantagens ao atacante; d'esta muralha, que se encontra actualmente em ruinas, os vestigios dos alicerces estão perfeitamente evidentes, podendo por elles reconstituir-se o alinhamento entre os referidos pontos *a* e *b*. Esta muralha, verdadeira obra avançada, envolvendo a elevação de terreno a que nos referimos, deveria seguir, approximadamente, o contorno indicado pela linha *b c*, mas por estar construida n'um pendor bastante forte da montanha, não foi possivel encontrar-se vestigios nenhuns, nem dos seus alicerces. Entre os pontos *c* e *d*, acham-se nas rochas, cortadas a prumo, e evidentemente verticalisadas

Muralha avançada.

[1] A nossa estampa representa a reproducção reduzida da planta ainda em esboço do distincto engenheiro sr. Alvaro Castellões, que por ordem do governo e instancias do sr. Francisco Martins Sarmento, a levantou, não podendo ainda concluil-a por lhe terem retirado os necessarios elementos de trabalho, o que é realmente para lamentar. Fez-nos, porém, o sr. Castellões a fineza de retocar e completar em alguns pontos a planta, trabalho que foi em parte rectificado pelo sr. Martins Sarmento, a quem, pelo facto de sermos os primeiros a publicar a planta, por extrema amabilidade do sr. Castellões, não cabe menos a gloria de ter conseguido que se realisasse o levantamento. Assim satisfazia em parte o sr. Sarmento ao pedido que lhe era feito pelo sr. Hübner, quando lhe dizia, — que elle prestaria um serviço mais valioso ainda do que aquelle que o paiz já lhe deve, se juntasse aos seus trabalhos essa planta. — A nós cabe-nos a honra de podermos ligar o nosso nome aos dos srs. Martins Sarmento e Alvaro de Castellões e de sermos o primeiro a publicar, embora incompleto, o consciencioso trabalho d'este distincto engenheiro, que é ao mesmo tempo um poeta distincto, e um benemerito da patria, proclamado pelas côrtes portuguezas, pelos seus serviços em Africa. Contâmos dar ainda a planta completa.

pela mão do homem, vestigios de assentamento de pedras para accrescentamento em altura da muralha, vestigios, que teremos occasião de encontrar em outro logar. Entre os pontos *d* e *e* a muralha seguia pela crista da portella que ligava a proeminencia atrás fortificada, com o planalto da cidade, existindo actualmente essa muralha toda em ruinas, e sendo pela direcção d'esses escombros, que foi reconstituida a directriz approximada.

Fossos.

Cortando perpendicularmente esta muralha, corriam, de nascente a poente, dois fossos seguindo approximadamente as linhas pontuadas da planta, inclinando-se fortemente para nascente e poente. No ponto *e* ligava-se este systema de muralhas de fortificação auxiliar e externa, com a primeira muralha do recinto fortificado, a qual o envolvia completamente; muito embora a planta a apresente interrompida entre os pontos *h* e *i*, por o sr. Alvaro de Castellões não ter encontrado os vestigios dos alicerces que o sr Martins Sarmento diz existirem realmente no terreno.

Primeira muralha externa.

Esta muralha prolonga-se bastante para a parte sul até envolver uma eminencia de terreno designada na planta pela letra *M*, repetindo-se na parte ponturada indicada entre *f* e *g* as mesmas disposições de penedos cortados a prumo, em cujo cimo se encontram vestigios de pegas de alvenaria, como já atrás observámos.

Portas e calçadas.

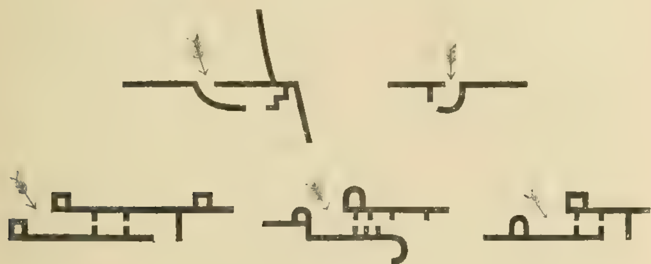
Esta muralha parece que deveria ter sete portas, a primeira das quaes P_1 se encontra perto do ponto da sua juncção com as muralhas externas, e que, por se achar situada n'um dos pontos mais accessiveis da montanha apresentava o conjuncto de disposições que a planta indica.

Pela reconstrucção parcial que o sr. Martins Sarmento fez da muralha contigua a esta porta vê-se que essa muralha era sensivelmente mais espessa

na extensão de alguns metros, provavelmente para no seu plano superior offerecer logar a maior numero de combatentes.

A disposição de entrada em corredor, sob a acção cruzada da defeza, lembra a construcção adoptada nas fortificações antigas de que fallam Philon de Bisancio e outros escriptores.

Na nossa fig. 58 a primeira porta é a da Citania; a segunda é uma poterna de que falla Leake, no seu *Athènes et les Dèmes de l'Afrique*, e que existe na muralha que fecha a passagem entre a planicie de Tria e a de Athenas; as terceira, quarta e quinta indicam diversas fórmas de portas primitivas, defendidas, porém, não só por um systema de muros em corredor, mas por meio de torres[1].



(Fig. 58)
Portas antigas

A calçada que através da porta P_1 da planta seguia para o norte, parece que estabeleceria a communicação mais curta para Braga, pela actual freguezia da Sobreposta, a qual pega pelo sul com Espinho, onde fica já o Bom Jesus, e pelo norte com Pedralva; e tanto Sobreposta como Pedralva tinham o seu castro.

[1] A. Rochas, *Principes de la fortification antique.* Na *Revue de l'Architecture et des travaux publiques,* tom. I da 4.ª serie.

A porta immediata P_2 dava tambem communicação para o norte, para o ponto mais baixo dos referidos fossos, encontrando-se entre esta porta e uma outra, fronteira a ella, na segunda muralha, vestigios de uma calçada que ligava as duas portas entre si, e que, provavelmente, se prolongava para o lado exterior, constituindo uma via de communicação.

Esta porta da segunda muralha é a unica que se acha em bom estado de conservação. Tem a singularidade das suas hombreiras não ficarem no mesmo alinhamento, o que é talvez devido á obliquidade da calçada que por ali saía e que se vê desenhada na planta.

Nos pontos P_3 e P_4 tambem se acham vestigios de calçadas que davam accesso, pelo lado do sul, á fortaleza, sendo provavel que ali existissem portas, das quaes não se encontraram vestigios.

Dos caminhos que se bifurcam á saída da porta P_4 parece que o ramal do poente se repartia ainda em dois depois de atravessar a primeira muralha por uma porta que não vae marcada na planta por d'ella se não encontrarem vestigios nenhuns. Do caminho assim dividido um dos ramos devia estabelecer a communicação com Sabroso e o outro com Briteiros, encontrando-se apenas vestigios do segundo até ao ribeiro Ravélo, que desce de Pedralva.

O ramal de nascente chegando á falda do monte toma a direcção do sul e segue até uma boa distancia, passando junto da igreja de Briteiros, para se perder junto á margem do ribeiro Ravélo, a par do qual caminha por algum tempo. O seu prolongamento acha-se provavelmente soterrado debaixo dos campos posteriormente arroteados.

No ponto P_5 devia tambem a terceira muralha abrir outra communicação para a praça, existindo

ainda um grande pedaço de calçada, que se prolonga para o lado exterior da fortaleza.

Uma outra porta devia existir ao nascente, talvez no pedaço de muralha que se não acha levantado, dando communicação para uma estrada que corre pelo lado do nascente, por debaixo dos fossos a que acima nos referimos, e da qual se encontram evidentes vestigios no terreno. D'esta estrada, segundo nos informa o sr. Martins Sarmento, seguia um ramal em direcção ao rio Ave.

Parece que essa calçada seguia n'uma encosta, na direcção de nordeste, para Santa Iria, sita na actual freguezia de Louredo, onde antigamente existia, como dissemos, um pequeno, mas lindo castro.

Na parte interior da primeira muralha, á distancia media approximada de 80 metros, corria a segunda muralha da fortaleza, a qual tambem a deveria envolver completamente, não se achando, porém, indicada na planta, pela parte do sul, por não ter sido possivel encontrar no terreno vestigios dos seus alicerces. A terceira muralha corria pelo lado de dentro da anterior, á distancia media approximada de uns 40 metros, e dentro d'ella se encontra, principalmente, o recinto habitado, ainda separado d'ella por um espaço livre de largura variavel entre 15 a 20 metros, limitado de um dos lados pela muralha, e do outro por um muro de supporte que circumdava o planalto da povoação; do lado do nascente, porém, que offerecia menor perigo e era mais facilmente defensivel, parece que a povoação se não conteve dentro dos lindes acanhados da terceira muralha, transbordando para fóra d'ella e enchendo parte do espaço entre essa muralha e a immediata.

Segunda muralha.

Terceira muralha.

Ás vezes, encontram-se entre as muralhas vestigios de assentamentos de muros que vão indicados

na planta e cujo fim parece ser o de reforçar as linhas de fortificação, ou de ajudar a defeza das entradas da fortaleza.

Habitações. A planta dá indicação de um numero approximado de 180 habitações, umas quadradas outras redondas, suppondo-se que na parte ainda soterrada, e que é a maior, se encontram mais de outras tantas; não se errando muito, portanto, em calcular que a povoção se compunha de, pelo menos, 400 fogos.

Edificações notaveis. Entre essas edificações tornam-se notaveis as seguintes:

a n.º 1, por estar fóra do recinto da terceira muralha e n'uma posição que dominava as fortificações que se estendiam nas duas vertentes, nascente e poente, pela sua posição fóra das muralhas;

a n.º 2, unica que se compõe de seis divisões e talvez de algumas annexas, que não foi possivel reconstituir, a qual parece ser a mais importante da povoação;

as n.os 3 e 4, principalmente a ultima, que, por se achar circundada de bancadas de pedra, no interior, parecia que se destinava á reunião dos maioraes ou chefes:

a n.º 5, que pelo seu tamanho, que se avantaja ás demais edificações, parece seria o logar destinado ás grandes assembléas;

as n.os 6 e 7, a segunda das quaes apresenta uma descida em mina para o interior, que poderia talvez, segundo uns, servir de communicação com uma cisterna, segundo outros, servir de esconderijo[1]; e a primeira, porque foi cavada no saibro duro

[1] É tradição que os mouros levavam por ali os cavallos a beber ao Ave; estas lendas relativas a mouros e mouras estão, como vimos, ligadas a muitissimos castros. O sr. Martins Sarmento entende que não podia ali ser uma cisterna, nem cousa que o valha. O sr. Alvaro de Castellões opina que podia ser uma cisterna.

de que é formada a montanha, sendo as suas paredes, que têem maiores dimensões que nenhuma outra, feitas da mesma rocha;

a n.º 8, onde existia a fonte da povoação, cuja fórma tosca (um grande calhau cobrindo o recinto da fonte, e as paredes formadas de duas pedras ao alto) se encontra ainda nas nossas aldeias do norte, recebia a agua de umas caleiras que, correndo ao longo de uma das ruas principaes da povoação, se perdiam sob os rochedos indicados com o n.º 9, onde a agua nascia ou revertia das cisternas superiores a que nos referimos. As mesmas caleiras tambem forneciam agua por meio de uma derivação á casa indicada pelo n.º 10, no atrio grande da qual se encontra uma depressão quadrada de terreno que parece teria sido destinada a banho publico;

a n.º 11, que indica um cemiterio muito posterior e christão, pertencente a uma ermida anterior á capella actual.

Systema geral de defeza.

Analysando agora no seu conjuncto o systema geral de fortificações que deixamos descripto, vemos que a primeira linha de defeza *a* e *b* era evidentemente destinada a evitar que os inimigos se apossassem de uma posição mais elevada que o recinto da praça, e que portanto dominava as suas muralhas, e do qual era facil passar pela lombada superior do terreno para o interior da praça.

Completando este systema de fortificação avançada, e reforçando a defeza da cidade, vem a seguir os dois fossos, cuja direcção geral é parallela ás muralhas e que são cortadas perpendicularmente na sua parte mais elevada pela muralha *d e*, cuja posição, difficil de explicar, parecia que seria destinada ou a servir de abrigo aos postos avançados, ou no combate, ou á defeza quando, perdida a primeira linha avançada de fortificação,

preciso fosse bater as linhas dos fossos, difficultando ao inimigo a approximação da primeira muralha; ou então melhormente seria um caminho de communicação em fórma de *agger* que ao mesmo tempo servia para d'elle se combater ao abrigo de palissadas, como era uso no tempo. O emprego de dois fossos era frequente entre os antigos, para accumular obstaculos ao inimigo, ao alcance da lança, do *sparus*, da *tragula*, e outras armas longas de pulso. Philon de Bisancio (dois seculos antes de Christo), recommendava o emprego de, pelo menos, tres fossos. O uso de tranqueiras ou parapeitos exteriores á fortificação é, por exemplo, verificado n'um dos chamados *Campos de Cesar*, descoberto nas explorações junto ao Sena por ordem de Napoleão III[1]. No nosso caso a muralha ligaria a praça com o systema avançado de fortificação.

Desenho da Citania do seculo XVIII.

Parece que ha mais de um seculo ainda se conservavam visiveis as tres ordens de muralhas da Citania, pelo menos assim o faz suppor o tosco desenho (fig. 59)[2], que acompanha o *Specimen antiguitatis a Josepho Laurentio de Valle* (Genuae MDCCXCI), obra rara, cujo um exemplar possue a bibliotheca de Evora. Damos o desenho, que não tem nenhum valor real, a simples titulo de curiosidade. É notavel que, á primeira vista, lembra a disposição geral do castro de Tintinolho.

Apesar da Citania ser conhecida desde o seculo XVI, e haver referencias a ella em escriptores dos seculos XVII e XVIII, só as explorações feitas pelo sr. Martins Sarmento, e depois os seus estudos, lo-

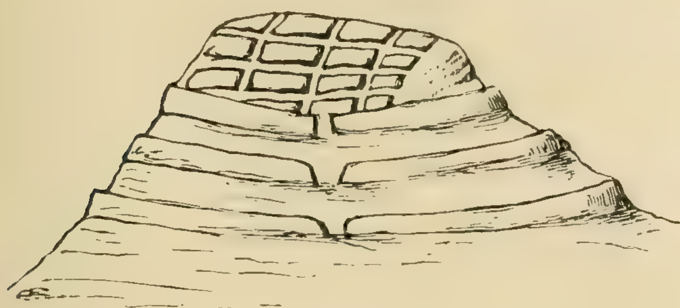
[1] Foi reproduzido no n.º 2 da 3.ª serie do *Boletim* da real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes.

[2] «Quelques fois des murs simples ou doubles servaient à relier une place forte avec quelque point du voisinage où les defenseurs avaient interet à se rendre a couvert»... A. Rochas. *Principes de la fortification antique*. Na *Revue de architecture et des travaux publics*. Tom. I da 4.ª serie.

graram tornar conhecido, não só no paiz, mas no estrangeiro, esse magnifico exemplar de uma povoação celtica ou callaica, na sua feição anterior e posterior ao dominio de Roma.

O seu caracter pre-romano é assignalado pela fórma circular das suas habitações, parecidas com as moradas gaulezas a que se refere Strabão[1], estudadas por Caumont[2] na França occidental, e iguaes ás de alguns dos castros descriptos por

Caracter pre-romano.



(Fig. 58)

Citania

Villa Amil[3] e a outros que existem entre nós, como os de Santa Iria e Roriz; pelo apparelho das suas muralhas e das paredes das casas; pela ornamentação da *Pedra formosa* e de outras lapides; pelos fragmentos de ceramica, exemplares de esculptura, etc., elementos estes que levaram o mallogrado archeologo portuguez Filippe Simões a concluir que os habitantes da Citania[4] pertenciam a um povo celtico que sómente em parte adopton

[1] Strabo, liv. IV.
[2] Caumont. *Cours d'antiquités monumentales*, tom. I, cap. IV.
[3] *Los castros y mamoas en Galicia*. No *Museu español de antiguidades*, tom. VII.
[4] A. Filippe Simões. *A Citania de Briteiros*. Instituto, 1887.

os costumes dos dominadores, conservando outros proprios, mesmo na dominação romana.

A chamada *Pedra formosa* é o objecto mais interessante da Citania, ali encontrada em 1718 e transportada para o adro da egreja de Santo Estevão de Briteiros, de onde a reconduziu ao seu primitivo pouso o sr. Martins Sarmento.

Parece que são de origem primitiva e não romana as calçadas que cruzam a cidade, e d'ellas nos dá o sr. Martins Sarmento[1] noticia circumstanciada; iguaes se encontram em Sabroso.

Influencia romana.

A influencia romana n'esta povoação, que parece ter existido pelo menos até Adriano[2], é manifestada pelas moedas encontradas, que na maior parte são romanas, por muitos objectos de ceramica, telhas, ladrilhos, etc.

Abandono da Citania.

Segundo a hypothese mais acceitavel, parece que a Citanea foi abandonada pela povoação, tendo-se as casas despejado tranquillamente, seguindo-se ao abandono a destruição. Filippe Simões baseia essa hypothese no facto de não se terem encontrado nem ruinas, nem moedas, nem armas, nem outros objectos necessarios á vida[3] que n'uma destruição violenta teriam ficado.

Citania e Sabroso.

Comparando estas duas povoações tão distinctas, embora de identica origem, o Sabroso e a Citania, o eminente archeologo o sr. Martins Sarmento, a quem se devem estudos mais especiaes sobre o assumpto, chega ás seguintes conclusões:

«Da comparação d'estas reliquias salta aos olhos, não uma simultaneidade, mas uma successão, exactamente como se

[1] F. Martins Sarmento. *Observações á Citania de Briteiros* do sr. dr. Hübner. Porto, 1879.
[2] F. Martins Sarmento. Idem
[3] A. Filippe Simões. *A Citania de Briteiros* — Art. do *Instituto*, 1887.

um mesmo povo, depois de habitar longo tempo Sabroso, o abandonasse por qualquer motivo, e fosse continuar a sua existencia na Citania. Nos pontos de similhança, pelos quaes tentamos mostrar que as duas estações se tocam, dir-se-ía reconhecer-se metade do élo, por onde partiu a cadeia de uma mesma historia, que deixou em Sabroso as suas paginas mais arcaicas, impressas de uma generalidade sem mescla, originalidade que continúa por algum tempo na Citania, até que é bruscamente surprehendida e alterada pelo intrusão do elemento romano.

A mesma proximidade das duas povoações fornece um argumento contra a sua contemporaneidade. E não é só isto; as reflexões que suscita esta proximidade obrigam a surdir do cahos das hypotheses alguma cousa de tão plausivel que chega a tomar a consistencia de um facto positivo — que significa duas fortalezas á distancia de um kilometro? — principalmente que significa Sabroso, com a sua muralha singela, embora solida, e o seu pequeno recinto, a par da Citania, cuja área enorme podia recolher toda a população d'aquellas redondezas, offerecendo-lhe um abrigo mil vezes mais seguro dentro das solidas e complicadas linhas das suas muralhas?

Ha aqui um luxo de fortificações que chega a ser desperdicio; mas este desperdicio começa a tornar-se muito suspeito, logo que se attenta em que para alem de Sabroso e da Citania, e tambem a pouco mais de 1 kilometro d'esta, se nos depara uma terceira fortaleza das dimensões de Sabroso, e que, como as outras duas, olha igualmente para o valle do Ave.

Assim na curta linha de 2 a 3 kilometros havia nada menos que tres *duns;* e, se agora quizessemos suppor que cada um d'elles tomava por sua conta o abrigo e defeza das populações que lhes ficavam ao pé, e por isso dividissemos aquella parte do valle em tres secções, á secção do centro, correspondente á Citania, tocava uma área de população, que salva a exageração, podia dizer-se que cabia na ultima ordem das suas muralhas. Não póde ser. Antes é mais que evidente que a gigantesca construcção da Citania exigiu os esforços reunidos de todos os povos do valle do Ave, que lhe ficavam á vista, e nomeadamente os povos que já possuiam as fortalezas de Sabroso e de Santa Iria.

Os povos, pois, de Sabroso e Santa Iria não se pouparam a sacrificios e despezas, para construirem uma fortaleza, infinitamente mais segura, do que a que já tinham —

o que equivale a dizer que, por qualquer motivo, haviam reconhecido a insufficiencia e pouca segurança d'estas ultimas.

Entrevê-se aqui um facto que não póde rasoavelmente traduzir-se senão pela necessidade de precauções contra um grande perigo imminente, ou, melhor ainda, contra a repetição de um grande desastre, que poz em relevo a fraqueza do antigo systema de fortificações, e o erro de dispersar por fortes de pequena capacidade os combatentes, que se viu ser indispensavel concentrar e multiplicar na defeza de linhas triplicadamente mais valentes.

É a ameaça ou a apparição de um inimigo no Entre o Douro e Minho que operou esta transformação? Parece-o».

Invasão do consul Bruto.

Na opinião do auctor essa invasão foi a do consul Bruto na região de Entre-Douro e Minho, e, a avaliar pelas noticias e tradições que ficaram, devia ter produzido grande impressão n'aquelles povos. Aos nomes, por exemplo, de *Victorinho* (de Peães), *Cartel de Bruto* ou *Boucas Brutas*, no caminho percorrido pelo capitão romano de Braga ao rio Lima, ligou a lenda origens do tempo d'aquella assoladora expedição[1].

Diz o sr. Martins Sarmento:

«Foi sobretudo uma surpreza. A resistencia desesperada, mas tulmutuaria, em que homens e mulheres combatiam á mistura, só serviu para augmentar a carnificina. O numero de gallegos mortos subiria a 60:000, conta enormemeute exagerada, mas que prova a enormidade do desastre. Para se furtarem á escravidão, e evitarem a dos filhos, as mulheres captivas degolavam-nos, e suicidavam-se em seguida.

Os principaes actores d'esta tragedia são os bracaros, devendo entender-se de certo por esta denominação os povos de entre o Ave e Cavado.

[1] *Memorias geographicas e historicas da provincia de Entre-Douro e Minho.* Cod. A/4/1 da bibliotheca nacional, pag. 170. É a primeira parte do trabalho de Machado Villas Boas.

Para os legionarios romanos a escalada de fortes, como Sabrosa e Santa Iria, devia ser quasi um brinquedo, e offerecer a mesma facilidade que a Talabrica Lusitana, que elles tinham tomado e retomado sem custo, como o prova a comica generosidade de Bruto que a restitue aos seus moradores, por saber que a não póde conservar para si — generosidade que certamente se converteria em vingança inexoravel, se o assedio repetido d'esta praça tivesse feito correr muito sangue aos seus soldados.

Se estas conjecturas não andassem longe da verdade, podiamos então pôr os pontos nos *i i*.

É a invasão romana, commandada por Bruto, e a amarga experiencia d'esta guerra fatal que demonstra á evidencia a insufficiencia e quasi inutilidade dos fortes de Santa Iria e Sabroso em face de um inimigo como o romano, e é a precaução contra uma segunda invasão que obriga estas populações como que a reunir os *duns* dispersos, n'uma fortaleza unica, cuja força de resistencia foi calculada pelo gigantesco do ataque do novo aggressor como a dos velhos fortes o havia sido pela dos inimigos habituaes, que de certo se limitavam a correrias subitaneas, e dispunham de muito menores recursos estrategicos.

Em tal caso a origem da Citania e o abandono de Sabroso tinham uma data quasi certa — os fins do segundo seculo antes da nossa era. A Citania seria relativamente moderna, visto que a sua construcção começára depois do anno de 138; emquanto que Sabroso, que a Citania fez abandonar, logo que se tornou habitavel, seria um velhissimo *dun*, cuja historia devia ser procurada do anno de 138 para traz[1]».

É interessante, como se vê, este estudo que nos leva até um periodo tão afastado e tão bello das nossas origens.

De procedencia propriamente romana encontrâmos ainda hoje dispersos pelo paiz restos de monumentos militares que attestam a acção civilisadora

Monumentos militares romanos.

[1] F. Martins Sarmento. *Acerca das escavações de Sabroso.* Estudo no jornal *A Renascença,* vol. I.

do grande povo que nos educou para a civilisação e foi o nosso principal mestre na guerra. Sobre esses venerandos vestigios se podem reconstruir, em parte ou no todo, alguma das fortificações romanas no nosso territorio. Assim temos, por exemplo, a

Muralha romana de Evora[1]

Discripção da muralha.

Restam ainda em Evora vestigios da muralha romana sufficientes para lhe marcar a peripheria; torres, lanços de muralha a descoberto, em pontos algumas fiadas de silharia, e ainda fragmentos que se acham disfarçados pelas construcções juxtapostas.

A planta (est. XII),[2] indica bem claramente, a traço vermelho, a disposição da muralha, que fórma approximadamente um pentagono, dizendo uma das faces ao norte, outra, a maior, a poente, outra a sul, as duas restantes formando um angulo cujo vertice olha a nascente.

Torres.

Na face norte resta a torre do Salvador, o arco de D. Isabel (fig. 60), a unica porta romana que chegou a nossos dias, e o grande lanço bem conservado que sustenta o terreiro do templo romano.

A poente temos a torre, hoje completamente mascarada, no palacio onde funcciona a camara muni-

[1] Devemos ao nosso presado amigo e distincto escriptor e archeologo, sr. Gabriel Pereira estas informações, parte das quaes já elle tornára conhecidas nos seus interessantes *Estudos Eborenses*. É tambem do mesmo escriptor o desenho da porta de D. Isabel, que reproduzimos. Por tudo lhe confessâmos o nosso reconhecimento.

[2] A nossa planta é copia da que foi levantada e existe inedita em Evora, tirada em 1879 pelo sr. Manuel Joaquim de Mattos, hoje coronel commandante de infanteria 4, quando em serviço n'aquella cidade; a representação da muralha romana na nossa estampa vae muito mais completa, com a indicação das torres e da porta romana, segundo as indicações do sr. Gabriel Pereira.

INDICANDO



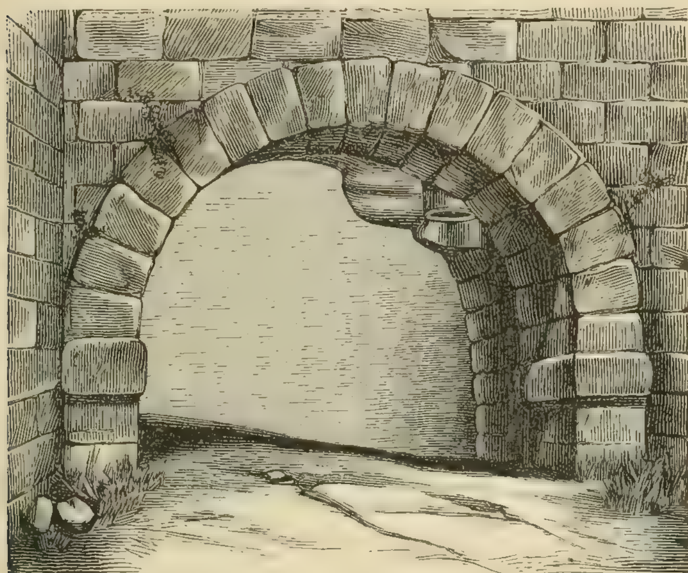
TRECHO DA PLANTA DA CIDADE D'EVORA INDICANDO A MURALHA ROMANA.

L DA PORTA NOVA
R. ANCHA
R. DO SALVADOR
R. DO MENINO JESUS
R. DE D. IZABEL
PRAÇA DE SERTORIO
T. DO SERTORIO
R. OCCIDENTAL DE DIANA
R. ORIENTAL DE DIANA
LARGO DOS COLLEGIAES
T. DAS CASAS PINTADAS
THIAGO
R. NOVA
L DE S.
LARGO DE DIANA
R. DE VASCO DA GAMA
R. DE BURGOS
ALCARCOVA DE CIMA
PRAÇA DE GERALDO
LARGO DA SÉ
R. DA SELLARIA
PATEO DE S. MIGUEL
R. DA FREIRIA DE CIMA
T. DO VASCONCELLOS
R. DE VALDEVINOS
R. DO PAÇO
ALCARCOVA DE BAIXO
R. DO DIOGO CÃO
R. DE MANCOS
R. DO CENACULO
R. DA FREIRIA DE BAIXO
R. DO COLLEGIO
R. DO JOÃOSINHO
L. DA MISERICORDIA
R. DOS INFANTES
L. DO ALVARO VELHO
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Estampa XII da Historia do Exercito Portuguez, 1.º vol.

cipal; a grande torre da rua Nova (casa Villas Boas); alguma silharia saliente na Alcarcova de cima, e a torre da Sellaria.

Do lado sul ha a torre e lanço do largo da Misericordia; restos mascarados nō edificio da Misericordia, a porta de Moura com suas duas torres, mas, ha muito, sem arco; e seguem lanços de muralha pelas casas e quintaes da rua do Collegio,



(Fig. 60)
Arco de D. Isabel

por exemplo, em casa do sr. Jacintho Morte, isto já no lado do angulo que terminava na destruida torre Mouchinha

Mas n'esse sitio ainda se vê grossa silharia romana, e segue um largo trecho de lanços e torres, formando outro lado do angulo, ora a descoberto, e em completa conservação, ora mascarado nos quintaes do palacio Cadaval; é o lado que vae do pateo de S. Miguel á torre das Cinco Quinas.

Variante da muralha.

Houve reconstrucções da muralha; a variante que a planta mostra no angulo formado pelas faces norte e poente, torre da Porta Nova (extincto convento de S. Paulo) e fragmentos de muralha mascarados na casa da praça de Sertorio, podem ser de origem romana; foram uma ampliação metendo na cerca um bom terreiro, e levando a muralha ao ponto onde começa o declive mais rapido.

A planta não indica o relevo do terreno, mas bastará dizer que a collina tem um declive rapido para o nascente, menos forte para sul e suave para norte e poente. Por isto existem talvez as grandes torres que robustecem a muralha para o lado do poente e as da porta de Moura.

Os largos ou praças da porta de Moura, da porta Nova e da praça de Giraldo, onde estava o arco romano destruido no seculo XVI, indicam as grandes avenidas da cidade, provavelmente a situação das principaes portas romanas, e ainda hoje são os nucleos do movimento.

Esta cerca defendeu a cidade ainda no dominio godo e no arabe. Aos godos attribue a tradição local as torres de Sisebuto na rua Nova e Sellaria. Mas iguaes a esta são a do Salvador (que as freiras encimaram com o seu mirante), a da Camara, cuja parte superior foi abatida ha dez annos, por ameaçar desabamento sobre a abobada da sala das sessões, que é no segundo pavimento da torre, e as do palacio Cadaval.

Alcarcova.

A designação de origem arabe *Alcarcova,* ainda hoje conservada, basta para provar que a cerca serviu aos agarenos. Esta designação dos fossos, hoje limitada á rua parallela á praça de Giraldo, ainda no seculo XVI se dava tambem á rua do Collegio e á do Menino Jesus, que era a *alcarcova* dos açougues, então installados no templo romano.

A muralha romana tinha 1080 metros de comprimento.

O lanço melhor conservado, mais puro, é o da base do palacio dos Bastos, pateo de S. Miguel. Vê-se ali o *grande apparelho* romano, fiadas regulares de pedras de granito, quasi iguaes, umas mostrando o lado maior, outras o menor, travando na parede, alternadamente.

O lado maior do silhar attinge $1^m \times 0^m,6$; o menor $0^m,3 \times 0^m,6$.

N'um d'estes fragmentos de muralha (palacio dos Bastos, olhando para o seminario), conserva-se a ultima fiada toda de silhares bem iguaes formando parapeito.

Uma das torres d'este mesmo lanço foi reforçada, encostaram uma torre a outra já existente, como os cunhaes mostram bem. Todo este trecho é de alto valor, é perfeitamente classico; são rarissimos no mundo exemplares como este.

O arco de D. Isabel é uma porta romana, representada na nossa gravura, de typo bem conhecido. Arco romano.
Ainda no começo do seculo existiam em Beja tres portas romanas do mesmo typo variando apenas na ligeira ornamentação.

Tem 4 metros de vão, sendo a volta semicircular formada por 18 silhares; é todo de granito. Quando construiram a porta interna, reforçando o arco romano, já este estava bastante entulhado, pois as soleiras da parte interna estão a $1^m,20$ apenas da cornija que na porta romana separa os prumos ou hombreiras da volta do arco; o segundo arco, ou interno fica mais alto.

Mas essa porta interna encostada ao arco romano deve ter sido construida em plena idade media, porque em tempo de D. Fernando, fim do seculo XIV, se abandonou e se destruiu em grande parte, para aproveitamento do material, a cerca ro-

mana, ao tratar-se de erguer a grande muralha fernandina.

Particularidades.

Ha ainda algumas particularidades a notar.

Ha oito annos, no palacio do sr. Villas Boas, ao rebaixar um armazem que deita para a Alcarcova de cima, descobriu-se uma passagem muito estreita e angulosa, toda de formidavel e bem assente silharia, que vem sahir na Alcarcova, junto e a sul da grande torre chamada de Sisebuto; provavelmente um postigo junto da porta da cidade que devia existir proxima da torre.

Na porta de Moura ha uma ermida sob a torre do poente, e uma escavação n'um fragmento da antiga muralha a que se liga a lenda de S. Manços; e ahi proximo ha subterraneos consideraveis.

A rampa coberta e as salas proximas no edificio dos Loyos (parte do palacio Cadaval) de construcção medieva parecem, mas sobre bases romanas provavelmente.

Junto das portas havia casas de guarda, seguramente; e é provavel que ellas tivessem seus postigos, caminhos subterraneos, e outros meios de guerra mais ou menos mascarados.

Na planta, est. XII, que acompanha este trabalho o n.º 1 indica a torre e muralha do extincto convento de S. Paulo, 2 a torre do Salvador, 3 a torre nos paços ao concelho, 4 a torre na esquina da rua Nova para a Alcarcova de cima, 5 a da rua da Sellaria, 6 a do largo da Misericordia, 7 e 8 as da porta de Moura, 9 é o lanço da muralha com pequenas torres, 10 a porta romana, conhecida pelo arco de D. Isabel e reproduzida na nossa gravura.

Condeixa-a-Velha

Entre as que têem atravessado os tempos ostentando altivas as muralhas graniticas, de uma contextura admiravel, estão as fortificações de Condeixa-a-Velha[1], a nobre *Conimbrica* romana, onde as inscripções, as abundantes moedas que se têem encontrado, os monumentos, entre os quaes o excellente aqueducto que ainda hoje tem de pé largos trechos, e que conduzia agua de Alcabideque *(agua de Deus emanada)* para dentro dos muros da cidade, provam o longo dominio de Roma, aliás confirmado pelos escriptores. A ampla praça de armas, que se passou a chamar a *Almedina* desde o dominio dos mouros, nome que ainda hoje conserva, e a espessura e solidez das muralhas, uma d'ellas de pé, de 20 palmos de largo, rijas como ferro, da argamassa romana que resiste aos seculos, põem ainda hoje bem em evidencia a importancia e grandeza d'aquella necropole! Condeixa-a-Velha.

Do lado do recinto fortificado ha um despenhadeiro sobre um rio fundo, hoje secco no verão, e d'esse lado se conserva ainda um importante trecho de muralha; do lado occidental existe uma separação, por meio da forte muralha, no ponto mais alto, d'onde se descobre largo horisonte para os lados de Ega. Os restos de tres grandes viaductos de cantaria, que se encontram fóra da muralha, á saída de uma porta, e o calçamento a alguma distancia das ruinas, provam a existencia de uma estrada romana, que naturalmente era a que vem mencionada no itinerario Antonino, como indo de Lisboa para

[1] Andam dispersos os preciosos objectos encontrados em Condeixa-a-Velha, conservando d'elles especimens curiosos o museu do instituto de Coimbra e a familia Lemos de Condeixa.

Braga, passando por Conimbriga (Condeixa-a-Velha) e Aeminio (Coimbra).

Era um acampamento?

N'uma controversia havida na commissão de archeologia do instituto de Coimbra (sessões de 5 de junho e 6 de novembro de 1873) acham-se as duas opiniões então correntes sobre o caracter das fortificações da antiga *Conimbrica*. Sustentou o sr. Miguel Osorio que era apenas um acampamento romano, *castrum*, por quanto não appareciam ali vestigios de grandes edificios, mas apenas de muitas edificações sem importancia, e as moedas que se encontravam eram abundantes, mas só de cobre, e portanto só destinadas, ao que

Era uma cidade.

parecia, ao estipendio das tropas. Esta interpretação, como se vê, era forçada, e o erro partia do desconhecimento de factos que o sr. Filippe Simões poz em evidencia, não só na sessão da referida commissão do Instituto, mas depois, no seu interessante trabalho *Alguns passos n'um labyrintho*. Na opinião d'aquelle escriptor, perfeitamente fundada[1], a antiga *Conimbrica* de Plinio e do itinerario de Antonino, era uma cidade rica e importante; assim o provam as numerosas inscripções ali encontradas, entre outras a que é citada por Barreiros na sua *Chorographia*[2], contendo o nome de *Conimbriga*, e estava, juntamente com outras, na ponte de Atadôa; a extensão das muralhas n'uma circumferencia de cerca de 3 kilometros; uma casa com pinturas a fresco; um envasamento de um templo descoberto em 1873, todo de cantaria, ao qual devia pertencer o toro de uma base de columna com 1 metro de diametro, anteriormente encontrado no mesmo logar; os restos de uma casa com columnas

[1] *Escriptos diversos* de Augusto Filippe Simões, colligidos por ordem da secção de archeologia do instituto de Coimbra. 1888.
[2] Gaspar Barreiros. *Chorographia*, fl. 48 a 51.

de marmore, assentes sobre chão de mosaico; e, finalmente, o aqueducto trazendo agua de cerca de meia legua distancia, de fontes que eram defendidas por uma torre, cujos restos se veem ainda, e conservadas sob uma grande abobada ou capa de cimento, etc. Alem d'isso não era provavel que se fosse edificar um simples acampamento á distancia da origem da agua, facilitando ao inimigo o podel-a cortar.

Não podia realmente deixar Conimbrica de ser uma cidade importante e notavel, não só por apresentar edificações d'essa natureza, mas porque depois, tendo sido destruida pelos mouros no anno de 468[1], continuou a ser séde episcopal até ao anno de 666, pelo menos, sendo só mais tarde vencida na sua supremacia por *Aeminio,* a actual Coimbra[2].

Ha a notar ainda a circumstancia de se ter conservado até agora o nome de *Almedina* dada pelos Almedina. mouros ao recinto murado, nome que significa *cidade* em arabe[3], ou um grande centro de população, *urbs magna*[4], nome que em outras terras de Portugal, como Coimbra, Thomar, Lamego indicam a existencia ali de fortes cidades muslimicas[5].

Para nós bastaria a grandeza e imponencia das muralhas caracteristicamente romanas, que ainda hoje subsistem, para desde logo nos firmarmos na certeza de que foi ali um *oppidum* importante, com uma alta funcção estrategica na região lusitana.

[1] *Idat. Chron.* em 468. «*Conimbrica in pace decepta diripitur domus destruuntur, cum aliqua parte murorum, habitatoribusque captis, atque dispersis, et regio desolatur et civitas.*

[2] D. Francisco de S. Luiz. *Coimbra e Eminio.* Revista estrangeira, pag. 48. — F. Simões *Alguns passos n'um labyrintho,* loc. cit.

[3] Fr. João de Sousa. *Vestigios da lingua arabica em Portugal.*

[4] J. C. Ayres de Campos, nota á pag. 11 do *Indice chronologico dos pergaminhos e foraes da camara de Coimbra.*

[5] Ha a *porta de Almedina* em Coimbra, e outra no castello de Thomar, e uma *rua de Almedina* em Lamego.

Tradição.

Conservou-se na tradição e foi reproduzido pelos escriptores que trataram de Condeixa-a-Velha, a crença de que a velha Conimbrica romana era um ponto onde vinham ter os barcos e se abrigavam protegidos contra os piratas pela artilharia da cidade.

Entre os escriptores que reproduziram essa tradição está o já citado auctor da *Historia Manlienense*, que na sua obra, que se conserva manuscripta, diz o seguinte[1]:

«Lembra-me que ha annos li em huma Coronica antiga de Letra Gotica, e já tam maltratada dos tempos que nam tinha principio nem fim, razam porque se nam podia saber o Autor que a escreveu, nem o tempo em que o fosse; e nella se disia que quando Ataces senhoreara a cidade de Conimbrica, hoje Condeixa-a-Velha, hia um Esterio do Mar áquella cidade, porque subiam a ella as embarcações, o que bem podia ser, pois tem avido ilhas que os antigos não viram, como outras que entam ouve, que hoje nam vemos, e posto haja de distancia sinco leguas, e sejam tudo campos, aqui se mostra a valentia dos tempos.»

Não entraremos, por não ser do nosso intuito nem especialidade, na apreciação d'este facto.

A qualidade do terreno, a bacia ou valle fundo que hoje se encontra da Figueira a Condeixa-a-Velha, e as argolas que se acham ainda hoje agarradas á muralha e parecem destinadas a amarrar os barcos, tem concorrido para manter esta antiga tradição, conservada pelos nossos escriptores[2].

[1] *Historia Manlianense* por Antonio Correia Fonseca de Andrade, 1713, liv. I, cap. VI. Ms. *in fol.* que tenho em meu poder, e pertence ao sr. D. Francisco de Alarcão, digno administrador do concelho de Penella, perto de Coimbra.

[2] *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrada. *Historia breve de Coimbra* de Bernardo de Brito Botelho.

De menor importancia, conhecem-se na tradição, e mesmo na historia, outros exemplos de modificações consideraveis; assim se sabe, por exemplo, que em Coina de Cima, *Equabona,* hoje distante do ponto de embarque, tinham os romanos um embarcadoiro para as tropas e para o commercio, que abria, em communicação directa com Lisboa, uma das vias militares que iam ter á capital lusitana, *Emerita Augusta.* Exemplos. Coina de Cima.

De Obidos ha a tradição de que um braço de Oceano vinha até perto da villa, emquanto que hoje se contem nos lindes pacificos da chamada lagôa de Obidos, distante 1 legua da povoação. Houve até quem d'esse facto fizesse derivar a etymologia latina de Obidos. Obidos.

Quem hoje, vindo Tejo acima, desde a ponta de areia de um lado e desde Cascaes de outro, sobre a larga facha do Tejo comprimido entre as duas margens povoadas e risonhas, analysar a bella prespectiva do porto, pensará, por ventura, que onde é agora essa formosa bacia de agua que vae sulcando, foi outr'ora terreno solido? Acreditará que os montes mais proximos da margem direita, de Lisboa a Santarem, tempo houve em que estiveram cobertos de agua, e que era para alem de Almada, entre a Piedade e a lagôa da Albufeira, hoje terrenos de alluvião, que essas aguas tinham aberto a escoante amplissima para o mar[1]? Lisboa

Bernardo de Brito Botelho na sua *Historia breve de Coimbra,* diz:

«... e a experiencia tem mostrado o muito que o mar tem retrocedido nos portos e prayas de Portugal, como vemos em Lisboa, que aportou o corpo de Martyr S. Vi-

[1] *Barão de Eschwege. Memoria das estratificações, etc. Memorias da Academia,* 1.º serie, tom. XI, cap. I.

cente, onde hoje he e era já então Santa Justa, no tempo do inclito D. Affonso Henriques, no anno de 1173, como consta da trasladação do mesmo Santo, oitocentos e sessenta annos depois d'esta antiquissima cidade ser fundada...»

Isto refere-se a uma tradição relativamente moderna; para se ler mais longe, porém, lá encontra a sciencia, traçadas em sulcos profundos, ou alteadas em lombas ou cristas granitas, na superficie da terra, paginas immorredoiras. O rio que no seculo XII chegava até Santa Justa, e anteriormente lambia os pés ao morro coroado de muralhas onde hoje se ergue o castello de S. Jorge, tempo houve em que cobria os montes de formação terciaria da margem direita.

Que muito admiraria, pois, que nas transformações geologicas por que tem passado o globo, se desviasse do sopé dos muros de Condeixa, ou da antiga Conimbriga, a corrente de agua que ali passava, em amplitude bastante para dar váo ás guerreiras triremes do domador romano? Os competentes que o averiguem.

Coimbra

Coimbra romana.

Tambem a actual Coimbra, *Aeminio,* herdeira do nome e da funcção social, religiosa e militar da Conimbrica antiga, ostentou durante muito tempo vestigios da sua rija cinta de muralhas romanas, das quaes até ao anno de 1788, em que foi demolido, se via, acima da porta chamada de Belcouce, o arco romano, «obra perfeitissima toda de pedraria com suas columnas mui bem lavradas e seus frisos», como diz Coelho Gasco[1], e que estava ao fundo da Cou-

[1] Antonio Coelho Gasco, *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra.*

raça de Lisboa, junto ao sitio onde hoje é a capellinha de Santo Antonio. Coelho Gasco, D. Jeronymo, bispo de Segovia, Gregorio Braunio e outros escriptores, não fallando em alguns curiosos mappas do seculo XVII, confirmam a existencia d'este arco quadrangular, que era evidentemente uma porta da cidade romana, e nos apparece coroada de ameias posteriormente, na idade media[1]. Nenhuns vestigios ficaram, porém, d'essas edificações militares, que successivamente se foram destruindo e substituindo[2].

Ao contrario do que succedêra á antiga Conimbrica, pela deficiencia da sua posição, mal guardada por defezas naturaes, a nova Conimbrica, n'uma situação excellente, manteve-se através dos seculos como ponto estrategico, occupando na historia militar um logar distincto. É muito provavel, como aconteceu em outras cidades, que os fortes muros da cerca romana tivessem sido aproveitados nas medievas construcções defensivas; é um facto que ainda se reconhece em muitas

[1] F. Simões. *Alguns passos n'um labyrintho*, loc. cit.

[2] Os que quizerem conhecer os assumptos que dizem respeito ás duas antigas cidades romanas Conimbrica e Aeminio, consultarão vantajosamente os seguintes trabalhos: A. Coelho Gasco, obr. cit., — D. Jeronymo de Mascarenhas, bispo de Segovia, *Historia da cidade de Coimbra* (fragmentos originaes de quinze capitulos) na bibliotheca de Evora. — Bernardo de Brito Botelho, *Historia breve de Coimbra*, 2.ª edição annotada, Lisboa, 1873. — D. Francisco de S. Luiz, *Coimbra e Eminio*, artigo na *Rev. estrang.*, 1859, pag. 58. — Fr. Agostinho de Santa Maria, *Santuario Mariano*, Lisboa, 1712, tom. IV, liv. II. — Antonio de Carvalho da Costa, *Chorographia portugueza*, tom. II, pag. 34. — João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, *Noticia dada á Academia Real das Sciencias sobre Eminio* na sessão historica de 23 de maio de 1849, *Actas da academia*, tom. I. — A. Filippe Simões, *Escriptos diversos*. — Antonio Borges de Figueiredo, *Coimbra antiga e moderna*, 1886. — Ayres de Campos, cathalogo dos objectos existentes no museu de archeologia do instituto de Coimbra. — E. Hübner, *Corpus incripcionem latinarum*, vol. I. — O *Instituto*, vol. XVII. *Actas da commissão de archeol.* do Instituto de Coimbra de 5 de junho e 6 de novembro de 1873. — Augusto Mendes Simões de Castro, *Guia histor.* de Coimbra, etc.

fortalezas, não só do nosso paiz, mas no estrangeiro.

Montemór-o-Novo

Montemór-o-Novo.

Um dos exemplares mais notaveis da archeologia militar, é o bello recinto fortificado de Montemór-o-Novo, modelo curioso da juxtaposição de tres generos de architecturas que perpetuam tres gerações de guerreiros: a romana, a arabe e a neogoda.

Alem da entrada principal, perfeitamente conservada, o sr. Gabriel Pereira, que precedeu a um minucioso estudo sobre estas ruinas, entende que o que é chamado ainda hoje o *palacio*, com o primitivo nome latino, em vez de *paço*, *alcaçova* ou *menagem*, com as suas altas muralhas em quadrado, os angulos fortalecidos por fortes cubellos, e as suas janellas rectangulares ou de volta redonda, como tambem as grandes torres, são de origem romana, de que conservam todo o aspecto[1].

Aquelle escriptor compara estas construcções com as do castello de Vallongo, tambem de construcção romana, que ainda se conservam de pé:

«Imagine-se um quadrado de 60 metros de lado, formado por espessas muralhas, nos cantos fortes cubellos; um d'estes mais amplo, com suas divisões, é a habitação principal. A porta voltada a nascente. Dentro do recinto, encostadas ás muralhas, algumas casas, com forno. Um dos torreões ampliado com uma construcção de silharia, que parece prisão. Como está muito isolado, ninguem tem ido ali buscar material, acha-se admiravelmente conserva

[1] Gabriel Pereira. *Antiguidade des Montemór-o-Novo.* Artigo da *Rev. archeol. e hist.*, vol. I, n.º 9.

do. É um exemplar curioso, digno de estudo. A porta principal, a construcção fundamental, o aspecto, são romanos.»

Este castello é um antigo monumento, indicado no seculo XV e XVI pelo nome de *Castello real.*

Beja

Preciosos exemplares de fortificação romana possuia ainda no principio d'este seculo a cidade de Beja, a *Pax Julia* dos Romanos; e ainda hoje grandes trechos das suas muralhas têem todo o caracteristico de construcção romana. Da collecção de desenhos interessantes das antiguidades que se conservam na bibliotheca de Evora e pertenciam ao arcebispo Cenaculo, reproduziu o *Boletim dos archeologos*[1] as tres notaveis portas, chamadas de Mertola, de Evora e de Aviz, que teremos ensejo de dar a conhecer. Todas tinham os classicos arcos romanos semicirculares: a porta de Mertola com a silharia singela, e um almofadado rudimentar; a porta de Evora com uma dupla moldura, e a de Aviz com uma só moldura, mais larga e trabalhada, e os silhares das fortes hombreiras em almofadas muito salientes, cortadas na frente por meias cannas[2].

[1] N.º 2.º da 3.ª serie.

[2] Sobre as antiguidades de Beja existem entre outros, os seguintes trabalhos: F. C. da Silva, *Apontamentos varios para as memorias historicas da cidade de Beja,* ms. da bibliotheca nacional. Y-4-104. — Vasco Freire, *Antiguidades de Beja,* ms., idem. B-17-4. — A collecção do *Bejense.* — O catalogo do museu archeologico de Beja. — Christovam Xavier Ganhoteiro, *Memorias historicas de Beja e Mertola,* ms. — Jeronymo de Carvalhal, *Memoria historica da cidade de Beja,* ms. — Marçal de Avellar da Costa, *Historia de Beja,* ms. incompleto. — Diogo Correia Barradas, *Historia de Beja,* ms. e Manuel Mestre de Sousa, *Beja illustrada* ou *Pax Julia ennobrecida,* ms.: devem existir entre os papeis de Santa Cruz de Coimbra. — Nos manuscriptos da bibliotheca de Evora: *Fundação da igreja de Santa*

Segundo a opinião de André de Rezende, do arcebispo Cenaculo no *Sesinando Martyr*, e de Felix Caetano a muralha romana era quasi circular. Tinha em volta quarenta torres. O arco que ainda resta e um bastião são trabalho romano, sendo o bastião um macisso de pedra, com grossos silhares, tendo tido na cantaria dos cunhaes tres aguias romanas, uma em baixo relevo e duas em alto relevo, que hoje estão no museu de Beja.

Da muralha actual, em dois lanços, pelo menos, não tem ainda tocado mão profana[1]; o terrapleno é formado de cimento.

E como estes muitos exemplares que ainda hoje conservam restos de uma tão remota antiguidade, ou de que podiamos dar noticia, se estivesse dentro do espirito e caracter d'esta obra o entrar em longas minuciosidades.

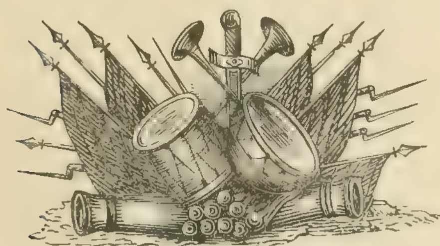
Conclusão

De quanto fica dito, mas não concluido, porque é vasto o assumpto, e nos propomos traçar um largo esboço das origens da arte militar no territorio onde hoje fluctua a bandeira portugueza, — origens communs aos outros povos da peninsula na genese da civilisação iberica —, chegâmos a concluir que não é só nas particulas do sangue que ainda nos gira nas veias, nos fundamentos de al-

Maria de Beja. — *Extracto vista a planta de Beja... para que Sua Magestade exalte a cidade*, por Balthazar Vaz Merforado. — *Creação do bispado de Beja*, pelo bispo fr. Manuel do Cenaculo. — *Livro dos assentos da academia ecclesiastica de Beja.* — *A cidade*. S. Sesinando. — *Memoria de alguns documentos relativos a Beja.* — *Memoria de doutores e varões illustres de Beja*, etc. — Vide tom. III do catalogo d'essa bibliotheca.

[1] Opinião de Umbilino Palma.

gumas leis que nos regem, nas crenças e nos costumes que ainda entre nós subsistem, ou na fórma municipal que desde o seculo XI representa o regresso ao espirito romano; que não é só nas nossas artes, nas nossas letras, na nossa cultura geral, que se prolonga em nós, se póde dizer, a existencia do grande povo, que dominou o mundo para o afeiçoar á sua maneira de ser e que, fundindo as instituições embrionarias e locaes da peninsula, lhes deu unidade e caracter. Monumentos venerandos attestam-nos o que foi entre nós esse povo e o que lhe devemos; sendo até muitas das pedras dos adarves que guardaram o peito dos legionarios as mesmas que tem servido, no decurso dos seculos, de broquel aos corações portuguezes que, ora contra a moirisma intrusa, ora contra os oppressores das suas liberdades e garantias, tem luctado como heroes, mantendo ilesos os seus direitos e bem alta a sua independencia!



DOCUMENTO

Documento

Resumo dos serviços e disposições mais importantes, adoptados pelo ministerio da guerra de janeiro a setembro de 1890, sendo ministro o conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, presidente do conselho.

Decreto de 5 de fevereiro de 1890. Ordem do exercito n.º 7 de 1890.

Nomeação de quatro brigadas de officiaes, para procederem ao reconhecimento militar do litoral do reino e das ilhas adjacentes, e á elaboração dos planos geraes de defeza das respectivas costas e portos de mar.

Cada brigada foi formada por sete officiaes dos seguintes serviços e armas: estado maior, engenheria, artilheria, torpedos, armada e hydrographia.

As instrucções para estes estudos foram estabelecidas pela commissão superior de guerra.

Foi cumprido este serviço, e os trabalhos estão no corpo do estado maior.

Decreto dictatorial n.º 1 de 10 de fevereiro de 1890. Ordem do exercito n.º 8 de 1890.

Auctorisado o governo a mandar proceder á construcção das obras de fortificação que faltam para o completo do armamento de segurança do porto de Lisboa; e á acquisição do artilhamento e material de torpedos e de barcos torpedeiros correspondente.

Começou-se a construcção das baterias de S. Gonçalo, proximo a S. Julião da Barra, e de Alpena, na costa ao sul do Tejo, destinadas a bôças de fogo curtas de grande calibre.

Procedeu-se á construcção dos ramaes de estrada mili-

tar, necessarios para o serviço d'estas baterias e de outras contiguas.

As baterias estão em construcção adiantada, e as estradas concluidas.

Emprehenderam-se os estudos ácerca do artilhamento a que o decreto se referia, bem como ácerca do material de torpedos e de barcos torpedeiros.

Adquiriu-se o barco torpedeiro *Mineiro*.

Decreto dictatorial n.º 2 de 10 de fevereiro de 1890. Ordem do exercito n.º 8 de 1890.

Auctorisado o governo a proceder á reorganisação do exercito, em harmonia com as seguintes bases:

1.ª Remodelar a constituição das diversas armas e serviços do exercito.

2.ª Augmento do contingente annual, reduzindo o tempo de serviço.

3.ª Reorganisação e instrucção da segunda reserva.

4.ª Desenvolver a instrucção do exercito em geral.

5.ª Attender convenientemente á distribuição da força publica.

6.ª Creação das escolas praticas de infanteria e de cavallaria, independentes.

7.ª Estabelecimento de novas carreiras de tiro, e melhoramento de algumas existentes.

8.ª Melhorar e completar o armamento do exercito.

9.ª Reformar as escolas dos officiaes inferiores.

Auctorisado o governo a fazer na lei do recrutamento as alterações indispensaveis para o cumprimento das bases anteriores.

Execução d'este decreto:

Foi incumbida a commissão superior de guerra de proceder aos estudos a que se refere a disposição 1.ª, os quaes ficaram pendentes.

Procedeu-se com os officiaes das differentes armas nomeados para servirem na repartição de gabinete do ministro, aos estudos das alterações necessarias na lei do recrutamento, e áquelles a que se referiam as disposições 2.ª e 3.ª do decreto. Esse trabalho concluiu-se, e foi apresentado a s. ex.ª o ministro em maio de 1890: segundo elle, quasi todas, se não todas, as operações do recrutamento passavam para o ministerio da guerra.

Em referencia á disposição ou base n.º 4 do decreto, deu-se em 1890 grande desenvolvimento á instrucção do exercito, como adiante se relatará.

Á disposição n.º 5, attender-se-ía opportunamente, depois de apresentados os trabalhos incumbidos á commissão superior de guerra.

Em relação á disposição n.º 6 foram effectivamente creadas as escolas praticas de infanteria e de cavallaria, em substituição da escola mixta de infanteria e cavallaria que existia em Mafra.

Escola pratica de infanteria. — Decreto de 18 de abril de 1890 e regulamento de 24 de abril. Ordem do exercito n.º 16.

O regulamento foi elaborado pela repartição de gabinete do ministro da guerra.

A escola foi estabelecida em Mafra, sob bases differentes da que até então ali existia. Destina-se a aperfeiçoar e desenvolver na infanteria a instrucção de tiro, gymnastica, esgrima e outros ramos de instrucção e serviço da arma, habilitando officiaes e mais praças para a ministrarem nos corpos; completar a instrucção pratica das praças que sáem da escola do exercito com o curso de infanteria; cuidar de todos os melhoramentos relativos ao serviço e instrucção da infanteria, etc.

Escola pratica de cavallaria. — Decreto de 17 de abril e regulamento de 2 de maio. Ordens do exercito n.ºs 16 e 17.

O regulamento foi elaborado pela repartição do gabinete do ministro da guerra.

A escola foi estabelecida em Villa Viçosa, onde até então existia o deposito provisorio de remonta. Destina-se a habilitar officiaes e mais praças de cavallaria, nos differentes ramos de serviço e instrucção da arma, preparando-os convenientemente para a instrucção nos corpos; completar a instrucção pratica das praças habilitadas com o curso de cavallaria da escola do exercito; constituir deposito de remonta para os cavallos potros destinados ao serviço militar; cuidar de todos os melhoramentos relativos ao serviço e instrucção da arma; e emquanto legislação especial não organisar definitivamente as escolas de sargentos, habilitar com o curso d'esta classe as praças de pret de cavallaria.

Em 1890 procedeu-se no quartel de Villa Viçosa ás obras necessarias para a installação da escola, mandou-se á commissão de escolha de typos de quarteis que formulasse as bases para a ampliação do referido quartel, escolheu-se o campo do Vigario para a carreira de tiro da escola, etc.

— Em relação á disposição n.º 7, melhoraram-se consideravelmente as carreiras de tiro de Esmoriz, Chaves, Guarda, Lamego, Tavira, etc., e mandou-se proceder á escolha de terrenos, e elaboração de projectos para carreiras de tiro em Lisboa, Porto, Elvas, e em quasi todos os outros pontos de guarnição militar no continente e nas ilhas adjacentes.

O terreno escolhido pela repartição de gabinete do ministro da guerra para a carreira de tiro de Lisboa, foi em Pedrouços, junto ao hyppodromo de Belem. Começou-se a construcção da carreira, hoje concluida, e a funccionar.

O terreno escolhido no Porto, foi na Serra do Pilar.

— Em relação á disposição n.º 8, nomeou-se para esse fim uma commissão de officiaes. Ordem do exercito n.º 13.

Em resultado dos seus estudos foi construido no arsenal do exercito um modelo de carabina para cavallaria, usando o mesmo cartucho da arma Kropatschek de infanteria, e dando a repetição por meio de carregadores.

Ainda em relação á mesma disposição ou base n.º 8, deram-se as necessarias providencias para o fabrico do cartuchame Kropatschek ser montado no nosso arsenal, a fim de dispensar a sua importação. Mandou-se adquirir no estrangeiro a quantidade de cartuchame necessario para o serviço e instrucção da infanteria, emquanto isso se não conseguia. Hoje já é fabricado no nosso arsenal todo o cartuchame Kropatschek.

— Finalmente em relação á disposição n.º 9, do decreto dictatorial n.º 2 de 10 de fevereiro, a que nos temos referido, nomeou-se para os estudos correspondentes uma commissão de officiaes das differentes armas do exercito. Ordem do exercito n.º 14. Os trabalhos d'esta commissão serviram de base para a organisação que as escolas dos sargentos têem actualmente.

Decreto dictatorial n.º 3 de 10 de fevereiro de 1890. Ordem do exercito n.º 8.

Auctorisado o governo a reorganisar as guardas municipaes de Lisboa e Porto.

Em cumprimento d'este decreto, foi publicado o respectivo regulamento na ordem do exercito n.º 16, em que

teve collaboração a repartição do gabinete do ministerio da guerra. Foi augmentado o effectivo das companhias das guardas municipaes, constituida a cavallaria em esquadrões com o respectivo augmento de effectivo, adoptadas as disposições necessarias para quando estes corpos passem para o ministerio da guerra, e tomadas outras providencias para a situação dos officiaes e mais serviços das mesmas guardas.

Por ordem de s. ex.ª o ministro da guerra foram mandados inspeccionar por uma junta militar de saude todos os officiaes generaes em serviço activo no exercito.

Foram julgados incapazes de todo o serviço, e de serviço activo, e portanto reformados, dezoito officiaes generaes, fazendo-se a promoção correspondente nas differentes armas.

Foi determinado que o regimento n.º 2 de cavallaria do Principe D. Carlos passasse a denominar-se regimento de cavallaria n.º 2, lanceiros de El-Rei, e que as bandeirolas das lanças dos regimentos de lanceiros passassem a ser azues e brancas. Ordem do exercito n.º 11.

Foi conferida ao regimento de infanteria n.º 1, a denominação de regimento n.º 1 de infanteria da Rainha. Ordem do exercito n.º 13.

Attendendo á informação do general inspector da infanteria, foi suspenso por decreto de 20 de março (ordem do exercito n.º 13), o regulamento para o serviço interno dos corpos de infanteria, de 25 de abril de 1889, e restabelecido provisoriamente o regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito, de 21 de novembro de 1866, com todas as disposições posteriormente determinadas a elle referentes.

Serviço de instrucção das differentes armas do exercito em 1890

Engenheria. — (Ordem do exercito n.º 14.) Alem dos exercicios e trabalhos praticos na escola pratica de Tancos, foi mandada marchar para Coruche uma companhia de pontoneiros com o seu material de equipagem, para

lançar ponte sobre o Sorraia, a fim de dar passagem ao grupo de baterias de artilheria n.º 3 que tinha de seguir para Vendas Novas, porque o Sorraia não dava vau, em consequencia da muita agua que levava. A ponte que se lançou tinha mais de 100 metros de comprimento; o gado para a conducção do material de equipagem de Santarem a Coruche foi fornecido pelos regimentos de engenheria, artilheria n.º 2 e artilheria n.º 3.

De Tancos a Santarem a equipagem veiu pelo caminho de ferro.

Assistiram muitos officiaes de todas as armas, porque o ministerio da guerra ordenou que se passassem guias de marcha aos officiaes dos corpos da 1.ª e 4.ª divisões que quizessem ir assistir a estes exercicios, e não fizessem falta ao serviço.

Ao campo de Tancos concorreram em 1890 os pelotões de sapadores dos regimentos de caçadores n.ºs 1, 2, 4, 7 e 9 e de infanteria n.ºs 4, 11, 13, 16, 19 e 20, para trabalhos da sua especialidade durante um mez.

Concorreram tambem á escola pratica de Tancos para exercicios durante vinte dias, os reservistas da classe de 1892, do regimento de engenheria.

Artilheria. — (Ordem do exercito n.º 13.) Os exercicios na escola pratica de Vendas Novas tiveram grande desenvolvimento, concorrendo successivamente um grupo de tres baterias do regimento de artilheria n.º 3, um grupo de duas baterias do regimento de artilheria n.º 2, um batalhão de artilheria de guarnição formado por duas companhias de artilheria n.º 4 e duas companhias de artilheria n.º 5, e um grupo de tres baterias do regimento de artilheria n.º 1. A instrucção de tiro de cada grupo de artilheria de campanha durou quinze dias, e do batalhão de artilheria de guarnição vinte e tres dias. Os exercicios começaram em 26 de abril e acabaram em 8 de julho.

Concorreram á instrucção com os grupos ou companhias dos seus respectivos regimentos os reservistas da classe de 1892.

A instrucção terminou por uma marcha nas provincias do Alemtejo e Extremadura, de regresso a Lisboa, de uma bateria do regimento de artilheria n.º 1, em pé de guerra, que se effectuou de 9 a 31 de julho, em que foi

como subalterno o sr. Infante D. Affonso Henriques, duque do Porto, que tinha tomado parte nos exercicios da escola n'esse anno.

A convocação dos reservistas de artilheria e engenheria para exercicios, que se effectuou pela primeira vez no nosso exercito, desde a organisação das reservas, actualmente em vigor, deu o melhor resultado, não obstante ter sido feita para as duas armas que os têem mais espalhados no paiz, e em epocha em que havia trabalhos agricolas. Todos se apresentaram nos respectivos locaes nos dias marcados, tomaram interesse e mostraram aproveitamento na instrucção que receberam, muito boa vontade, e portaram-se em geral muito bem.

Infanteria. — Os exercicios de instrucção dos corpos de caçadores e infanteria deviam verificar-se (ordem do exercito n.º 15) nas differentes divisões militares, de 1 de maio a 31 de outubro.

Cada corpo devia ter todo o seu effectivo presente no quartel durante tres mezes, em que deveriam ter logar os exercicios de instrucção geral, desde a instrucção de combate para grupo e esquadra, até aos exercicios de batalhão e regimento (tactica abstracta e tactica applicada), serviço de campanha, tiro e avaliação de distancias, etc.

Durante estes tres mezes os corpos não davam destacamentos, e em Lisboa e Porto davam guarnição só uma vez por semana; no outro trimestre é que lhe competiam estes serviços, alternando assim em instrucção e para o serviço de guarnição, metade dos corpos de caçadores e infanteria com a outra metade.

Determinou-se a convocação dos reservistas da classe de 1892 para exercicios de tiro e outros, durante vinte dias, nos mezes de agosto e setembro.

As carreiras de tiro, que se poderam aprpromptar por este anno (1890), e onde se deviam verificar os exercicios de todos os regimentos e de todos os reservistas, eram treze, a saber: Mafra, Tancos, Leiria, Vendas Novas, Tavira, Lagos, Vizeu, Lamego, Guarda, Esmoriz, Braga, Chaves e Bragança.

Effectuou-se a instrucção como se tinha determinado, e com muito aproveitamento, durante o primeiro trimestre, de 1 de maio a 31 de julho. No segundo trimestre, de 1 de agosto a 31 de outubro, teve de se interromper a instrucção, e não se effectuou a convocação dos reservistas, por ter apparecido cholera em Hespanha, e ter sido necessario organisar o cordão sanitario.

Cavallaria. — Aos corpos de cavallaria determinou-se a instrucção analogamente á infanteria, e os de caçadores a cavallo deviam ter todos instrucção de tiro em differentes carreiras.

Nas instrucções que se formularam desenvolviam-se muito os exercicios de marchas.

A convocação dos reservistas foi determinada para o mez de agosto, e deviam ter tambem exercicios de tiro.

A organisação do cordão sanitario em agosto, fez com que só se tivesse podido cumprir o que foi determinado para o trimestre de 1 de maio a 31 de julho.

— Adquiriu-se grande quantidade de cavallos.

Os trinta esquadrões dos dez regimentos d'esta arma ficaram em agosto de 1890 em cerca de 2:500 cavallos, isto é, a mais de 80 cavallos por esquadrão, em media.

Esta remonta foi feita tanto pela commissão especial, como pelos conselhos administrativos dos corpos, e em muito boas condições.

Exercicios de armas combinadas.

Exercicios de brigada mixta. — Constituiu-se em 1 de maio a brigada de instrucção, determinada no anno anterior com o fim de desenvolver a instrucção tactica das tropas, no emprego de armas combinadas e no serviço de campanha, e servir ao mesmo tempo para no seu commando, e na das differentes unidades que a compunham, serem dadas as provas de aptidão a que são obrigados os coroneis e capitães das differentes armas e do corpo de estado maior, para ascenderem aos postos immediatos. Ordem do exercito n.º 15.

A brigada foi constituida nos arredores de Lisboa, com batalhões, esquadrões e baterias dos corpos da 1.ª, 2.ª e 4.ª divisões militares, devendo ser rendidas todas as unidades, no fim do primeiro trimestre de instrucção. Alguns dos batalhões de infanteria estiveram aquartelados nos novos fortes.

Em consequencia do cholera em Hespanha, só se effectuaram os exercicios da 1.ª brigada no trimestre de 1 de maio a 31 de julho.

Os exercicios effectuaram-se segundo programma e instrucções determinadas, e correram com a maior regularidade e aproveitamento para as tropas. Terminaram, com exercicios de marcha, estacionamento e combate proximo

de Queluz, em dois dias seguidos, passando as tropas a noite em bivaque, e com uma revista geral á brigada no hyppodromo de Belem, que esteve, todo o tempo de exercicios, á disposição do ministerio da guerra para exercicios de tactica abstracta, por contrato effectuado com a sociedade de corridas (Turf-club). Suas Magestades assistiram, entre outros, a estes exercicios e revista final.

Para as tropas da 3.ª divisão tinha-se determinado exercicios de brigada no mez de outubro nos arredores do Porto; impediu-os o cordão sanitario.

Exercicios mixtos de pequenas unidades de differentes armas. — Para as provas de aptidão dos capitães candidatos ao posto de major, tiveram logar na brigada de instrucção pela primeira vez, e com excellente resultado, exercicios de tactica applicada, de dupla acção, entre batalhões e grupos de esquadrões e baterias, combinados de differentes maneiras, competindo á unidade de uma arma as suas operações combinada com a de outra, contra as oppostas. Estes exercicios habituam muito os officiaes desde novos á combinação das differentes armas no serviço de campanha e no combate.

Abertura de concurso, perante a secretaria da guerra, entre os officiaes do exercito que hajam publicado escriptos que revelem a sua capacidade litteraria, para escrever a *Historia organica e politica do exercito portuguez*, desde as suas origens. Ordem do exercito n.º 18.

Decreto e respectivo regulamento de 28 de maio de 1890. Ordem do exercito n.º 21.

Auctorisando a instrucção de tiro de individuos da classe civil nas carreiras militares.

Essas sessões especiaes de tiro tinham logar aos domingos e dias santificados, constituindo-se os atiradores em grupos. A admissão era gratuita, e a cada atirador eram abonados tambem gratuitamente os cartuchos, da arma Snyder, com que era ministrada a instrucção.

Effectuaram-se estes exercicios de tiro nas carreiras da Guarda, Chaves, Leiria e outras.

Quarteis

Carta de lei considerando de utilidade publica a expropriação dos terrenos e edificios accessorios para a construcção de novos quarteis, hospitaes, campos de instrucção e mais estabelecimentos militares, para o acabamento dos que se acham em construcção, e para ampliação dos restantes. Ordem do exercito n.º 35.

Reorganisação da escola do exercito

Ordem do exercito n.º 36. Bases principaes:

Creação do curso superior de guerra.

Creação do curso de administração militar.

Creação da cadeira de historia e geographia militar.

Acabar com os cursos biennaes.

Acabar com as cadeiras auxiliares.

Creação dos logares de lentes substitutos, para a regencia das cadeiras em caso de impedimento dos proprietarios, para a direcção dos trabalhos praticos, etc. Extinctos os logares de repetidores.

A reorganisação foi planeada sobre a que em uma das sessões legislativas anteriores chegou a ter approvação na commissão de guerra da camara dos deputados, reduzindo-se, porém, o numero de cadeiras, e o numero de lentes, e simplificando-se outros serviços e disposições.

Resta-nos dizer que foi chefe de gabinete com o sr. conselheiro Antonio de Serpa, o distincto coronel (então tenente coronel) o sr. Duval Telles.

INDICE

Illustrações

Estampas

No texto vae, por lapso, errada a indicação de algumas d'estas estampas: a estampa I vae indicada estampa II, falta a indicação da estampa VIII, e a estampa IX (estatua de Vianna) vae indicada com estampa VIII.

Figuras

O desenho da capa representa dois grupos de militares portuguezes. No primeiro plano á direita, e sentado sobre um tambor, está um soldado do 4.º batalhão de caçadores (Beira), da companhia de atiradores (1808); em seguida, de pé, um cabo de artilheria de campanha (1860); ao fundo um guerreiro medievo (seculo XII) de lança e loriga; á sua direita, no ultimo plano, destaca-se a figura de um porta-estandarte do seculo XVII (1640).

No grupo da esquerda, á frente, um porta-estandarte de caçadores a cavallo na actualidade (1895), em seguida um soldado de lanceiros de D. Maria II (1850), e ao fundo a *silhouète* de um cavalleiro medievo. Esta composição é devida ao pincel elegante e artistico do digno major de infanteria o sr. Sezinando Ribeiro Arthur, do qual são tambem muitas das illustrações d'este volume.


LIBRARY
25

